



CITCEM

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



GENIUS LOCI

LUGARES E SIGNIFICADOS
BREVES REFLEXÕES
PLACES AND MEANINGS
SHORT REFLECTIONS

U. PORTO

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Ficha Técnica | Copyright page

Título | Title

Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões

Genius Loci: places and meanings. Short reflections

Organizadores | Organisation

Lúcia Rosas; Ana Cristina Sousa; Hugo Barreira

Edição | Editor

CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Capa a partir da imagem de | Cover illustration based on image by

Marzia Bruno

Design

Fuselog

ISBN

978-989-8351-52-4

Porto, Abril de 2016

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

GENIUS LOCI

LUGARES E SIGNIFICADOS
BREVES REFLEXÕES

PLACES AND MEANINGS
SHORT REFLECTIONS

COMISSÃO EXECUTIVA | EXECUTIVE COMMITTEE

COORDENAÇÃO | COORDINATION

Lúcia Rosas
Ana Cristina Sousa
Hugo Barreira

Andreia Arezes
Ana Margarida Aparício do Vale
Inês Afonso Lopes
Joana Alves-Ferreira
Marzia Bruno

COMISSÃO CIENTÍFICA | SCIENTIFIC Committee

Ana Cristina Sousa (DCTP-FLUP)
Andreia Arezes (DCTP-FLUP)
António Ponte (DRCN | DCTP-FLUP)
David Ferreira (DRCN)
Lúcia Rosas (DCTP-FLUP)
Luís Raposo (ICME)
Manuel Joaquim Moreira da Rocha (DCTP-FLUP)
Maria de Jesus Sanches (DCTP-FLUP)
Maria Leonor Barbosa Soares (DCTP-FLUP)
Maria Leonor Botelho (DCTP-FLUP)
Mário Barroca (DCTP-FLUP)
Nuno Miguel de Resende Jorge Mendes (DCTP-FLUP)
Paula Menino Homem (DCTP-FLUP)
Pedro Borges de Araújo (bDEa.arquitectos)
Rui Morais (DCTP-FLUP)
Sérgio Monteiro-Rodrigues (DCTP-FLUP)
Teresa Cunha Ferreira (FAUP | CEAU)
Teresa Soeiro (DCTP-FLUP)
Virgílio Correia (MMC | DCTP-FLUP)

SECRETARIADO | SECRETARIAT

Ana Moreira
Marlene Cruz

CONTEÚDO | CONTENT

INTRODUÇÃO | INTRODUCTION - 11

RESUMOS | ABSTRACTS

Manuel RETUERCE VELASCO | Fernando COBOS GUERRA - 17

Eduardo CARRERO SANTAMARÍA - 19

Dominique CROZAT - 21

António Martinho do Carmo BAPTISTA - 23

Carlos FABIÃO - 25

Paulo Ferreira da COSTA - 27

Laura CASTRO - 29

Agnès Le GAC | Isabel Dias COSTA | Maria João Dias COSTA | Paulo OLIVEIRA - 33

Alessandro Dalla CANEVA - 35

Alexandra Gago da CÂMARA | Celso MANGUCCI | Maria Teresa Canhoto VERÃO - 37

Alexandre Manuel Ribeiro MATOS | Juliana Rodrigues ALVES - 39

Archimedes Ribas AMAZONAS | Alice DUARTE - 40

Alice Nogueira ALVES | Vera MARIZ - 42

Alice Lucas SEMEDO | Elisa NORONHA | Inês FERREIRA - 43

Amândio BARROS - 45

Ana Beatriz Mascarenhas PEREIRA | Maria Letícia Silva TICLE - 46

Ana Catarina Gonçalves LOPES | Jorge Manuel Simão Alves CORREIA - 48

Ana Cláudia Lopes MARQUES - 49

Ana Costa ROSADO | Miguel Reimão COSTA | Virgílio LOPES | Maria de Fátima PALMA | Cláudio TORRES | Susana GÓMEZ MARTÍNEZ - 51

Ana Cristina SOUSA - 54

Ana Dolores Leal ANILEIRO - 55

Ana E. GOY DIZ - 57

Ana Maria da Costa OLIVEIRA - 58

Ana María SOSA GONZÁLEZ - 60

Ana Patrícia GONÇALVES | Andréa DIOGO | Joana DUARTE | Marisa SANTOS - 61

Ana Patrícia Rodrigues ALHO - 63

Ana Paula Rodrigues FIGUEIREDO | Cibelly Alessandra Rodrigues FIGUEIREDO | Cybelle Salvador MIRANDA - 65

Ana PÉREZ VARELA - 67

Ana Rita Albuquerque OLIVEIRA - 69

Ana Rita Marques Marinho HIERRO LOPES - 70

Ana Rute Lourenço MORAIS | Carla Andreia Galvão de CARVALHO - 71

André Guilherme Dornelles DANGELO | Rita de Cássia CAVALCANTE - 73

André Luís Cordeiro da COSTA - 74

Andrea MARIANI - 75

Andrea MARIANI | Marco BRIVIO - 76

Andreia Catarina Magalhães AREZES - 78

Andrés MENÉNDEZ BLANCO | David GONZÁLEZ ÁLVAREZ |
José Manuel COSTA-GARCÍA | João FONTE | Manuel GAGO MARIÑO |
Valentín ÁLVAREZ MARTÍNEZ - 79

Ángel Antonio JORDÁN LORENZO | Iosu BARRAGÁN CIDRIAIN - 82

Anna ANCANE - 84

Antonieta Ferreira Reis Leite PORTO - 85

António GONÇALVES | Mariana Jacob TEIXEIRA | Paula Menino HOMEM - 87

António José de OLIVEIRA - 89

António Manuel de Carvalho LIMA - 90

António Manuel Pinto COXITO | João Gabriel Candeias Dias SOARES |
Luís Duarte FERRO - 91

António Manuel S. P. SILVA | João Paulo BARBOSA | María Rosa PINA-BURÓN |
Roger Prieto de la TORRE | Rui MORAIS - 93

António Manuel S. P. SILVA | Joaquim António Gonçalves GUIMARÃES |
Laura Cristina Peixoto de SOUSA | Paulo André LEMOS | Pedro Abrunhosa PEREIRA - 96

António Manuel S. P. SILVA | Manuela C. S. RIBEIRO | Paulo André LEMOS - 99

Barbara BAERT - 101

Begoña FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ - 103

Breno Albuquerque Brandão BORGES - 104

Camila Miranda FELTRIN - 105

Carla FERNÁNDEZ MARTÍNEZ - 106

Carla Marques RIBEIRO - 107

Carla Patrícia Silva RIBEIRO - 108

Carla Sofia Ferreira QUEIRÓS - 110

Carlos Carvalho da FONTE - 111

Carme LÓPEZ CALDERÓN - 112

Catarina Fernandes BARREIRA | Luís Miguel RÉPAS - 114

Catarina Sousa Couto SOARES - 115

Catarina Sousa Couto SOARES - 115
Cátia Raquel de Sousa OLIVEIRA - 116
César Leandro Pereira GUEDES - 117
Cláudia Gonçalves Lopes CUNHA - 118
Cristina Andreia Próspero dos SANTOS - 119
Daniela Filipa de Freitas FERREIRA - 121
Daniela Pereira Alves RIBEIRO - 122
Darlan de Mamann MARCHI - 124
David FERNÁNDEZ ABELLA - 125
Davide Miguel Guimarães MALHEIRO - 126
Desidério BATISTA | Miguel Reimão COSTA - 127
Desidério BATISTA - 129
Diana DUO RÁMILA - 130
Diana Rafaela Martins PEREIRA - 131
Duško KUZOVIC | Farhan Abdullah ALI - 132
Duško KUZOVIC | Mustafa Aziz M. AMEN - 134
Eamonn CANNIFFE - 136
Eduarda VIEIRA | Helena PIRES | José Ferrão AFONSO - 137
Eduarda VIEIRA | Pedro CASTRO - 139
Ekaterina BYKOVA - 141
Elena KASHINA - 142
Eric FIRLEY | Julie GIMBAL - 144
Estefanía LÓPEZ SALAS - 146
Eva Sofia Trindade DIAS - 147
Eva WEYNS - 148
Fernando PONTES | Jorge PÓPULO | Margarida SILVA | Sónia BRAGA |
Susana MEDINA - 149
Florbela Maria Beco Estêvão Oliveira JORGE - 151
Francisco Manuel Portugal e GOMES - 153
Franko CORIC - 154
Frederico GARCIA LAMMERS | Jessica GARCIA FRITZ - 155
Gabriela Chasdeiah BENNER - 157
Gertrudes BRANCO | Leonor ROCHA - 158
Gertrudes BRANCO - 159

Giada CERRI - 161
Graça Alexandra Pinho SILVA | Paula Menino HOMEM | Susana MEDINA - 162
Gustavo Paulo Duarte e VASCONCELOS - 164
Hugo BARREIRA - 166
Inês Maria Melo Gato de PINHO - 167
Isabel Maria FERNANDES - 169
Iva BOTELHO | Filipe GOMES - 170
Jackelina Pinheiro Meira KERN - 173
Jaime MAGÉN PARDO - 174
Jelena PAVLIČIĆ - 175
Joana Maria Ferreira RAMOS | Paula Menino HOMEM - 176
João FONTE | Maria João Correia SANTOS | José Manuel COSTA-GARCÍA |
Catarina Isabel Sousa GASPAR | Hugo PIRES - 178
João NISA | Tânia FALCÃO - 180
João Pedro TERRAS | Miguel TOMÉ - 181
Joaquim Manuel Rodrigues dos SANTOS - 182
José António Salazar RIBEIRO - 184
José Augusto Sotto Mayor PIZARRO - 185
José Ferrão AFONSO | Sílvia Cristina Teixeira RAMOS - 186
José Manuel B. LÓPEZ VÁZQUEZ - 188
José Manuel GARCÍA IGLESIAS - 189
Juan M. MONTERROSO MONTERO - 190
Juliane RÜCKERT - 191
Júlio Mendes RODRIGO - 193
Larissa Cesar MELO - 194
Laura Cristina Peixoto de SOUSA - 195
Leonor ROCHA - 197
Liliana AGUIAR | Alice Lucas SEMEDO - 198
Lisandra Ângela Franco de MENDONÇA - 200
Lúcia ROSAS - 201
Luís da Silva FERNANDES - 202
Luís Duarte FERRO - 204
Luís URBANO - 205
Manuel Joaquim Moreira da ROCHA - 206

Márcia Alexandra Santos BARROS - 208
Margarida Tavares da CONCEIÇÃO - 209
Maria Amélia da Silva PAIVA - 211
Maria de Jesus SANCHES - 212
Maria Helena Parrão BERNARDO - 213
Maria Inês Afonso LOPES - 215
Maria João Fontes Pereira COUTINHO - 216
Maria José SANTOS | Teresa SOEIRO - 217
Maria Leonor BOTELHO - 219
Maria Letícia Silva TICLE - 220
Maria Luzia de Miranda Pinto da SILVA - 221
Maria Pilar MOLINA TORRES - 223
Maria Manuela PINTO - 224
Mário BARROCA - 226
Mário Raúl de Sousa CUNHA - 227
Marta FRADE - 228
Marta GARCÍA CARBONERO - 230
Marta Miriam Ramos DIAS - 231
Marta OLIVEIRA - 233
Miguel Jorge Biscaia Ferreira TOMÉ - 234
Monica Messias SILVA - 235
Natália FAUVRELLE | Alice Lucas SEMEDO - 236
Natália Maria da Costa JORGE - 238
Natalia Solano MEZA - 239
Nuno Paulo Soares FERREIRA - 240
Nuno RESENDE - 242
Nuno Villamariz OLIVEIRA - 243
Paolo MARCOALDI - 244
Patrícia Ferreira Moreno CHRISTOFOLETTI - 245
Paula CARDONA - 246
Paula Pinto COSTA | Joana LENCART - 247
Paula Virgínia de Azevedo BESSA - 249
Paulo OLIVEIRA - 250
Pedro Abrunhosa PEREIRA | Tony SILVINO - 251

Pedro Borges de ARAÚJO - 253
Pedro José Fontes Pereira NOGUEIRA - 254
Raimundo Aterlane Pereira MARTINS - 256
Raquel BRAMBILLA - 257
Rebeca BLANCO-ROTEA - 258
Renato Alonso AMPUERO RODRIGUEZ - 260
Ricardo Jorge dos Reis MENDONÇA - 262
Rodrigo CHRISTOFOLETTI - 263
Roser CALAF MASACHS | Sué GUTIÉRREZ BERCIANO - 265
Rui Macário RIBEIRO - 267
Rui Miguel Almeida MAIA - 268
Rui Miguel Fontes FERREIRA - 270
Rui MORAIS - 271
Sara Raquel Queirós PINTO - 273
Shiva SHADRAVAN - 274
Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva FERREIRA - 275
Sofia Nunes VECHINA - 277
Suianni Cordeiro MACEDO - 278
Susana Maria Rodrigues COSME - 280
Tamanna AHMED - 281
Teresa Cunha FERREIRA - 282
Teresa Maria Queiroz Veiga e MENDES - 284
Tiago Filipe Trindade CRUZ - 285
Tiago Pinheiro RAMOS - 286
Tonguç AKIS - 288
Vera Lúcia da Silva Braga Penetra GONÇALVES - 289
Vera MARIZ - 291
Virgílio António Martins LOPES - 292
Vítor Oliveira JORGE - 293
Zeynep AKTÜRE - 294

INTRODUÇÃO | INTRODUCTION

Pretende-se com este evento celebrar as duas décadas de ensino especializado, investigação e intervenção patrimonial desenvolvidos no DCTP, marcado de raiz pelo profundo sentir telúrico, empenhamento sociocultural e abrangência científica multidisciplinar do seu primeiro subscritor, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, precocemente desaparecido.

Em memória do seu singular legado pedagógico-científico e permanente busca por uma prospectiva e caleidoscópica leitura polissémica do território e do devir, pretende-se debater avanços recentes e linhas de rumo inovadoras nas áreas de investigação que mais desenvolveu, pelo que os contributos enquadram-se numa das seguintes secções temáticas:

- 1 – Arquiteturas Militares;
- 2 – Espaços Sacros;
- 3 – Gestão do Património;
- 4 – Imagens e Contextos;
- 5 – Mundos de Transição;
- 6 – Vernacular: Expressões e Representações;
- 7 – Vias, Paisagem e Território.

The aim of this event is to celebrate the first two decades of the DCTP. During this time it has provided specialized teaching, research and action in heritage, essentially characterized by a deep feeling for the land, sociocultural engagement and a broad, multidisciplinary scientific approach; all qualities of the Department's first patron, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, who passed away soon after its formation.

His ongoing search for a prospective polysemic reading of territory and of becoming was kaleidoscopic in its scope, and in memory of the unique pedagogical and scientific legacy that he gave us, we wish to discuss recent advances and innovative directions in the areas of research that he developed most. Therefore, the contributions presented fall within one of the following themed sections:

- 1 – Military Architecture;
- 2 – Sacred Spaces;
- 3 – Heritage Management;
- 4 – Images and Context;
- 5 – Transitional Worlds;
- 6 – Vernacular: Expressions and Representations;
- 7 – Roads, Landscape and Territory.

O CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» é uma Unidade de I&D sem personalidade jurídica e sem fins lucrativos, sediada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e tem por missão a investigação no domínio das Humanidades, em especial nas áreas da História, Arqueologia, História da Arte, Estudos Culturais e Literários, Museologia e Demografia Histórica, mas alargando-se também a outras áreas das Ciências Sociais, com capacidade para promover a articulação com a formação avançada, a internacionalização da investigação e a difusão do conhecimento nas suas áreas temáticas. Entre os seus objetivos contam-se o desenvolvimento de projetos de investigação, a promoção do diálogo interdisciplinar nos vários domínios científicos, a integração de jovens investigadores e a disseminação dos resultados alcançados através da realização de eventos científicos diversos e/ou da publicação de edições monográficas ou em série. A investigação realiza-se no âmbito de 4 grupos de investigação que cruzam diversas linhas temáticas (Culturas Marítimas e Ambiente, População e Saúde, Coesão Territorial e Diversidade Cultural e Transversalidade). Para mais informação: www.citcem.org

The CITCEM – Transdisciplinary Research Centre «Culture, Space and Memory» is a non-profit I&D unit without legal personality based at Faculdade de Letras da Universidade do Porto, especially devoted to research in the Humanities, in particular in the fields of History, Archaeology, Art History, Literary and Cultural Studies, Museology and Historical Demography, but extending also to other areas of the Social Sciences. It promotes the articulation of research with the training of post-graduate students, the internationalisation of research and the dissemination of scientific knowledge. Among its objectives are the development of research projects, the promotion of the interdisciplinary dialogue in various scientific fields, the integration of young researchers and the dissemination of results achieved through the organization of scientific events and/or the publication of monographs or volumes of series. The research is developed into four groups, crossing different Thematic Lines (Maritime Cultures and Environment, Population and health, Territorial cohesion and Cultural Diversity and Transversality).

O **Departamento de Ciências e Técnicas do Património** (FLUP), criado 1997, foi o primeiro organismo desta índole a constituir-se na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O DCTP agrega diversas áreas das Ciências do Património, quer na vertente de oferta formativa, quer ao nível da investigação científica: Arqueologia, História da Arte e Museologia.

O DCTP tem como missão a criação e transferência do conhecimento nas suas áreas de atuação, consagradas numa experiência pedagógica sedimentada e materializadas num conjunto de colaborações de consultoria e investigação mediante protocolos com instituições externas à Academia, cadernos de encargos, estágios de estudantes, participação em eventos, etc.

Através da sua ação, o DCTP pretende continuar a firmar o papel que a Universidade deve ter enquanto agente de desenvolvimento social, económico e territorial no sector do Património Cultural.

The **Department of Heritage Studies** was the first organization of this kind constituted at the Faculty of Arts of the University of Porto in 1997. The DCTP adds many areas of Heritage Sciences, both in education and in scientific research: Archaeology, Art History and Museum Studies.

The DCTP mission is the development and the exchange of knowledge in their fields, set out in a settled teaching experience and materialized in a number of consulting and research collaborations with external institutions through protocols to the Academy, student internships, participation in events, etc.

Through its action the DCTP wants to steady the role that the University should have as an agent of social, economic and territorial development in the Cultural Heritage sector.

KEYNOTE SPEAKERS

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Manuel RETUERCE VELASCO | Fernando COBOS GUERRA

Los sistemas de fortificación en la Corona de Castilla

Resumo | Abstract

A partir de la propia experiencia como arqueólogo, tanto en trabajos de investigación como en labores de restauración en diversas fortificaciones peninsulares andaluzas o en la Corona de Castilla, y de muy diferentes cronologías, ha sido bastante frecuente la identificación de murallas o defensas adosadas o superpuestas, con variadas tipologías, que hasta el momento no han sido suficientemente resaltadas por la investigación de estos temas o en los trabajos de restauración de fortificaciones.

Con testimonios realizados con distintos materiales — la tierra, la mampostería o los cantos de río son los más frecuentes — y desarrollando muy diferentes técnicas constructivas — desde defensas consistentes en un simple terraplén de tierra hasta el empleo del encofrado o tapial — de tierra, de mampuestos o de cantos de río —, los ejemplos en la Península Ibérica son numerosos.

Insistiendo en ello, se ahondará en el problema de su caracterización, visualización y distinción en las fortificaciones medievales peninsulares, cuando la muralla o defensa más antigua, tal como suele ser frecuente, por muy distintos motivos, ya no se conserva y sólo queda en pie la adosada. La cual, por lo tanto, posee una datación posterior en su construcción a aquella o aquellas — también se conoce algún caso de más de una muralla adosada — de cronología anterior.

Resumo biográfico | Short biography

Manuel Retuerce Velasco — Universidade Complutense de Madrid

Madrid, 8/VII/1954. Dr en Geografía e Historia por la UCM. Profesor Asociado de Arqueología en la misma Universidad, Tesorero de la Asociación Española de Arqueología Medieval. Miembro de diversos Comités de Evaluación de Proyectos de Investigación del Estado y regionales. Fue docente en las Universidades de Évora (Portugal) y SEK de Segovia. Especialista en fortificación, poblamiento, cerámica, metales y numismática medieval. Ha dirigido casi 150 excavaciones y prospecciones arqueológicas en España y el extranjero: castillos o murallas de Ponferrada, Mansilla de las Mulas, Cornatel, Alba de Tormes, “La Mota” de Medina del Campo, San Pedro de Latarce, Íscar, Castrotrafe, Villalpando, Calatañazor, Ágreda, Atienza, Jadraque, Cuenca, Huete, Carbajales de Alba, Madrid (Cuesta de la Vega, Pza. de Oriente) isla de Chicly (Túnez); hospital de Hontanas;

catedral de Salamanca, etc. Y desde 1984 del proyecto arqueológico de Calatrava la Vieja (Ciudad Real). Autor de más de un centenar de artículos y libros. Entre otros premios, diploma de Europa Nostra, 2005.

Secção 2 - Espaços Sacros

Eduardo CARRERO SANTAMARÍA

Liturgia, reyes y catedrales. Sobre una arquitectura concebida para un reino o vestir la Iglesia para exaltar a un monarca

Resumo | Abstract

En las últimas décadas, la historiografía del arte y, en particular, la de la arquitectura medieval ha experimentado un notable incremento de los estudios dedicados al ceremonial y, especialmente, de aquéllos que tratan de forma monográfica las implicaciones arquitectónicas y escénicas de las solemnidades reales. De este modo, la presencia regia y su particular liturgia de coronaciones y proclamaciones han servido para explicar varios ejemplos de la arquitectura religiosa europea que presentaban problemas de interpretación desde una perspectiva topográfica: disposición planimétrica, altares, mobiliario litúrgico, escenarios procesionales, etc. Por el contrario, la exégesis del ceremonial por los historiadores tiene como problema hermenéutico la capacidad de análisis de éstos, a veces marcada por un bagaje cultural que los hace deudores del Renacimiento y el Romanticismo. Ambos períodos dejaron una profunda huella que, a veces, desdibuja o condiciona nuestro análisis contemporáneo. Los siglos XVI y XIX fueron épocas de construcción de mitos sobre el pasado y, en particular, sobre los reyes del pasado en tanto que representantes de identidades privativas. Dichos constructos historiográficos no sólo afectaron a crónicas y documentos, también la arquitectura, los sepulcros reales y, por supuesto, el ritual regio fueron reinventados a partir de repertorios imaginarios complejos que aún hoy perviven como “lugares comunes” y que, a veces, son utilizados como argumento explicativo de singularidades arquitectónicas.

En esta intervención trataremos las efectivas posibilidades de aproximación a la puesta en escena del ritual regio y su medio arquitectónico, a veces enfrentado al propio ceremonial litúrgico cristiano y sus necesidades. De este modo, entraremos en la vieja polémica de si fue antes la arquitectura que el rito o si es el rito el que condiciona la arquitectura, en particular para ceremonial de las monarquías europeas. El análisis de esta cuestión nos servirá para ofrecer un nuevo panorama interpretativo sobre la arquitectura de edificios religiosos tradicionalmente marcados por tratarse del marco teatral para la escenificación de la liturgia real.

Resumo biográfico | Short biography

Eduardo Carrero Santamaría — Universitat Autònoma de Barcelona

Es profesor titular de Historia del arte medieval en la Universitat Autònoma de Barcelona. Su carrera investigadora se ha centrado en el estudio de los conjuntos catedralicios y monásticos desde una perspectiva funcional, a través del análisis de las fuentes litúrgicas. Entre sus trabajos cabe destacar la interpretación topográfica de la capilla mayor de la catedral de Santiago, la organización funcional de la iglesia cisterciense, la definición funcional del transepto o la configuración de los coros en las catedrales de la Península Ibérica. Entre sus publicaciones más recientes se hallan la revisión sobre la realidad arquitectónica del oratorio real de la catedral de Barcelona y la coordinación del volumen dedicado al análisis histórico-artístico de los ordinarios de las catedrales de la Corona de Aragón.

Secção 3 - Gestão do Património

Dominique CROZAT

A quoi sert le patrimoine? Patrimoine et développement territorial

Resumo | Abstract

Depuis une trentaine d'années, le patrimoine est lié à l'idée de développement territorial; le premier serait un outil qui favoriserait l'essor du second. C'est une affirmation qui demande cependant à être vérifiée et qui, au premier regard, permet surtout de mettre en valeur un paradoxe majeur de nos sociétés.

Cela repose en effet d'abord sur un raccourci, un non-dit: le développement territorial serait un développement économique. En effet, indiscutablement, le patrimoine a une utilité économique, en particulier par l'intermédiaire du tourisme et des loisirs. Sous cet angle, il demeure que, si on prend en compte l'ensemble des coûts sociaux qu'il suscite, le retour sur investissements se révèle médiocre. On pense pourtant peu d'autres fonctions indirectes sous l'angle économique mais jouent un grand rôle en termes d'attractivité (résidentielle comme touristique); or, dans le contexte des économies postmodernes, ce type d'aménité se révèle déterminant pour attirer tant les activités à forte valeur ajoutée, les entreprises de haut niveau en particulier technologiques que les cadres susceptibles d'animer ces structure.

A partir d'une dizaine de cas, nous proposons donc d'envisager l'utilité territoriale du patrimoine dans deux autres configurations complémentaires qui permettent de justifier ce qui, au premier regard, peut apparaître comme un gaspillage ou, du moins, une dépense somptuaire: tout d'abord, celle de la création d'une idéologie territoriale. Ce concept récent s'efforce de prendre en compte les diverses dimensions du rôle du discours collectif dans la mise en cohérence du territoire. De plus, cette dimension discursive n'est pas seulement l'expression d'un «nous» local narcissique voire chauvin; c'est aussi un outil de gouvernance majeur qui permet de donner cohérence à des politiques de mise en ordre des territoires.

Resumo biográfico | Short biography

Dominique Crozat — Université Paul Valéry Montpellier

Professor com Agregação na Université Paul Valéry Montpellier (França), Geografia Cultural e Social. Doutor em Geografia pela Universidade de Lyon, apresentou o tema *La géographie du bal en France. Diversité régionale. La production culturelle de l'espace local: acteurs; spécificités et identités culturelles; territoires ou réseaux*, sob a

orientação de J-P. Houssel. Nas provas de Agregação defendeu o tema *Une géographie de l'engagement culturel*. Neste âmbito, tem desenvolvido diversas atividades de investigação, entre as quais destacamos a fundação do programa «Espaces, Cultures, Territoires» (UMR ART-Dev), com o objetivo de construir um polo cultural pluridisciplinar na região do Languedoc-Roussillon, de que é co-responsável desde 2005 e a criação do programa «Tourisme, environnement, développement territorial- échanges, altérités et ancrages» (2011-2014) organizado em parceria com a Maison des Sciences de l'Homme de Montpellier (MSH-M), EA CRISES e UMR ART-Dev, e que conta com a participação de diversas universidades como as de Walailak (Tailândia), Ca Foscari de Veneza, HNE Eberswalde/Berlim, Universidade Católica de Valparaíso no Chile e a Universidade de São Paulo no Brasil. Desde 2008 é o responsável pelo mestrado «Tourisme et Développement Durable des Territoires» (Université Paul Valéry Montpellier) e criou em 2010 o DU (diplôme d'Université) "Technique de Gestion en Tourisme Durable". Tem publicados dezenas de estudos no âmbito da sua área de investigação, com especial foco no desenvolvimento cultural e do território.

Secção 4 - *Imagens e Contextos*

António Martinho do Carmo BAPTISTA

A arte do Côa e o espírito do lugar tradição e modernidade

Resumo | Abstract

Duzentos e cinquenta séculos de arte contemporânea, glosando um título clássico de Henri Breuil, eis a melhor caracterização da arte do Côa.

Um longo ciclo regional de arte rupestre, que começa no tempo longo Paleolítico e prossegue, no mesmo espaço geomorfológico e paleo-antropológico, até aos nossos dias. Ignora-se quem foi o primeiro dos artistas do Côa, mas o último gravador foi moleiro na Canada do Inferno onde, ao lado das representações de auroques gravetenses, insculpiu imagens próprias da nossa contemporaneidade.

Porque as imagens são, em primeiro lugar, uma forma singular de comunicação, elas tornam-se intemporais quando o seu significado primordial se esgota. E a arqueologia raramente vai além do seu significante.

Entre os padrões artísticos e conceptuais de uma arte de caçadores e a gramática figurativa de um imaginário que bebe, quer na religião oficial do Antigo Regime, quer na mitologia do Estado Novo, os xistos do Côa guardam um imenso repositório rupestre, constituindo-se como um dos mais longos ciclos rupestres da Europa.

A história recente do vale do Côa é a história da sua arte rupestre. Revelada a partir de finais de 1994, a sua salvação implicou o abandono de uma barragem já em construção, tendo, por isso mesmo, entrado rapidamente no imaginário popular da nossa portugalidade. Já que tal salvação implicou o desembolso da mais choruda indemnização jamais paga no mundo para salvar sítios rupestres.

A construção de uma identidade regional neste *hinterland* do Alto Douro português, processa-se nos últimos 20 anos a partir da construção moderna de uma memória arqueológica, só possível por uma decisão política sem paralelo, sancionada, entretanto pela classificação dos sítios rupestres como Património Mundial.

A partir de uma síntese arqueológica da arte rupestre do Côa e do processo político que levou, primeiro à criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa e depois à construção do Museu do Côa, far-se-á uma reflexão de como o poder das imagens, conjugado com uma estratégia de comunicação só possível em tempos de domínio absoluto de uma civilização do audio-visual, estão a contribuir para a transformação identitária de toda uma região até há pouco esquecida nos confins da raia luso-castelhana.

Resumo biográfico | Short biography

António Martinho do Carmo Baptista — Parque Arqueológico do Vale do Côa e do Museu do Côa

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Arqueólogo e especialista em arte pré-histórica. Autor de vários livros e inúmeros artigos sobre a arte rupestre portuguesa. Foi arqueólogo do Parque Nacional da Peneda-Gerês entre 1979-1997. Antigo professor convidado de Arte Pré e Proto-Histórica na Universidade do Minho. Antigo membro do Comité de Arte Rupestre do ICOMOS. Foi director do Centro Nacional de Arte Rupestre entre 1997-2007. É actualmente director do Parque Arqueológico do Vale do Côa e do Museu do Côa.

Secção 5 - *Mundos de Transição*

Carlos FABIÃO

Indígenas vs romanos e romanos vs bárbaros: conceitos, periodizações e suas consequências ou como tornar os processos de transformação e mudança em objecto de estudo

Resumo | Abstract

Esta intervenção podia simplesmente chamar-se “como e quando começa e acaba o período romano no ocidente da Península Ibérica”, uma questão somente simples na aparência, uma vez que tem suscitado diferentes leituras/interpretações ao longo do tempo, quando considerada à escala regional. Somente a título de exemplo, recorde-se a existência de propostas de consideração de uma “terceira Idade do Ferro” ou as que inserem aquilo que em outras paragens se designa como período romano na sequência cultural-cronológica regional, por exemplo, a chamada Fase III da “Cultura Castreja do Noroeste”.

Estudar uma qualquer província romana é um processo singular. Como escreveu Finley, é impossível fazê-lo sem considerar longa e extensamente o registo arqueológico. No entanto, dispomos de datas concretas para o início da conquista romana e para a entrada de populações exteriores ao Império Romano no espaço peninsular e sua instalação, ou seja, teremos a periodização devidamente estabelecida e fixada. Na realidade, lidamos com fontes diversificadas, nem sempre fáceis de articular e conciliar, para além de algumas contradições que necessariamente insinuam quando convocadas para esclarecer os nossos questionários científicos.

Reflectindo sobre estas realidades, pretende-se discutir a pertinência e oportunidade destes conceitos e periodizações, as vantagens de saber estar entre dois mundos, como atitude de investigação, ou de olhar os processos de transformação e mudança como objecto de estudo.

Resumo biográfico | Short biography

Carlos Fabião — FLUL

Licenciado em História, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, doutorado em Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde é Professor Associado. Lecciona na Licenciatura de Arqueologia e nos Mestrados de Arqueologia e História da Arte e Património. Orientou e orienta diversas dissertações de Mestrado e Doutoramento na área da Arqueologia.

Têm sido seus temas de trabalho as épocas e transição da Idade do Ferro para os espaços provinciais do Império Romano – O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do sul de Portugal (dissertação de Doutoramento), entre outros – e a Antiguidade Tardia.

É autor e co-autor de mais de centena e meia de títulos, entre estudos monográficos, artigos científicos e obras de divulgação, publicados em Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Polónia. Integra as comissões científicas de várias revistas nacionais e internacionais.

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Paulo Ferreira da COSTA

Património Imaterial: entre a emblematização e a produção de conhecimento

Resumo | Abstract

O domínio culturas populares/tradicionais conheceu recentemente o início de um novo e marcante ciclo de valorização, cujo marco fundamental é constituído pela Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, adotada pela UNESCO em 2003 e cujos efeitos se fazem sentir a uma escala sem precedentes, tendo em vista, muito concretamente, a disputa por um lugar na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Até então secundarizado ou mesmo totalmente ignorado como terreno de atuação patrimonial em Portugal, este domínio é na atualidade objeto de um interesse crescente de inúmeros atores e tipos de organizações, interesse que tem frequentemente por objetivo último a promoção turística das expressões culturais que constituem o objeto do processo de patrimonialização. Trata-se de um terreno que coloca inúmeros desafios a todos – comunidades, instituições, investigadores – que se encontram envolvidos nesta procura de visibilidade do popular/tradicional, e no âmbito do qual a produção de novos conhecimentos sobre estas expressões culturais constitui um fator decisivo para o sucesso da patrimonialização.

Resumo biográfico | Short biography

Carlos Fabião — Museu Nacional de Etnologia

Licenciado e com Pós-Graduação em Antropologia pela FCSH/UNL, é atualmente Diretor do Museu Nacional de Etnologia. Na Direção-Geral do Património Cultural desempenhou funções de Técnico Superior para a área do património imaterial (2014-2015) e de Chefe da Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial (2012-2014). Foi Diretor do Departamento de Património Imaterial do Instituto dos Museus e da Conservação (2007-2012) e Director de Serviços de Inventário do Instituto Português de Museus (2002-2007). Tendo iniciado a sua carreira como antropólogo contratado pela Câmara Municipal do Cadaval (1989-1990), entre 1993 e 2001 desempenhou funções de técnico superior no Museu Nacional de Etnologia.

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Laura CASTRO

Os caminhos de longe e de perto

Resumo | Abstract

A produção de obras e intervenções artísticas na contemporaneidade, inscritas em espaços públicos, em circuitos urbanos e em paisagens, envolve e problematiza a relação da arte com o lugar. Literal ou metafórica, explícita ou implícita, esta relação assume as mais diversas formas que supõem a intencionalidade do artista e a leitura contextual do espectador/utilizador, com todas as aproximações e os afastamentos que a respectiva posição determina. Estes são alguns dos aspectos que a conferência abordará, ancorada em alguns casos significativos.

Resumo biográfico | Short biography

Laura Castro — Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa | Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes

Doutorada pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2010) com um trabalho intitulado *Exposições de Arte Contemporânea na Paisagem. Antecedentes, Práticas Actuais e Problemática*, publicado em 2012; Mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1993); Licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1985). Directora da Escola das Artes da Católica da Universidade Católica Portuguesa, onde lecciona. Investigadora do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) da mesma Escola. Entre o início da década de 90 e 2006 trabalhou em museus. Publicou artigos e livros sobre arte portuguesa dos séculos XIX e XX e numerosos ensaios em catálogos de exposições. Membro da Associação Portuguesa de Historiadores de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte.

RESUMOS* | ABSTRACTS*

*Inclui o resumo biográfico dos autores

*Includes a short biography of the authors

A «Capelinha do Reverendíssimo» no Mosteiro de São Martinho de Tibães, casa-mãe da Ordem Beneditina

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

No Mosteiro de São Martinho de Tibães, onde se fundou em 1567 a casa-mãe da Congregação de São Bento de Portugal e da Província do Brasil, e que se tornou um dos maiores e mais importantes conjuntos monásticos portugueses, os aposentos do Abade Geral sempre tiveram uma ornamentação muito cuidada, de acordo com o estatuto de quem era eleito pelos seus pares para assegurar o governo trienal da ordem, quer no campo espiritual, quer no material.

Localizada na Galeria dos Gerais, o espaço sacro privado que era a “capelinha do Reverendíssimo” ganhou nova expressão em 1784, participando activamente, no centro difusor de culturas e estéticas que foi o Mosteiro de Tibães nos séculos XVII e XVIII, na afirmação do estilo Rocalha, na sua vertente tanto intimista como grandiloquente. Para atender ao gosto vigente pelas madeiras exóticas e os mármorees fingidos, o que se fazia então de melhor na arte portuguesa concentrou-se no retábulo, nas pinturas de parede, nas aberturas e no mobiliário, formando um conjunto unitário de grande beleza, ímpar para um espaço tão exíguo. A devoção, aqui sem limite nem medidas, justificava plenamente o arrojado programa artístico então delineado, que só encontrou o seu equivalente na Sala do Capítulo.

Uma das fontes que melhor documenta esta campanha decorativa, subordinada à incondicional carga espiritual e temáticas religiosas dos elementos constituintes, é o *Livro das Obras* relativo aos gastos tidos nas empreitadas do mosteiro, onde constam nomeadamente as despesas inerentes aos materiais, mão de obra e serviços contratados para a pequena capela. As obras deste espaço sacro sobreviveram aos infortúnios das Reformas Liberais e a presente abordagem pretende fazer um paralelismo entre os arquivos e os bens ainda existentes para melhor compreender o contexto espiritual, económico, artístico e tecnológico que favoreceu a sua criação.

Resumos biográficos | Short biographies

Agnès Le Gac — FCT-UL | Departamento de Conservação e Restauro

De nacionalidade francesa, Agnès Le Gac vive em Portugal desde 1987. Tem formação em História da Arte em Paris/França, com o Diploma de Estudos Universitários, e Louvain/Bélgica, com a Licenciatura Especial em Arte e Arqueológica. Possui o Mestrado em Conservação e Restauro de Pintura da *Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne*. Obteve o Diploma de Estudos Aprofundados (pós-graduação) no Instituto de Arte Michelet em Paris, onde levantou questões específicas de Arte Contemporânea, nomeadamente sobre a Conservação e Restauro da escultura policromada produzidas pelas vanguardas, entre 1910 e 1930. Em Portugal, ensina a conservação e restauro de estratos pictóricos aplicados em vários suportes desde 1994. É Professora Auxiliar no Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (FCT-UNL), Caparica, onde entregou a sua tese de Doutoramento em 2009, na Especialidade História e Técnicas de Produção Artística.

Isabel Dias Costa — Direcção de Serviços dos Bens Culturais - DRCN

Licenciou-se em História (variante História da Arte) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no ano de 1986. De 1988 a 1989 colabora com a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão no projeto “Museu Vivo” visando a criação de um museu municipal. Em 1993 conclui o Bacharelato em Conservação e Restauro pela Escola Superior de Conservação e Restauro de Lisboa. Trabalha na área de Conservação e Restauro, como profissional liberal, de 1993 até 1994, ano em que ingressa no IPPAR (Instituto Português do Património Arquitetónico), desempenhando até à actualidade, agora na DRCN (Direcção Regional de Cultura do Norte), funções, como Técnica Superior, na gestão e salvaguarda dos bens que integrem a património cultural nacional.

Maria João Dias Costa — Direcção de Serviços dos Bens Culturais - DRCN | Mosteiro S. Martinho de Tibães

Arquiteta Paisagista (Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa). Desde 1988 que a sua principal atividade profissional se centra no Mosteiro de São Martinho de Tibães em Braga, iniciando a sua recuperação. Em maio de 1998, a Cerca do Mosteiro de S. Martinho de Tibães recebe o “Prémio Internacional Carlo Scarpa para o Jardim” da Fondazione Benetton Studio Ricerche. Em dezembro de 2009 o projeto de recuperação obteve a Medalha de Ouro na Bienal “Miami Beach 2009”, Estados Unidos, na categoria de Restauro Arquitetónico.

Alguns dos trabalhos no Mosteiro: conceção de projetos de arquitetura paisagista; planeamento, direcção e acompanhamento técnico das obras e dos projetos de recuperação e restauro na cerca e nos edifícios; investigação histórica e documental; ações de

educação ambiental; organização de atividades culturais; gestão dos recursos naturais e patrimoniais; coordenação de equipas de especialistas que estudam Tibães.

Paulo Oliveira — Direcção de Serviços dos Bens Culturais - DRCN | Mosteiro S. Martinho de Tibães

Técnico Superior Historiador do Mosteiro de Tibães/DRCN, nascido a 22/03/1963, em Gondar, Concelho de Guimarães, residente em Braga.

Possui a Licenciatura em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o Mestrado em História Contemporânea, pela Universidade Católica, com a tese: *A Congregação Beneditina Portuguesa no Percurso para a Extinção (1800-1834)*.

Algumas das suas publicações:

OLIVEIRA, Paulo, *O processo de extinção e venda do Mosteiro de Rendufe*. Edição da Associação dos Amigos do Mosteiro de Rendufe. Amares: 2015.

MATA, Aida, OLIVEIRA, Paulo, "Tibães e a Síntese das Artes na Época Barroca. O Testemunho dos Cronistas" In *Struggle for Synthesis. A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa, II Volume, 1999, 521-528.

OLIVEIRA, Paulo, "O Coro alto da igreja do Mosteiro de Tibães". *Mínia*, n.º 13, III Série. Braga: ASPA, 2014, 177-191.

Alessandro Dalla CANEVA

Jan Frederik Staal in Amsterdam. The design of the Opera House in the Museumplein. The site and the design

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

The Dutch architect Jan Frederik Staal takes part in 1925 in a national competition for the construction of an opera house in the Museumplein in Amsterdam. The competition, wanted by a free society of citizens that love music, is an opportunity to redefine the urban role of a symbolic site of the city on which the main monuments exist: the Rijksmuseum, the Stedelijk Museum, the Concertgebouw.

The outcome of the competition delivery in the hands of the architect winner Jan Frederik Staal, was a unique opportunity which, despite having obtained a clear recognition in a

formal act, was unable to convince the expectations of a large part of the community and wasn't realized. The project, intended to remain incomplete even in the drawings, is evidence of a significant moment in the history of the Museumplein. Responding to a shared intention that is the bearer of the ideals of a civil community, the project recognizes the Museumplein artistic cultural values of the entire nation.

The contribution focuses the relationship between the history of the place and the project, identifying a continuity between the ways of getting the project and the reasons for the construction of the historical city. It is obvious that the project fits into the groove of an established tradition when interpreting the ways of construction of space typical of the nineteenth century *closed city* where the relationship between the road and the house, the square and the public building is the invariant on which to build the city. In the historic Dutch city, it is thus possible to identify the fundamental principles which are the backbone indispensable to the theoretical understanding of the ways of getting the theater project. In this sense, the project shows a strong tendency to move in continuity and coherence with the story and character of the identity of the country.

Resumo biográfico | Short biography

Alessandro Dalla Caneva — University of Padua | Department of Civil, Environmental and Architectural Engineering

Alessandro Dalla Caneva was born in Feltre, near Belluno, in 1973. He graduated from IUAV University of Venice in Architecture with Gino Malacarne, of whom he was assistant at University Institute of Architecture in Venice first and then at the Faculty of Architecture Aldo Rossi of Alma Mater Studiorum University of Bologna, at Cesena.

He also graduated with a Ph.D. in Architectural Composition, 21th cycle, in Venice, which results are published in the book *Le origini della forma. Il museo municipale a Den Haag di Hendrik Petrus Berlage* (Padua 2011). He has recently published the book *Progetti urbani. L'immagine della città nell'invenzione dell'edificio di massa da Hendrik Petrus Berlage a Michel de Klerk* (Padua 2012) and *Le scuole di Willem Marinus Dudok ad Hilversum. Progetti di un'architettura civile* (Padua 2014).

At present he works on the course of Architectural Composition in collaboration with Professor Enrico Pietrogrande at the Department of Civil, Building and Environmental Engineering of Padua.

Alexandra Gago da CÂMARA | Celso MANGUCCI |
Maria Teresa Canhoto VERÃO

Ao serviço da história: três hagiografias em azulejos para legitimação da Dinastia de Bragança

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Com inusual persistência entre nós, o arqueólogo e humanista André de Resende moldou a ideia de Monumento como memória histórica e política de um determinado lugar. Edifícios em lugares relevantes para a história aliam a arquitectura e as artes, tornando indissociáveis o sagrado do político. Com alguma naturalidade, após a Restauração, sucedem-se as iniciativas de legitimação da Casa de Bragança. Imbuídos desse programa, encontramos, no Alentejo, três núcleos importantes, os quais receberam decorações de azulejo no primeiro quartel do século XVIII: a Igreja de Nossa Senhora da Orada, em Sousel, em 1710, a Capela de Santa Isabel, em Estremoz, em 1715 e, por último, a Basílica de Castro Verde, em 1725. Neles estão representados, respectivamente, os feitos do Condestável Nuno Álvares Pereira (Sousel), os milagres da Rainha Santa Isabel (Estremoz) e o triunfo de D. Afonso Henriques (Castro Verde). Dois programas iconográficos, Sousel e Castro Verde, associam vitórias militares (Atoleiros e Ourique) com a imagem do nobre piedoso e bom cristão. No Paço de Estremoz, o quarto, lugar da morte de Isabel, a Rainha Santa, ascendente directo dos monarcas reinantes, transforma-se numa igreja, espaço onde a glorificação do poder real e a devoção popular se encontram. Em suma, propomos fazer uma reflexão em torno da construção História e da Memória nos inícios de setecentos, através de três programas decorativos vertidos em imagens azuis e brancas. Todos eles, com intenções semelhantes, propõem a construção de uma memória de legitimação, onde os territórios do reino são também os lugares de sacralização da dinastia bragantina.

Resumos biográficos | Short biographies

Alexandra Gago da Câmara — Uab | CHAIA – EU | CITAR

Doutorada em História de Arte Moderna Portuguesa pela Universidade Aberta (2002) onde é Professora Auxiliar e vice-coordenadora do Mestrado em Estudos do Património. As suas áreas de investigação e ensino são as Artes Ornamentais e Decorativas, e o Património artístico do Barroco (séculos XVII e XVIII). É investigadora integrada do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora e investiga-

dora associada do Centro de Investigação e Tecnologia das Artes - Universidade Católica. Escola das Artes - Universidade Católica Portuguesa - Delegação Porto (CITAR) (Linha de Artes Decorativas). Entre 2004 e 2007 foi investigadora principal do Projecto Azulejo do Século XVIII. Constituição de Repertórios Temáticos - Classificação de Excelente, projeto financiado pela FCT. No âmbito da sua investigação tem trabalhado sobre questões da espacialidade teatral do século XVIII, e das relações entre a azulejaria de Setecentos e um terreno mais vasto da cultura portuguesa deste período, tendo neste âmbito participado regularmente em colóquios e seminários e colaborado em revistas da especialidade.

Celso Mangucci — CHAIA - EU

Licenciado em Antropologia na Universidade de Campinas (São Paulo, Brasil), Celso Mangucci, para além da sua actividade como Técnico Superior do Museu de Évora, publicou diversos trabalhos sobre azulejaria e talha dourada, onde se incluem a monografia sobre os azulejos que o pintor Valentim de Almeida (1692-1779) realizou para a Quinta da Piedade em Vila Franca de Xira e as colaborações com as exposições realizadas pelo Museu do Azulejo dedicadas à azulejaria do século XVII e sobre a influência chinesa na cerâmica lisboeta. É actualmente bolseiro da Fundação para a Tecnologia e Ciência, investigador convidado Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões (RTEACJMSS) da Universidade de Lisboa e do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA) e prepara a tese de doutoramento sobre a azulejaria científica e didáctica dos jesuítas no século XVIII.

Maria Teresa Canhoto Verão — CHAIA - EU

Mestre em História da Arte pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, Maria Teresa Canhoto licenciou-se em História - Ramo do Património Cultural na Universidade de Évora. Colaborou em diversos projectos científicos e instituições de relevo, onde se destacam a Universidade de Évora, Museu de Évora, Fundação Eugénio de Almeida e Fundação Calouste Gulbenkian. Mais recentemente, tem vindo a desenvolver trabalhos de investigação no domínio da azulejaria.

Processo de normatização de procedimentos: estudo em três museus da cidade de São Paulo

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Entre setembro de 2015 e março de 2016, três museus do Estado de São Paulo, vinculados à Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, passaram por um estudo e processo de normalização de alguns procedimentos com base na norma internacional SPECTRUM, publicada pela Collections Trust, do Reino Unido. Entende-se que a busca pela normalização por parte da Secretaria e dos museus visa criar um caminho para as soluções, acordada pelas diferentes partes (museus com diferentes tipos de coleções), mas que tem em comum assuntos e atividades repetidas, como entrada e empréstimos de objetos. Uma vez normalizados, a documentação produzida nestes procedimentos podem ser uma ferramenta para acesso ao que ocorre, como e quando na gestão de coleções. Este projeto engloba desde a seleção de quais procedimentos a serem normalizados, a localização conforme o contexto local e legal, o mapeamento de como estão os procedimentos como são atualmente nos três museus e a criação de uma proposta do SPECTRUM adaptado para ser utilizado em comum. Este projeto promovido pela Secretaria da Cultura, que integra profissionais de Brasil e Portugal, na busca de melhoria da gestão. A partir de diário de observação procurar-se-á apresentar neste artigo como será este processo de adaptação, como é feita a localização (contextualização) e quais os contributos desta experiência.

Resumos biográficos | Short biographies

Alexandre Manuel Ribeiro Matos — FLUP | DCTP | CITCEM

Doutor em Museologia pela Universidade do Porto é, actualmente, director do Departamento de Investigação e Formação da Sistemas do Futuro, Lda. e Professor Afiliado no Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A sua actividade académica e profissional tem como principal foco a investigação na área da gestão e documentação de coleções em museus e a utilização da tecnologia no sector do património cultural. Foi responsável pela primeira tradução da norma SPECTRUM para Português e faz actualmente parte da equipa que gere a tradução e adaptação da norma nos territórios de Portugal e Brasil através do projecto SPECTRUM PT. É investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Es-

paço e Memória, membro do conselho consultivo do projecto eCultSkills e embaixador do eCultObservatory. É membro do ICOM e do seu Comité Internacional para a Documentação (CIDOC). Escreve regularmente no blog Mouseion.

Juliana Rodrigues Alves — FLUP | DCTP | CITCEM

Doutoranda em Museologia na Universidade do Porto (desde 2014 - Portugal). É graduada em História (2003) e mestrado em Estética e História da Arte (2012) pela Universidade de São Paulo - USP (Brasil). Trabalhou no Acervo dos Palácios do Governo de São Paulo (2005-2013) como responsável pelo Setor de Informação e Documentação e técnica do Programa Patrimônio em Rede. Foi professora no curso técnico em Museologia na ETEC Parque da Juventude, do Centro Paula Souza (2013-2014, São Paulo, Brasil). Fez parte da equipe técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria da Cultura de São Paulo (2014) e integrou o Comitê de Política de Acervo. É investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço, Memória (CITCEM - Portugal), integrante do Grupo de Trabalho em Vocabulários Padronizados da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD - Portugal) e é membro do Comitê de Documentação (CIDOC) do ICOM.

Archimedes Ribas AMAZONAS | Alice DUARTE

O programa pontos de memória

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O artigo pretende apresentar o Programa Pontos de Memória criado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), autarquia vinculada ao Ministério da Cultura do Brasil (MinC) em parceria com os programas ‘Mais Cultura’ e ‘Cultura Viva’, do mesmo ministério e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI). O objetivo do programa é apoiar ações e projetos que tenham como destaque a memória social. Através de uma metodologia participativa são apontados os interesses dos participantes do grupo com base em suas trajetórias e identidades. Os Pontos de Memória são vistos como vetores de mudança social, capazes de incrementar a melhoria da qualidade de vida das comunidades de modo sustentável, quando em pleno funcionamento. Sendo um programa que tem a cultura como fundamento, é esperado o fortalecimento das tradições locais, o aumento da coesão social, além de um maior desenvolvimento da economia local com a consequente redução da pobreza.

Para o IBRAM, uma política pública de direito a memória deve ser centrada no diálogo e na participação de diversos grupos e movimentos sociais, com governos locais e militantes, de modo a garantir que esse direito seja exercido pelos que de fato precisam: indígenas, quilombolas, grupos de culturas populares urbanos e rurais, além de segmentos específicos, como jovens e de gênero, que procuram valorizar o reconhecimento dos seus direitos e do exercício da plena cidadania.

A área responsável pela gestão do programa no IBRAM é a Coordenação de Museologia Social e Educação do Departamento de Processos Museais (Comuse/DPMUS). O programa conta ainda com uma Comissão Provisória de Gestão Compartilhada/Participativa (Cogepaco). As ações do programa são norteadas pela qualificação e articulação em rede. Algumas ações são exigíveis para os Pontos de Memória: plano de ação.

Resumos biográficos | Short biographies

Archimedes Ribas Amazonas — FLUP | UFRB

Brasileiro (Rio de Janeiro), 55 anos, residente em Salvador, Bahia há mais de 25 anos. Graduado em Museologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH-UFBA) da Universidade Federal da Bahia, Mestre em Cultura e Sociedade, pela Faculdade de Comunicação (FACOM-UFBA) da Universidade Federal da Bahia. Atualmente, Professor Assistente do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL-UFRB), onde leciona disciplinas - Gestão Museológica, Políticas Culturais, e outras - no curso de graduação em Museologia e Doutorando (3º Ciclo) de Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

Alice Duarte — FLUP

Antropóloga; Universidade do Porto/Faculdade de Letras; Instituto de Sociologia (UP) e Centro de Estudos Africanos (UP). Áreas mais relevantes de trabalho: museologia e património; consumo. Corpo docente Mestrado e Doutoramento em Museologia da FLUP.

O Padrão dos Descobrimentos como “imagem de marca” do Estado Novo

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

O estudo aprofundado do Padrão dos Descobrimentos mostra-nos uma clara ligação aos ideais do Estado Novo. Desde a sua génese até aos nossos dias, passando pela demolição do primeiro edifício três anos depois da sua construção, no contexto da Exposição do Mundo Português em 1940, e pela sua reconstrução em 1960, no âmbito da Comemoração do Centenário da Morte do Infante D. Henrique, a compreensão de todos estes momentos é essencial para a sua leitura simbólica.

A clara utilização de uma iconografia relacionada com os Descobrimentos, momento áureo da História de Portugal, reflete o objetivo do regime em o igualar, se não ultrapassar. Este monumento traz ao imaginário dos portugueses, lembrando também os estrangeiros de visita ao país, a importância alcançada pelo povo lusitano em tempos passados, mostrando a sua capacidade para repetir a proeza, tomando um papel de proa na Europa.

A manutenção deste edifício, cuja primeira versão efémera rapidamente ganha um estatuto simbólico, reflete claramente este objetivo. A sua reconstrução vinte anos mais tarde, num segundo momento de comemoração da glória nacional, vinculado com o mesmo acontecimento histórico, vem torná-lo uma “imagem de marca” do regime e dos seus ideais. Ao voltar à mesma mensagem iconográfica, reforçando a sua perenidade em betão e pedra, é sublinhada esta ligação ideológica.

Pegando neste caso, pretendemos analisar outros semelhantes, bem como observar a tendência inversa, isto é a reprodução efémera de monumentos ligados à época dos Descobrimentos construídos em materiais perenes como forma de celebração do seu valor simbólico. Assim acontece no Porto em 1934 no âmbito da I Exposição Colonial Portuguesa, na Exposição do Mundo Português, mas, também, em Angola e Moçambique em momentos marcados por múltiplas tentativas de legitimar o colonialismo português através da reprodução, à escala real, de monumentos coevos dos períodos de conquista e de ocupação dos territórios ultramarinos.

Resumos biográficos | Short biographies

Alice Nogueira Alves — Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Concluiu o Bacharelato em Conservação e Restauro na Escola Superior de Conservação

e Restauro em 2000 e a Licenciatura, na mesma área, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa em 2002. Desde o início da sua formação, as questões relacionadas com a Teoria do Restauro e o modo como se encara o objeto artístico assumiram uma importância fundamental nos seus interesses académicos, terminando o Doutoramento na área de História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2009. Atualmente é Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Vera Mariz — FLUL | ARTIS

É desde o ano de 2012 bolsreira de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no curso de Arte, Património e Restauro do ARTIS - Instituto de História da Arte/FLUL. Formou-se como Mestre em Arte, Património e Restauro no ano de 2011. Ao longo do seu percurso académico tem-se debruçado principalmente sobre temas relacionados com a História e a Teoria do Restauro, com particular incidência para a realidade das antigas colónias portuguesas durante o *Estado Novo*.

Alice Lucas SEMEDO | Elisa NORONHA | Inês FERREIRA

Na transição entre os séculos XX e XXI - interseções e sobreposições entre educação e criatividade nos museus

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

A museologia dividiu a história dos museus em períodos e subperíodos sucessivos e separados - tal como a historiografia ocidental o fez em relação à história em geral. Essa divisão leva a que, por vezes, se olhe os diferentes períodos da história dos museus como uma sequência encadeada e estruturada, pautada por momentos de continuidade e ruturas. No fluir da história dos museus, porém, os períodos e acontecimentos sobrepõem-se, intercalam-se, coexistem, revisitam-se e o entendimento da complexidade dos museus, hoje, exige um olhar fluido, sem fronteiras e não segmentado em períodos sequenciais.

Este artigo aborda o espaço de transição entre o final do século XX, nos museus - período em que a educação nos museus ganhou uma transversalidade nova - e o início do século XXI, em que a criatividade entra por dentro de tantas áreas da sociedade e do mundo, e

fá-lo também nas práticas dos museus. Ao fazer a abordagem deste espaço de transição entre dois séculos e duas áreas (educação e criatividade) pretende-se sublinhar a importância de não criar fronteiras rígidas entre esses diferentes tempos e áreas, para que a criatividade aconteça nos espaços de transição e interseção, que são espaços criativos.

Esta comunicação procura evidenciar como é que o desvanecer de fronteiras e a abordagem integrada e líquida de diferentes realidades contribui para a construção do conhecimento. O exemplo em foco evidencia que uma visão plurifacetada e complexa potencia um melhor entendimento da realidade do que uma visão sequencial e estática.

Resumos biográficos | **Short biographies**

Alice Lucas Semedo — FLUP | CITCEM

Museóloga, Professora Auxiliar e Diretora do Doutoramento em Museologia (DCTP-FLUP). Após ter concluído a Licenciatura em História - Variante Arqueologia (FLUC) continuei os meus estudos na Universidade de Leicester, Reino Unido (M.A. 1991 e PhD 2003) onde apresentei uma tese orientada por Professor Susan Pearce sobre discursos profissionais em museus portugueses (*The Professional Museumscape: Portuguese Poetics and Politics*). Sou também Investigadora Integrada do CITCEM, publicando e orientando dissertações e teses (Concluídas: MA Dissertações: 25 / PhD Teses: 5) relacionadas com tópicos que se relacionam com os meus interesses de investigação, designadamente sobre narrativas e discursos museológicos, identidade profissional e missões contemporâneas de museus. Entre outras funções profissionais co-edito a Revista Académica MIDAS - Museums Interdisciplinary Studies e sou membro do Editorial Board da Revista publicada pela Berghahn, Museum Worlds.

Elisa Noronha — FLUP | CITCEM

Professora Afiliada da FLUP, colaborando na realização das atividades de ensino e investigação dos Cursos de Museologia (Mestrado e Doutorado). Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM) e Doutora em Museologia, tem desenvolvido e participado em projetos/ações de natureza científica, cultural e artística, como a organização de ciclos de estudos, palestras, seminários, publicações e exposições. Seus interesses de investigação estão relacionados com a interseção entre a Museologia e os Estudos Artísticos, assumindo como ponto de confluência os museus e centros de arte contemporânea em suas diversas dimensões (coleções, exposições, espaços, públicos) e a própria arte contemporânea como uma forma profundamente importante de pensamento e de provocação ao pensamento. Atualmente e no âmbito do seu pós-doutoramento, desenvolve uma investigação sobre a musealização de livros de artistas e um trabalho de reavaliação crítica do inventário e da catalogação da coleção de livros de artistas do Museu de Serralves.

Inês Ferreira — Câmara Municipal do Porto

Licenciada em Artes Plásticas, Pintura, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1992); Master of Arts, City University, Londres (1998); submeteu tese de doutoramento em Museologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (nov. 2015) - tema de investigação "Museus e Criatividade". Bolseira da Fundação Ciência e Tecnologia desde dezembro 2014. Investigadora do Centro de Investigação CITCEM. Técnica Superior na Câmara Municipal do Porto desde 2006. Desenvolveu trabalho em diversos museus no Porto - Museu do Vinho do Porto, Galeria do Palácio, Museu do Carro Elétrico, Museu Nacional de Soares dos Reis - nomeadamente na área do serviço educativo. Co-autora de materiais de apoio ao visitante no Museu Nacional de Soares dos Reis, Museu do Carro Elétrico e Museu de Lamego. Tem publicado e apresentado trabalhos de investigação com regularidade em congressos e seminários na área da cultura e da museologia, em Portugal e no Estrangeiro.

Amândio BARROS

O navio como espaço do sagrado, séculos XVI e XVII

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Este texto pretende demonstrar a variedade de práticas religiosas e quase-religiosas que faziam parte da vida a bordo dos navios portugueses do início da Época Moderna. A investigação aqui apresentada, que integra projecto editorial em curso, apresenta um extensivo rol de práticas religiosas desenvolvidas a bordo, a ponto de se criar uma "geografia de religião" a bordo das embarcações portuguesas da Época da Expansão. Referências a uma grande variedade de cerimónias, missas, litanias, procissões, até visões, aparições e práticas propiciatórias serão descritas e analisadas ao longo do texto, contribuindo para um melhor conhecimento da vida religiosa a bordo e do quotidiano dos embarcados.

O navio constitui um excelente exemplo de um espaço que adquire distintas qualidades baseado no facto de ser o único espaço habitável no meio de um oceano, a milhares de quilómetros de distância de terra em qualquer direcção.

Aqui procuram-se semelhanças e diferenças, determinadas por essa condição de espaço habitável, e pela condição sui generis desse mesmo espaço, entre a prática religiosa na embarcação e a que decorria em terra.

Resumo biográfico | Short biography

Amândio Barros — ESSE - IPP | CITCEM

Integra, desde a sua criação, a rede internacional de investigação “A governança nos portos do atlântico (séc. XV-XXI)”, projecto internacional Casa de Vélazquez, Faculdade de Letras do Porto e UNED. Investigador. Referência: “La Gobernanza de los puertos Atlánticos. Siglos XIV-XXI / The Governance of Atlantic Seaports. 14th- 21th Centuries”, Scientific Coordinator: Amélia Polónia, U. Porto - FLUP; Representative of Casa Velasquez: Stephane Michoneau; Coordinator of the virtual community: Ana Maria Rivera Medina, UNED.

Licenciou-se em História pela Faculdade de Letras do Porto. Especializou-se nas áreas da História Social e Económica e na História Marítima (área do seu doutoramento: *Porto: a construção de um espaço marítimo no início da Época Moderna*, prémio Almirante Sarmiento Rodrigues da Academia de Marinha e Prémio Artur de Magalhães Basto de História da Cidade do Porto). As suas publicações têm incidido nestes domínios, assim como nos da História da Cidade do Porto e Douro e História da Expansão, aos quais tem dedicado diversos trabalhos. Recentemente publicou na editora Fronteira do Caos as obras *A morte que vinha do mar. Saúde e sanidade marítima num porto atlântico (séculos XV-XVII)*, e *Os Forais da Ponte da Barca*. Professor da Escola Superior de Educação do Porto é pós-doutorado pelas universidades do Porto e de Valladolid, investigador do CITCEM-UP (Centro de Investigação Transdisciplinar. Cultura, Espaço e Memória - Universidade do Porto) e membro efectivo da Academia de Marinha.

Ana Beatriz Mascarenhas PEREIRA | Maria Leticia Silva TICLE

Planejamento urbano e proteção do patrimônio cultural: um olhar para o conjunto urbano Santa Tereza, Belo Horizonte

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Este artigo pretende problematizar a relação entre preservação do património cultural e planeamento urbano. É tomado como objeto o bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, estado localizado na região sudeste do Brasil. Este bairro, inserido em uma região que abrigou uma das primeiras ocupações da cidade planejada e inaugurada em fins do século XIX, é protegido como Conjunto Urbano pela política

de preservação do patrimônio cultural do município. Também serão discutidas questões relativas à prática do planejamento urbano, que envolve a regulamentação dos usos do espaço e suas funções econômicas, políticas e sociais. O processo, que envolve diversas disciplinas, como engenharias, arquitetura, história, sociologia, política e outras, é, geralmente, muito mais orientado para a dimensão física das cidades, negligenciando seus desdobramentos sociais. As políticas patrimoniais intencionam preservar as complexas associações entre as dimensões material, social e imaginativa. Entretanto, quando e se incorporadas ao planejamento urbano, constituem um grande desafio, considerando seu dinamismo e sua interface com manutenção de identidades e tradições. Foram privilegiadas e utilizadas como aporte para a escrita do trabalho as referências bibliográficas que analisam a cidade por um prisma holístico, evidenciando seus múltiplos aspectos e atores e sua existência como um todo.

Resumos biográficos | Short biographies

Ana Beatriz Mascarenhas Pereira — EA-UFGM

Aluna do Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (MACPS) da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFGM) e de pós-graduação em Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento e mercado pelo Centro Universitário Senac. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (1994). Coursou através da plataforma Coursera: Design: Creation of Artifacts in Society, 2013 (University of Pennsylvania) e Roman Architecture, 2014 (Yale University). Coordenadora Geral e Curadora da Mostra Oficial do Festival Cine Memória.

Maria Letícia Silva Ticle — EA-UFGM

Aluna do Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (MACPS) da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFGM). Desenvolve dissertação intitulada *Boemia e o Bairro Santa Tereza em Belo Horizonte*, na área de história das cidades e do urbanismo, com o tema envolvendo o patrimônio cultural, suas práticas, sentidos e atribuições. Graduada em História nas modalidades Licenciatura e Bacharelado pela mesma instituição realiza pesquisa e trabalhos técnicos nas áreas de patrimônio cultural, envolvendo educação patrimonial, museologia e história. Tem interesses acadêmicos e pessoais na área de arquitetura e urbanismo, azulejaria portuguesa e suas influências, políticas patrimoniais do Brasil e de Portugal. Realizou intercâmbio acadêmico de graduação na Universidade do Porto em 2012. Tem domínio sobre a língua inglesa, com certificados FCE e CAE da Cambridge University e, atualmente, cursa língua francesa em instituição particular.

Das fortificações portuguesas em Mascate: análise morfológica e territorial

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

A presença portuguesa no Médio Oriente desenrolou-se entre os inícios do século XVI e meados do século XVII. A manifestação construída mais evidente deste período imperial português revelou-se na esfera da arquitectura militar, essencialmente, e a pegadapatri-monial espalha-se hoje por Ormuz e Queixome, actualmente no Irão, Corfacão, Quelba e Doba, hoje nos Emirados Árabes Unidos, Mascate, Curiate, Soar e Caçapo, em Omã, e ainda Barém. De todas estas fortalezas ou praças de guerra, Mascate (1507-1650) destaca-se como um dos conjuntos de maior escala e relevância para a compreensão da fortificação moderna no contexto do Estado da Índia. À medida que o controlo do Golfo Pérsico se debilitava em Barém e Ormuz, as excelentes condições portuárias de Mascate impulsionaram investimentos construtivos que viriam a resultar num plano defensivo baseado num esquema interdependente de estruturas arquitectónicas. Sobrevivem as fortalezas de SãoJoão (Al Jalali) e Almirante (Al-Mirani), o Baluarte de Santo António (Al Gharbiyah), talvez um outro (Al Sharqiyah), e ainda torres de vigia do lado de terra, integradas em cortinas amuralhadas. O sistema incluía ainda a fortificação de Matara (Mutrah), a meia légua de distância. Cruzando leituras cartográficas, com levantamentos locais e análise morfológica, esta comunicação visa compreender a complementaridade territorial que os diversos fortes, torres e/ou baterias articulavam no desafiante relevo deste ponto da costa omanita. Impõe-se uma avaliação do seu grau de inexpugnabilidade à luz dos mais avançados conhecimentos da arte da guerra e da capacidade pirobalística ao tempo, nomeadamente os seus raios de tiro e poder de fogo, cruzando ciência com desenho. Este estudo contribuirá, assim, para o entendimento de uma peça chave dos sistemas fortificados portugueses entre Quinhentos e Seiscentos na Ásia, em diálogo com a metrópole e a circulação de modelos ou conceitos da arquitectura militar abaluartada.

Resumos biográficos | Short biographies

Ana Catarina Gonçalves Lopes — EAUM | Lab2PT | CHAM

Aluna de Doutoramento em Arquitectura, desenvolvendo tese com o título “Arquitectura militar de origem portuguesa na Península Arábida: as fortificações em Mascate (séculos XVI e XVII)” na EUAM, sob supervisão dos professores Jorge Correia e André Teixeira. Tem um Mestrado em Arquitectura (2009) pela mesma instituição. Desde essa data, tem vindo a leccionar como Assistente Convidada na EAUM, além de ser investigadora no

CHAM, onde tem estudado as Arquiteturas Militares Portuguesas em Marrocos, e mais recentemente, no Lab2PT, dentro do grupo de investigação “Espaço e Representação”. Os seus interesses incluem estudos em história da arquitectura, arquitectura civil e militar e os seus assentamentos urbanos, com especial interesse na arquitectura produzida pela Expansão Marítima Portuguesa entre os séculos XV e XVIII. Nesse âmbito, tem trabalhado em diversos projectos de investigação, participando em encontros científicos e publicando artigos e capítulos de livros nesse campo.

Jorge Manuel Simão Alves Correia — EAUM | Lab2PT | CHAM

Licenciado em Arquitectura (1999) e doutor (2006) em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, com a tese “Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a Meados do século XVI”. Tem vindo a trabalhar e investigar sobre os aspectos formais da presença portuguesa e do universo islâmico no Magrebe e Médio Oriente através de projectos de investigação, comissariados científicos, publicações regulares de artigos ou capítulos de livros, ou comunicações internacionais. Actualmente é Professor Associado e Vice-Presidente da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, orientando teses de mestrado ou doutoramento nos domínios da história da arquitectura e urbanismo, e coordenador do grupo “Espaço e Representação” do Lab2PT. Os interesses de investigação abarcam: estudo dos aspectos arquitectónicos e urbanos da Expansão portuguesa entre os séculos XV e XIX; desafios e expressões culturais do património; a cidade tradicional islâmica e sua representação.

Ana Cláudia Lopes MARQUES

O Genius Loci no Sacro-Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo)

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A crença em acontecimentos extraordinários é determinante na sacralização do espaço onde se ergue a igreja-santuário, sendo mesmo um dos mais poderosos fenómenos de religiosidade popular e marcadamente característico do Norte do país. Estas manifestações revelam *in situ* a presença do santo que aí é venerado, afigurando-se como a revelação da sua vontade, atestando assim a sacralidade desse local.

O potencial geográfico de um local dito «invulgar», a uma cota elevada, isolado e pais-

agisticamente atrativo, conduz à criação de *significados* e à associação de lendas que enriquecem o imaginário do lugar. A montanha sagrada aufere um carácter místico muito particular pela sua situação de ponto intermédio entre o plano terreno e o plano celeste. No Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, esta singularidade é ademais reforçada pela devoção à padroeira da visão, na medida em que a luz (Luzia=Lux) é percecionada como a verdade que é revelada àquele que procura proteção contra as trevas.

O percurso ascensional para o topo da montanha impõe o esforço de uma *via-sacra* que substancia a passagem do secular ao transcendente e ocasiona a realização de romarias ou procissões, onde o *homo religiosus* sai do espaço familiar para entrar na zona de passagem cósmica. Aqui, o divino aguarda, projetado na arquitetura do espaço (na qual este espírito foi impregnado) e na fenomenologia do ambiente. É através destas que o estado religioso da alma é encandecido e, por fim, pode o Homem tocar o «numinoso».

Resumo biográfico | Short biography

Ana Cláudia Lopes Marques — FLUP | DCTP

Licenciada em História da Arte (2009), mestre em História da Arte Portuguesa (2011) e mestranda em Museologia (2014) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Obteve o grau de mestre em História da Arte Portuguesa com a dissertação *O Templo-Monumento de Santa Luzia em Viana do Castelo*.

Tem desenvolvido a sua atividade profissional no âmbito da museologia e investigação na área da História da Arte. Em 2012 coordenou o Projeto de Reabilitação do Arquivo Histórico da Confraria de Santa Luzia, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito do concurso de Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais. Atualmente desempenha funções de Conservadora no Templo-Monumento de Santa Luzia.

Em 2014 publicou um artigo nos *Cadernos Vianenses* tomo 48, editado pela Câmara Municipal de Viana do castelo, intitulado *Breve simbologia do Templo-Monumento de Santa Luzia*, onde aborda a temática dos montes sacros.

Ana Costa ROSADO | Miguel Reimão COSTA | Virgílio LOPES |
Maria de Fátima PALMA | Cláudio TORRES | Susana GÓMEZ MARTÍNEZ

O território, a história e o espírito do lugar: o exemplo de Mértola no contexto da arquitetura vernacular do Sul de Portugal

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

A importância do lugar é uma condição fundamental da história de Mértola que pode ser apreendida a partir de diferentes perspectivas e escalas. A um primeiro olhar, a que sempre se retorna, é evidente a implantação num esporão defensivo sobranceiro ao Guadiana, junto à foz de uma das ribeiras afluentes. As características físicas do território revelam-se decisivas na construção deste lugar, ao longo dos diversos períodos da história, combinando os diferentes modelos e culturas de desenho do núcleo edificado, de organização da paisagem envolvente, de construção das estruturas do rio, numa posição preponderante entre as rotas do Mediterrâneo ao Atlântico. Pretende-se contribuir, com esta comunicação, para caracterizar o lugar de Mértola, privilegiando a arquitetura doméstica da vila e do território em seu redor, a partir dos resultados obtidos no âmbito de um projeto de investigação intitulado “Arquitetura Tradicional da vila e do termo de Mértola”.

Entre os objetivos deste projeto, contava-se o registo de uma cultura particular do habitar, considerando o modo como, através da casa, os habitantes se relacionavam e relacionam com as diversas dimensões da construção do lugar. Procurou-se cartografar e interpretar a transformação da arquitetura doméstica de Mértola, através do levantamento e desenho, da investigação documental, da recolha de informação junto dos habitantes e, ocasionalmente, da arqueologia da arquitetura. Foram desenhadas todas as habitações do núcleo antigo da vila, bem como, alguns conjuntos edificados dos montes rurais, com registo dos sistemas construtivos tradicionais. Pretende-se abordar assim a evolução urbana do núcleo antigo de Mértola, a partir do período tardo-medieval, através da caracterização das diversas tipologias da habitação tradicional, considerando os diferentes temas de continuidade e descontinuidade, a relação com a paisagem envolvente e os diferentes ciclos de exploração dos recursos do território (agrícolas, ribeirinhos e mineiros).

Resumos biográficos | Short biographies

Ana Costa Rosado — Campo Arqueológico de Mértola / InAlentejo

Arquitecta. Concluiu o Mestrado em Arquitectura no Instituto Superior Técnico (2013) com a dissertação “A habitação característica do Antigo Regime na encosta de Santana:

Tipologias e Modos de Habitar”. Bolseira no projecto “Arquitetura Tradicional da vila e do termo de Mértola” (CAM / InAlentejo) (2015).

Miguel Reimão Costa — UAIG | Campo Arqueológico de Mértola

Professor Auxiliar na Universidade do Algarve. Arquitecto (1995) e doutorado em Arquitectura (2009) pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Investigador do CAM/CEAACP (2009/...) e do CEPAC/UAIG (2013/...). Autor da publicação “Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve” (Afrontamento, 2014). Editor das atas do “Congresso internacional da arquitetura tradicional no Mediterrâneo Ocidental” (CAM/Argumentum, 2015). Coordenador do Gabinete Técnico de Apoio às Aldeias do Algarve – Sotavento / Ccdr Algarve (2001/2004). Investigado responsável dos projetos “Arquitetura Tradicional da vila e do termo de Mértola” (CAM / InAlentejo) (2013/2015) e “Património rural Construído do Baixo Guadiana” (Odiana / Leader 3B – Medocc) (2014).

Virgílio Lopes — Campo Arqueológico de Mértola

Investigador e membro da direcção e do Campo Arqueológico de Mértola, desde 1990.

Doutoramento em “Património Histórico y Natural. Investigación, Protección, Difusión y Didáctica”, no Departamento de Historia I, Universidade de Huelva, com a dissertação

“Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia (Séculos IV - VIII)” (2014). Mestrado em História da Arte - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa, com a dissertação “Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo” (2003). Licenciatura em História Variante de Arqueologia - Faculdade de Letras - Universidade do Porto (1990). Coordenou e participou nas seguintes publicações: “O sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão (2014)”; “Arrabalde Ribeirinho – Museu de Mértola” (2012); “Casa romana – Museu de Mértola” (2012); “O Mosteiro do Monte Mosteiro” (2011). Autor do livro “Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo” (2003).

Maria de Fátima Palma — Campo Arqueológico de Mértola

Doutoranda na Universidade de Granada, na linha de investigação al-Ándalus e a sociedade feudal, na temática dedicada ao território de Mértola em época islâmica. Máster em Arqueologia e Património na Universidade de Huelva (Espanha), em 2010, com a tese intitulada “Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola - Contributos para a História Local”. Desde 2004 que se encontra integrada na equipa de investigação do CAM, onde atualmente é arqueóloga e investigadora. Participou em vários tipos de projetos relacionados com a investigação arqueológica e patrimonial. Nomeadamente, a codirecção de diversas intervenções arqueológicas e vários projetos nacionais e internacionais. Atualmente é Bolseira de Investigação (BGCT) da Fundação da Ciência Tecnologia (FCT), com uma bolsa de investigação

no âmbito do estudo da história local. Investigadora integrada no CEAACP/CAM.

Cláudio Torres — Campo Arqueológico de Mértola

Fundador e director do Campo Arqueológico de Mértola e da revista “Arqueologia Medieval”.

Doutor *honoris causa* pela Universidade de Évora, Prémio Pessoa, Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

Desde 2006 Membro do Concelho Consultivo da Direcção Geral do Património Cultural.

Entre 1974 e 1986, docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Entre 1986 e 1996, chefe da Divisão Socio-Cultural da Câmara Municipal de Mértola.

Entre 1996 e 2002, director do Parque Natural do Vale do Guadiana.

Em 2001 Representante de Portugal no Comité do Património Mundial da UNESCO.

Entre 1996 e 2007, Presidente da Comissão Nacional Portuguesa do ICOMOS.

Entre 2004 e 2012, Coordenador da Rede Portuguesa da Fundação Anna Lindh.

Entre outros trabalhos publicados, destacam-se:

“O Gharb al-Andaluz” in *História de Portugal* - (Vol. I), 1992 (direcção José Mattoso), Círculo de Leitores.

“A arte islâmica no Ocidente Andaluz” 1995 in *História da Arte Portuguesa* (direcção Paulo Pereira).

“O Legado Islâmico em Portugal” 1998, Círculo de Leitores.

Susana Gómez Martínez — Campo Arqueológico de Mértola | Universidade do Algarve

Licenciada em Geografia e História em 1990 pela Universidade Complutense de Madrid e Doutorada, em 2004, pela mesma universidade. Desenvolve a sua actividade científica no âmbito do estudo da Idade Média. Desde 1992 é investigadora do Campo Arqueológico de Mértola e, actualmente é Professora da Universidade do Algarve. Entre 2009 e 2014 foi investigadora da Universidade de Coimbra destacada no Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, no âmbito do Programa Ciência 2008 da FCT. É professora convidada nas Universidades do Lisboa, Évora e Huelva. É Tesoureira da Direcção do Campo Arqueológico de Mértola, Vice-presidente do Comité Científico da Associação Internacional para o Estudo da Cerâmica Medieval no Mediterrâneo (AIECM2). Entre as suas publicações destaca-se “A cerâmica islâmica de Mértola: produção e comércio”, “Cerâmica em Corda Seca de Mértola” e “Os signos do Quotidiano. Gestos, marcas e símbolos no alÁndalus”.

Ana Cristina SOUSA

Ecce Agnus Dei - o relicário da porta do sacrário da igreja paroquial de Sabrosa

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Desde muito cedo se tornou tradição na Cristandade o aproveitamento da cera do círio pascal e a sua distribuição pelos fiéis ao Domingo. Com o tempo, essa cera começou a ser utilizada na elaboração de pequenas placas, normalmente de forma oval mas também circular, quadrada ou estrelada sobre a qual se estampava, numa das faces, o Cordeiro místico e, na outra, uma imagem sagrada. Esta impressão era feita a partir de matrizes metálicas, frequentemente referidas nos inventários a partir do século XIV, embora os ferros mais antigos possam datar dos séculos VIII ou IX. A popularidade destes objetos explica que, a partir do século XVI, passem a ser consagrados, recebendo a bênção papal e que sejam sujeitos ao “baptismo do cordeiro”, ritual que consistia na imersão da peça em água e bálsamo e na unção com o óleo crismal. Para a sua execução começa a ser utilizada também a cera das velas usadas na Basílica de São Pedro durante a Quaresma. A fragilidade do material e a intenção do seu uso enquanto objeto de devoção privilegiado explicam a inserção das placas de cera em estruturas de metal, normalmente prata ou ouro, ou a sua integração em molduradas de madeira. Símbolo eucarístico por excelência, simbolizando o Cordeiro o sacrifício máximo do filho de Deus para remissão dos pecados da Humanidade, as placas são muitas vezes acompanhadas com inscrições alusivas ao tema entre as quais se destaca “Ecce Agnus Dei qui tollit peccata mundi”. A presença de uma destas placas de cera na porta do sacrário da igreja paroquial de Sabrosa, também com função de relicário, constitui o mote de reflexão sobre estas imagens e os múltiplos contextos a que estas foram e estão associadas.

Resumo biográfico | Short biography

Ana Cristina Sousa — FLUP | DCTP

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património - área científica de História da Arte. Licenciada em História (Var. Arte) pela FLUP (1992), Mestre em História da Arte (1997) e Doutora em História da Arte Portuguesa (2010) pela Faculdade de Letras do Porto, com uma tese subordinada ao estudo dos metais nos séculos XV-XVI. Investigadora do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”) da FLUP, está integrada no grupo de trabalho “Memória, Património e Construção de Identidades”, sendo igualmente colaboradora da Unidade de Investigação GOVCOPP – Governança, Competitividade e Políticas

Públicas da Universidade de Aveiro, Linha de Investigação Território, Desenvolvimento e Atratividade Turística. É autora de publicações relacionadas com as artes dos metais (técnicas e formas), ourivesaria medieval e moderna e iconografia religiosa. Reúne também publicações no âmbito da informação turística tendo sido também autora de manuais escolares de História para o ensino secundário.

Áreas de interesse: História da Arte Portuguesa, Iconografia, Arte dos Metais e Artes Aplicadas.

Ana Dolores Leal ANILEIRO

A casa rural em Penafiel, entre meio de produção agrícola e espaço ritualizado

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

Na presente comunicação proponho-me apresentar *A casa rural em Penafiel*, entendida como *meio de produção* essencial para as explorações de dominante agrícola e simultaneamente apreendida como *espaço ritualizado*, identificador da unidade familiar que se inscreve na comunidade vicinal. Esta reflexão surge no âmbito do estudo que estamos a desenvolver para o Doutoramento em Arqueologia na FLUP, com título provisório “A Arquitectura Vernacular em Penafiel”.

Discutiremos o conceito da arquitetura vernacular, analisaremos os diálogos entre arquitetura vernacular e erudita e o que as tornar por vezes quase indistinguíveis, focando-nos em exemplos do município de Penafiel.

Caracterizaremos o complexo da casa rural, ao serviço da actividade agro-silvo-pastoril, no quadro de uma economia de autoconsumo, dos ciclos agrícolas desde a sementeira à colheita, armazenamento e transformação, vitais para a satisfação das necessidades de subsistência e também solução para a habitação.

Nas múltiplas vertentes que a casa rural assume, apresenta uma profunda relação com o sagrado, por vezes utilizada como elemento social distintivo, explícita quer na integração de componentes edificadas expressamente dedicadas ao culto, como as capelas, quer em outros elementos religiosos integrados, no caso dos oratórios, nichos, crucifixos, inscrições, etc., que nos remetem para a ritualização do quotidiano, a busca de protecção divina e o reforço de identidade e preservação da casa-família.

Resumo biográfico | Short biography

Ana Dolores Leal Anileiro — Museu Municipal de Penafiel | CITCEM

Desempenha funções de Conservadora no Museu Municipal de Penafiel desde dezembro de 2008.

Concluiu o 2º ano do Curso de Doutoramento em Arqueologia na FLUP, tendo como tema provisório de tese “A Arquitectura Vernacular em Penafiel”, sob orientação da Prof.ª Doutora Teresa Soeiro.

Mestrado em Arqueologia na FLUP, em 2010, tendo apresentado a dissertação intitulada “O linho no Concelho de Penafiel”, orientada pela Prof.ª Doutora Teresa Soeiro.

Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia, na FLUP, concluído em 2008.

Licenciatura em Arqueologia na FLUP, terminada em 2006.

Membro colaborador do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

Publicações:

SOEIRO, Teresa; ANILEIRO, Ana – Os Moinhos de Rego em Figueira (Penafiel), *Molinologia Portuguesa*. Lisboa, vol. 4, 2010.

ANILEIRO, Ana – O Ciclo do Linho no Concelho de Penafiel, *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa, 2010, p. 323-332.

SOEIRO, Teresa; ANILEIRO, Ana – Flax mills in Penafiel, Northwest Portugal, *International Molinology. Journal of The international Molinology Society*, vol. 88, p. 18-32

SOEIRO, Teresa; ANILEIRO, Ana – As arquitecturas vernaculares do pão no Baixo Tâmega, *Atas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular*. Arcos de Valdevez, 2013 (no prelo).

Ana E. GOY DIZ

Arquitecturas para la experimentación en un mundo de transición: Entre el Tardogótico versus Renacimiento en Galicia y en el norte de Portugal, frente al Clasicismo o el estilo Chao

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

La presente comunicación se plantea el objetivo profundizar en el análisis de las propuestas arquitectónicas que se desarrollaron en Galicia y en el Norte de Portugal en un período de transición entre el renacimiento y el barroco, es decir en un marco cronológico entre 1550 y 1640. Durante esos noventa años, la presencia de mano de obra cualificada portuguesa fue especialmente significativa en Galicia tanto en el ámbito de la arquitectura, como de la escultura, de la pintura o de la platería, dejando su huella en obras fundamentales del arte gallego. Por lo que se refiere a la arquitectura, esos maestros de obras, formados en la tradición de los talleres de la región del Norte de Portugal tuvieron que competir en Galicia con los modelos que llegaban desde la corte y desde ciudades castellanas como Salamanca o Valladolid, que habían apostado por un lenguaje clasicista, desornamentado y muy alejado de las formas decorativistas del renacimiento portugués. A través de algunos ejemplos podremos reflexionar sobre cuáles eran esos gustos de la época y como calaron entre los principales promotores de las obras. Así, en Galicia vamos a asistir a un renacimiento, que algunos definen como tardo-gótico que tiene unas particularidades bien diferenciadas con respecto al resto de la península debido a la confluencia de diversas influencias de distinta progenie que surgieron en torno a los valle del Minho y del Douro.

Desde los comienzos de nuestra investigación, los trabajos de Carlos Alberto Ferreira de Almeida sobre el Alto Miño y sobre el Gótico tuvieron para nosotros una especial relevancia, por eso nos gustaría que esta contribución pueda convertirse en el modesto pero sentido homenaje a su incansable labor en pro de un patrimonio conjunto.

Resumo biográfico | Short biography

Ana. E Goy Diz — Universidade de Santiago de Compostela | GI. Iacobus - Centro de Estudios de la Historia de la ciudad

Profesora titular de Historia del Arte de la Universidad de Santiago de Compostela e imparte docencia en la Facultad de Humanidades de Lugo. Ha sido Vicedecana de esta facultad y Presidenta del Comité de Evaluación de la Titulación de Humanidades. En la actualidad es directora del Centro de Estudios de Historia de la Ciudad y miembro del grupo de investigación Iacobus.

Sus principales líneas de investigación son la arquitectura del Renacimiento y del Barroco en Galicia y sus relaciones con Portugal e Iberoamérica, el arte monástica, así como en el estudio del Patrimonio Cultural gallego. En relación con estas líneas de investigación ha dirigido diversos proyectos de investigación europeos, nacionales o autonómicos. Ha coordinado el expediente para la declaración de la Torre de Hércules como bien de Patrimonio Mundial y dirige la red de investigación Patrimonio Cultural: Servicios históricos y científicos.

Ana Maria da Costa OLIVEIRA

O castelo de Outeiro na fronteira bragançana

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

O castelo de Outeiro foi durante quinhentos anos um marco na defesa da fronteira transmontana e um símbolo do poder da coroa portuguesa. Esta fortificação ganhou visibilidade a partir de D. Dinis, altura em que a coroa assume o controlo da linha fronteiriça.

Os monarcas de duzentos reclamarão o senhorio das terras de fronteira concedendo forais às populações para que se fixem. Será à luz desta conjuntura que Outeiro passará para o domínio régio em 1290 e será beneficiado com carta de foro, que pretendia incentivar o crescimento populacional.

Com o estabelecimento da fronteira com Castela através do Tratado de Alcañices, a coroa lusa centra-se na reforma e consolidação das linhas defensivas raianas.

É neste cenário que o castelo de Outeiro surge na primeira linha de defesa da fronteira oriental transmontana, articulando-se com o castelo de Bragança, Vimioso e Miranda do Douro. Para além de vigiar a fronteira, nomeadamente as entradas por Quintanilha e Pinelo, controlava a passagem pelo planalto que liga Vimioso a Bragança.

Ao longo da sua existência, o castelo passou por diversas fases que moldaram a sua fisionomia. Embora as plantas demonstrem uma aparente uniformização, detetámos adap-

tações que refletem as principais concepções militares medievais.

Do castelo românico conservou a torre isolada no pátio, a cisterna, a porta falsa e a muralha com duas seteiras. Do castelo gótico sobreviveram a torre de menagem do lado exterior da muralha e os balcões com matacães. O castelo foi ainda beneficiado com espaços residenciais e adaptado às armas de fogo.

Durante a Idade Média, o castelo transmontano apenas esteve envolvido no conflito entre D. Fernando e D. Henrique II de Castela, em 1369. Em 1646, uma incursão castelhana destruirá a vila de Outeiro. O derradeiro combate aconteceu em 1762, data em que as tropas espanholas queimam e destroem o castelo.

Resumo biográfico | Short biography

Ana Maria da Costa Oliveira — EAUM | LAB2PT | CHAM

Concluiu a licenciatura em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2003, com a apresentação de um Seminário de Projeto em arqueologia medieval, intitulado “Duas torres senhoriais do vale do Sousa”.

Concluiu o mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em novembro de 2015, com um trabalho de investigação sobre o castelo transmontano de Outeiro.

Publicou uma monografia com o trabalho desenvolvido sobre as duas torres senhoriais do vale do Sousa em colaboração com a Associação A-Lord (Lordelo, Paredes). Sobre o mesmo tema apresentou comunicação no 1º Congresso Internacional “A Casa Nobre: Um Património para o Futuro”, em novembro 2005, Arcos de Valdevez e no 1º Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa, Lousada, em novembro 2007.

Realiza trabalhos de arqueologia preventiva e de investigação desde março de 2004 com direcções e colaborações em projectos de escavação, acompanhamentos arqueológicos e estudos arqueológicos.

Ana María SOSA GONZÁLEZ

Un nuevo patrimonio en la Lista del Patrimonio Mundial: el paisaje cultural industrial Fray Bentos en Uruguay.

Principios fundamentales del Plan de Gestión

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

La presente propuesta de comunicación analizará aspectos centrales del Plan de Gestión del *Paisaje Cultural Industrial Fray Bentos (PCIFB)* del Uruguay, una vez que fue aprobada – recientemente – su inclusión en la Lista del Patrimonio Mundial, como ejemplo excepcional de la evolución de la estructura social y económica de los siglos XIX y XX en Uruguay y en la región. La manera de materializarse y organizarse para satisfacer una demanda de escala mundial; los intercambios de valores humanos entre la sociedad europea y la población sudamericana de los siglos XIX y XX, la alta concentración de inmigrantes; el constituir un ejemplo representativo, en tanto conjunto integral de un territorio productivo, con sus arquitecturas industriales e instalaciones mecánicas, sus espacios verdes asociados, sus instalaciones portuarias y la presencia del tejido residencial (personal administrativo y obrero), su estado de preservación y acciones que condujeron a que el mismo sea hoy patrimonio mundial será lo que orientará la discusión inicial para luego abordar los principios norteadores del Plan de Gestión y Manejo del bien propuesto en el propio dossier enviado a la UNESCO. Se abordará para ello los siguientes puntos: las expectativas de la población, los compromisos esperables de los actores sociales, económicos e institucionales y la voluntad de los gobiernos nacionales y departamentales de impulsar procesos de desarrollo en forma integrada y sostenida. Dentro de este panorama se prestará especial atención a las formas de apropiación del bien por parte de población local, al vínculo identitario con dicho patrimonio y a las formas de transmisión del mismo a las futuras generaciones.

Resumo biográfico | Short biography

Ana Maria Sosa González — UFPel - Brasil

Doctora y Magister en Historia por la Pontificia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, PUCRS. Profesora post-doctoranda del Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas - UFPel- Brasil, por el Programa Nacional de Post Doctorado Institucional de la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - PNPDI/CAPES.

Tradição sineira: entre o tangível e o intangível

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Caracterizado pela intangibilidade e pelo perigo iminente do desaparecimento de práticas e saberes-fazer que as comunidades reconhecem e recriam, o Património Cultural Imaterial exige novas reflexões sobre as diversas formas de atuação e gestão do património edificado ou artístico.

A tradição sineira congrega práticas tradicionais de saber fazer e um cenário etnológico marcante sob o ponto de vista da regulação laboral e do imaginário popular. Por ser parte integrante das paisagens cultural e sonora portuguesas, apresenta-se, neste artigo, sob uma perspetiva intangível, de acordo com os parâmetros desenvolvidos na Convenção do Património Cultural e Imaterial (Paris, 2003). Embora historicamente haja uma noção de património e legado a transmitir, preserva-se parcamente o cunho artesanal nas técnicas tradicionais de fundição, e no toque manual dos sinos, pois tem perdido expressão devido à sua automatização a partir dos anos de 1980.

O sino foi outrora regulador da comunidade, com reconhecida importância na marcação dos vários momentos do dia e do horário laboral das populações. Foi também signo de atos litúrgicos, acontecimentos civis e avisos de urgência excepcional. A este carácter regulador de costumes associam-se as propriedades apotropaicas que o toque do sino adquiriu na mentalidade popular, dando origem a um amplo património oral e lendário.

Com este artigo pretende-se, assim, refletir sobre a intangibilidade do toque manual dos sinos, bem como o imaginário resultante, e dos desafios que este património imaterial apresenta para a sua boa valorização, gestão e preservação.

Resumos biográficos | Short biographies

Ana Patrícia Gonçalves — FLUP

Frequenta o 3º ano da Licenciatura em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Andréa Diogo — FLUP

Frequenta o 3º ano da Licenciatura em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Joana Duarte — ICS- UM

Concluiu em 2015 o 1º ciclo de estudos em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Frequenta o Mestrado em Património Histórico e Turismo Cultural do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Marisa Santos — FBAUP

Concluiu em 2015 o 1º ciclo de estudos em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Frequenta o Mestrado em Estudos Artísticos - variante Estudos Museológicos e Curadoriais - da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto.

Ana Patrícia Rodrigues ALHO

O restauro ao subsistema hidráulico superior nas catedrais de Lisboa, Guarda e Iglesia de Santa Maria del Mar

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A presente proposta de comunicação vem na sequência da tese de doutoramento que nos encontramos a concluir na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob o tema: “O sistema hidráulico na arquitectura sacra gótica em Portugal dos séculos XIII a XVI”. Este projecto parte de um conceito de arquitectura entendida como um conjunto estruturado de sistemas que, faseadamente, constituem preocupação do mestre construtor. Neste conjunto de sistemas está incluído o sistema hidráulico que dividimos em subsistema hidráulico superior (referente às águas pluviais) e subsistema hidráulico inferior (referente ao solo), sendo que neste caso específico só nos iremos referir ao primeiro subsistema evocado.

No que diz respeito ao subsistema hidráulico superior dividimos o mesmo por soluções encontradas em diversos edifícios religiosos pertencentes à arquitectura gótica e tardogótica portuguesa e estrangeira, circunscritos entre os séculos XIII e XVI, para com isto podermos concluir quais as soluções mais adoptadas e os elementos arquitectónicos mais usados como auxiliares do sistema hidráulico superior, entre eles: gárgulas, goteiras, arcobotantes, contrafortes, terraços, telhados, entre outros.

Para um estudo mais elaborado recorreremos aos conceitos arquitectónicos e arqueológicos, bem como à comparação com diversos casos europeus: Espanha, França, Itália e Inglaterra, identificando as influências existentes.

Desde sempre que uma das preocupações do mestre construtor foi afastar as águas pluviais para o exterior da zona coberta, tratando-se também de uma das evidentes preocupações aquando a realização das campanhas de restauro nos edifícios, visto se tratar de uma zona tão sensível, o que nos leva a ter uma atenção muito especial para os restauros efectuados ao longo dos séculos.

Neste artigo propomo-nos a focar a nossa atenção para o restauro realizado, a partir do século XIX, ao subsistema hidráulico superior presente nas catedrais Portuguesas de Lisboa e Guarda, bem como o restauro levado a cabo na Iglesia e Santa Maria del Mar em Barcelona durante o século XXI.

Resumo biográfico | Short biography

Ana Patrícia Rodrigues Alho — FLUL | Instituto de História da Arte

Licenciou-se em História pela Universidade Lusíada em 2004 e obteve o grau de mestre em Arte, Património e Restauro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no ano de 2008, com dissertação *As Gárgulas no Mosteiro de Santa Maria da Vitória. Função e Forma*. No ano de 2009 obteve uma bolsa de Doutoramento atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Obteve duas bolsas de investigação atribuídas pela Fundação para a Ciência e Tecnologia nos seguintes projectos: Projecto de Investigação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico de *Azulejaria Medieval em Portugal - um estudo de proveniência* (PTDC/CPC-EAT/4719/2012); Projecto de Investigação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico de *História da Ciência e Tecnologia: Das Comissões Geológicas aos Serviços Geológicos (1848-1970): História e Herança Científica*. Autora da obra *As Gárgulas no Mosteiro de Santa Maria da Vitória. Função e Forma*, publicada pela Câmara Municipal da Batalha em agosto de 2010. Participou em vários Congressos, Seminários e Encontros, durante os anos de 2010 a 2015, tanto em Portugal como em Espanha, nos quais publicou vários artigos. Participa como investigadora colaboradora no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da universidade de Lisboa. Em 2012 faz parte do grupo de investigação do Projecto *Magister - Arquitectura Tardo-gótica em Portugal: Protagonistas, modelos e intercâmbios artísticos (Séc. XV-XVI)*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e coordenado pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da universidade de Lisboa, em 2013 participa no grupo de investigação do projecto *Da cidade sacra à cidade laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e coordenado pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências, Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Ana Paula Rodrigues FIGUEIREDO |

Cibelly Alessandra Rodrigues FIGUEIREDO | Cybelle Salvador MIRANDA

Hospital D. Luiz I da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará como suporte identitário da comunidade de imigrantes lusos no norte do Brasil

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Os imigrantes portugueses buscaram pela afirmação de sua identidade lusa em solo brasileiro sem perder os laços afetivos que os atrelavam ao torrão natal. Fundaram instituições, como as Sociedades Beneficentes Portuguesas, adquirindo uma aura de pertencimento e de evidência social em terras ultramarinas.

Quanto aos aspectos que proporcionaram um suporte para que as Sociedades Beneficentes se firmassem no Brasil, exaltando sua importância e da colônia portuguesa dentro do meio social, é necessária uma compreensão da ação de construção dos edifícios-sede dos hospitais no exercício caritativo destas instituições como um meio simbólico de firmar uma imagem positiva da presença lusa na região que os recebera.

Conforme Chaves (2008), as fachadas dos hospitais da Beneficência eram ornadas com signos exaltadores da nacionalidade portuguesa, a evidenciar a presença lusa em territórios antes pertencentes ao Império ultramarino. Desta forma, a utilização do espaço pela arquitetura do Hospital D. Luiz I, em Belém do Pará, constituiu a relação entre o indivíduo e o seu habitat, estabelecendo conexões da comunidade lusa no norte brasileiro, não somente no sentido prático como também simbólico.

O conceito de espaço assumiu uma dimensão existencial, atribuindo a noção de caráter na arquitetura por meio da busca do reconhecimento da essência e significado inerente ao passado. O crítico norueguês Norberg-Schulz (2004, p. 449) reconheceu a relação entre a arquitetura e o habitar quando o ambiente, como espaço existencial, proporcionou seu significado conectado pela criação de lugares, originando o conceito de *genius loci*, referindo-se à essência do lugar.

O edifício-sede do Hospital D. Luiz I é apresentado não como mero território de reativação de reminiscências perdidas ou de nostalgia de algo que já ocorreu no passado, e sim como um bem material e imaterial a ser preservado sob o olhar que interliga História e Arquitetura, alicerçadas na memória e práticas identitárias que emanaram dos grupos sociais envolvidos.

Resumos biográficos | Short biographies

Ana Paula Rodrigues Figueiredo — Faculdade Ideal – Faci Drevy

Estudante de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Ideal - Faci Drevy.

Cibely Alessandra Rodrigues Figueiredo — UFPA | LAMEMO

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Especialista em Preservação e Restauração do Patrimônio Arquitetônico pela UFPA, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU da UFPA, Tese “Hospital D. Luiz I da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará como Documento/Monumento”. Pesquisadora do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO), UFPA, integra a investigação “Clasicismo nos Hospitais da Misericórdia e da Beneficência na 2ª Metade do Século XIX: Trânsito entre Brasil e Portugal”. Participa das pesquisas: “Cidade, Aldeia e Patrimônio” e “Saúde e Cidade: arquitetura, urbanismo e patrimônio cultural”.

Cybelle Salvador Miranda — UFPA | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | UL | CLEPUL

Arquiteta e Urbanista pela UFPA e Doutora em Antropologia pela UFPA, professora na FAU e no Programa de Pós-graduação da FAU UFPA, onde coordena o LAMEMO. Investigadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e europeias (CLEPUL/Universidade de Lisboa). Integra pesquisas CNPq “Representações, imaginário e tecnologia”; “Saúde e Cidade: arquitetura, urbanismo e patrimônio cultural”. Recebeu bolsas da CAPES na Pós-graduação e do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Lidera pesquisas com apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do CNPq.

Ana PÉREZ VARELA

La cripta de la catedral de Santiago de Compostela y la urna de los restos del Apóstol: el núcleo sagrado de la basílica jacobea

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

La noche del 28 de enero de 1879 se hallan bajo el Altar Mayor de la Catedral de Santiago de Compostela los restos del Apóstol y los de sus dos discípulos, Atanasio y Teodoro. Resulta así con éxito la excavación organizada por el fabriquero de la Catedral, historiador y arqueólogo Antonio López Ferreiro. El célebre canónigo había determinado el lugar en el que podían estar los huesos jacobeos, escondidos y perdidos desde el siglo XVI por el obispo Sanclemente, ante el miedo de saqueo por parte del pirata Francis Drake.

Una vez hallada la primitiva cripta, que se supone el lugar original de enterramiento de Santiago, comienzan los trabajos de restauración de la misma, haciendo hincapié en el carácter historicista acorde con la estética romántica del momento. De este modo se plantea un proyecto de remodelación del que es el epicentro sagrado de la basílica, y el segundo punto de peregrinación más importante de Occidente tras San Pedro del Vaticano. El núcleo de la fábrica queda constituido de esta forma, por un espacio sagrado en el que se mezclan el arte, la historia, la religión, la sociedad, las peregrinaciones y la reactivación de una ciudad como Santiago de Compostela, que tiene en la Catedral su sentido, motor, y razón de ser. El presente artículo pretende abordar esta cuestión desde los diferentes puntos de vista que en ella interfieren: la expedición, el proyecto de López Ferreiro, la urna de plata que guarda los restos del Apóstol con su iconografía y significado, y la importancia que este hallazgo y el desarrollo de este proyecto tienen en Compostela desde finales del siglo XIX.

Resumo biográfico | Short biography

Ana Pérez Varela — Universidade de Santiago de Compostela

Contratos:

Desde el 18 de septiembre de 2015: Contrato predoctoral del Plan de Formación del Profesorado Universitario (FPU) del Ministerio de Educación y Ciencia (Resolución: BOE 28 de agosto de 2015)

Desde el 28 de abril de 2015: Contrato predoctoral del Plan Galego de Investigación, Innovación e Crecemento 2011-2015 (Plan I2C) de la Xunta de Galicia (Resolución: DOG 14 de abril de 2015)

Títulos:

En curso desde 2014: Doctorado en Historia, Geografía e Historia del Arte con el proyecto de tesis *La platería en Santiago de Compostela en el siglo XIX*.

2015: Licenciatura con Grado en Historia del Arte con la tesis de licenciatura "*Vida y obra del platero compostelano Ricardo Martínez Costoya*", dirigida por D. José Manuel López Vázquez y D. José Manuel Cruz Valdovinos (Universidade de Santiago de Compostela, Sobresaliente)

2014: Máster en Estudios Avanzados en Historia del Arte Español (Universidad Complutense de Madrid, 9,65)

2013: Licenciatura en Historia del Arte (Universidad de Santiago de Compostela, 9,30)

Ana Rita Albuquerque OLIVEIRA

Património mundial e práticas participativas: os estudos de casos do Porto e Bordéus

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A valorização do património constitui uma parte importante nas estratégias das políticas das cidades e é um dos motores principais do projeto territorial. As várias dimensões que se entrecruzam à volta da noção de património fazem dele uma problemática fundamental da sociedade contemporânea e da nossa pesquisa. O património permite repensar a coexistência de uma pluralidade cultural, mas ao mesmo tempo permite a afirmação das especificidades locais: pluralidade/individualidade e global/local. O objetivo desta apresentação é evidenciar as sinergias existentes entre a comunidade local e os territórios patrimoniais a fim de promover o seu envolvimento e estudar os mecanismos de produção e apropriação do património pelos diversos atores envolvidos neste processo. A finalidade é compreender as relações entre património, cidadania e práticas participativas. Pretendemos realçar de um lado a capacidade dos atores públicos a envolver as comunidades locais na gestão de sítios de Património Mundial e, por outro, evidenciar o papel do património como estratégia de mobilização das populações locais. O reconhecimento da diversidade dos atores responsáveis pelo processo de decisão e gestão de um sítio Património Mundial constitui um pré-requisito fundamental para a consolidação de uma democracia cultural. Efetuaremos uma análise comparativa dos estudos de caso do Porto e Bordéus, duas cidades portuárias geminadas que apresentam um percurso relativamente parecido. Inscritas na Lista de Património Mundial da Unesco, são duas cidades históricas, em desenvolvimento, marcadas pela importância do vinho.

Qual é o impacto da classificação Património Mundial da UNESCO para os territórios urbanos e as populações locais? Em que medida as comunidades locais podem influenciar as decisões relativas à valorização do património nas cidades históricas? Quais são os tipos de ações coletivas e de mobilização das comunidades locais que existem em termos de valorização patrimonial? Qual é o papel da sociedade civil na construção de novos domínios do património?

Resumo biográfico | Short biography

Ana Rita Albuquerque Oliveira — FLUP | CITCEM | Universidade de Montpellier III Paul-Valéry | École doctorale Territoires, Temps, Sociétés et Développement

Síntese biográfica e curricular: Licenciada em História variante de História da Arte pela

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, efetuou o mestrado em Estudos Internacionais, especialização em Estudos da América Latina, pelo Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, Sorbonne Nouvelle em Paris. Desde setembro de 2015 é doutoranda em regime de cotutela internacional em História da Arte Portuguesa (FLUP) e Geografia e Desenvolvimento urbano (Universidade de Montpellier), com o título provisório da tese: *O envolvimento das comunidades locais na valorização do património: as diferentes experiências na gestão de sítios do Património Mundial - os estudos de casos do sul da França e do norte de Portugal*. Desde 2004 desenvolve estratégias e pesquisa financiamentos no âmbito dos programas europeus e internacionais nas áreas do Património, Social e Ambiental em França e em Itália. Experiência relevante na área de monitorização e avaliação de projetos de voluntariado em sítios de Património Mundial.

Ana Rita Marques Marinho HIERRO LOPES

Tendências de classificação do património classificado: 2000 a 2014

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

“Tendências de classificação do património edificado” é o resultado da análise de 226 processos de classificação do ano de 2000 a 2014 realizados na região Norte, especificamente na área de atuação da Direção Regional de Cultura do Norte. Partindo do estudo feito pelo Dr. Miguel Rodrigues, *A proteção do património Arquitetónico e Arqueológico: evolução Administrativa e Concetual*, atualizamos a informação através dos dados recolhidos, procurando demonstrar se houve uma evolução nos critérios de avaliação aplicados, mais concretamente ao nível das tipologias dos imóveis, nos seus graus de classificação e das suas cronologias. Com o auxílio de gráficos e tabelas, pretendemos que este tipo de investigação se torne num instrumento para a gestão do património e queremos ainda salientar a importância da classificação como o 1º passo na proteção e salvaguarda do património cultural, passo este que demonstra o aumento do conhecimento das sociedades e do sentimento de perda causado pela volátil vida contemporânea.

Resumo biográfico | Short biography

Ana Rita Marques Marinho Hierro Lopes — DRCN

Nascida no Porto em 1991, está ligada às artes desde cedo. Começa o seu percurso de

ensino superior em 2010, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto na Licenciatura em História da Arte. 5 anos depois termina o Mestrado em História da Arte Portuguesa, com o projeto de mestrado sobre classificação e comunicação no património.

Ana Rute Lourenço MORAIS | Carla Andreia Galvão de CARVALHO

Porto (in)visível: redescobrir os antigos mananciais

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O presente artigo aborda a temática das infraestruturas de abastecimento de água, estabelecendo a simbiose entre estas e a evolução e desenvolvimento das cidades. Analisa e compara as soluções aplicadas ao longo dos tempos, desde as primeiras civilizações até ao caso específico da cidade do Porto, estabelecendo a relação entre a água e a arquitetura, nomeadamente no campo do urbanismo. A água é um recurso natural gratuito, e uma das necessidades básicas do ser humano, imprescindível à sua sobrevivência. A arquitetura, por sua vez, procura satisfazer as necessidades do Homem, graças à conceção de espaços segundo uma estética, a par das infraestruturas que permitam ao Homem obter e usufruir dos recursos que lhe são essenciais. Tem o presente trabalho como objetivo dar a conhecer a forma como foi efetuado o abastecimento de água na cidade do Porto, com o propósito de sublinhar a importância do património reminescente das soluções adotadas. Pretende, sobretudo, refletir na preservação e conservação do mesmo e das suas características físicas, por forma a permitir a sua redescoberta pela população. Tem como finalidade alertar, para a necessidade de valorização deste tipo de património, que constitui uma herança genética que importa reconhecer, procurando ultrapassar a atual passividade. Por essa razão, será incontornável a referência ao Manancial de Paranhos, por ser, de entre as ancestrais redes de abastecimento do Porto, a mais extensa e com água de maior caudal e qualidade, do qual ainda persistem vestígios nos nossos dias. O Manancial de Paranhos não foi a única galeria subterrânea de abastecimento de água existente na cidade, mas é, de todas, a que consideramos mais representativa. Procura, por fim, demonstrar a possibilidade de compatibilização entre esse património desconhecido, esquecido e maioritariamente subterrâneo, e as infraestruturas, também elas subterrâneas, de apoio, com os *layers* percorriáveis da cidade atual.

Resumos biográficos | Short biographies

Ana Rute Lourenço Morais — Universidade Lusíada Norte Porto | Faculdade de Arquitectura e Artes

Nasceu na cidade do Porto a 22 de maio de 1986. Frequentou a Escola Secundária Carolina Michaëlis, no Porto, onde concluiu o ensino secundário no Agrupamento 2 – Artes, entre os anos de 2001 e 2005. Ingressou no curso de Arquitectura da Universidade Lusíada do Porto, no ano letivo de 2005-2006. Apaixonada por Arquitectura e História da Arte, mas também pela aventura e descoberta, desde sempre cultivou interesse pela história da cidade onde nasceu. Por isso mesmo, apresentou à mesma Universidade a sua dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura no ano de 2014, subordinada ao tema *Infraestruturas de Abastecimento de Água: Subterrâneos do Porto – Centro Interpretativo do Manancial de Paranhos*, tendo obtido a classificação de 18 valores. Realizou estágio de admissão à Ordem dos Arquitetos entre janeiro e outubro de 2015. É membro efetivo da Ordem dos Arquitetos desde novembro do presente ano.

Carla Andreia Galvão de Carvalho — Universidade Lusíada Norte Porto | Faculdade de Arquitectura e Artes

Nasce no Porto a 4 de julho de 1975. Licenciou-se em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada do Porto em 1998. Desde 1998 que é docente do ensino superior, dos cursos de Arquitectura e Design, na Universidade Lusíada do Porto, tendo lecionado as cadeiras de: Arquitectura 1 e 2, Projecto 1, Introdução ao Desenho e Desenho 1 e 2, Design 4, Design 2, Antropologia do Espaço 1, Ergonomia e Ergonomia Aplicada, Cor Ergonómica, Tecnologias Digitais 2d, Edificações, Sistemas Construtivos. Artigo publicado na revista “Linha de Terra”, publicada pela FAAULP, em 2003, subordinado ao tema “Desenho e Projecto”. Trabalhos publicados em “Trabalhos de Projecto 95/96, departamento de Arquitectura, U.L., Porto”; revista “Casas de Portugal” n°87 de fevereiro/março de 2009; revista “Arquitectura e Construção” n°545 de abril/Maio de 2009; revista “Bombart” n° 3 de maio/junho de 2009. Doutorada em Arquitectura pela FAAULL.

Os pintores e a pintura ilusionista na transição do século XVIII e XIX na região do Campo das Vertentes

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Localizada no sul do estado de Minas Gerais, Brasil, a região do Campo das Vertentes apresenta um acervo precioso de pinturas ilusionistas de refinado gosto rococó, realizadas na transição do século XVIII e XIX no interior de suas igrejas. Embora existam alguns estudos relativos às obras e aos pintores da época, um campo ainda desconhecido precisa ser revelado, reconhecendo todo o potencial da produção artística realizada neste período. Através da investigação de documentos no arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) da cidade de São João del-Rei, de entrevistas com pesquisadores, da análise formal e estilística das pinturas e de estudos comparativos, foi possível aprofundar o conhecimento sobre a vida e obra dos pintores que atuaram na região neste período, sendo eles: Manoel Vitor de Jesus, Joaquim José da Natividade, Venâncio José do Espírito Santo e Manoel Venâncio do Espírito Santo e, por fim, nos posicionarmos frente à atribuição da belíssima pintura do forro da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, de São João del-Rei.

Os documentos revelaram os herdeiros do capitão Venâncio José do Espírito Santo e confirmaram a existência do seu ateliê e da sua atuação profissional como pintor, dourador e policromador de imagens. Nas entrevistas nos foi apresentada a pintura de um ex-voto realizada por Venâncio, localizada na Igreja do Carmo de São João del-Rei.

A análise formal e estilística e os estudos comparativos colocaram em evidência semelhanças entre elementos das pinturas do forro da Matriz do Pilar e da pintura do ex-voto. O desenho das vestes, os estilemas característicos na representação dos corpos, o desenho dos olhos em meia-lua, compõem uma lista de detalhes que aproximam as duas obras e que podem contribuir com a atribuição da pintura do forro ao capitão Venâncio José do Espírito Santo.

Resumos biográficos | Short biographies

André Guilherme Dornelles Dangelo — Universidade Federal de Minas Gerais | Escola de Arquitetura

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Ge-

rais (1994), especialização em Arte e Cultura Barroca pela Universidade Federal de Ouro Preto e em Patrimônio Construído pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, mestrado em Ciências da Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e doutorado em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Atualmente é professor Associado da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Arquitetura Brasileira.

Rita de Cássia Cavalcante — Universidade Federal de Minas Gerais | Escola de Belas Artes

Possui graduação em Química pela Faculdade São Bernardo (2005) e especialização em Engenharia Cosmética pelo Instituto Racine (2011). Atualmente é aluna do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Minas Gerais.

André Luís Cordeiro da COSTA

O papel dos edifícios icônicos na conformação da cidade contemporânea

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

Ao longo do curso da história, é possível identificar através da *materialização de símbolos*¹, diferentes períodos ou fases; símbolos que, por sua vez, são reflexo de determinada intenção, como a solução para uma necessidade ou a simples exploração de novas possibilidades. No âmbito da arquitetura, esses símbolos são primordialmente as edificações – expressões de uma sociedade num determinado momento – que delimitam e conformam as *vias* e os *espaços públicos* – parques, praças, jardins, entre outros – transformando-os em *lugares*². Discute-se, portanto, o papel dos edifícios que, por serem eloquentes, adquirem o estatuto de *obras icônicas*³; verdadeiros *artefactos*⁴, elementos que devido à insistência no lugar⁵, tornam-se catalizadores e transformadores das vias urbanas e, conseqüentemente, da *paisagem urbana*⁶ na cidade contemporânea.

¹ Considera-se como materialização de símbolos os bens culturais compostos por objetos, artefactos e construções, obtidos através do conhecimento, tecnologia e experiência de uma determinada população.

² O espaço transforma-se em *lugar* a partir do momento em que adquire uma carga emocional e um significado para o utente que, por sua vez, apercebe-o através dos sentidos, conhecimentos e sensações.

³ Considera-se como *obras icónicas* aquelas que produzem um *ícone*. Ou seja, não se resumem a delimitar a cidade através dos seus aspectos formais, como também interagem com o utente através da evocação de sentimentos que variam ao longo do tempo; isto é, seus efeitos possuem duração determinada de acordo com o contexto em que estão inseridas, pois que a cidade abriga, ao longo do tempo, distintas realidades sociais.

⁴ Como Alberto Campo Baeza defende, a junção entre as palavras arte e facto, razão. Uma vez que é a racionalidade do homem que atribui valor, significado ao objeto artístico. Ver: ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 5ªed., 2005, p.228.

⁵ ROSSI, Aldo. *Arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.114-117.

⁶ A paisagem urbana é entendida aqui como um conjunto coerente de elementos que organizam, visualmente, os diferentes tipos de espaços que constituem o ambiente urbano. Ver: CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1971.

Resumo biográfico | Short biography

André Luís Cordeiro da Costa — FAUP

Arquiteto e urbanista, graduado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em *Arquitetura: projecto, teoria e história* pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), onde é doutorando com o tema *Arquitetura Brasileira entre 1960-1980: a transformação da paisagem urbana central curitibana por arquitetos paranaenses*. Trabalhou como arquiteto na Secretaria do Meio Ambiente de Curitiba e na Companhia de Habitação Popular de Curitiba. Atualmente é Professor Substituto na Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

Andrea MARIANI

Elementi difensivi lungo il confine nord della diocesi di Porto fra IX e XII secolo: primi risultati

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Questo intervento ha lo scopo di mostrare i primi risultati relativi alla redazione di un elenco degli elementi difensivi lungo il confine Nord della Diocesi di Porto fra IX e XII secolo.

Questo, nel suo tratto più occidentale, coincide con il fiume Ave, divisore naturale dalla Diocesi di Braga; nella parte nord-est segue invece un tracciato ricostruibile attraverso l'analisi dei documenti. L'approccio interdisciplinare utilizzato prevede di confrontare le fonti scritte fra loro e, dove possibile, con quelle materiali. Questo lavoro costituirà una parte di una più ampia ricerca che vede come obiettivo la comparazione degli elementi difensivi della Diocesi di Porto e della microregione della Brianza (Nord della Lombardia, Italia).

Resumo biográfico | Short biography

Andrea Mariani — FCT | FLUP | CITCEM | Capiate-Radici nel Futuro Onlus | Gruppo di Ricerche Arqueo-storiche del Lambro

Borsista per la Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Dottorando in Storia presso l'Università di Porto - Portogallo. Investigatore CETCEM. Laurea Magistrale in Storia Medievale presso l'Università degli Studi di Milano, Italia. Membro del Gruppo di ricerche Arqueo-storiche del Lambro di Biassono (MB) - Italia. Volontario presso il Museo Verri di Biassono (MB) - Italia. Fondatore e segretario dell'APS Popolo di Brig di Vimercate MB) - Italia. Co-responsabile del progetto di archeologia musicale *Bardomagus*. Consulente storico-archeologico per l'associazione di promozione e conservazione del patrimonio culturale Emcadeamentos di Espinho - Portogallo. Ricercatore esterno per l'Associazione Capiate-Radici nel futuro ONLUS di Milano - Italia.

Publicazioni e conferenze nazionali e internazionali relative a: fortificazioni medievali in Brianza, proprietà monastiche, area della Brianza dal V al XIV secolo, archeologia sperimentale, archeologia musicale, Isola Comacina, Corte di Capiate, Celti della seconda età del ferro.

Andrea MARIANI | Marco BRIVIO

La viabilità antica nella zona dei laghi lombardi

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

The present study offers an overlook to ancient roads between Milan and Lombard lakes (North Italy). We examined their evolution, along the period from Pre-roman to Early Middle Ages, with the aim first to identify both the criteria adopted for tracing ancient path and

the main traffic directions, then to highlight their changes, or their durability. We chose a multidisciplinary method envisioning the study of different types of sources: documentary (the ancient *Itineraria*), archeological, historical and the geographical features of the area, incorporating military and commercial perspectives where possible. Such procedure allowed us to point out, in the foothill, two well-defined strategically significant areas, which have not yet been sufficiently highlighted.

Resumos biográficos | Short biographies

Andrea Mariani — FCT | FLUP | CITCEM | Capiate-Radici nel Futuro Onlus | Gruppo di Ricerche Arqueo-storiche del Lambro

Borsista per la Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Dottorando in Storia presso l'Università di Porto - Portogallo. Investigatore CITCEM. Laurea Magistrale in Storia Medievale presso l'Università degli Studi di Milano, Italia. Membro del Gruppo di ricerche Arqueo-storiche del Lambro di Biassono (MB) - Italia. Volontario presso il Museo Verri di Biassono (MB) - Italia. Fondatore e segretario dell'APS Popolo di Brig di Vimercate MB) - Italia. Co-responsabile del progetto di archeologia musicale *Bardomagus*. Consulente storico-archeologico per l'associazione di promozione e conservazione del patrimonio culturale Emcadeamentos di Espinho - Portogallo. Ricercatore esterno per l'Associazione Capiate-Radici nel futuro ONLUS di Milano - Italia. Pubblicazioni e conferenze nazionali e internazionali relative a: fortificazioni medievali in Brianza, proprietà monastiche, area della Brianza dal V al XIV secolo, archeologia sperimentale, arqueologia musicale, Isola Comacina, Corte di Capiate, Celti della seconda età del ferro.

Marco Brivio — Capiate-Radici nel Futuro Onlus

Laurea Magistrale in Giurisprudenza presso l'Università degli Studi di Milano - Bicocca, Italia. Segretario dell'Associazione Capiate - Radici nel Futuro ONLUS di Milano - Italia. Ricercatore per la società Incipit S.S. di Prato - Italia. Ricercatore esterno per l'associazione A tutela di Palazzo Prinetti di Merate (LC) - Italia. Collaboratore dell'Annuario della Nobiltà Italiana di Teglio (SO) - Italia. Conferenze nazionali relative a: storia di famiglia, ceto dirigente lombardo dal X al XIX secolo.

Andreia Catarina Magalhães AREZES

Concepções mentais e práticas funerárias dos séculos V a VIII: entre a perpetuação de arquétipos e a abertura a novos influxos

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

Nos domínios dos chamados “Mundos de Transição”, o período que se estende entre o século V e os alvares do VIII surge como um campo privilegiado de análise. Com efeito, por um lado assume-se como terreno fértil para discernir a manutenção de um conjunto de práticas bem enraizadas, que entroncam fundo no tempo e constituem reflexo de um conjunto de pressupostos mentais assentes em concepções ditas “pagãs”. Por outro, nesta fase, a Península Ibérica é palco da contínua introdução e sedimentação de concepções inerentes à mundividência cristã, assim como, em paralelo, também de objectos característicos da indumentária e atavio do corpo próprios dos grupos forâneos, minoritários, os quais se vão acrescentando ao substrato romanizado. E se, numa primeira fase, os conjuntos artefactuais correlacionados auferem de alguma visibilidade no registo arqueológico, em cronologia mais avançada acabam por perder os traços diferenciadores. É, pois, através da análise das materialidades e dos espaços funerários onde estas se inserem que procuramos discernir o equilíbrio inerente a esta dinâmica: perscrutando, por um lado, os elementos de continuidade e, por outro, os que denunciam a incorporação de “novidades”, entretanto transformadas e adaptadas às especificidades dos contextos.

Resumo biográfico | Short biography

Andreia Catarina Magalhães Arezes — FLUP | DCTP | CITCEM

Em 2002 licenciou-se em História variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi na mesma instituição que, na sequência de vários anos dedicados a colaborar ou dirigir trabalhos de campo para diversas empresas do ramo, realizou o Mestrado em Arqueologia. Concluído em março de 2010, resultou na elaboração de uma dissertação intitulada *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (séculos V a VIII)*, obra que viria a ser contemplada com o 2.º prémio de História Medieval de Galiza e Portugal 2010 e publicada na Serie Trivium da Editorial Toxosoutos (Noia, A Coruña). Nesse mesmo ano obteve uma bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, que lhe permitiu iniciar a preparação de uma dissertação em Arqueologia. Esta, designada *Ocupação Germânica na Alta Idade Média em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII* foi, à semelhança da de Mestrado, desenvolvida na Faculdade de

Letras e orientada pelo Professor Doutor Mário Jorge Barroca. Autora de artigos publicados em Actas de Congressos em que participou e em revistas científicas nacionais e internacionais com arbitragem científica, integrou recentemente o CITCEM -Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (unidade de I&D 04059 - FCT).

Andrés MENÉNDEZ BLANCO | David GONZÁLEZ ÁLVAREZ |
José Manuel COSTA-GARCÍA | João FONTE | Manuel GAGO MARIÑO |
Valentín ÁLVAREZ MARTÍNEZ

Tras las huellas del ejército romano: una propuesta metodológica para la detección de asentamientos militares romanos en el noroeste peninsular

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

En este trabajo presentamos y abrimos a debate una propuesta metodológica para la detección y estudio de restos estructurales relacionados con la presencia militar romana en el noroeste ibérico. Tras varias experiencias investigadoras en diferentes este territorio hemos valorado las potencialidades y limitaciones de diversas técnicas en un amplio rango de terrenos, testándose de manera eficiente su utilidad para la prospección arqueológica. La metodología propuesta se basa en el uso combinado de varias herramientas de bajo coste y fácil acceso para cualquier investigador, desde el análisis de la fotografía aérea histórica y actual y la cartografía, la observación de la toponimia y folklore tradicional hasta el trabajo de prospección en campo. A todo ello se une la reciente disponibilidad de datos LiDAR aéreo para la mayor parte del territorio español, lo que abre la puerta a la localización de yacimientos hasta ahora imperceptibles mediante el empleo de otros medios de prospección telemática. Por otra parte, exponemos también una serie de propuestas de divulgación del patrimonio arqueológico asociado a la presencia del ejército romano y a los procesos históricos ligados al mismo, aspecto que consideramos debe ir de la mano de la propia investigación.

Resumos biográficos | Short biographies

Andrés Menéndez Blanco — Universidad de Oviedo

Licenciado en Historia por la Universidad de Oviedo en 2009 y completó los cursos del máster de la misma universidad “La ciudad medieval” en 2010. Fue becario predoctoral FICYT los años 2010-2012 e investigador contratado entre 2012 y 2014. Realizó estancias de investigación en la universidad de Padua y el UCL de Londres. Actualmente está finalizando su tesis doctoral centrada en la evolución del poblamiento entre los ss. I d.C. y XIII d.C en el occidente de Asturias. Tiene cerca de una veintena de artículos escritos sobre la conquista romana del noroeste ibérico, arqueología de los paisajes rurales postclásicos o la integración de la tradición oral y la toponimia en la investigación arqueológica.

David González Álvarez — Universidad Complutense de Madrid

Licenciado en Historia por la Universidad de Oviedo (2007). Realizó estudios de postgrado en la UCM, donde obtuvo el Diploma de Estudios Avanzados (2009) e inició su investigación doctoral gracias a una beca/contrato FPU (2009-2013). Durante este período amplió su formación mediante estancias breves en las universidades de Durham, Cardiff y Stanford. Actualmente, es profesor colaborador del Departamento de Prehistoria de la UCM y se encuentra a punto de defender su tesis doctoral sobre los paisajes culturales y la antropización de la mitad occidental de la Cordillera Cantábrica durante la Prehistoria reciente (enero de 2016). Ha publicado varias docenas de artículos en revistas nacionales e internacionales sobre aspectos como la antropización de las zonas altimontanas del área cantábrica, los paisajes culturales en la Prehistoria reciente, la conquista romana del Occidente Cantábrico, la economía política del sector académico-profesional de la Arqueología o las formas de socialización y patrimonialización del pasado. En la actualidad centra su atención en la genealogía de los paisajes culturales de las montañas occidentales cantábricas así como en los procesos de patrimonialización del medio rural asturiano.

José Manuel Costa-García — Investigador independiente

Doctor en Arqueología por la Universidade de Santiago de Compostela (2013) merced a la presentación de la tesis titulada “Arqueología de los asentamientos militares romanos en la Hispania altoimperial (27 a. C.- 280 d. C.)”. Licenciado en Historia con especialidad en arqueología e historia antigua en el mismo centro, obteniendo el premio extraordinario. Especialista en arqueología militar romana, con diversas publicaciones nacionales e internacionales en este ámbito aunando las distintas aproximaciones y metodología específicas de la arqueología, la historia, la epigrafía o las nuevas tecnologías. Premio de investigación Xesús Ferro Couselo en 2009. Miembro del equipo técnico de los proyectos de investigación del fuerte romano de A Cidadela (Sobrado dos Monxes, A Coruña) (2007-2010). Asimismo goza de una amplia experiencia arqueológica por su participación

en la investigación y excavación de diversos yacimientos de Galicia y España, desde la protohistoria hasta la época medieval.

João Fonte — Instituto de Ciencias del Patrimonio (Incipit), Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)

Licenciado em História, variante Arqueologia pela Universidade do Minho, mestre em Sistemas de Informação Geográfica pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, possui também o Diploma de Estudos Avançados em Arqueologia pela Universidade de Santiago de Compostela com reconhecimento ao grau de mestre pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Actualmente está a terminar a sua tese de doutoramento na Universidade de Santiago de Compostela, tendo sido bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Áreas de especialização: Arqueologia da Paisagem, tecnologias geoespaciais e Proto-história e Romanização do Noroeste Peninsular.

Manuel Gago Mariño — Universidad de Santiago de Compostela

Es Profesor Asociado en la facultad de Ciencias da Comunicación de la Universidade de Santiago de Compostela y posee un doctorado en Arquitectura de la Información y Nuevos Medios Digitales. Asimismo es manager de proyectos digitales y director de las plataformas web del Consello da Cultura Galega (institución pública centrada en la promoción de la lengua, el patrimonio y la cultura gallegos). Gago promueve proyectos interdisciplinares en el ámbito del patrimonio cultural, particularmente centrados en la arqueología pública y mediante la colaboración de distintos profesionales, entre los que se encuentran arqueólogos, periodistas, ingenieros de software y otros.

Valentín Álvarez Martínez

Licenciado en Historia por la Universidad de Oviedo en el año 2005 y obtuvo el Diploma de Estudios Avanzados en 2009. Entre 2008 y 2012 fue investigador predoctoral (FICYT) en el departamento de Historia de la UO. Durante su trayectoria formativa e investigadora fue becario del Plan Nacional de Investigación y ha estado vinculado con La Misión Arqueológica Española de Amman (Jordania) e investigador contratado de la Facultad de Geología de la UO. Del mismo modo, ha trabajado en la Arqueología de gestión desde el año 2005. En la actualidad codirige junto a J.R. Muñiz Álvarez el equipo español del proyecto internacional *Archaeological research around the Qareisan Spring: Jebel al-Mutawwaq dolmen field (Jordania)*. De igual manera, es colaborador en dos proyectos científicos: *Proyecto Arqueológico Bañugues (Gozón, Asturias)* y *Proyecto Castillo de Gauzón (Castrillón, Asturias)*. Por otro lado, sus líneas de investigación en los últimos años se han diversificado centrándose en estudios de la llamada Arqueología del Conflicto.

*De ciuitas a espacio de frontera.
El amurallamiento de las ciudades en el
área noroccidental del conventus
Caesaraugustanus entre los siglos III-X d.C.
El ejemplo de El Pueyo (Los Bañales,
Uncastillo, Zgz.)*

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

El objetivo de la comunicación es analizar la evolución de los sistemas defensivos en la zona Noroccidental del *Conventus Caesaraugustanus*, entre los siglos III d.C. - X d.C.

Con la finalidad de acercarse a esta evolución, se toma como hilo conductor las excavaciones realizadas entre 2012 y 2014 en la colina de El Pueyo (Los Bañales, Uncastillo, Zgz), que han permitido descubrir diferentes sistemas defensivos y modificaciones datados en estas fechas.

Así, se conserva una muralla datada entre mediados del siglo III d.C. y primera mitad del siglo IV d.C. que refleja un fenómeno urbanístico común presente también en otras ciudades como Cara o Pompaelo.

Además, dentro de esta muralla se han podido identificar diversas intervenciones orientadas a su cambio funcional, evolucionando de una construcción de prestigio a una muralla defensiva plenamente operativa, quizá entre los siglos VI-VII d.C. El conocimiento de este aspecto evolutivo de la muralla de El Pueyo es, en nuestra opinión, de gran importancia, puesto que normalmente no es mucho lo que se sabe de la evolución de estas estructuras defensivas durante el bajo imperio y, creemos, bien podría estar marcando una transición general dentro de unas estructuras que, como consecuencia de su propia evolución diacrónica y mala conservación, normalmente no es fácil de apreciar.

Por último, la formación de la Marca Superior islámica entre los siglos IX-X d.C. repercutió en la creación de un gran torreón de vigilancia del territorio, coetáneo a otros como los de Malpica de Arba, Biota o Luesia, que permitieron establecer una línea de control de los incipientes reinos cristianos, y que certificaron la ruptura de este espacio en dos universos conceptuales distintos.

Resumos biográficos | Short biographies

Ángel Antonio Jordán Lorenzo — Archivo Epigráfico de Hispania

Arqueólogo. Doctor en Historia por la Universidad de Navarra. Miembro del equipo técnico del Archivo Epigráfico de Hispania y director de las excavaciones de El Pueyo (Los Bañales, Uncastillo, Zgz.) entre 2012 y 2014.

Iosu Barragán Cidriain — Tabula. Asociación para el Conocimiento de la Historia de las Cinco Villas

Licenciado en Historia por la Universidad de Navarra y alumno del Master de Arqueología de la Universidad de Granada.

Anna ANCANE

Transformations of Riga's fortification system in the 17th century as a local manifestation of well-ordered fortress

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

In the 2nd half of the 17th century the architecture of Riga experienced substantial transformations that had a great effect on the formation of Riga's individual architectural image. During the Swedish jurisdiction, Riga became one of the most important fortresses of the empire and this marked a borderline for the commencement of the modernization and radical transformations of Riga's fortifications throughout the century.

Two periods of rise are evident during the implementation of the amendments - in the 1650s and 1680s - 1690s. The first period synthesised Old Dutch system: Since 1632 works on Riga's fortifications were supervised by the military engineer Heinrich Thomé but in 1650 Franciscus Murrer and Johann van Rodenburgh worked out their modernisation projects of fortifications for Riga town and suburbs with bastions.

In the last quarter of the 17th century the synthesised Vauban's-Coehoorn's defence system was implemented in Riga by "the Swedish Vauban" - the General Governor of Livland Erik Dahlbergh; his projects of the front of bastions was a major invention, placing several defensive lines one behind the other. Baroque fortress, the functional product of military engineering, included also the required iconological program to glorify absolutism. The ideological accent was the fortification gate that compositionally envisaged praises of the monarch. The volume and location of fortifications was the dominant element of the landscape, impressive by their wholeness and monumentality.

An architectural landscape of baroque-time city starts, first and foremost, with the belt of fortifications that embraces an urban body. Thus, when taken the fortress building as a sample, it proves possible to recognize the international context of the phenomena, which, once introduced into the local milieu, creates the particular architectural landscape of the city and makes possible to talk about what we call the "spirit of place" – *genius loci*.

Resumo biográfico | Short biography

Anna Ancane — Institute of Art History of the Latvian Academy of Art

Senior Researcher at the Institute of Art History of the Latvian Academy of Art since 2008. Expert in the history of art at the Latvian Council of Science. Graduated Art History De-

partment of the Latvian Academy of Art (BA diss. “The History of the Subate Church”, 1994; MA diss. “Dutch Classicism in the Architecture of Latvia in the 2nd Half of the 17th Century”, 2006; PhD diss. “Architecture and Urban Planning of Riga in the 2nd Half of the 17th century”, 2010).

Main research interests include the 17th-18th century architecture, urban planning and art in Latvia and in the region around the Baltic Sea in cross-cultural context. Participated at scientific conferences in Latvia and abroad, author of numerous scientific articles. A dissertation-based book on architecture and urban planning of Riga in the 2nd half of the 17th century is going to be published in the beginning of the year 2016.

Antonieta Ferreira Reis Leite PORTO

Os caminhos na construção do território dos Açores

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

A descoberta das ilhas atlânticas próximas, da Madeira (c.1420) e em seguida dos Açores (c.1427), trouxe ao reino de Portugal um novo desafio, começar do zero num território longínquo e desconhecido. Foi efetivamente de construir um território novo que se tratou e a abertura de vias como elemento basilar da estratégia dos processos de colonização e domínio do território esteve presente desde o primeiro momento. Através do ordenamento do território, no conjunto da teoria urbanística, das práticas e dos agentes que o integram e interpretam, a abertura de vias afirma-se como uma ferramenta instrumental, essencial à concretização e materialização dessa estratégia.

Nesta apresentação pretende-se, através da análise histórico-morfológica de territórios fundação portuguesa quinhentista no espaço atlântico, focando em particular as ilhas dos Açores, investigar a transposição, ao mundo atlântico em construção, de regras de gestão territorial e modelos urbanísticos experimentadas na composição de Portugal medieval. Nomeadamente, pretende-se analisar como as vias, elementos estruturantes que marcam profundamente a morfologia e paisagem construída nas ilhas, contribuíram, se impuseram ou se conciliaram com a matriz territorial e agrícola, fortemente geometrizada, resultante do processo de distribuição/colonização da terra e da legislação quatrocentista de ordenamento de território que lhe estava associada. Mas a comunicação proposta pretende também discutir de que modo a inclusão destas infraestruturas veio contribuir, progressivamente e à medida que estas se desenharam, para a construção e para a trans-

formação do espaço urbano abrangendo por isso diferentes escalas de análise.

O estudo está suportado pela análise integrada de fontes documentais, textos de época, como o primeiro cronista das ilhas o padre Gaspar Frutuoso (séc. XVI) e pela reconstituição histórica da paisagem sobre cartografia atual.

Resumo biográfico | Short biography

Antonieta Ferreira Reis Leite Porto — Investigadora em Pós-doutoramento | Universidade de Coimbra | CES

Licenciada em Arquitetura pela Universidade de Coimbra em 2000.

Programa de Doutoramento (2002-2004) em História da Arte e Arquitetura na Iberoamérica e Diploma de Estudos Avançados pela Universidade Pablo de Olavide em Sevilla, 2005.

Doutoramento em Arquitetura pela Universidade de Coimbra (2012).

Investigadora em pós-doutoramento no CES-UC e no CHAM-UNL|UAÇ desde março de 2014 com projeto “10 vilas de fundação nos Açores (séc. XVI). Urbanística e ordenamento do território na colonização do atlântico”, projeto financiado com uma bolsa FCT.

Entre 2010-2014 lecionou nos Mestrados Integrados em Arquitetura da Universidade Vasco da Gama e da ARCA|EUAC.

Publicou recentemente: 1 livro [“Açores Cidade e Território. Quatro vilas estruturantes”, Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 2015] e 2 capítulos em livro, tem na calha um capítulo de livro sobre *Capitalidades no Mundo Atlântico* e um artigo sobre água e desenvolvimento urbano em Angra.

Marcas no território de uma gestão patrimonial devotada ao povo famalicense; o legado de Arthur Cupertino de Miranda e o significado da sua fundação

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, é uma instituição particular de utilidade pública, solidariedade social e sem quaisquer fins lucrativos. Foi iniciativa de Arthur Cupertino de Miranda (Louro, V.N. Famalicão, 1892 - Lisboa, 1988) que, juntamente com sua esposa, Elzira Celeste Maya de Sá Cupertino de Miranda, a instituiu por estatutos de 15 de agosto de 1963. O casal doou-lhe parte dos seus bens pessoais, onde se incluía um conjunto de obras de arte e de ações representativas de 5% do capital social do Banco Português do Atlântico, tendo em perspetiva uma instituição dinâmica, para fomento educativo e cultural, nas diferentes áreas de sua expressão, e de assistência a situações sociais de carência económica.

A ideia que esteve na génese da criação da Fundação e dos objetivos que persegue está resumida nas palavras do fundador: *Templo de Arte, de Cultura e de Bondade, seja, na minha terra Natal: Louvor ao Trabalho, Honra ao Saber, Hino ao Amor, Testemunho do devotamento a este Povo*. Para os concretizar foi dotada de uma biblioteca, auditório e um museu de arte, que integra a Rede Portuguesa de Museus desde 2003, possui um importante acervo, essencialmente do século XX e de artistas portugueses surrealistas, com destaque para os núcleos e coleções de Eurico Gonçalves, Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny, Fernando Lemos, Julio, entre outros.

Resumos biográficos | Short biographies

António Gonçalves — Fundação Cupertino de Miranda

António Gonçalves (1975), Vila Nova de Famalicão, de nacionalidade Portuguesa.

Frequentou a Escola Soares dos Reis, Porto.

Licenciatura de Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Frequentou a Faculdade de Belas Artes de Cuenca-Espanha, ao abrigo do Projecto Erasmus 1998/1999.

Frequência no Doutoramento em História de Arte, na Universidade de Les Illes Balears,

Palma Maiorca.

Artista Plástico.

Diretor da Galeria Municipal, Ala da Frente, Vila Nova de Famalicão, desde 2015

Diretor Artístico da Fundação Cupertino de Miranda Vila Nova de Famalicão, desde 2002.

Professor Auxiliar na Escola Superior Artística do Porto, extensão de Guimarães, de 2001 a 2014

Adjunto do Diretor Artístico da Fundação Cupertino de Miranda - Famalicão 2000/2002.

Mariana Jacob Teixeira — FLUP | DCTP | CITCEM | Fundação Cupertino de Miranda

Licenciada em Arqueologia, Mestre em Museologia e Doutoranda do 3.º Ciclo em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Entre 2000/07, colaborou em projetos de investigação de sítios arqueológicos. Entre 2006/11, integrou a equipa do Museu Militar do Porto. Entre 2011/13, coordenadora científica do projeto do Museu de Sapadores Bombeiros do Porto. Participou na investigação do projeto “Edifícios & Vestígios” no âmbito de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. Entre 2012/13, museóloga integrada na equipa do projeto de conceção, desenvolvimento e empreitada do Museu do FC Porto. Em 2014, comissária da exposição “Francisco Inácio da Cunha Guimarães: pioneiro da indústria têxtil” (Selho S. Jorge, Guimarães). Desde 2015, integra a equipa do Museu da Fundação Cupertino de Miranda em Vila Nova de Famalicão. Autora de artigos de investigação e divulgação no âmbito da museologia. Condecorada com a Medalha de D. Afonso Henriques / Mérito do Exército.

Paula Menino Homem — FLUP | DCTP | CITCEM

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), integrada no Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP). Diretora do curso de Mestrado em Museologia e Diretora do Laboratório de Conservação e Restauro. Docente na área das tecnologias de produção, mecanismos de alteração de materiais, métodos laboratoriais de investigação, riscos e vulnerabilidades e conservação preventiva em cursos de 1.º, 2.º e 3.º ciclo (Arqueologia, História e Património, Museologia), com orientação e co-orientação de estudantes. Investigadora no Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM). É membro da Direção da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM-PT), membro do Grupo de Trabalho da Conservação Preventiva e do Grupo de Trabalho dos Metais do Conselho Internacional de Museus – Comité para a Conservação (ICOM-CC).

Licenciada em História – Variante de Arqueologia, Bacharel em Conservação e Restauro de Bens Arqueológicos e Etnográficos, Mestre em Química Aplicada ao Património Cultural e Doutorada em Museologia, desenvolvendo a área da Conservação Preventiva. Os seus interesses de investigação enquadram os domínios da análise e gestão de riscos

para o Património Cultural, com especial interesse pelo contexto museológico, e a sua proteção integrada e sustentada. Desenvolve investigação sobre a interação sinérgica do ambiente com os materiais de suporte às coleções e metodologias de monitorização, avaliação e prevenção.

António José de OLIVEIRA

O Castelo de Guimarães nos séculos XVII e XVIII

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

No caso de empreitadas de pedraria, de carpintaria e de serralharia no castelo de Guimarães, que foi adaptado na Idade Moderna a cadeia, encontramos vários ajustes de obras. Tratam-se de modo geral, de obras a realizar na casa do carcereiro, casa do casteleiro, muros do castelo e cadeia, torre dos presos, porta da laje, palheiro, capela de São João e grade do castelo. Os artistas que ajustam estas obras no castelo são oriundos de Guimarães e de São Romão de Arões (atual concelho de Fafe). Muitos destes contratos possuem apontamento de obras que nos dão elementos descritivos sobre a execução dessas empreitadas de iniciativa camarária. Estas obras eram postas em pregão na praça da Oliveira pelo pregoeiro da vila.

Dois inventários dos bens móveis do castelo (1612-1820) dão-nos importantes informes para os estudos de História de Arte, quer para a reconstituição do espaço interno desta fortificação. Integramos igualmente os registos paroquiais da freguesia de São Miguel do Castelo, que nos permitem identificar o carcereiro e a sua mulher, e alguns dos presos e presas, bem como a sua proveniência geográfica. Igualmente ficámos a conhecer o número de nascimentos de filhos de mulheres encarceradas no castelo. Estas crianças eram batizadas na Igreja de São Miguel do Castelo. Nos livros paroquiais detetámos um elevado número de óbitos registado entre os reclusos do castelo. Em 1665, muitos destes reclusos pobres e os da cadeia da Correição eram sepultados “*no adro da terra solta que fica nas costas das capellas mor e colaterais*” da Colegiada.

No inventário dos bens móveis da Casa do Senado de 1735, encontram-se arrolados duas gramalheiras e várias algemas de ferro, com o intuito de transportar os presos à Relação do Porto. Como estrutura ligada aos presos e à administração da justiça, temos

a obra da força, que é arrematada em 1729, por João Teixeira, pedreiro.

Resumo biográfico | Short biography

António José de Oliveira — FUP | DCTP | CITCEM

Licenciado em Ciências Históricas, ramo científico, pela Universidade Portucalense; Mestre em História e Cultura Medievais, pela Universidade do Minho, com a dissertação intitulada: *A Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães (séculos XIV-XVI)*.

Doutorado em História de Arte Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a dissertação subordinada ao tema: “*Clientelas e artistas em Guimarães nos séculos XVII e XVIII*”.

Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

Vice-presidente da Muralha-Associação de Guimarães para a Defesa do Património.

Secretário da direção do Grupo de Amigos do Paço dos Duques e Castelo de Guimarães.

Membro do Conselho Científico do Museu de Agricultura de Fermentões.

Docente na Escola EB 2,3 de Briteiros (Guimarães).

António Manuel de Carvalho LIMA

Castelos, villae e territórios: a terra de Bayam no século XI

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

No curso terminal do Douro é desde há muito reconhecido que os meados do século XI constituem um evidente momento de charneira, quer ao nível da matriz de povoamento, quer da organização administrativa e defensiva do território e dos equilíbrios de poder entre diferentes facções da nobreza terratenente. Essas mudanças são reconhecíveis, quer nos poucos diplomas dessa época que sobreviveram até aos nossos dias, quer nos vestígios arqueológicos já identificados.

Com base no trabalho de prospecção arqueológica e análise cartográfica realizado na área da antiga *terra de Bayam*, propõe-se uma reinterpretação dos escassos quatro diplomas conhecidos para aquela região e para aquela época. Essa reinterpretação leva-nos a questionar o que até agora se afirmou sobre o processo de *incastelamento* da região, a

arquitectura e a implantação dos castelos da época, a sua relação com as *villae* e posteriores paróquias e, finalmente, o seu enquadramento nas diferentes formas de organização do território (*civitates*, *terrae* e posteriores julgados).

Resumo biográfico | Short biography

António Manuel de Carvalho Lima — DRCN | CITCEM

Licenciado em História, var. Arqueologia (1988) e Mestre em Arqueologia (1994) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com uma dissertação sobre *Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (Séculos IX – XII)*, orientada pelo Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida. Como investigador, pertence ao CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Univ. Porto) e ao IEM – Instituto de Estudos Medievais (Univ. Nova de Lisboa). Desde 1997 que exerce as funções de arqueólogo na Direção Regional de Cultura do Norte. Desde julho de 2014, é responsável por um Projecto de Investigação Arqueológica intitulado *Tongobriga / Santa Maria do Freixo*; e desde fevereiro de 2015, é Coordenador da Estação Arqueológica do Freixo. É autor de cerca de vinte artigos e livros, maioritariamente sobre castelos medievais e sua relação com o povoamento, território e rede viária.

António Manuel Pinto COXITO | João Gabriel Candeias Dias SOARES |
Luís Duarte FERRO

Caminho, corpus loci e matéria. Uma visão peripatética sobre a construção do mundo

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

O primeiro gesto para a organização e humanização do mundo pressupõe a acção físico-motora de transformar a matéria com as mãos. A noção de lugar consiste na dimensão cultural envolvente, bem como numa complexa construção que condensa/projecta acções sociais, políticas e económicas das pessoas que o habitam e das mãos que o conformam. O tijolo - unidade de terra compactada e cozida - atribui forma, medida, identidade e significado ao mundo antigo e contemporâneo, às suas construções. Oferece-se como matéria dos constructos, unidade-base de uma ideia de mundo: vernacular; ou sofisticado; ou vernacular contemporâneo – mas transmitindo sempre um sentido de

manualidade, e, portanto, também um sentido corpóreo.

O acto de caminhar, de mover-se no espaço, nos lugares, é a efectiva e forte origem da construção e construção da percepção do espaço. Esse acto inerentemente animal reconhece-se em todas as operações de espaço: na sua concepção, concretização, processamento, e está, por sua vez, intimamente ligado à ideia de *locus* por nela agir.

A matéria dos lugares é exemplarmente demonstrada no filme *In Comparison* (Farocki, 2009), através do registo fílmico da produção do tijolo em diferentes realidades geográficas (Norte de África, Índia, Áustria) como metáfora para demonstrar o desnível económico mundial e a ascendente substituição da liberdade pela tecnologia.

A partir do confronto com diversos referentes teóricos (Robert Smithson, Bernard Rudofsky, Martin Heidegger, Harun Farocki, Gus Van Sant, Peter Greenaway, Henry David Thoreau, Bruce Chatwin, Frank Lloyd Wright, Richard Serra), esta comunicação pretende interpretar “lugar” pelo que realmente é, pelo seu valor objectivo e material – remetendo para as suas específicas qualidades matéricas – a terra e sua densidade, consistência e humidade, a rocha e manto vegetal dos lugares específicos constroem, a par com qualidades simbólicas, uma igualmente específica experiência empírica e mental: o *corpus loci* poder-se-ia dizer.

Resumos biográficos | Short biographies

António Manuel Pinto Coxito — Programa de Doutoramento em Arquitectura da Universidade de Évora | CHAIA

Arquitecto pela Universidade Autónoma de Lisboa. Encontra-se a desenvolver doutoramento na Universidade de Évora em moldes *research by design* sobre o tema *Arquitectura e Autonomia*. Foi editor de publicações nas áreas do design (Page, 1997-1999), portugalidade (NAU, 2005), divulgação científica (deFrente Ciência, 2005-2008) e divulgação estratégica (deFrente Estratégia, 2007-2008). Comissariou exposições de *new media* na ZDB e no Forum Lisboa para o festival VideoLisboa entre 2001 e 2005.

João Gabriel Candeias Dias Soares — Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora

Arquiteto pela FAUP (1998). Doutorado em urbanística pelo IUAV_Veneza (2004). Docente da Universidade de Évora (desde 2004). Director do Doutoramento em Arquitectura. Coordenador da Linha de Investigação de Arquitectura do CHAIA (Centro de História da Arte e Investigação Artística). Comissário, com M. d'Alfonso, A. Madureira e André Tavares, da exposição «Disegnare nelle Città», comissariada por Álvaro Siza e com fotografia de Gabriele Basilico, exibida em S. Paulo, Milão, Nápoles e Porto (entre 2003 e 2006). Coordenador Científico da 1ª e 2ª edições do seminário internacional «Tempo na Arquitectura» UÉvora (2009 e 2010). Traduziu e prefaciou a versão portuguesa do livro «Contra a

Arquitetura», do ensaísta e antropólogo italiano Franco la Cecla (ed. Caleidoscópio, 2011).

Luís Duarte Ferro — FAUP | CHAIA

Arquitecto sediado em Évora, onde exerce actividade profissional desde 2012 (Estúdio Quimera). É aluno do Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (PDA/FAUP). É investigador do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) desde 2009, tendo publicado vários artigos e comunicações em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Finlândia, Marrocos e USA. Foi Assistente Convidado do Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora entre 2013 e 2015. Em 2013 fundou o grupo *Cinema-fora-dos Leões* que promove sessões, ciclos, encontros e debates de e em torno do cinema de autor. Actualmente é o coordenador do Projecto de Investigação intitulado *Lugares Sagrados: as Cubas da Kúra de Beja* (Fundação Calouste Gulbenkian, n. 139754).

António Manuel S. P. SILVA | João Paulo BARBOSA |
María Rosa PINA-BURÓN | Roger Prieto de la TORRE | Rui MORAIS

Cerâmica romana importada na foz do Douro: uma escavação arqueológica no Castelo de Gaia (V. N. Gaia, Norte de Portugal)

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

A colina do Castelo de Gaia é um dos locais mais significativos e emblemáticos para o estudo da ocupação humana na foz do rio Douro durante os mais de 1500 anos decorridos entre a proto-história e o final do domínio visigótico. Entre 1983 e 2008 diversas sondagens arqueológicas foram realizadas em diferentes pontos do complexo arqueológico, desde o topo da elevação, onde na Idade Média foi construída uma fortificação, até a cotas muito próximas do rio. Os resultados desses trabalhos, na sua maioria praticamente inéditos, permitiram identificar ruínas e níveis de ocupação que remontam aos finais da Idade do Bronze, passando por construções da época romana, com destaque para um troço de muralha do séc. I, até construções dos séculos VI ou VII, nomeadamente um edifício religioso com necrópole.

Uma das intervenções mais recentes teve lugar em 2008, motivada pela necessidade de avaliação arqueológica prévia de um projecto imobiliário numa área situada no sopé do Castelo, em área muito próxima do rio Douro. Os trabalhos, dirigidos por dois dos subscritores (JPB, RP) revelaram a presença de restos de estruturas da época romana e um significativo espólio arqueológico, nomeadamente cerâmico.

O trabalho apresentado, que assentou numa apreciação mais detalhada das cerâmicas romanas de importação, pretendeu rastrear os indícios de mudança social e económica, partindo da circulação e consumo de recipientes de transporte e uso doméstico, em dois momentos particularmente interessantes: os primeiros contactos regulares das comunidades indígenas com os produtos resultantes da sua integração no mundo económico romano e, meio milénio depois, a permanência ou transformação desses circuitos comerciais após a derrocada das estruturas políticas e administrativas do Império.

De entre os materiais cerâmicos de importação destacam-se as ânforas, complementadas pelas produções finas de mesa e cerâmicas comuns. Nas produções mais antigas datadas destacam-se formas do séc. I a.C., como ânforas vinárias Dr.1 provenientes da zona campana. Mais significativas são, porém, as produções tardo-antigas, representadas por ânforas orientais, a par de sigillata e cerâmicas comuns importadas.

Resumos biográficos | Short biographies

António Manuel S. P. Silva — ASCR-Confraria Queirosiana | CITCEM

Investigador do Gabinete de Arqueologia, História e Património (ASCR-Confraria Queirosiana) e do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Porto). Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Licenciado e Mestre em Arqueologia (UP) e doutorando em Arqueologia na Universidade de Santiago de Compostela. Coordenador do Gabinete de Arqueologia Urbana da C. M. Porto (1996-2009). Tem estado ligado a projectos de gestão, salvaguarda e investigação em arqueologia e exercido funções docentes em diversas instituições de ensino superior, como a Escola Superior Artística do Porto e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem coordenado e participado em diversos projectos de investigação arqueológica, integrando actualmente as equipas de coordenação dos projectos CASTR'UÍMA e PROBA/Proto-história da bacia do Antuã. Co-fundador e primeiro presidente da Associação Profissional de Arqueólogos. Presidente do Centro de Arqueologia de Arouca e membro da direcção de outras associações congéneres.

João Paulo Barbosa — FLUP | CITCEM

Arqueólogo. Licenciado e Mestre em Arqueologia pela Universidade do Porto. Sócio-gerente da empresa Logiark - Serviços Arqueológicos, Unipessoal Lda. Tem dirigido numerosos trabalhos arqueológicos em contexto comercial. Membro da direcção da Sociedade Portuguesa de Numismática. É autor de vários estudos sobre arqueologia e especialmente sobre numismática romana, área da sua especialidade e sobre a qual prepara dissertação de doutoramento.

María Rosa Pina-Burón — Universidad Nacional de Educación a Distancia

Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), Departamento de Prehistoria y Arqueología. Licenciada en Historia (Universidad de Historia, 2012). Mestre em Arqueologia e Patrimonio (Universidad Autónoma de Madrid, 2013). Actualmente está a cursar o Programa de Doutoramento em Historia, Historia de Arte e Territorio (UNED); linha de investigação em Ciências da Antiguidade, para o qual obteve uma bolsa de Formación de Profesorado Universitario (FPU) (Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, Gobierno de España). Membro do projecto HAR-2012-34422: Territorio, jerarquías y estructuras socioeconómicas en la vertiente Norte de Sierra Morena entre la Protohistoria y la Antigüedad Tardía (MINIVS) (Ministerio de Ciencia e Innovación). Investigador Principal: Mar Zarzalejos Prieto.

Roger Prieto de la Torre — Universitat Autònoma de Barcelona

Arqueólogo licenciado em História das Sociedades Pre-Capitalistas pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Tem participado em projectos de investigação da UAB na cidade romana de Iesso (Guissona) e no povoado ibérico de Serrat dels Tres Hereus (Casserres). Tem desenvolvido a sua vida profissional no mundo privado da arqueologia, nomeadamente nas empresas Arqueocat e Logiark tendo trabalhado nos últimos anos principalmente em contextos de arqueologia urbana na cidade do Porto.

Rui Morais — FLUP | CITCEM

Nasceu no Porto em 1969 e é licenciado em História, variante de Arqueologia pela Universidade de Coimbra. Mestre em Arqueologia Urbana, doutorado em Arqueologia e com Agregação em Arqueologia, na área do conhecimento de Materiais e Tecnologias pela Universidade do Minho. Foi professor na Universidade do Minho e é atualmente Professor Auxiliar com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Entre os seus trabalhos de investigação, tem dedicado uma atenção especial ao estudo do comércio na Antiguidade, com inúmeros trabalhos publicados, a título individual ou com outros autores nacionais e estrangeiros. É investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (CECH). Consultor da Fundação Calouste Gulbenkian para as antiguidades e membro do Comité Científico do Projeto IBERIA GRAEGA.

António Manuel S. P. SILVA | Joaquim António Gonçalves GUIMARÃES |
Laura Cristina Peixoto de SOUSA | Paulo André LEMOS |
Pedro Abrunhosa PEREIRA

Arqueologia no Castelo de Crestuma, V. N. Gaia (2010-2015): novos olhares sobre um lugar e um tempo de mudança

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia) situa-se num esporão rochoso implantado na margem sul do rio Douro. Notícias esparsas, desde o século XIX, referem a tradição de ali ter existido uma fortificação e registam o achado de elementos arquitectónicos, sepulturas, uma inscrição funerária romana e outros vestígios de ocupação antiga, mas só em 2010 houve oportunidade de implementar um projecto de investigação arqueológica que possa trazer à luz da história o passado oculto de um sítio de características pouco comuns.

A evidência arqueológica observada desde então revela um complexo arqueológico multidimensional e de largo espectro cronológico, com vestígios de utilização humana situados entre a proto-história e os tempos medievais, com particular expressão, pelo menos a nível dos artefactos identificados, no período tardo-antigo.

A par de uma ocupação em altura, possivelmente fortificada, regista-se o uso dos areais ribeirinhos no sopé, identificando-se estruturas, em parte actualmente submersas, relacionadas possivelmente com funções portuárias. Esses indícios poderão contextualizar o achado de um diversificado conjunto de objectos importados, nomeadamente ânforas e cerâmicas finas tardias orientais e norte-africanas, vidros e outros itens. Os vestígios de construções são constituídos principalmente por estruturas negativas, milhares de “blocos de poste”, aplanamentos e outros entalhes que cobrem toda a superfície rochosa do monte, indiciando uma densidade construtiva extraordinária de natureza ainda longe de antever.

Num momento em que foi concluído o primeiro projecto de investigação (2010-2015), desenvolvido pelo Gabinete de História, Arqueologia e Património de Vila Nova de Gaia (ASCR-Confraria Queirosiana) e se prepara uma intervenção de musealização e o lançamento de um outro programa de pesquisa, discutem-se os principais resultados e problemáticas deste sítio desafiante e que parece ter representado um importante papel económico regional no trânsito entre o desmembramento do império romano e a fixação dos primeiros estados peninsulares.

Resumos biográficos | Short biographies

António Manuel S. P. Silva — ASCR-Confraria Queirosiana | CITCEM

Investigador do Gabinete de Arqueologia, História e Património (ASCR-Confraria Queirosiana) e do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Porto). Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Licenciado e Mestre em Arqueologia (UP) e doutorando em Arqueologia na Universidade de Santiago de Compostela. Coordenador do Gabinete de Arqueologia Urbana da C. M. Porto (1996-2009). Tem estado ligado a projectos de gestão, salvaguarda e investigação em arqueologia e exercido funções docentes em diversas instituições de ensino superior, como a Escola Superior Artística do Porto e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem coordenado e participado em diversos projectos de investigação arqueológica, integrando actualmente as equipas de coordenação dos projectos CASTR'UÍMA e PROBA/Proto-história da bacia do Antuã. Co-fundador e primeiro presidente da Associação Profissional de Arqueólogos. Presidente do Centro de Arqueologia de Arouca e membro da direcção de outras associações congéneres.

Joqim António Gonçalves Guimarães — Câmara Municipal de V. N. de Gaia | Solar Condes de Resende | FLUP

Licenciado em História, Mestre em Arqueologia e doutorando em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Técnico superior da Câmara Municipal de V. N. Gaia desde 1983 e diretor do Solar Condes de Resende desde 1987. Ex-Professor Auxiliar convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique em horário pós-laboral (1991-2004) e professor convidado de várias outras instituições de ensino superior. Dirigiu escavações arqueológicas na Igreja do Bom Jesus de Gaia (Castelo de Gaia), Quinta da Ervamoira (Vale do Côa), São Salvador do Mundo (S. João da Pesqueira) e Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia). Autor dos programas dos Museus de Sítio de Ervamoira (Vale do Côa), do Museu da Casa Ramos Pinto (Vila Nova de Gaia) e de exposições temporárias no Solar Condes de Resende, sendo também coordenador dos seus cursos livres desde 1991. Membro da Academia Eça de Queirós (Portugal) e da Sociedade Eça de Queiroz do Recife (Brasil) e de outras instituições científicas e culturais, recebeu as Medalhas de Mérito Cultural do Município e das juntas de Freguesia de Canelas e de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia, além de outras distinções. É membro das Confrarias do Vinho do Porto, Queirosiana e Rabelo (Douro).

Laura Cristina Peixoto de Sousa — Câmara Municipal de Penafiel | CITCEM

Arqueóloga, licenciada em História Variante Arqueologia e Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Técnica Superior de Arqueologia da Câmara Municipal de Penafiel, exercendo funções no respectivo Museu Municipal. Investigadora do CITCEM/UP - Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e

Memória” da Universidade do Porto e do Gabinete de História, Arqueologia e Património da Confraria Queirosiana, onde integra desde 2010 a equipa de investigação do Projecto Castr’Uíma. Tem dirigido numerosas intervenções arqueológicas e é autora de vários trabalhos no domínio da história e da arqueologia, versando sobre diversas épocas cronológicas e nomeadamente sobre arqueologia moderna, área da sua investigação de mestrado.

Paulo André Lemos — FLUP

Arqueólogo. Licenciado em Ciências Históricas, Ramo Científico (UPIDH) em 2000. Mestrando em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob o tema “Povoamento Romano e Viação Antiga entre o Maciço da Gralheira e a Via Ex Olisipone Ad Bracaram”. Membro dos corpos gerentes do Centro de Arqueologia de Arouca. Colaborador no Projecto PAIVAR/ Entre Paiva e Arda: projecto arqueológico para o estudo da ocupação humana de um vale interior do Entre Douro e Vouga da Proto-História aos começos da Nacionalidade (2002-2008). Investigador associado do projecto PROBA - Projecto de Investigação arqueológica para o estudo da bacia hidrográfica do Antuã na Proto-história (2011-2015). Profissional liberal com larga experiência, tendo tido responsabilidade em perto de uma centena de trabalhos arqueológicos, maioritariamente no Norte e Centro do País. Colaborou com o Município de Lousada (2005-2011) em coordenação de projectos de investigação, requalificação e valorização de sítios arqueológicos do concelho. Co-responsável científico dos trabalhos arqueológicos no sítio da Malafaia, Arouca, desde 2001. Apresentou diversos trabalhos sobre temas arqueológicos em diversos colóquios e reuniões científicas, tendo também várias dezenas de estudos publicados sobre sítios e temas de arqueologia em actas de congressos e revistas da especialidade.

Pedro Abrunhosa Pereira — CITCEM

Investigador do CITCEM (FLUP/FCT) e UMR 5138 ArAr (MOM/CNRS). Licenciado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestre em Arqueologia Clássica e Doutor em História, Línguas e Arqueologia Antigas pela Université Lumière Lyon II, em França. Arqueólogo independente, colabora frequentemente com várias empresas de Arqueologia preventiva, sobretudo em fases de projecto, construção e fiscalização. É autor de dezenas de artigos nacionais e internacionais sobre ceramologia e viti-vinicultura clássicas. É co-director de vários projectos de investigação no Vale do Douro, entre os quais o Estudo das Ocupações Pré e Proto-Históricas na Área do Concelho da Mêda, o Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em Pegarinhos, Alijó ou o Projecto de Investigação sobre o Castro S. João das Arribas, Miranda do Douro. Membro da equipa de investigação do Projecto Castr’Uíma desde 2011.

O sítio romano da Malafaia, um casal agrícola no vale de Arouca (Norte de Portugal)

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

Implantado numa encosta do vale do rio Arda (Arouca), o casal tardo-romano da Malafaia (Arouca) poderá exemplificar, no Norte de Portugal, as instalações agrícolas de época romana que se afastam do conceito tradicional das villae.

Objecto de várias intervenções arqueológicas entre 1995 e 2013, este sítio é composto por um edifício com vários compartimentos, revelando conjuntos artefactuais relativamente modestos, onde predomina a cerâmica comum de produção local e regional, sendo relativamente raros os itens que possam considerar-se de prestígio.

A sua implantação deve remontar ao século II, sendo, todavia, o período entre o Baixo Império e a ocupação suevo-visigótica o melhor representado; por alturas dos séculos X-XI verificou-se uma reocupação pontual do sítio, observável por algumas cerâmicas desta época e confirmada por datações de 14^C.

Presentemente objecto de um projecto de musealização e valorização por parte da Câmara Municipal de Arouca, o sítio da Malafaia ilustrará talvez as estratégias de exploração de um importante alvéolo agrícola como a concha do Arda, reflectindo porventura os mecanismos de sobrevivência e adaptação das comunidades mais afastadas dos grandes centros de decisão política e económica.

Resumos biográficos | Short biographies

António Manuel S. P. Silva — ASCR-Confraria Queirosiana | CITCEM

Investigador do Gabinete de Arqueologia, História e Património (ASCR-Confraria Queirosiana) e do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Porto). Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Licenciado e Mestre em Arqueologia (UP) e doutorando em Arqueologia na Universidade de Santiago de Compostela. Coordenador do Gabinete de Arqueologia Urbana da C. M. Porto (1996-2009). Tem estado ligado a projectos de gestão, salvaguarda e investigação em arqueologia e exercido funções docentes em diversas instituições de ensino superior, como a Escola Superior Artística do Porto e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem coordenado e participado em diversos projectos de investi-

gação arqueológica, integrando actualmente as equipas de coordenação dos projectos CASTR'UÍMA e PROBA/Proto-história da bacia do Antuã. Co-fundador e primeiro presidente da Associação Profissional de Arqueólogos. Presidente do Centro de Arqueologia de Arouca e membro da direcção de outras associações congéneres.

Manuela C. S. Ribeiro — Centro de Arqueologia de Arouca

Licenciada e Mestre em Arqueologia pela Universidade do Porto, tendo desenvolvido dissertação sobre o centro oleiro de época moderna de Coimbrões (Vila Nova de Gaia), activo entre o século XVII e os inícios do século XX. Investigadora do Centro de Arqueologia de Arouca. Tem estado ligada a trabalhos de escavação, prospecção e inventário arqueológico nos municípios do Porto, Gaia e Arouca, neste último co-dirigindo entre outras as intervenções no Castro de Valinhas/Castelo de Arouca e no casal romano da Malafaia, bem como a vários projectos de investigação na área da cerâmica arqueológica, sendo autora de diversos trabalhos publicados em actas de congressos e revistas da especialidade. É arqueóloga na Câmara Municipal do Porto, concelho onde tem dirigido várias intervenções e integrado projectos de gestão do património arqueológico.

Paulo André Lemos — FLUP

Arqueólogo. Licenciado em Ciências Históricas, Ramo Científico (UPIDH) em 2000. Mestrando em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob o tema “Povoamento Romano e Viação Antiga entre o Maciço da Gralheira e a Via Ex Olisipone Ad Bracaram”. Membro dos corpos gerentes do Centro de Arqueologia de Arouca. Colaborador no Projecto PAIVAR/ Entre Paiva e Arda: projecto arqueológico para o estudo da ocupação humana de um vale interior do Entre Douro e Vouga da Proto-História aos começos da Nacionalidade (2002-2008). Investigador associado do projecto PROBA - Projecto de Investigação arqueológica para o estudo da bacia hidrográfica do Antuã na Proto-história (2011-2015). Profissional liberal com larga experiência, tendo tido responsabilidade em perto de uma centena de trabalhos arqueológicos, maioritariamente no Norte e Centro do País. Colaborou com o Município de Lousada (2005-2011) em coordenação de projectos de investigação, requalificação e valorização de sítios arqueológicos do concelho. Corresponsável científico dos trabalhos arqueológicos no sítio da Malafaia, Arouca, desde 2001. Apresentou diversos trabalhos sobre temas arqueológicos em diversos colóquios e reuniões científicas, tendo também várias dezenas de estudos publicados sobre sítios e temas de arqueologia em actas de congressos e revistas da especialidade.

Barbara BAERT

Locus amoenus and the sleeping nymph. Ekphrasis, silence and Genius Loci

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

By the end of the 15th century, Michael Fabricius Ferrarinus (died between 1488-1493), prior of the Carmelites cloister in Reggio Emilia, launched in his chronicle (ca. 1477-1484) the rumour that *super ripam Danuvii* a fountain had been found with the ancient sculpture of a sleeping nymph. According to Ferrarinus, the ensemble wears a peculiar *tetrastichon* epigraphy.

HVIVS NYMPHA LOCI, SACRI CVSTODIA FONTIS,
DORMIO, DVM BLANDAE SENTIO MVRMVR AQVAE.
PARCE MEVM, QVISQVIS TANGIS CAVA MARMORA, SOMNVM
RVMPERE. SIVE BIBAS SIVE LAVERE TACE.

Otto Kurz, *Huius Nympha Loci* (1953), Millard Meiss, *Sleep in Venice* (1966), Michael Liebmann, *On the Iconography of the Nymph of the Fountain* (1968), Leonard Barkan, *The Beholder's Tale* (1993), Zita Ágota Pataki, *Wechselbeziehungen zwischen Bild und Text* (2003), Franz Matsche, *Nympha super ripam Danubii* (2007) and Matthias Müller, *Von der allegorischen Historia zur Historisierung eines germanischen Mythos* (2008) have all discussed the impact of the rumour as prototypical for the Renaissance sculptures of the sleeping nymph in Rome and for the development of the well-known genre of the sleeping Venus in painting. Building on their work, this paper contextualizes the phenomenon of the sleeping nymph and its textual and artistic *Nachleben* from the point of view of the *locus amoenus* as silence. Combining an iconological, an aesthetic-philosophical and an anthropological approach, the essay contributes to a better understanding of sleep, voyeurism, water and silence within the context of the nymph's particular *genius loci* as Gefühlsraum in the context of the 'emotional landscape.

Resumo biográfico | Short biography

Barbara Baert — KU Leuven

Professor at the University of Leuven, teaches in the field of Iconology, Art theory & Analysis, and Medieval Art. Between April-September 2015, she was a senior fellow at IKKM-Weimar (www.illuminare.be).

In 2006, she founded the *Iconology Research Group*, an international and interdisciplinary

platform for the study of the interpretation of images (www.iconologyresearchgroup.org).

She directs(ed) several international research programs with many PhD students and her articles appeared in a variety of scientific A1/ISI/peer review journals. She founded as editor-in-chief two series: *Studies in Iconology* (<http://www.peeters-leuven.be/boekoverz.asp?nr=9995>) and *Art&Religion* (<http://www.peeters-leuven.be/boekoverz.asp?nr=10015>).

Barbara Baert was honored twice with the highest scientific distinction in Belgium: The prize of the “Koninklijke Academie voor Wetenschappen van België. Klasse Schone kunsten” (Royal Academy of Sciences of Belgium. Class of the Arts)

-In 1993 for her outstanding Thesis in the arts History: B. Baert, *Het Boec van den Houte*, Brussel, (Royal Academy of Sciences of Belgium. Class of the Arts), 1995

-In 2006 for her outstanding scientific career before the age of 40.

Since January 2014 she is member ad vitam (consoror) of the “Koninklijke Academie voor Wetenschappen van België. Klasse Schone kunsten”

Regarding university responsibilities and European science policies it is worth mentioning that Barbara Baert is head of her department.

Between 2010-2013 she was part of the vice-rector team responsible with “internationalization”. She was also the promoter of “diversity” at her faculty, concerned among others with gender and ethnic balance in recruitments.

In October 2010 the Funding for Scientific Research-Flanders mandated Barbara Baert for a term of 3 years as the representative for Belgium at the European Standing Committee for Humanities (ESCF) with two plenary meetings a year and several evaluation tasks as rapporteur.

Begoña FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ

Presente, pasado y futuro en la gestión patrimonial: el caso del conjunto histórico de Baiona

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Baiona un pequeño Pueblo costero del Sur de la provincia de Pontevedra, que cuenta con un importante pasado histórico, presenta un conjunto histórico que ha sido declarado con la máxima figura de protección que establece la legislación en materia de patrimonio desde 1993, protección que se constituye en un caso único en España y que ha venido a dificultar considerablemente la gestión de su conjunto. Son estas circunstancias, las que llevan a proponer un análisis de las diferentes medidas desarrolladas en el tiempo para garantizar la conservación de este conjunto, muy rico en recursos patrimoniales que, en la actualidad carecen de cualquier reconocimiento patrimonial, a pesar del gran número de contenedores culturales que se disponen en el espacio del conjunto y de ser este núcleo uno de los puntos de destino turístico más importantes de Galicia.

Resumo biográfico | Short biography

Begoña Fernández Rodríguez — Universidad de Santiago de Compostela

Se licenció en 1991 en Geografía e Historia, en la especialidad de arte antiguo y medieval, en la que también realiza su tesis doctoral, que defiende en 1998. Es, desde el punto de vista profesional, profesora contratada doctora del Departamento de Historia del arte de la Universidad de Santiago de Compostela, en la que desarrolla su labor docente.

Desde 2013 forma parte del Grupo de Investigación Iacobus de la Universidad de Santiago de Compostela. Junto con las actividades docentes que desempeña, o con las labores de Gestión universitaria, ya que es Secretaria del Departamento de Historia del Arte, desde el año 2008 ha desarrollado también su faceta investigadora, participando en proyectos del Ministerio de Educación y Ciencia HAR2012-37249.

Las catedrales gallegas en la Edad Media: Espacio, imagen y cultura, que he han permitido acercarse a la realidad de los bienes culturales, al tiempo que ha realizado numerosas publicaciones de carácter monográfico como periódicas, actividad que se ha concertado también con una serie de conferencias y cursos, todo ello relacionado con la Historia del Arte y con el patrimonio cultural.

Breno Albuquerque Brandão BORGES

O patrimônio ferroviário brasileiro e a avaliação de sua autenticidade

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O Patrimônio Ferroviário está inserido no Patrimônio Industrial. O debate a respeito da preservação industrial é reconhecido institucionalmente em 1978, com a criação do TIC-CHI, mas é com a Carta de Nizhny Tagil (2003), que unifica o debate sobre o tema e credita valores aos vestígios da cultura industrial. O transporte através dos trilhos revolucionou o mundo, transportando pessoas, cargas, informações e cultura. As estradas de ferro, em vários lugares, tornaram-se realidade antes de ser considerada uma aposta, fundaram cidades e centralizaram vilas. No Brasil, a ferrovia contribuiu para o desenvolvimento econômico, foi um dos alicerces para a integração regional e nacional, auxiliou os processos de urbanização e industrialização, foi decisiva nas transformações urbanas das cidades ferroviárias e influenciou a sociedade brasileira. A vasta herança ferroviária, além de alvo da especulação imobiliária e dinâmica territorial, está a degradar-se em ritmo acelerado, causando desgaste dos artefatos materiais e conseqüentemente o enfraquecimento da memória ferroviária. Em decorrência, foi instituída a lei 11.483/2007 que responsabiliza o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, de promover e proteger os bens oriundos da RFFSA, sendo elaborado o Inventário do Patrimônio Ferroviário de Pernambuco, cujo objetivo foi identificar seus bens. A partir de sua leitura e de literatura especializada, levantou-se a hipótese que a autenticidade ferroviária é uma característica particular que valora o bem e sua avaliação complementa a ação de inventariação e contribui às ações para sua conservação. A avaliação foi realizada através da identificação de atributos e foi adotado como estudo de caso o Conjunto Ferroviário de Caruaru, Pernambuco, Brasil. Justifica-se assim a importância desta pesquisa que objetiva investigar a noção de autenticidade no âmbito do patrimônio ferroviário através das premissas e dimensões de autenticidade propostas por Lira, observando possíveis adequações e contribuindo assim com a gestão e conservação do patrimônio ferroviário.

Resumo biográfico | Short biography

Breno Albuquerque Brandão Borges — FUNDARPE | LUP/UFPE

Possui Graduação em Licenciatura plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco, tem Especialização em História do Século XX pela Universidade Federal de Pernambuco e em Patrimônio Histórico: Educação e Preservação pela Universidade Católica de Pernambuco. Possui mestrado em Conservação Integrada pelo Programa de

Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE (2014). Participou do Programa de Especialização em Patrimônio (2010-2012) da FUNDARPE - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco e desde então exerce atividades de historiador e especialista em patrimônio nesta Fundação, além de fazer parte do Laboratório de Urbanismo e Patrimônio - LUP/UFPE.

Camila Miranda FELTRIN

The ephemeral permanence: landscape transformation and the Independence Centenary Exposition

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

The ephemeral permanence: Landscape transformation and the independence centenary exposition 1922 went down in history of Brazil as the year of important events, such as creation of the Communist Party, the week of Modern Art in São Paulo and Exhibition in Commemoration of the Independence Centennial, based in Rio de Janeiro, the country capital, being the largest international exhibition that took place in Brazil. The international event was attended by fourteen countries and demanded profound changes in the Rio's landscape.

The dismantling of the *Morro Castle* was one of the most profound transformations in favor of the event, the hill was one of the city foundation points in the sixteenth century and housed historical landmarks of great importance, as colonial forts and Jesuit's buildings. The dismantling of the hill was part of the urban reform in 1921, a place that would be designed to Centennial Exposition. The event also included the construction of several exhibitions pavilions that counted with an infusion of lights that gave different nicknames to the event as "anteroom of paradise", "valley of lights" and "bazaar of wonders".

The event that took such proportions and requires a profound change in the city's landscape, gets forgotten because of their ephemeral nature, but its marks can be experienced nowadays, maintaining the same urban plan and conserving some of the exhibition halls. This paper aims to recall the ephemeral, evidencing the changes to the exposition, its design and realize what their remaining brands in the Carioca capital. The main sources of research are articles in newspapers and analyze the current landscape.

Resumo biográfico | Short biography

Camila Miranda Feltrin — FBAUP

Architect and urban planner graduated at the University of Cuiabá (UNIC). Specialist in *Visual Arts: Culture and Creation* at *Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial* (SENAC). Specialist in *Architecture: Project, Theory and History*, at the Faculty of Architecture of the University of Porto (FAUP). PhD student with the subject *The Representation of Brazil: Pavilions at International Exhibitions (1922-1939)*, which is being developed at the Faculty of Architecture of the University of Porto (FAUP).

Carla FERNÁNDEZ MARTÍNEZ

The visual building of the landscape. Urban iconography, memory and identity

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

During the recent years the interest in the urban landscape and its relations with the territory has increased. As a result of that, studies and scientific publications that ponder the uniqueness of each landscape proliferate nowadays, at the same time, many instruments, letters and recommendations to ensure their conservation and protection have been written. Despite of the numerous elements which should be considered when defining the landscape and emphasizing its individual elements, we may begin by noting that it is a living organism in constant transformation, whose hallmarks are linked to the societies that were modelling it, hence they exist as many urban landscapes as cities.

Based on these considerations, this paper will focus on the analysis of one of the sources at our disposal from which we have to study how the urban landscape was being brewed, perceived and modified.

Resumo biográfico | Short biography

Carla Fernández Martínez — University of Santiago de Compostela | Department of History of Art | “Iacobus” (GI-1907)

Holds a doctorate in Art History (2013). Since 2013 she is working as a researcher in the Group “Iacobus” (GI-1907) of the Department of Art History of the University of Santiago de Compostela. Her main research interests concern the landscape and the urban iconog-

raphy, subset of her doctoral thesis and about her monography “Pontevedra la memoria rescatada”. She has attended and lead numerous international and national conferences and published several scientific papers in journals with scientific impact, as they are Quintana and De Arte o Potestas, among others. She also completed her education with the “Master di Secondo Livello in Conservazione e Gestione dei Beni Storico-Artistici e Archeologici” in the University of Siena. She obtained several research grants and conducted research stages in Italy (Kunsthistorisches Institut, in Florence, and in the Pinacoteca Nazionale de Siena) and in Oporto (CEPESE).

Carla Marques RIBEIRO

Jardins históricos: concetualidade e enquadramento jurídico para a sua gestão e valorização

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A amplitude concetual de património cultural comporta todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização, manifestando-se o interesse pelas paisagens, sítios e monumentos naturais, nos quais se enquadram os jardins históricos.

Na sua dimensão patrimonial, normativamente consagrada, os jardins históricos constituem simultaneamente um espaço natural e um monumento vivo, na medida em que correspondem à materialização da ligação entre o homem e o território, presente nas diversas civilizações, reconhecendo-os como testemunhos culturais e históricos quer da identidade cultural e coletiva de uma sociedade quer da composição arquitetónica do espaço.

Para além da sua dimensão patrimonial, os jardins históricos configuram realidades territorialmente situadas e identificadas numa dimensão turística potencialmente estratégica, com a possibilidade da sua fruição, valorização e enriquecimento, enquanto realidade integrante da política de valorização e promoção do património cultural.

Tratando-se simultaneamente de um monumento vivo e de um espaço de sociabilidade, constitui um dos bens mais frágeis do património cultural e paisagístico, vulnerável aos mais diversos danos, resultantes quer da força da natureza quer da mão humana. Por isso, traduz uma realidade normativa cuja preservação, gestão e valorização pressupõe uma atitude substancialmente preventiva perante a denominada sociedade de risco em

que vivemos, pelo que se torna fundamental um modelo adequado para a sua gestão e valorização.

No sentido de dar cumprimento ao propósito da prevenção, quer a ordem jurídica internacional, quer as ordens jurídicas comparadas, quer o ordenamento jurídico português, estabeleceram um conjunto de normativos assente numa política de gestão e de prossecução de estratégias de valorização dos jardins históricos, numa perspetiva de desenvolvimento integrado e de sustentabilidade cultural.

Resumo biográfico | Short biography

Carla Marques Ribeiro – FLUP | CITCEM

Professora Afiliada do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, colaborando no ensino e investigação do Curso de Mestrado em Museologia. Colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutora em Direito (Pré-Bolonha), na vertente de Ciências Jurídico-Políticas, pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Mestre em Ciências Jurídico-Criminais pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Direito e Administração do Ambiente, pela Universidade de Évora, Pós-Graduação em Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente, pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Os seus interesses de investigação centram-se no Direito do Património Cultural e Museus, Direito do Ambiente e Direito dos Animais. Atividades docentes na Universidade de Évora (1997/2010) e no Instituto Politécnico do Porto (2014).

Carla Patrícia Silva RIBEIRO

António Ferro e a propaganda de um certo Portugal: Berna e Roma, 1950-1956

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Finais de 1949. António Ferro, diretor do Secretariado Nacional de Informação (SNI) desde 1933, abandona o cargo, sendo nomeado ministro de Portugal em Berna, cargo que ocupa até 1954, mudando-se depois para Roma, onde permaneceu até 1956, data da sua morte.

O abandono do cargo de diretor do SNI não significou, contudo, uma interrupção da sua

atividade como intérprete e divulgador da “personalidade portuguesa”, descortinando-se na sua ação enquanto ministro de Portugal, em Berna e em Roma, uma continuidade no modelo identitário que tinha implementado no SNI, centrado no demótico como emblema da portugalidade.

Homem de ação por natureza, o trabalho diplomático-propagandístico desenvolvido nas respetivas legações, em Berna e Roma, não parecia chegar para o antigo diretor do Secretariado, que criou de raiz um Centro Português de Informações (CPI), primeiro em Genebra e depois em Roma.

Esta comunicação procurará, portanto, esclarecer a ação de Ferro neste período, tentando dar resposta a uma série de questões de investigação, que se passam a enumerar:

- que ideia de nação portuguesa foi transmitida por Ferro enquanto ministro de Portugal em Berna e Roma?
- que instrumentos foram mobilizados por Ferro nestas funções?
- que relação se estabeleceu entre esta ação diplomática de Ferro, de divulgação da nação, e o Secretariado, órgão por excelência da propaganda nacional, neste período dirigido por José Manuel da Costa e depois por Eduardo Brazão?
- como funcionavam os Centros Portugueses de Informação?
- que consequências resultaram desta ação de divulgação de Portugal no estrangeiro liderada por Ferro?
- que correspondência existiu entre os objetivos traçados e as realizações efetivas?

Resumo biográfico | Short biography

Carla Patrícia Silva Ribeiro — FLUP | CEPESE | ESSE - IPP | InEd

Doutora em História Contemporânea, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a tese “Imagens e representações de Portugal. António Ferro e a elaboração identitária da Nação”. Docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Áreas de interesse: políticas e organismos culturais do Estado Novo, com enfoque no SPN/SNI; estudos folcloristas portugueses nos séculos XIX e XX, em ligação com questões da identidade nacional; cinema português no Estado Novo.

Carla Sofia Ferreira QUEIRÓS

Lamego: do génio do lugar ao génio dos homens. Uma visão paradoxal entre a modernização urbanista e a destruição patrimonial

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Sabemos que nem sempre a modernização é sinónimo de evolução, muito pelo contrário. Mercês das políticas liberalistas que marcaram o século XIX, os lugares transformaram-se, adaptaram-se às novas exigências do mundo contemporâneo e as cidades sacras, dessacralizaram-se, ganharam novas dinâmicas e novas leituras, cruciais ao funcionamento de instituições de cariz secular variado como quartéis, hospitais, museus, escolas e serviços administrativos.

O abandono e colapso dos espaços sacros que outrora funcionaram como pólos dinamizadores da cidade, a sua aniquilação e reutilização, originaram um novo traçado urbano, uma nova cidade, um novo espírito e um novo património que deverão ser entendidos à luz destes ideais, cedendo, a cidade, o seu génio ao génio dos homens.

Procuramos, neste artigo, demonstrar como as novidades, quer materiais, quer estruturais, geradoras da secularização do espaço urbano, foram surgindo a uma velocidade veloz, determinando necessidades e hábitos diversificados, a que Lamego não fugiu à regra, aplicando e replicando, de igual modo, o que até então se ia fazendo nas grandes cidades.

Resumo biográfico | Short biography

Carla Sofia Ferreira Queirós — ESE-IPP | INED/ESEIPP | CITCEM

Doutora em História da Arte pela FLUP. Assistente Convidada na Escola Superior de Educação do IPP.

Desde 2004 até setembro de 2015, integrou o CEPSE/UP (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade da Universidade do Porto), como investigadora auxiliar. Desde junho de 2015, integra o INED/ESEIPP (Centro de Investigação e Inovação em Educação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto), desempenhando funções de investigadora/colaboradora e, a partir de novembro de 2015, passou a fazer parte do CITCEM como investigadora integrada no Grupo Memória, Património e Construção de Identidades. A sua atividade como investigadora desenvolve-se na área

da Talha Dourada, Imaginária e Arquitetura Religiosa e Civil dos séculos XVII-XVIII, desempenhando funções de consultoria de projetos e assessoria técnica na área das madeiras policromadas. É autora de publicações e participou em conferências, seminários e colóquios nacionais e internacionais, proferindo diversas comunicações.

Carlos Carvalho da FONTE

O homem, a vila, Portugal e o mundo: semântica primitiva da empresa Manuelina

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

A esfera armilar de D. Manuel I de Portugal - difundida à escala do mundo que a inspirou - é sem dúvida a mais notável das empresas pessoais portuguesas. Além da presença moderna em bandeiras, edifícios, monumentos, objectos e textos pode ver-se ainda em numerosas alegorias da portugalidade, emergentes da expansão e diáspora que sucederam ao Venturoso.

Na raiz de todos estes simbolismos consecutivos acha-se a geração do símbolo em si. Seria possível conhecer a intenção primitiva do criador do vínculo entre o Duque de Beja e a esfera?

A existir uma tal associação é aceitável derivá-la para o fenómeno emblemático em geral? Neste artigo tentaremos lançar alicerces convincentes para a resposta à primeira pergunta e sugerir a estruturação do problema geral.

Em harmonia com os resultados que temos vindo a publicar para a heráldica, sustentados na investigação de mais de dez mil amostras, reaplicámos a nossa metodologia original com efeitos suficientemente encorajadores. Desenvolve-se, ademais, o conceito inicial de *parofonia* na mais abrangente *metonimização metaplasática*. Baseada em similaridades fonéticas e textuais sob a forma de metaplasmos, desdobra-se em diversos níveis semânticos que vão construindo o desenho.

Ao contrário da heráldica familiar, em que um fundador da linhagem é a referência semiótica, esta transmuda-se agora para o portador do emblema, adaptando as respectivas metonímias geográficas, antroponímicas, etnonímicas etc., logo transformadas nas imagens a elas associadas

Resumo biográfico | Short biography

Carlos Carvalho da Fonte — Investigador

Nasceu no Rio de Janeiro em 1953, bacharel em Design Industrial (ESDI/UERJ) licenciado em Engenharia Mecânica (FTESM), cursou o Mestrado em Engenharia do Produto e Gerência da Produção (COPPE/UFRJ) e exerceu ainda diversos cargos de gestão na área da engenharia. Mais recentemente submeteu uma tese sobre a semântica das armas de D. Afonso Henriques, obtendo o Mestrado em Design Industrial (FEUP).

Estes estudos estenderam-se a uma formulação teórica, denominada *metonimização metaplasmática*, que unifica e generaliza actos de criação visual comuns à Heráldica, Numismática, Vexilologia, Diplomática, Arquitectura e Artes Plásticas, entre outros. Investiga a semântica das imagens e dos artefactos no campo do Design, Engenharia e História da Arte, bem como os seus precedentes históricos, antropológicos e linguísticos, tendo publicado, traduzido e apresentado os referidos temas.

Carme LÓPEZ CALDERÓN

La integración de la emblemática mariana en el contexto sacro portugués de la Edad Moderna

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

La relación entre Portugal y la cultura emblemática resulta llamativa: frente al reducido número de libros de emblemas impresos en el país, los conjuntos sacros que durante los siglos XVII y XVIII optaron por la emblemática aplicada para componer sus programas doctrinales suman una cifra nada despreciable y todavía en aumento merced a las investigaciones más recientes. Consecuentemente, la mayoría de estas composiciones logocónicas tienen su origen en fuentes foráneas, en gran medida centroeuropeas, y evidencian, pues, tanto la intensa circulación de material impreso (textos e imágenes) que caracterizó la Edad Moderna, como la existencia de un discurso unitario (el contrarreformista) que confería validez dentro de todos los dominios del orbe católico a un corpus perfectamente definido de ideas.

Entre los distintos temas que abarcó la emblemática sacra, la emblemática mariana tuvo una presencia notoria en Portugal, coincidiendo con la especial devoción que el país

profesó hacia la Madre de Dios. De este modo, las prerrogativas que la Iglesia de Roma atribuía a la Virgen María (a saber, su Maternidad Divina, Virginitad Perpetua y Perfecta, Inmaculada Concepción, Asunción, Mediación y Dominio sobre toda criatura) fueron transmitidas bajo la forma de *picturae* y motes, fundamentalmente pintados sobre tablas, lienzos y azulejos.

En la presente comunicación proponemos una aproximación a los emblemas aplicados de tres conjuntos: la iglesia del Monasterio de Pombeiro (Felgueiras, Porto), la iglesia de Nossa Senhora da Tocha (Cantanhede, Coimbra) y la capilla de Nossa Senhora da Esperança (Abrunhosa, Viseu), mostrando sus fuentes, revelando sus significados (inéditos a día de hoy en la mayoría de los casos) y profundizando con todo ello en la integración de modelos foráneos dentro del contexto sacro portugués.

Resumo biográfico | Short biography

Carme López Calderón — Universidad de Santiago de Compostela

Doctora europea en Historia del Arte por la Universidad de Santiago de Compostela y miembro del Grupo de Investigación Iacobus perteneciente a la misma universidad. Actualmente desarrolla, mediante contrato postdoctoral, el proyecto “Grabados y emblemática aplicada en la Macro región del Suroeste Europeo: explicación e internacionalización del patrimonio a partir de sus fuentes impresas”, cuya ejecución comporta su estancia en tres centros europeos: el CEPESE (Oporto, mayo 2015-febrero 2016), el Museo Plantin-Moretus (Amberes, marzo-septiembre 2016) y el Stirling Maxwell

Centre (Glasgow, octubre 2016-abril 2017). Anteriormente, siendo becaria FPU, realizó estancias predoctorales en el CEPESE y el KHI de Florencia. Ha sido galardonada con el Primer Premio Nacional a la Excelencia en el Rendimiento Académico Universitario, el Premio Fin de Carrera de la Comunidad Autónoma de Galicia y el Premio Extraordinario de Licenciatura en Historia del Arte. Es miembro de la Sociedad Española de Emblemática y la *Society for Emblem Studies*.

Catarina Fernandes BARREIRA | Luís Miguel RÊPAS

Um ritual de ungir e enterrar do Mosteiro de Alcobaça, descoberto em Sta. Maria de Salzedas. Percursos possíveis de um manuscrito iluminado

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Esta comunicação resulta da investigação recentemente realizada em torno de um códice inédito que terá pertencido à abadia de Sta. Maria de Salzedas. O manuscrito iluminado, produzido nos finais do século XV ou inícios da centúria seguinte, reveste-se de um enorme interesse litúrgico por conter o ritual de profissão dos monges, bem como os rituais para ungir os enfermos e enterrar os monges, entre outros. O seu vínculo à abadia de Alcobaça e o seu percurso até Sta. Maria de Salzedas, a par da sua utilização em contextos monásticos femininos, documentam e enfatizam a importância da circulação de manuscritos entre abadias cistercienses.

Resumos biográficos | Short biographies

Catarina Fernandes Barreira — UNL | IEM | FCSH

Doutorada em Ciências da Arte, pela Universidade de Lisboa, é, desde 2011, Investigadora Integrada do Instituto de Estudos Medievais (FCSH-UNOVA), onde, desde janeiro de 2015, coordena o Grupo de Investigação *Imagens, Textos e Representações*. Desenvolveu a sua investigação em torno da análise temática das gárgulas dos edifícios góticos e tardo-góticos em Portugal e da sua relação com as mentalidades da época, em particular com os textos que circularam entre nós. O seu campo de investigação actual desenrola-se em torno dos manuscritos iluminados da biblioteca da abadia de Alcobaça, nos séculos XIV e XV, no âmbito de um projecto de Pós-Doutoramento apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Luís Miguel Rêpas — UNL | IEM | FCSH | CHSC-FLUC

Mestre em História da Idade Média, pela Universidade de Coimbra, membro da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais e colaborador do Instituto de Estudos Medievais (FCSH-UNOVA) e do Centro de História da Sociedade e da Cultura (FLUC).

Elegera a medievalidade portuguesa como área preferencial dos seus estudos, incidindo particularmente nos domínios da História Monástica e Social e da Paleografia e Diplomática. Da sua produção historiográfica destaca-se a sua dissertação de mestrado, intitulada

“Quando a Nobreza Traja de Branco. A Comunidade Cisterciense de Arouca durante o Abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)”, publicada em 2003, bem como vários artigos sobre mosteiros cistercienses femininos - nomeadamente Arouca, Almoster e Odivelas -, publicados em revistas de referência, obras coletivas e atas de congressos. Encontra-se a redigir a sua tese de Doutoramento, a partir de uma investigação transversal sobre as comunidades cistercienses femininas em Portugal, durante a Idade Média.

Catarina Sousa Couto SOARES

Escritos e imagens: o processo de construção de memórias do Museu de Etnografia e História do Porto

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O palácio de São João Novo, mandado construir por Pedro da Costa Lima em 1725, vê a sua função original modificar-se em 1945 com a fundação do Museu de Etnografia e História do Porto, entretanto encerrado ao público desde 1992.

A presente comunicação, desenvolvida no âmbito do estágio curricular do Mestrado em História da Arte Portuguesa da FLUP com a Direção Regional de Cultura do Norte, apresenta o primeiro estudo histórico integrado do antigo museu de etnografia e história do Porto. A partir da consulta do fundo documental inédito do antigo museu e do seu cruzamento com publicações da época - como os periódicos *Douro Litoral*, *Revista de Etnografia e Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, entre outras publicações - pretendemos sistematizar, refletir e questionar esta memória fragmentada do museu e, se possível, definir novos campos de abordagem e novas linhas de investigação.

Resumo biográfico | Short biography

Catarina Sousa Couto Soares — FLUP | DCTP

Em 2012, concluiu a Licenciatura em História da Arte na FLUP. Frequenta o 2º ano do Mestrado em História da Arte Portuguesa, estando a realizar estágio curricular com a Direção Regional de Cultura do Norte sobre o tema *A requalificação do Palácio de São João Novo e Museu de Etnografia e História do Porto: estudo histórico, problemas e reflexões*.

Áreas de interesse científico: História da Arte, Gestão do Património; Musicologia.

Cátia Raquel de Sousa OLIVEIRA

A problemática do espaço devocional no lugar de S. Pedro da Afurada

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Esta proposta de comunicação encontra pertinência quando encaramos o espaço corpóreo como um organismo vivo que reflete a camada humana que o habita. *A problemática do espaço devocional no lugar de S. Pedro da Afurada* é testemunho do exponencial desenvolvimento que o lugar sofre, não gerando consenso, como nunca gerou, entre a população.

A questão religiosa é parte fundamental no contexto social e humano. Numa comunidade piscatória, como a de S. Pedro da Afurada, sujeita às ameaças da natureza, às angústias da perda e da espera, torna-se fundamental um local de orações, pedidos, agradecimentos, possibilitando também o velar dos defuntos. Este conjunto de homens e mulheres que por longos anos envergam o luto, dividem-se entre uma primeira capela ainda hoje (re)desejada, uma atual igreja (in)desejada e uma futura igreja (in)cógnita. 3 edifícios que acompanham 3 momentos de definição desta comunidade, que gradualmente evoluem em escala, em complexidade e em difusão. A deslocação de templos religiosos para diferentes coordenadas marca a paisagem com espaços simbólicos como a atual Praça de S. Pedro, anteriormente o núcleo dinamizador da vida social, económica e religiosa da comunidade. Núcleo este que atualmente encontramos no lado oposto do lugar da Afurada, onde será eventualmente edificado o novo templo religioso. Conscientes da fragilidade dos contextos devocionais, elaboramos um trabalho interdisciplinar amplamente baseado em trabalho de campo, em contacto permanente com os primeiros usuários destes espaços, através de uma observação participada, partilhando do seu fervor devocional. Entendemos que a religiosidade não se verifica enclausurada entre paredes e para a compreender e a projetar em determinado contexto carece de 3 passos que nos propomos realizar, *ouvir o passado, compreender o presente e desenhar o futuro.*

Resumo biográfico | Short biography

Cátia Raquel de Sousa Oliveira — FLUP | DCTP

Mestre em História da Arte Portuguesa (terminado em 2015) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a dissertação “Afurada | Âncora de Identidades” sob orientação da Professora Doutora Maria Leonor Botelho. Em 2013, nos Encontros de Outono em História da Arte (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), apresentou uma comunicação com o tema “Há vida além da Faina. Zonas de pesca como Património Cul-

tural Imaterial”, resultado da Unidade Curricular de Gestão de Património na Licenciatura em História da Arte (concluída em 2013).

Em 2014 frequentou o Curso E-Learning de Inventário de Património Cultural Imaterial, realizado conjuntamente pela Direção-Geral do Património Cultural e pela Universidade Aberta. Realizou um estágio curricular no Centro Interpretativo do Património da Afurada onde desenvolveu o projeto de mestrado em História da Arte Português “Afurada | Âncora de Identidades”.

No ano de 2015, frequentou a Ação de Formação “KIT de Recolha de Património Imaterial” promovida pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC).

César Leandro Pereira GUEDES

As sepulturas escavadas na rocha e as leituras possíveis de um território a sul do Douro

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

A presente comunicação tem como objectivo dar a conhecer as sepulturas escavadas na rocha existentes na margem sul do rio Douro, numa complexa zona de montanha, que se estende, grosso modo, pelos concelhos de Tabuaço, Armamar, Tarouca, Lamego e Resende. Este espaço duriense carecia de um estudo sistemático que permitisse completar o quadro de levantamentos de sepulcros rupestres já existente para as regiões envolventes.

Pretende-se enquadrar estes monumentos funerários num contexto de dinâmica de ocupação e exploração do território em época alto-medieval, relacionando a sua organização na paisagem e as suas diferentes características com os sítios arqueológicos de *habitat* conhecidos, com os edifícios religiosos e com as estruturas militares.

Procura-se ainda contextualizar as sepulturas escavadas na rocha e as principais discussões que envolvem o seu estudo, enquadrando-as historicamente num período conturbado de profundas alterações, que se podem observar tanto na reorganização territorial, como no quadro mental das populações.

Estas modificações ao *modus vivendi* das populações assumem particular relevo entre os séculos VIII e XI, durante o processo da Reconquista Cristã, e culminarão numa nova forma de organizar a sociedade: as *Terras*.

Resumo biográfico | Short biography

César Leandro Pereira Guedes

Licenciado e Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde apresentou em 2015 a dissertação de mestrado intitulada “A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum”.

É arqueólogo profissional desde 2004 e tem vindo a dirigir, co-dirigir ou a colaborar em projectos e estudos arqueológicos de variadas cronologias, integrando equipas de diferentes instituições e empresas.

Tem particular interesse pelo período medieval mas considera que o estudo do período romano, da antiguidade tardia e da época moderna são indispensáveis para um entendimento global e abrangente da vida na Idade Média.

Os relatórios das intervenções arqueológicas de que tem sido responsável ou co-responsável, bem como outras informações sobre a sua actividade, podem ser consultadas em: <https://cesarlguedes.wordpress.com/>

Cláudia Gonçalves Lopes CUNHA

Ermida do Paiva: arquitetura e implantação monástica na Serra de Montemuro

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A Ermida do Paiva, situada no concelho de Castro Daire e apontada como casa da Ordem Premonstratense em Portugal, deve a sua fortuna crítica aos trabalhos que ao seu estudo consagrou Aarão de Lacerda (1890-1947), no primeiro quartel do século XX. A. de Lacerda debruçou-se sobre a relação do monumento com o seu enquadramento paisagístico, mas abordando este último numa perspetiva plena de sentido bucólico - como recentemente evidenciaram Lúcia Rosas, Leonor Botelho e Nuno Resende.

A partir das achegas destes autores, e procurando integrar a lição de Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996), pretendemos refletir sobre as motivações e lógicas desta implantação monástica na Serra de Montemuro.

Resumo biográfico | Short biography

Cláudia Gonçalves Lopes Cunha – FLUP

Licenciada em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (1993-1999), realizou o estágio curricular na *Agence d'Architecture Philippe Prost* em Paris (1998/1999).

Participou no programa de cooperação IPPAR - Centre du Patrimoine Maroco-Lusitanien: *Inventário do Património Edificado de Origem Portuguesa em El-Jadida, Mazagão, Marrocos* (2000). Levou a cabo várias colaborações com gabinetes de arquitetura no Porto e em Lisboa, desempenhando, desde 2004, funções na Direção de Urbanismo da Câmara Municipal do Porto.

Concluiu recentemente o Mestrado em História da Arte Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2012-2014), com a dissertação *Ermida do Paiva. Arquitetura e Escultura*, sob orientação da Prof.^a Doutora Lúcia Rosas.

Cristina Andreia Próspero dos SANTOS

Fortificações da foz do Tejo

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Hoje é possível observar, ao longo da margem Norte do rio Tejo junto à foz, construções centenárias de caráter militar implantadas em locais estratégicos e sobranceiros à linha de água, como guaritas mirantes do curso das águas ou alguns barcos que por ali passam.

Sobre a decisão de alguém as ter erguido nesses locais, levantam-se diversas questões:

- Terão sido erguidas na mesma época? E por que razão ou por quem?
- Tendo elas diferentes dimensões, quererão refletir uma hierarquia de funcionamento?
- Na sua longevidade terão permanecido até hoje todos os elementos da sua construção?
- Por fim, qual o destino destas construções, hoje quando a sua função unicamente militar deixou de o ser?

Nesta apresentação, que resulta de extrato de uma investigação de Mestrado, pretende-se responder a estas questões, com o apoio de documentação de diversas épocas (essencialmente cartográfica e fotográfica), que evidenciavam um plano estratégico de def-

esa do Porto de Lisboa organizador de um vasto território.

Em síntese, consistia numa primeira fase em dotar a foz do rio de uma barreira armada composta por dois baluartes (entre Belém e o atual local de Porto Brandão), implantados no estuário do Tejo. Posteriormente, com a evolução da defesa, o plano acabou por ser bem mais ambicioso tendo passado a incluir o reforço de posições em toda a margem Norte e Sul do rio, com novas barreiras fluviais, pontos de vigia e controlo da área atlântica.

A implementação deste plano e também a conceção das fortificações estão diretamente ligadas com o início da utilização da pólvora, condicionador do desempenho do seu papel militar e da funcionalidade para a qual tinham sido edificadas.

Resumo biográfico | Short biography

Cristina Andreia Próspero dos Santos — Ordem dos Arquitectos Portugueses

Licenciada em Arquitetura desde 1993 pela Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa com média final de 15 valores. Trabalho final a “Reestruturação Urbana da Zona Ribeirinha de Lisboa entre Santos e a Praça do Comércio” com classificação de 19 valores.

É membro da Ordem dos Arquitectos Portugueses desde 1993.

Pós-Graduação em “Reabilitação dos Centros Urbanos”, na Escola de Tecnologias Artísticas de Coimbra, em 1995, com classificação final de Bom.

Atividade de Arquitetura em empresas internacionais com trabalhos de execução de edifícios e Planos de Pormenor em solo nacional e internacional e, em atelier próprio, com projetos sendo os mais recentemente na reabilitação de edifícios da Baixa Pombalina.

Em 2014 concluiu o Mestrado em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa, com classificação de 19 valores, no trabalho intitulado “Fortificações da Foz do Tejo” que agora apresenta um excerto.

Daniela Filipa de Freitas FERREIRA

O contributo da epigrafia para o entendimento das manifestações religiosas indígenas no contexto de ocupação romana da Beira Interior portuguesa: aculturação e sincretismo

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

No decorrer do século I, por via do processo que tradicionalmente se designa de «romanização», terão chegado ao território nacional novas formas de culto associadas a novas divindades que suscitaram uma adaptação das práticas religiosas vigentes. Este processo de integração das expressões religiosas romanas, baseado na aceitação e na convivência com as tradições indígenas, traduz o resultado da confrontação de diferentes universos culturais e o efeito que a influência de um e outro representaram no seu próprio entendimento da sociedade.

A fonte primordial para o estudo destas dinâmicas é a epigrafia votiva, provedora de nomes divinos, de rituais de culto, de modelos de dedicantes e de fórmulas organizativas de pensamento. A Beira Interior portuguesa, detentora de um avultado número de testemunhos epigráficos votivos e depositária de uma grande diversidade de teónimos de leitura segura e de menção exclusiva nesta região, concebe-se como um espaço ímpar para o estudo das expressões religiosas indígenas e da sua aculturação.

Através da presente investigação, assente na análise linguística e etimológica da totalidade dos monumentos votivos identificados na Beira Interior foi possível esclarecer fenómenos de sincretismos religioso, demonstrando de que forma a romanização desestruturou e reordenou o panteão indígena. As retificações de leitura levadas a cabo, associadas à valorização dos contextos de proveniência das epígrafes, permitiu perceber uma tendência de hierarquização associada a claros regionalismos religiosos, contribuindo para a definição dos atributos dos deuses homenageados e para o esclarecimento de uma área de investigação que tem até aqui sido insuficientemente explorada. A finalidade última passou pela valorização do âmbito territorial associado a cada divindade concedendo assim uma paisagem ou um contexto social aos vislumbres possibilitados pela componente religiosa, isto é, concedendo uma visão cultural de conjunto das comunidades da Beira Interior durante o período de ocupação romana.

Resumo biográfico | Short biography

Daniela Filipa de Freitas Ferreira — Universidade Complutense de Madrid

Licenciada em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 210. Mestre em arqueologia pela mesma universidade na área de especialização em Epigrafia Latina. Em 2012 inicia funções como subcoordenadora do projeto de investigação História do povoamento de Picote, promovido pela FRAUGA - associação para o Desenvolvimento integrado de Picote, Miranda do Douro, em parceria com o Departamento de Ciências e Técnicas do Património da UP. Integra, desde 2012, a unidade de investigação e desenvolvimento CITCEM. Em 2014 associa-se ao projeto de investigação em arqueologia CAESAR, para o estudo do castro de Alvarelos (Trofa). É, desde 2015, doutoranda em História e Arqueologia pela Universidade Complutense de Madrid e Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Daniela Pereira Alves RIBEIRO

Territórios de produção energética e património paisagístico: a bacia carbonífera do Douro

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

Duas décadas após a introdução do fuelóleo na Central da Tapada do Outeiro, encerra a última exploração de combustível nacional. Em 1994 dá-se a morte assistida da Mina do Pejão. A afirmação da era industrial da eletricidade e transformação química vem alterar o sistema energético assente no que Mumford designa por “Capitalismo Carbonífero”¹.

Enquanto capital acumulável, o carvão rapidamente se torna mais rentável do que a madeira: mais compacto, a sua extracção, transporte, armazenamento e transformação passam a constituir-se como sistema de organização territorial.

Ao longo do século XX é o combustível o motor de desenvolvimento da bacia carbonífera do Douro: a dependência do Porto em relação ao carvão determina a relevância do sistema energético na transformação da paisagem².

A produção de energia potencial determinou a transformação de uma paisagem agrícola numa linha de produção territorial de carácter industrial que não poderá ser entendida se não enquanto Unidade de Paisagem Património.

Desmaterializada a fonte de energia, todo o Sistema perde significância: o elemento de articulação territorial deixa de existir, passa à imaterialidade; perde-se a necessidade de uma estrutura física de suporte, duplamente obsoleta perante o esgotamento do minério. Mais do que as formas do que entendemos como sistema carbonífero do Douro, torna-se relevante a sua representação enquanto símbolo cultural.

Perante a *morte funcional* deste sistema problematiza-se a sua assimilação aquando da substituição das lógicas (infra)estruturantes. Num processo de *morte assistida* importa compreender como poderá a inércia que o sistema energético produz no território ser (r) entendida enquanto recurso operativo.

¹ Em *Técnica y Civilización* (1946) Lewis Mumford usa a expressão Capitalismo Carbonífero para se referir ao sistema económico subjacente à utilização do carvão como fonte de energia potencial. MUMFORD, L. *Técnica Y Civilización*. 1992. p. 112.

² Entenda-se por Paisagem a representação de um sistema de relação entre natureza e cultura.

Resumo biográfico | Short biography

Daniela Pereira Alves Ribeiro — FAUP

É arquiteta pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, tendo terminado o Mestrado Integrado em 2010.

Em 2012 ingressa no Curso de Estudos Avançados em Património Arquitetónico, no qual inicia a investigação relativa a complexos mineiros.

Atualmente encontra-se a frequentar o Programa de Doutoramento em Arquitetura no Perfil de Património, desenvolvendo investigação em torno de *Territórios de produção energética e património paisagístico*, tendo já participado em alguns seminários e conferências com comunicações relativas à investigação então desenvolvida na Bacia Carbonífera do Douro.

É bolsista do Programa de Bolsas de Investigação na Área da Cidade e da Arquitetura relativo a “Cidade e Património arquitetónico do século XX: 1910-1974” (Fundação da Juventude, OASRN), tendo já integrado outros projetos de investigação, nomeadamente a 2.ª edição deste mesmo programa de bolsas (2012) e o Projeto de Investigação ESTEJO (CITAD, 2014).

Darlan de Mamann MARCHI

Nove décadas de políticas de patrimônio em São Miguel das Missões no Brasil: as distintas fases do patrimônio, as transformações e os desafios

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

As ruínas de São Miguel das Missões, remanescentes arquitetônicos de um povoado colonial jesuítico-guarani no sul do Brasil, receberam o título de Patrimônio Mundial da UNESCO em 1983. Entretanto, o processo de patrimonialização do bem cultural iniciou ainda na década de 1920 quando foi reconhecido como “Lugar Histórico” pelo governo do Rio Grande do Sul (MEIRA, 2008; STELLO, 2005). Posteriormente, em 1938, as ruínas de São Miguel foram tombadas como patrimônio nacional brasileiro, concomitantemente a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e da vigência do decreto-lei nº25/1937, que institucionalizou a proteção do patrimônio cultural no Brasil durante o governo autoritário do presidente Getúlio Vargas (FONSECA, 2005).

Segundo Dominique Poulot (2011) «o patrimônio reivindica ser um tipo de abertura para o futuro, ao mesmo tempo laboratório e arquivo da história», e sendo assim, as políticas patrimoniais com uma longa trajetória permitem visualizar as transformações no pensamento cultural e suas implicações nas sociedades. Por isso, São Miguel das Missões torna-se um elemento interessante para analisar as políticas patrimoniais no contexto brasileiro. A localidade foi objeto de todas das mudanças das políticas patrimoniais brasileiras, indo desde o período nacionalista e da visão clássica do monumento, passando pelas intervenções de entorno com o planejamento territorial urbano, e chegando até os dias atuais com ações de voltadas ao patrimônio imaterial (BRASIL, IPHAN-2007) e a valorização da paisagem cultural.

Neste trabalho de investigação procura-se observar os quadros em que ocorreram os processos de ativação do patrimônio (PRATS, 1998) em São Miguel e os diferentes usos desse passado, buscando debater os regimes de historicidade (HARTOG, 2014) empregados nesses distintos períodos da patrimonialização. Com isso, busca-se problematizar as contradições e os acordos que compuseram e seguem compondo as políticas de patrimônio na região das Missões no Rio Grande do Sul.

Resumo biográfico | Short biography

Darlan de Mamann Marchi — UFPel | UNL

Licenciado em História (2007). Atuou como funcionário público efetivo na Prefeitura Municipal de Santo Ângelo - Rio Grande do Sul, junto a Secretaria Municipal de Cultura (2009-2012). Possui mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (2014). É doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (2014-2018) sob orientação da Prof.^a Dr^a. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. Atualmente desenvolve pesquisa com bolsa no exterior através do CNPq (2015-2016), junto a FCSH da Universidade Nova de Lisboa no programa de Antropologia: Políticas e Imagens da Cultura sob orientação do Prof. Dr. João Leal.

David FERNÁNDEZ ABELLA

Castros o castillos: problemas metodológicos y de identificación de fortificaciones medievales en Galicia

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

La identificación y catalogación de yacimientos arqueológicos de época medieval en Galicia ha sido un problema, por el uso de la prospección arqueológica como herramienta básica de catalogación y la dificultad de identificación de evidencias materiales en superficie para este periodo. Para el caso de las fortificaciones medievales, más evidentes en el paisaje donde se implantan, el problema no es tanto su localización y catalogación, sino su identificación y segregación de otras crono tipologías, a priori más recurrentes en el paisaje galaico y de más fácil identificación. Veremos las problemáticas que todo esto suscita y algunos casos ilustrativos del problema que nos ocupa.

Resumo biográfico | Short biography

David Fernández Abella — Universidade de Santiago de Compostela

Licenciado en Historia con especialidad en Arqueología, Historia Antigua e Historia Medieval en el año 2003 y diploma de estudios avanzados en arqueología por la USC en el año 2005. Investigador doctoral del Dto. De Historia I, área de arqueología de la Universidade

de Santiago de Compostela. Realizando la tesis doctoral sobre armamento y fortificaciones medievales en la provincia de A Coruña, bajo la dirección del Prof. Dr. Fernando Acuña Castroviejo. Arqueólogo y gerente de la empresa de arqueología Argos, S.A.S. S.L.

Davide Miguel Guimarães MALHEIRO

Passado e presente nas envolventes ao Românico Português

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A conservação dos contextos aos monumentos surge na Carta de Veneza de 1964, onde se procura salvaguardar uma “*envolvente à sua escala*”, sendo ampliado mais tarde, na Convenção de Granada (1985), onde devem ser adoptadas medidas “*nas áreas circundantes dos monumentos*” que “*visem melhorar a qualidade do ambiente*” através de uma ideia de “*conservação integrada*”. O âmbito da envolvente ao monumento alarga-se, passando da simples salvaguarda das imediações do imóvel para a sua inserção num meio que ele ajudou a construir, envolvendo aspectos materiais e imateriais que permitem apreciá-lo, fruir e experimentar o contexto em que se insere, na sua totalidade, para além de contribuir para a qualidade de vida das populações que com ele convivem. O artigo apresenta um caso de estudo baseado no “*Estudo de valorização e salvaguarda das envolventes aos monumentos da Rota do Românico*” produzido por uma equipa multidisciplinar, que analisou as envolventes aos 58 imóveis que a compõem, realizado com a convicção de que a gestão das envolventes é crucial para o entendimento, fruição e perduração destes monumentos e do território que eles ajudaram a construir. Procura-se entender a mudança assim como as intenções originais destas envolventes, na sua relação com os imóveis, território e comunidades que com eles convive. Tal como Carlos Alberto Ferreira de Almeida testemunhou, o nosso românico deve ser “*observado nos sítios onde se implantou, aí onde se integra na paisagem que ajuda a compor*”. O entendimento do contingente histórico e da natureza integrada do património procura debater a produção de identidade, autenticidade e autoridade da sociedade que com ele convive, em vez de identificar um conjunto de problemas a resolver.

Resumo biográfico | Short biography

Davide Miguel Guimarães Malheiro — CITAD | Universidade Lusíada do Norte

Licenciado em Arquitectura pela Universidade Lusíada do Porto, em 1994, defendendo a sua tese de Doutoramento intitulada “A Presença da Arquitectura. A arquitectura Românica do vale do rio Sousa” na Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Valladolid, em 2012. Desde 1994 é docente da cadeira de Projeto, na Universidade Lusíada do Porto, sendo investigador do CITAD. De 1996 a 2007 elabora projetos de salvaguarda, revitalização, conservação e valorização de património arquitectónico com a Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. A partir de 2007 exerce atividade como profissional liberal, com especial incidência em projetos e estudos de intervenção no património edificado. É autor e/ou coautor de várias publicações científicas, em revistas e congressos nacionais e internacionais, no domínio da intervenção no património. Orientador de várias dissertações de mestrado.

Desidério BATISTA | Miguel Reimão COSTA

Uma aproximação ao estudo integrado da arquitetura e da paisagem em áreas de montanha no contexto do Mediterrâneo Ocidental

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

O presente artigo pretende contribuir para o debate e a reflexão em torno de um modelo de ocupação e organização territorial que no contexto das áreas de montanha do Mediterrâneo ocidental revela uma matriz histórica de interdependência entre a arquitectura, a paisagem e as comunidades humanas. O estudo integrado da arquitectura vernacular e da paisagem tradicional, considerando o caso de uma aldeia na sua relação com as hortas e os campos envolventes em cada um dos territórios montanhosos do sul de Portugal e do Alto Atlas, constitui o principal propósito da presente investigação. Este estudo comparado apoia-se numa metodologia de investigação que considera quer a leitura e interpretação de cartografia, à escala da paisagem, quer o trabalho de campo com vista ao levantamento arquitectónico tanto dos edifícios e respectiva organização espacial, como das estruturas e elementos que organizam o espaço de produção de alimento contíguo às habitações.

Neste sentido, considera-se a caracterização de uns e de outros no que respeita a técnicas, processos e materiais de construção utilizados, e à identificação das culturas agrícolas e sistemas de rega e de cultivo tradicionais. A compreensão do processo histórico de construção e transformação da paisagem e da arquitectura associadas ao modelo social e de povoamento, numa e noutra margem do mar interior, pretende adicionar e enriquecer o conhecimento sobre este mundo original e contrastado, uno e diverso que é o Mediterrâneo.

Resumos biográficos | Short biographies

Desidério Batista — UAIG | CHAIA-UEÉ | CEPAC-UAIG

Licenciado em Arquitectura Paisagista, mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico e doutorado em Artes e Técnicas da Paisagem pela Universidade de Évora com a tese “Paisagem, cidade e património. O sistema urbano do Algarve central”. Professor Auxiliar na Universidade do Algarve onde ensina História da Paisagem e Teoria e Projecto de Paisagem nos Cursos de Licenciatura e de Mestrado em Arquitectura Paisagista. Investigador no CEPAC-UAIG e no CHAIA-UEÉ. Investiga e publica com frequência, em Portugal e no estrangeiro, sobre temas da paisagem e do património. Investigações em curso: “Arquitectura e Paisagem em áreas de montanha no contexto do Mediterrâneo ocidental” (Portugal/Marrocos) e “Das Políticas às Práticas da Paisagem Cultural: Estudo comparado a partir de cidades portuguesas e brasileiras” (Portugal/Brasil). Orienta, neste momento, 10 teses de mestrado, 3 Dissertações de doutoramento e 2 trabalhos de pós-doutoramento.

Miguel Reimão Costa — UAIG | CEAACP-CAM | CEPAC-UAIG

Professor Auxiliar na Universidade do Algarve. Arquitecto (1995) e doutorado em Arquitectura (2009) pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Investigador do CAM/CEAACP e do CEPAC-UAIG. Autor da publicação “Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve” (Afrontamento, 2014). Editor das atas do “Congresso internacional da arquitectura tradicional no Mediterrâneo Ocidental” (CAM/Argumentum, 2015). Coordenador do Gabinete Técnico de Apoio às Aldeias do Algarve - Sotavento / Ccdr Algarve (2001/2004). Investigado responsável dos projetos “Arquitectura Tradicional da vila e do termo de Mértola” (CAM/InAlentejo) (2013/2015) e “Património rural Construído do Baixo Guadiana” (Odiana/Leader 3B - Medocc) (2014).

Desidério BATISTA

As azinhagas e a paisagem de Lisboa - do passado para o futuro

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

O processo histórico de construção física e simbólica da paisagem está associado, desde o início, à lenta e complexa operação de apropriação e de mapeamento do território a partir dos primitivos percursos humanos. Reconhecidos historicamente como infra-estruturas fundamentais para o desenvolvimento civilizacional, os percursos tradicionais, nas suas distintas formas e tipologias, constituem na paisagem contemporânea, elementos construídos de inestimável valor cultural. O conhecimento da intrincada inter-relação entre o percurso, a cidade e a paisagem, constitui-se de grande relevância no âmbito do estudo dos distintos modelos de ocupação e organização espacial. Neste domínio, cobra especial importância a identificação e caracterização dos percursos vernaculares como estruturas arquitectónicas da paisagem, considerando a relação cidade - campo, a partir do estudo de caso das azinhagas em Lisboa.

O presente artigo pretende contribuir para o aprofundamento do estudo sobre o papel e a importância das azinhagas no processo de organização e estruturação da paisagem de Lisboa, iniciado numa investigação anterior. A metodologia de investigação considera quer a leitura e interpretação de cartografia antiga, quer o trabalho de campo com vista ao diagnóstico da actual condição paisagística das azinhagas na sua relação com os novos tecidos urbanos e à conclusão do seu levantamento arquitectónico considerando a caracterização das referidas estruturas no que respeita a técnicas e materiais de construção utilizados, com o propósito de se traçar o seu perfil histórico evolutivo.

O actual processo de abandono e degradação daquelas estruturas históricas, maioritariamente com origem nos séculos XVIII e XIX, exige a sua inventariação e catalogação como condição para a respectiva salvaguarda e valorização. A par deste desígnio, o carácter conclusivo e propositivo do estudo que agora se apresenta prende-se com a reintegração das azinhagas na paisagem metropolitana enquanto corredores culturais e vias verdes de mobilidade saudável. O seu reuso como percursos pedestres e ciclizáveis associa-se à redescoberta do património, à fruição da paisagem e à própria sustentabilidade e resiliência urbana e paisagística, assumindo-se as azinhagas como estruturas multifuncionais associadas às distintas dimensões da paisagem metropolitana.

Resumo biográfico | Short biography

Desidério Batista — UAIG | CHAIA-UE | CEPAC-UAIG

Licenciado em Arquitectura Paisagista, mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico e doutorado em Artes e Técnicas da Paisagem pela Universidade de Évora com a tese “Paisagem, cidade e património. O sistema urbano do Algarve central”. Professor Auxiliar na Universidade do Algarve onde ensina História da Paisagem e Teoria e Projecto de Paisagem nos Cursos de Licenciatura e de Mestrado em Arquitectura Paisagista. Investigador no CEPAC-UAIG e no CHAIA-UE. Investiga e publica com frequência, em Portugal e no estrangeiro, sobre temas da paisagem e do património. Investigações em curso: “Arquitectura e Paisagem em áreas de montanha no contexto do Mediterrâneo ocidental” (Portugal/Marrocos) e “Das Políticas às Práticas da Paisagem Cultural: Estudo comparado a partir de cidades portuguesas e brasileiras” (Portugal/Brasil). Orienta, neste momento, 10 teses de mestrado, 3 Dissertações de doutoramento e 2 trabalhos de pós-doutoramento.

Diana DUO RÁMILA

El papel de las reliquias en la metáfora de los espacios sagrados. Análises de relicarios de Galicia

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Las reliquias, objetos que forman parte del espacio sagrado, tienen un papel protagonista en la conformación y sentido del espacio, no sólo al marcar la sacralidad de los distintos lugares del santuario (altar, cripta, capillas, tribunas...) sino que incluso en ocasiones desempeñan un papel fundamental en la concepción de los templos, así como en su prestigio como lugares de culto, en torno a los cuales se dibujan y consolidan los caminos de peregrinación.

La cultura de las reliquias genera una variedad de relicarios de tipologías distintas y una variedad infinita de aspectos. En esta ocasión se pretende abordar esa cultura y su papel en la metáfora de los espacios sagrados, a través del estudio de estos objetos sacros y de sus variantes tipológicas en Galicia.

Resumo biográfico | Short biography

Diana Duo Rámila — Universidade de Santiago de Compostela

Doctora en Historia del Arte por la Universidad de Santiago de Compostela, Licenciada en Historia del Arte por la Universidad Complutense de Madrid y Licenciada en Arte Dramático (especialidad Escenografía) por la Universidad de Kent – Escuela Superior de Arte Dramático de Torrelodones. Investigadora del Grupo de Investigación Iacobus y del Centro de Estudios de Historia de la Ciudad, de la Universidad de Santiago de Compostela. Desde hace años su línea de investigación se centra en el patrimonio histórico-artístico gallego, concretamente en el arte de la orfebrería, prestando especial atención a las relaciones artísticas e influencias de los talleres portugueses; ámbito en el que se circunscribe su tesis doctoral.

Diana Rafaela Martins PEREIRA

A lenda das Sete Senhoras. Contributo para o estudo da imaginária de vestir em Bragança - Miranda

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

A Lenda das Sete Senhoras, ou das Sete Irmãs, é uma das mais representativas da devoção mariana em Terras de Trás-os-Montes. Ao que parece (no caso transmontano) esta tradição advém somente da localização sobranceira de sete santuários de Nossa Senhora, no cimo das serras de Bragança, Zamora e Salamanca, que possibilita o seu entre visionamento. Não existe consenso sobre quais as sete Senhoras, sendo que as diversas versões regionais portuguesas e espanholas diferem quanto às mesmas. Entre as dezassete habitualmente indicadas, contam-se dez imagens de vestir, três espanholas e sete portuguesas, as quais constituem o nosso objeto de estudo. São elas a Nossa Senhora da Luz de Constantim (Miranda do Douro), a Nossa Senhora da Assunção de Vilas Boas (Vila Flor), a Nossa Senhora do Naso de Póvoa (Miranda do Douro), a Nossa Senhora das Neves de Sambade e Covelas (Alfândega da Fé), a Nossa Senhora do Monte de Duas Igrejas (Miranda do Douro) e as Senhoras da Serra da Nogueira e da Ribeira de Quintanilha (Bragança) – as duas últimas outrora de vestir, são agora de talha inteira. Após a identificação das fontes primordiais para as várias versões da lenda, que parece ser de tradição sobretudo oral, são estudados os casos acima identificados, contemplando a

origem e evolução do seu culto, as sub-tipologias escultóricas e a sua proximidade com os devotos, através dos seus enxovais, procissões e romarias. Tal implica o contacto direto com as populações, as quais são o principal repositório de memória destas práticas e vivências. Desta forma, esperamos compreender a importância destes cultos e imagens para a comunidade em que se inserem, na qual se incluem tambémromeiros do outro lado da fronteira, visto ser esta uma lenda partilhada com nuestros hermanos.

Resumo biográfico | Short biography

Diana Rafaela Martins Pereira — FLUP | CITCEM

Licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2012) e Mestre em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2014) com uma Dissertação sobre Imagens de Vestir em Aveiro. Trabalhou no Museu de Aveiro e na agência de arte contemporânea We Art e colaborou com o jornal *O Interior*. Atualmente é Doutoranda em História da Arte Portuguesa pela mesma Faculdade, com uma Bolsa de Doutoramento atribuída pela FCT, e integra o CITCEM no grupo Sociabilidades, Práticas e Formas de Sentimento Religioso.

Duško KUZOVIC | Farhan Abdullah ALI

Genius Loci through parametric era, does it exist? A phenomenological approach to analyse the contemporary architectural discourse

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

At the middle of 1990's, CAD developers declared that a new technology appeared, it is the *parametric design*, the concept of parametric design was not new; it takes its principles from mathematics. CAD developers had started with this technology at the 1960's, but it was very complicated and costly at that time. With CATIA, AUTOCAD 2010, REVIT, SKETCHPAD and other software, a new overthrow point, which dismantled the *architectural discourse* started. Because of the wallow and overuse of the parametric design, numerous critical issues have appeared. One of the issues is the role of the designers in the design process and how they're controlling the final product. Also, what the probability

of the chance in designing and choosing the final option from unlimited proposals that are producing by machine. CAD at this moment becomes (computer-acted design) and the tool that suppose invented to help the design process, become a generative tool. With parametric technology and the *Digital Morphogenesis*, the designer in the design process does not draw a sketch but he writes a script. The second critical issue is lacking the spirit of the place; there is no *Genius Loci* in the archi-parametric discourse. The parametric places have no identity, correlation, conceptual context or compositional structure. These places lost its sanctity and spirit and became inverted and perverted technically and aesthetically. Moreover, looking for a sense of place and *Genius Loci* has become an illusion, there is a critical effective of parametric design on creativity, and there are wallow and lack of clarity in connecting the buildings within the urban context. This impasse raises the questions about how much the architects infected. And, what is coming next? What the future of the architectural discourse is? Is that foretold the death of the architect and the birth of the machine?

Resumos biográficos | Short biographies

Duško Kuzovic — Cihan University - Erbil -Iraq | Architectural Engineering Department

Assistant Research Professor (2014) at the Ethnographic Institute Serbian Academy of Science and Art, Belgrade, Serbia.

Doctor of Technical Sciences in the field of architecture and urban planning (2013) Faculty of Architecture, University of Belgrade, the topic of the thesis: “Residential architecture of towns and cities of western Serbia in the 19th and first half of the 20th century” (mentor: prof. Dr. Mirjana Roter-Blagojevi).

Magister of Technical Science (2006) Faculty of Architecture, University of Belgrade, the topic of the thesis: “Farmhouse, village and rural centers in the municipality of Kosjeri in the 19th and first half of the 20th century” (mentor: prof. Dr. Nadja Kurtovic-Foli) (Average score: 10.00).

Diploma Engineer in Architecture (1994) Faculty of Architecture, University of Belgrade, the topic of the thesis: “Parish church and the parish house in Tivat” (mentor: academic prof. Milan Lojanica) (Average score: 8.60).

Farhan Abdullah Ali — Cihan University – Erbil/Iraq | Architectural Engineering Department

Farhan Abdullah Ali (16 April 1971/ Mosul – Iraq). Lecturer (2010- until 2015) in architectural engineering department / Cihan University – Erbil –Iraq. Qualification & Certificates: 2nd Oct. 2015 – started as a Ph.D. candidate at Girne American University; 26th Jan. 2000 – M .Sc. Urban & Regional Planning from the University of Baghdad; 29th June 1996- B.Sc. Architectural engineering from the University of Mosul.

The effect of the binary space and society interaction in creating an actual context of understanding the traditional urban space

Secção 5 — Mundos de Transição

Resumo | Abstract

Urban Space is not just a simple, physical configuration. Instead, it is a translation of human experiences with the different synchronic architectural characteristic that need a critical examination to segregate discrete layers of structural elements. As a result the traditional urban space is a unique existence of reality; it is a product of prolonged interaction between society and architecture. The association is so prevailing that each portion has a significant role in creating a combination of mental prototypes of interpretation between the different factors that gives the urban space its final form. There is a critical attitude headed for constructing different layers of diachronic contexts to recognize the urban space in any historic city. The distinct layers of meaning to the continued existence of the space combined with different merged context as a clue to understanding and transfer the meaning or keep it in a particular way. Neglecting any part in the public space perception process is enough to crash the binary equation to the ground letting the meaning paralyzed without being able to represent any society or keep the sense in a potential way. There are many examples of worn-out urban space some of them was a result of ignorance and full absent of realization of the interaction between human and architecture. An example of the previous statement is the central urban space of Al-Kadhimiya, a city north of Baghdad, the capital of Iraq, is a crucial example of this type. The sequenced Iraqi municipality has demolished that relationship by importing different layers that are not compatible with the original one or as a result of inserting new means of technology in the heart of the historic cities. The other example from Erbil, a city north of Iraq, where the municipality determinably removed the old fabric to insert a well-defined rectangle space, somehow to create an urban public space, that procedure juxtaposed by form a barrier to isolate the old Souk from the other part of the old city. Both cities are suffered from a misunderstanding of the urban binary equation between space and architecture as a tool to understand the context.

Resumos biográficos | Short biographies

Duško Kuzovic — Faculty of Architecture, Design and Fine Arts | Girne American University | TRN Cyprus

Assistant Research Professor (2014) at the Ethnographic Institute Serbian Academy of Science and Art, Belgrade, Serbia.

Doctor of Technical Sciences in the field of architecture and urban planning (2013) Faculty of Architecture, University of Belgrade, the topic of the thesis: “Residential architecture of towns and cities of western Serbia in the 19th and first half of the 20th century” (mentor: prof. Dr. Mirjana Roter-Blagojevi).

Magister of Technical Science (2006) Faculty of Architecture, University of Belgrade, the topic of the thesis: “Farmhouse, village and rural centers in the municipality of Kosjeri in the 19th and first half of the 20th century” (mentor: prof. Dr. Nadja Kurtovic-Foli) (Average score: 10.00).

Diploma Engineer in Architecture (1994) Faculty of Architecture, University of Belgrade, the topic of the thesis: “Parish church and the parish house in Tivat” (mentor: academic prof. Milan Lojanica) (Average score: 8.60).

Mustafa Aziz M. Amen — Faculty of Architecture | Design and Fine Arts | Girne American University | TRN Cyprus

Is an Architect, born on September 1971, in Iraq.

Educational Qualifications

1. 2015-2016 Girne American University, Cyprus. Ph.D. Candidate.
2. 1998, Baghdad University. MSc in Urban & Regional Planning Theses title “The Structural Echo and its Effect on the Urban Design”.
3. 1994, Baghdad University. Degree in Architectural Engineering.

Certifications and Course Completed

1. Teaching Effectiveness from Albitek University –Greece-2012.
2. Teaching Methods from Salahddin University-Erbil-2011.
3. Chaos Group for Lighting and Rendering.

Work Experience

1. 2009 to the present time Position: lecturer. Cihan University. Hawler, Iraq.
2. 2006 to 2009. Position: Design Director. Arch tag Limited. Abu Dhabi, UAE.
3. 2003 to 2006 Position: Senior Architect & Designer. Cinmar Design Architects, Dubai, UAE.
4. 2002 to 2003 Position: Architect. Green Line Architects Sharjah, UAE.
5. 1999 to 2002 Position: Architect. Depa-Arabtec, Dubai, UAE.

Eamonn CANNIFFE

Imago urbis: Rome's recurring dream

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

The *genius loci* of a city is a complex phenomenon to describe but within the context of Rome it offers the opportunity to read contemporary life through the lens of the past, and the metaphors it gathers.

Paradise

The attempt to capture the eternal should not be confused with historicism. The intrusion of modernity, paradoxically represented in Rome by the presence of the Altare della Patria represents a rupture in that continuity in whatever forms it is dressed. As a result, the aspiration to regain the condition of an urban paradise can only be provisional since we have knowledge of its limits, its subjectivity and its likely ruin.

Grave

The archaeology of place amplifies meaning. The concept of reburying sites that have been excavated evokes the autonomy of the subterranean city, existing for its own purpose, in its own time and anticipating its discovery. The landscape of the ground diminishes the significance of the present in relation to the past and the future of the city.

City

The eclecticism of the city's architectural languages between the ancient and the modern, represents the diversity of its lives. As order and disorder, formal and informal it embodies a balance between the social and the aesthetic which is only resolved in its complementarity. This variety need not be masked as it represents the very essence of urbanity and contrasts clearly with its opposition to nature.

Wilderness

The natural condition threatens to overwhelm architectural and urban order at every turn, offering the prospect of decay as the destiny of the man-made environment. Resisting this process is the fundamental situation that brings architecture into being, its necessary precursor and conclusion, humanity's organic desire to make sense of the world through place.

The coexistences of these meanings, their erasures and their interpretations in the multiple matrices of Rome present a model through which the familiar but imprecise term *genius loci* might be illuminated and extended.

Resumo biográfico | Short biography

Eamonn Canniffe — Manchester School of Architecture | Faculty of Art and Design

Leads the MA Architecture + Urbanism at the msa. Born in Manchester in 1960 and educated in Architecture at Cambridge and Harvard Universities. In 1996 held a Rome Scholarship in the Fine Arts at the British School at Rome. Between 1986 and 1998 taught at the University of Manchester School of Architecture, and between 1998 and 2006 at the University of Sheffield School of Architecture. Is the author of 'Urban Ethic: Design in the Contemporary City' (Routledge 2006) and 'The Politics of the Piazza: the history and meaning of the Italian square' (Ashgate 2008), which presented at the De Bosis Colloquium in Italian Studies at Harvard University in 2009. Is also co-author (with Tom Jefferies) of 'Manchester Architecture Guide' (1999) and (with Peter Blundell Jones) of 'Modern Architecture through Case Studies 1945-1990' (Architectural Press 2007). Has served for a number of years as Architecture Series Editor for Ashgate Publishing

Eduarda VIEIRA | Helena PIRES | José Ferrão AFONSO

O edifício do Seminário dos Missionários Apostólicos de Vinhais, espaço sacro como elemento identitário no contexto histórico da vila de Vinhais

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Esta comunicação tem por objeto de estudo a Igreja de São Francisco e o complexo do Seminário dos Missionários Apostólicos de Vinhais, elemento identitário deste concelho desde o século XVIII, classificado como Monumento de Interesse Público (MIP) pela Portaria n.º 421/2013, DR, 2.ª série, n.º 122, de 27-06-2013. Propomos uma análise reflexiva sobre a arquitectura do edifício e as transformações deste espaço religioso, considerando que não há uma perceção global da sua importância por parte da comunidade local, tornou-se imprescindível estudar e divulgar este imóvel no seu conjunto: igreja; e o seminário/convento, no sentido de fundamentar as decisões que enquadrem uma proposta de salvaguardar o seu valor patrimonial e de valorização futura.

Fazendo parte do património desta vila, este monumento contribuiu para a construção da sua identidade social. A sua construção neste local tem que ser entendida como parte

da identidade e da memória desta comunidade. No contacto com as características do local, estabelecemos uma ligação com o território e verificamos que a paisagem também acabou por ser transformada e ao interagir sobre ela, humanizou-a. De um modo geral, o sítio mantém-se, mas ao longo do tempo alterou-se a forma e o desenho da malha urbana. Hoje é uma síntese de vários momentos da história, com permanências, sem que, no entanto, ocorra um corte com o passado.

Atualmente, a área envolvente da Igreja de São Francisco e o complexo do Seminário dos Missionários Apostólicos de Vinhais encontra-se bastante alterada, devido ao conjunto de construções de função habitacional e comércio. No entanto esta leitura deve ser entendida e analisada no seu enquadramento territorial.

O conjunto destaca-se pela sua volumetria, e à medida que nos deslocamos de sul para norte, ele impõe-se na paisagem. A sua construção é sólida e é claramente a imagem de um local sagrado.

Resumos biográficos | Short biographies

Eduarda Vieira — Escola das Artes | CITAR | Universidade Católica Portuguesa

Doutora em Conservação e Restauro do Património Histórico-Artístico pela Universidade Politécnica de Valência – Espanha (2009). Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora (2003). Pós-graduada em Museologia pela Universidade de Brno (República Checa) – 1996. Pós-graduada em Museologia Social pela Universidade Autónoma de Lisboa (1991). Licenciada em Ciências Históricas pela Universidade Livre do Porto (1985)

Experiência Profissional e Cargos que Desempenha: Professora Auxiliar do Departamento de Arte e Restauro da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa- Centro Regional do Porto. Vice-Presidente do Conselho Pedagógico da Escola das Artes da U.C.P.- Porto. Coordenadora do Curso de Doutoramento em Conservação de Bens Culturais- UCP/Porto. Coordenadora da linha de investigação em Estudo e Conservação do Património, do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes – CITAR. Docente da área de Materiais Inorgânicos na Escola das Artes (1º e 2º ciclos). Directora da revista digital – ECR- Estudos de Conservação e Restauro. Membro do Conselho Científico da revista digital Ge- Conservación. Membro do ICOM-CC. Membro do ICO-MOS- Portugal.

Helena Pires — Escola das Artes | CITAR | Universidade Católica Portuguesa)

Desde 2013 a frequentar o Doutoramento em Estudos do Património na Universidade Católica do Porto e investigadora em Doutoramento do CITAR.

Nascido a 14-10-1951. Licenciado em História, variante da Arte, no ano de 1995, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a classificação de 16 valores. Mestre em História, variante de Arte, no ano de 1999, com a dissertação «A rua das Flores no século XVI. Elementos para a história urbana do Porto Quinhentista», pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a classificação de Muito Bom (bolseiro da FCT). Doutorado em Teoria e História de Arquitectura no ano de 2008, com a dissertação «A Imagem tem que saltar, ou o rebate dos signos. A cidade episcopal e o Porto intramuros no século XVI. Propriedade, ritual, representação e forma urbana (1499-1604)» pelo Departamento de Composição Arquitectónica da Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidade Politécnica da Catalunha, com a classificação de Suma Cum Laude (bolseiro da FCT). Principais publicações: «A imagem tem que saltar»: A igreja e o Porto no século XVI (499-1606). Um estudo de história urbana. Lisboa: FCG/FCT, 2013; A Rua das Flores no século XVI: elementos para a história urbana do Porto quinhentista, Porto: FAUP, 2000.

Eduarda VIEIRA | Pedro CASTRO

Práticas de manutenção e conservação do património integrado no arciprestado de Bragança-Miranda. Estudo da acção das zeladoras e comissões fabriqueiras

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Esta comunicação tem por objecto de estudo o papel das zeladoras e das comissões fabriqueiras¹ na manutenção do património integrado dos espaços sacros - na Diocese de Bragança-Miranda, nomeadamente estabelecemos uma área piloto para a execução do nosso trabalho, sendo que este irá decorrer no Arciprestado de Miranda do Douro. Após a reorganização administrativa do território, Miranda passou de 17 para 13 Freguesias, de modo a ser representativa a nossa amostra irá abranger cerca de 70% das paróquias do Arciprestado. A Diocese (Bragança-Miranda), é constituída 325 paróquias com 303 anexas em 620 localidades. Nesse sentido, pretende-se recolher informação sobre as tarefas que lhes estão confiadas e os procedimentos inerentes. Esta recolha é feita quer através de questionários elaborados para o efeito, entrevistas e pela observação partici-

pante. Como metodologia inicial procederemos a uma análise comparativa da informação recolhida entre as diferentes paróquias do Arciprestado. É nossa intenção, no final desta investigação², apresentar propostas para o desenvolvimento de boas práticas de manutenção e um manual de gestão do património integrado direccionado aos agentes envolvidos (párcos, zeladoras e membros de comissões fabriqueiras). Como quadro mais amplo visa-se a elaboração de um plano de conservação, que incluía avaliação e a gestão de risco no contexto do universo estudado.

¹ O nome de comissão fabriqueira vem do Decreto 11.887 de 6.7.1926, que a dá como a pessoa moral reconhecida pelo Estado para gerir os bens do benefício paroquial e da fábrica da igreja paroquial, nome que tem persistido depois da Concordata de 1940. http://www.portal.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=787, acedido em 11.07.2015.

² A presente comunicação insere-se no âmbito do nosso projecto de investigação de doutoramento em Estudos de Património, a decorrer na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa - Polo Regional do Porto. Pretendemos, como objectivo geral no final da nossa Tese conhecer a evolução histórica das práticas de manutenção do património integrado da Igreja católica em Portugal e, se possível, estabelecer um termo comparativo do caso Português com a situação dos países do sul da Europa. O autor é Licenciado em Gestão de Recursos Humanos e Psicologia do Trabalho pelo ISLA. Curso de Estudos Superiores Especializados (C.E.S.E.) - Peritos em Arte/Mobiliário na Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva. Pós-graduado em Artes Decorativas na Universidade Católica Portuguesa. Frequentou Mestrado no Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Geografia da Universidade Lusófona, em Conservação Preventiva – Condições Ambientais, sobre a orientação do Professor Luís Casanovas no Ano Lectivo de 2003/2004. Parte curricular concluída em 2003.

Resumos biográficos | Short biographies

Eduarda Vieira — Escola das Artes | CITAR | Universidade Católica Portuguesa

Doutora em Conservação e Restauro do Património Histórico-Artístico pela Universidade Politécnica de Valência – Espanha (2009). Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora (2003). Pós-graduada em Museologia pela Universidade de Brno (República Checa) – 1996. Pós-graduada em Museologia Social pela Universidade Autónoma de Lisboa (1991). Licenciada em Ciências Históricas pela Universidade Livre do Porto (1985)

Experiência Profissional e Cargos que Desempenha: Professora Auxiliar do Departamento de Arte e Restauro da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa- Centro Regional do Porto. Vice-Presidente do Conselho Pedagógico da Escola das Artes da U.C.P.- Porto. Coordenadora do Curso de Doutoramento em Conservação de Bens Culturais- UCP/Porto. Coordenadora da linha de investigação em Estudo e Conservação do Património, do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes – CITAR. Docente da área de Materiais Inorgânicos na Escola das Artes (1º e 2º ciclos). Directora da revista digital – ECR- Estudos de Conservação e Restauro. Membro do Conselho Científico da revista digital Ge- Conservación. Membro do ICOM-CC. Membro do ICO-MOS- Portugal.

Pedro Castro — Escola das Artes | CITAR | Universidade Católica Portuguesa

Doutorando em Estudos do Património na Universidade Católica do Porto; Frequentou Mestrado em Museologia, no Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Geografia da Universidade Lusófona. Conservação Preventiva – Condições Ambientais, sobre a orientação do Professor Luís Casanovas no Ano Lectivo de 2003/2004. Parte curricular concluída em 2003; Pós-graduado em Artes Decorativas na Universidade Católica Portuguesa; Curso de Estudos Superiores Especializados (C.E.S.E.) - Peritos em Arte/Mobiliário na Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva; Licenciado em Gestão de Recursos Humanos e Psicologia do Trabalho pelo ISLA. Investigador em Doutoramento do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes – CITAR; Membro do Colégio Científico do Centro de Restauro da Diocese de Bragança-Miranda; Conservador-Restaurador.

Ekaterina BYKOVA

Lake Svetloyar: in search of the invisible city (grad) of Kitezh

Secção 5 — Mundos de Transição

Resumo | Abstract

The research is founded on the manuscripts and expeditionary sources. The historical memory of Old Russia, which took various legends and stories in itself, made lake Svetloyar (Nizhny Novgorod region, Central Russia) sacral, and connected it with the legend about the invisible city (grad¹) of Kitezh. World vision of the Russians, their view at the past, real and future, their belief, hopes and aspiration, formation a unique cultural landscape, attached importance to this place. Lake Svetloyar is connected with the city (grad) of Kitezh; it's a story of our ancestors about love of the god Yarilo and Mother Virgin Land and the birth of all living things. It was the way our ancestors thought about why summer changes winter, and how the fire was born.

¹ Grad – the old Russian word «city».

Resumo biográfico | Short biography

Ekaterina Bykova — Vyatka State University

Associate Professor of Department of philosophy and cultural science at Vyatka State Uni-

versity, Kirov. Finished Academy of Arts, St Petersburg, the Faculty of Theory and History of art and received a PhD in 2005. Research interests include culture and art of multiethnic and multiconfessional areas of Volgo-Vyatka region where different peoples live. One of the ranges of interests is the interference and transformation of customs, development of connection of pagan and Christian traditions. An expert in the field of religious art, especially old-believers and orthodox art. The researches are based on the expeditions both on the territory of Russia and the Baltic countries (Lithuania, Latvia, Estonia) (1997-215).

Elena KASHINA

'Save and Preserve': Imperial ecclesiastical foundations in Crimea at the turn of the 20th century

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

The Crimean peninsula is incontestably a region of multiple identities, histories and perspectives on culture, nature and society. This paper proposes to discuss the phenomenon and architecture of ecclesiastical foundations which emerged in Crimea under the patronage of the Romanov Imperial dynasty in the last decades of the 19th - early 20th century. The architectural peculiarities of the ensembles and individual buildings will be examined in an attempt to understand the cultural and political circumstances in which they emerged and their significance as instruments of understanding competing histories of the peninsular.

The fabric of the devotional spaces will be discussed as a manifestation of a synergy of tradition and vernacular interpretation of the cosmopolitan Art Nouveau. It will be shown that architecturally, the constructions represent a synaesthesia of national ethos and contemporary scientific and aesthetic developments. At the same time, the striving for authenticity in matters of iconographic prototypes for the decorative programme of the new structures and items used during the liturgical rites testify to a desire to contribute to the celebration of Christianity 'in the spirit of Old Piety'. The overall aesthetic narrative of the foundations, combined with their private nature could thus be interpreted as a personal prayer to preserve Russia from the social cataclysms which already were being felt, and threatened with even greater instability. This suggestion is further corroborated by the personal nature of involvement of the Imperial family in the contemporaneous ecclesiastical constructions in Nice and Bari.

The paper shall conclude that the Imperial ecclesiastical statements in Crimea at the turn of the 20th century were conceived as a personal pilgrimage of a manner, whereby protection was sought for the country and her ruling dynasty, and were prompted by a desire for greater stability, which ought to rest on the pillars of tradition and regeneration.

Sculpture of Oslo city council: articulating a vision of life and the self

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

This paper would like to consider the wooden tableaux which decorate the walls of the courtyard of the building of Oslo's City Council unveiled in 1950 as an integral and energetic part of an edifice which epitomizes the notion of celebration of the public citizen and of a space whose entire range of artistic narratives were charged with articulating and materializing the country's new identity.

Norway gained national independence in 1905. In 1914 a call was voiced for a building for the City Council of Oslo whose artistic paradigm would encapsulate the city's vision of its cultural identity and form the foundation for a constructive building of a future.

The wooden friezes, largely overlooked in research, represent a rich narrative unfolding across 16 tableaux, each weighing a 1000 kg, conceived by the Norwegian artist and sculptor Dagfinn Werenskiold, featuring motifs from Norse mythology. The very material, wood, is traditional for Norway, it has historically been used both in ecclesiastical and secular construction, with wooden ornament and sculpture also an integral part of Norwegian art production. The monumentality of each wooden piece has served to project stability, a shared ancestry and common enduring sensibilities.

The choice of Norse mythology as subject matter for the friezes, as well as the choice of the artist will be shown to further emphasize the nation building mission of the decorative scheme of the edifice.

In a discussion which will have taken into account the themes of materiality, modernism and tradition, figuration and abstraction

Resumo biográfico | Short biography

Elena Kashina — University of York/Independent

Studied for her MPhil in Mediaeval Viking and Scandinavian Studies at the University of Oslo, following an award of a scholarship by the Research Council of Norway and gained her PhD in the History of Art at Leeds in 2007, with a dissertation which examined the re-

formulation of Russian national identity in the second half of the 19 - early 20th centuries. A major research interest is artistic dialogue between Russia and Europe, in early modern period and at the turn of the 20th century.

Forthcoming publications include:

'Transference of Authority: Spiritual Tradition as Foundation for State Construction and Preservation', edited volume *Political Theology*, to be published by Brill 2015, eds. Montserrat Herrero, Jaume Aurell and Angela Miceli;

Contribution to an edited collection on *Representing the Past in the Nineteenth Century*, to be published by Ashgate in 2016.

Julie GIMBAL | Eric FIRLEY

Cultural identity and shared memory: A comparison of Superkilen and Piazza d'Italia as case-studies of contemporary "Place"-making

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

With totalitarian vigour, the contemporary consumer society creates standardized and systematized spaces as common references throughout the world (supermarkets, hotels, retail chains, etc.). It is a system of signals doomed to eternally celebrate a functionalist present. Man eventually transforms into what is expected of him: an anonymous consumer of a "Non-lieu" (Marc Augé). A "Lieu" (Place), by contrast, mediates between individuals and encourages the emergence of collective life and memory, beyond fulfilling its functional obligations. In this desire to give a new meaning to the architectural environment, historic allusions and vernacular heritage can be harnessed. The question arises to what extent the promotion of a cultural identity leads to a nostalgic bastion or a laboratory of new shared imaginations?

Opened in 2012, Copenhagen's Superkilen park is an excellent example of a project that has been conceived as a reflection about contemporary identities. These are objectified in a range of open access vernacular elements that echo the cultural diversity of a local population with over 60 countries of origin. With this work, and the deceptively hands-off use of historico-cultural artifacts, BIG (Bjoeke Ingels Group) reinstitute the practice of

what Jean Baudrillard, in the footsteps of Marcel Mauss, called “échange symbolique” (symbolic exchange). How does this compare to Charles Moore’s Piazza d’Italia Scheme in New Orleans? Built in 1978 at the peak of postmodernism it was commissioned as a gift to the local immigrant population, playing very explicitly with a multitude of Italianate architectural elements and signs.

On the base of these two public projects conceived as a “Lieu” – they both address the citizen as an individual as much as a member of a community –, the paper discusses questions of place, function, reciprocity and appropriation, trying to approximate the moment in which vernacular signs create meaning and stimulate exchange.

Resumos biográficos | Short biographies

Eric Firley — University of Miami | School of Architecture

Born in Düsseldorf, Germany. He studied economy, architecture and city design in Fribourg, Lausanne, Weimar and London, and started his professional career in the real estate sector in Paris. Afterwards he worked for several years in design practices in Paris and London, before dedicating himself full-time to research and writing between 2007 and 2010. In 2011 he became assistant professor at the University of Miami School of Architecture. He has lectured in institutions around the world, including the Skyscraper Museum and Cooper Union in NYC, the Architectural Association in London, UC Berkeley, the National University of Singapore, the Parisian Planning Office (APUR) and McGill University in Montreal.

Julie Gimbal — Centre André Chastel | Paris IV La Sorbonne

Born in Pau, France. She studied history of art in Pau, Bordeaux and Paris. She is a Ph.D candidate in Paris IV La Sorbonne University after having worked in the French Institute of Architecture (Paris) and taught history of architecture in Pau University for several years. Her research on the European skyscraper leads to write a cultural history of France in the 20th century, where issues on identity and modernity in the heritage city have been crucial and extensively debated. History of technics and ideas exchange (United States-Europe, France-European countries) are part of her research that she presented in conferences or seminars. She writes on contemporary subjects as well, arising the question of heritage stakes in the city under construction. In 2011, she published with Eric Firley *The Urban towers handbook* (Wiley, Parenthèses).

Estefanía LÓPEZ SALAS

A graphical study of the evolution of a sacred space: St. Julian's Monastery at Samos

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

This paper will try to recreate the lengthy building process undergone by the St. Julian's Monastery at Samos from its origin to the end of the 18th century. That is, we focus on a period where the monks were the only authorities within the limits of its properties, just before the secularization of the Spanish religious houses as a result of the revolution of the early 19th century.

Through this recreation we aim to understand what factors had a higher influence on the configuration of the monastic space in each stage of its evolution. For this purpose, we ask: Was the space linked to the needs of a community life? Did the requirements of the liturgical activities determine the architectural forms? How do the geographical features of the place affect the organization of the space? What changes cause the fulfillment of a monastic enclosed life?

In order to answer all these questions, we propose a methodology which is not only based on archival documentation as a data source, but also on the large amount of information we can get from the on-site study of the monastic architecture and the monastic landscape that remain nowadays. In our research drawings are the elements which complement the historical documents and they also explain the monastic architecture and how it was formed over time. Simultaneously, the graphical recreation is a useful tool to analyze and interpret the architectural past forms and its meanings in the different moments of the process. This way we broaden the horizons on the historiography on this Galician monastery, traditionally focused on a written study, and we show a different method to undertake the knowledge of certain past, disappeared stages of the evolution of a sacred space.

Resumo biográfico | Short biography

Estefanía López Salas — Universidade da Coruña

Is an architect (2009) and received a Ph. D. in Architecture and Restoration from the University of A Coruña-Spain in 2015, as well as a M. A. in Architectural Restoration from the same university in 2010. Her dissertation title was *Saint Julian's Monastery at Samos (Lugo), study and interpretation of monastic space and its evolution*. She was granted a Pre-doctoral Fellowship from the University of A Coruña from March 2011 to December 2012, and a Pre-doctoral Fellowship of the Research, Innovation and Development Gali-

cian Plan 2011-2015 - IC2 Plan, financed jointly with Social European Fund (FSE-FEDER), from December 2012 to August 2015. Both fellowships had the purpose of doing the Ph. D. thesis, researching and teaching. Since March 2011 is an Assistant Professor at the Department of Composition, School of Architecture, University of A Coruña.

Eva Sofia Trindade DIAS

Dignificar o lugar, perpetuar a memória: os beneditinos na continuidade de representação de um culto

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Saída do processo de profunda reforma pós Concílio de Trento, a Congregação de São Bento de Portugal (1566-1834) assumiu, em finais do século XVI, uma estratégia de implantação distinta, ao projetar a sua fixação para os núcleos urbanos. Da enraizada presença secular na região do entre Douro e Minho, os mosteiros e colégios dos monges negros estenderam-se além Douro, chegando até à capital do reino português.

A mudança nos objetivos que nortearam a construção dos mosteiros beneditinos medievais não impediu que, da vetusta experiência de implantação e transformação do território de seus antecessores, os monges reformados retirassem os ensinamentos fundamentais para se lançarem na construção de novas edificações. Fiéis à interação entre a identidade do lugar, o edificado e a espiritualidade da Ordem, os monges bentos empreenderam grandes esforços para erigirem imponentes conjuntos monásticos, que marcaram de forma indelével a paisagem edificada dos novos locais de fixação.

Neste alargamento do horizonte beneditino, uma doação régia introduziu uma inesperada alteração na implantação geográfica. Chamados a preservar e a dignificar o local de culto de uma imagem milagrosa, os monges negros transformaram uma pequena e remota ermida escalabitana num mosteiro, perpetuando a sua memória, função e significado, até à extinção da Ordem. A abordagem a este processo de continuidade na expressão e representação de um culto, em que os beneditinos tiveram um papel crucial, abre novas perspectivas sobre o estudo relativo à dinâmica construtiva da Congregação de São Bento de Portugal e sobre o percurso da comunidade monástica ao longo dos séculos XVI a XIX que, com desvelo, procurou responder ao espírito e identidade devocionais herdados.

Resumo biográfico | Short biography

Eva Sofia Trindade Dias — FLUP | CEPSE

Licenciada em História da Arte (2008), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde obteve o grau de Mestre em História da Arte Portuguesa (2010), com a dissertação intitulada *Memórias do antigo Mosteiro do Couto de Cucujães na Época Moderna. Artistas e Obras (Séculos XVII a XIX)*, publicada em 2015. Doutoranda em História da Arte Portuguesa na mesma instituição, com o projeto científico *Renovação Artística dos Mosteiros da Congregação de São Bento (Séculos XVI-XIX)*, sob orientação do Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha. Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia entre 2011 e 2015. Investigadora do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, desde 2008. É autora de publicações no domínio da História da Arte relativas ao património religioso, com especial enfoque para as representações artísticas produzidas no seio da Congregação de São Bento de Portugal.

Eva WEYNS

From meadow to consecrated ground: the formation of suburban parishes in post-war Belgium, 1945-1975

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Traditionally, sacred places are known as extraordinary sites that inspire a particular awe. With rituals and exceptional architecture these sites are turned into realities separate from normal time and space. In this research we reverse this conventional conception of a sacred place, and examine instead how rather trivial locations become sacred. For the Christian religion, the volume *Loci Sacri* points out that places can be charged with new meaning through the use of symbolic media. Continuing from this, we question how meaning was attributed to new spaces for worship in suburban parishes established during the post-war period in Belgium. This paper thereby valorises provisional results of the fundamental research project *Catholic Territories* about the territorial strategies of the Catholic Church in securing a religious presence in the disordered suburban landscape through parish architecture. Within this broader evaluation, we analyse the case of the parish of Saint Pius X in Wilrijk, in the southern periphery of Antwerp. This research draws mostly on primary sources kept in parish archives, such as parish newsletters. Just as

in other rapidly urbanising areas, the need arose to establish a new church and meeting place for the young neighbourhood, located on former farm land. This paper argues that the sacralisation of this ordinary location went hand in hand with the formation of the parish community. Although the construction of the monumental church and its consecration ritual in 1967 explicitly supported its sacralisation, the place primarily acquired a sacred 'spirit' by its users. For the parish community, the place's significance was related to their involvement in the liturgy and their own organisation of sociocultural activities. Hence, the appropriation of the liturgical space by this progressive parish community indicates that local social practices are a key to the interpretation of post-war religious places and their sacredness.

Resumo biográfico | Short biography

Eva Weyns — PhD researcher at KU Leuven | Faculty of Architecture

Studied Architectural Engineering (KU Leuven) and Conservation of Monuments and Sites (Raymond Lemaire International Centre for Conservation, KU Leuven). At present, is a PhD researcher at the KU Leuven Faculty of Architecture, where works on the research project 'Catholic Territories in a Suburban landscape. Religion and Urbanization in Belgium, 1945-1975'. Has been actively involved in the discussion on the future of religious heritage, through her participation in the European project 'ALTERheritage' (Adapting Learning Tools for Europe's Religious Heritage) (2013-2015) and her collaboration in the study on reuse opportunities for religious heritage in the Brussels Region (2013-2014).

Fernando PONTES | Jorge PÓPULO | Margarida SILVA | Sónia BRAGA |
Susana MEDINA

Faculdade Técnica da Universidade do Porto (1915-1926): documentar ruturas e continuidades no ensino superior técnico

Secção 5 — Mundos de Transicção

Resumo | Abstract

Em 2015 celebram-se os 100 anos de criação da Faculdade Técnica (1915), instituição de ensino superior da Universidade do Porto dedicada ao ensino e investigação em diversos ramos da engenharia. O momento compreendido entre a criação da Faculdade Técnica e

a sua transformação em Faculdade de Engenharia (1926) inscreve-se num agitado período histórico, mas também num dos mais decisivos momentos em termos de afirmação da formação superior técnica e de construção de identidade do corpo profissional que lhe corresponde em Portugal.

Como analisado por Maria de Lurdes Rodrigues¹, é a partir de 1911 que a engenharia portuguesa se institucionaliza como domínio de conhecimentos produzido e projetado no espaço dos estabelecimentos de ensino superior. O período entre 1911-1915 foi um momento de transição durante o qual o ensino da Engenharia no Porto se encontrava ainda dependente da Faculdade de Ciências. A autonomia que permitiu a condução de um programa científico-pedagógico especializado só foi alcançada em 1915. Inscreve-se a outra data extrema (1926) num outro período - o da construção e desenvolvimento da profissão de engenheiro, cujo marco mais evidente foi a legislação para proteção do título de engenheiro².

Com a investigação efetuada de forma integrada nos acervos do Arquivo, Biblioteca e Museu da Faculdade de Engenharia U.P. procurou-se identificar e documentar as transformações nos processos de transmissão e produção de conhecimento em Engenharia, as possibilidades de ação e suas concretizações, bem como os sinais de mudança na construção da identidade do respetivo corpo profissional.

¹ Rodrigues, Maria de Lurdes. 2002. Engenharia e sociedade: a profissão de engenheiro em Portugal. In *Engenho e Obra*. Ed. José Maria Brandão de Brito, 60-70. Lisboa: D. Quixote.

² Decretos nº 1638, de 23 de julho de 1924, nº 11988 de 26 de julho de 1926 e nº 19161, de 23 de dezembro de 1930.

Resumos biográficos | Short biographies

Fernando Pontes — FEUP – Serviço de Documentação e Informação

Assistente técnico no Serviço de Documentação e Informação da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Concluiu o curso BAD (Biblioteca, Arquivo e Documentação) em 1996 na Universidade do Minho, concluiu o curso de História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2001 e a pós-graduação em Ciências Documentais na mesma instituição.

Jorge Pópulo — FEUP – Serviço de Documentação e Informação

Licenciou-se em História e é mestre em Ciência da Informação pela Universidade do Porto. Técnico superior de Arquivo na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, cumprindo atualmente uma comissão de serviço na Divisão de Arquivo e Museu.

Margarida Silva — FEUP – Serviço de Documentação e Informação

Licenciada em Conservação e Restauro pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Uni-

versidade Nova de Lisboa (2004), desempenha a função de conservadora de bens museológicos e documentais no Serviço de Documentação e Informação da FEUP desde 2011.

Sónia Braga — FEUP – Serviço de Documentação e Informação

Assistente técnica no Serviço de Documentação e Informação da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Concluiu o curso BAD (Biblioteca, Arquivo e Documentação) na FEUP em 2003 e frequentou o curso de Engenharia Informática no Instituto Superior de Engenharia do Porto.

Susana Medina — FLUP | DCTP | FEUP – Serviço de Documentação e Informação

Licenciada em História (variante Arte), pós-graduada em *European Cultural Planning* pela Universidade De Montfort (Leicester, Reino Unido) e mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Exerceu atividade profissional enquanto museóloga na Fundação de Serralves (S. Educativo até 1999) e integrou a equipa que programou os eventos das áreas do Pensamento, Ciência, Literatura e Projectos Transversais da Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura.

Desde finais de 2003 é responsável pelo projecto do Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP). Atualmente é aluna de Doutoramento em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Florbela Maria Beco Estêvão Oliveira JORGE

Nudez de imagens religiosas: algumas reflexões e um exemplo

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Como é sabido, uma das manifestações da escultura religiosa cristã é a das chamadas “imagens de vestir”. Entre elas, são conhecidas as “imagens de roca”, ou seja, figuras que têm uma parte do seu corpo constituída por uma estrutura de travessas de madeira. Mais leves do que as imagens de vulto pleno, e, portanto, mais fáceis de transportar (por exemplo em procissões), torna-se particularmente notória ao nosso olhar a sua “nudez”, ou seja, a sua estrutura interna parcialmente “vazia”, quando não estão ainda revestidas

de vestuário.

Para o espírito cristão, a nudez está intimamente conotada com a perda da graça divina, ou seja, com a queda originária de Adão e Eva no paraíso, quando, depois de terem “pecado”, se sentem pela primeira vez nus e têm de cobrir os respectivos sexos. Essa temática é magnificamente exposta por Giorgio Agamben num dos capítulos do seu famoso livro “Nudez” (publicado inicialmente em Itália em 2009).

Daí todo um cuidado e conjunto de ritos relacionados com o pudor das imagens e com a especificação das pessoas encarregadas de as vestir, antes de se exibirem em público. Esta exibição é particularmente importante no catolicismo, tendo atingido o seu ápice, como é sabido, na cenografia barroca.

Nesta comunicação, após algumas considerações sobre a problemática enunciada e as suas conotações simbólicas, apresentaremos um exemplo colhido em Bucelas, Loures, relacionado com a procissão anual do Anjo Custódio, que ali se realiza no terceiro domingo de julho.

Resumo biográfico | Short biography

Florbela Maria Beco Estêvão Oliveira Jorge — Instituto de História Contemporânea | FCSH-UNL

Investigadora do Instituto de História Contemporânea (IHC - FCSH-UNL). Mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013), com a dissertação *Transformações de uma Paisagem: o Sistema Defensivo das Linhas de Torres e sua Musealização*, e pós-graduada em Museologia e Arqueologia. Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1989). Técnica superior da Câmara Municipal de Loures na Divisão de Cultura- Área de Museus-Arqueologia desde 1990.

Francisco Manuel Portugal e GOMES

Dimensão ética nos objectivos do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

As abordagens ao “*Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*” (1955), promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, não se têm debruçado sobre a evolução do método, nem com a sua relação com os objectivos inicialmente propostos, o que tem dificultado avanços na compreensão dos fundamentos do estudo.

Antes da realização do inquérito, Keil do Amaral (1910-1975) e Arménio Losa (1908-1988) fizeram uma “viagem exploratória” ao norte de Portugal para estudar as técnicas tradicionais de construção. A documentação dessa viagem, até agora ignorada, abre novas perspectivas quanto à origem e evolução do método de análise inicial do inquérito. A finalidade deste artigo é demonstrar como o essencial desse método - constituído por sete “aspectos” em que o inquérito deveria incidir - está intimamente relacionado com os propósitos do trabalho. Na primeira parte do artigo são focadas questões do contexto da viagem e é feita uma caracterização da sua documentação. Tomando como ponto de partida um índice de títulos que integra esse material da viagem, e com base em alguns documentos existentes no arquivo na Ordem dos Arquitectos, é feito um ensaio da evolução do esquema dos “aspectos”. Na segunda parte do artigo é feita uma análise atenta aos objectivos do inquérito da qual resulta uma hierarquia (representada num quadro) que distingue duas dimensões complementares: uma pedagógica e outra ética. Os objectivos principais, mais difíceis de atingir, não dependiam só do empenho dos arquitectos, mas também envolviam a classe política e a sociedade. Eram de tal modo abrangentes que não cabiam na exclusiva esfera disciplinar e provocavam uma rotura com a moral vigente e os valores dominantes baseados no portuguesismo e na hegemonia nacional. A dimensão ética tinha na sua base um ideal de liberdade de expressão que possibilitaria uma “actualização de concepções” e o surgimento de um regionalismo humanista capaz de beneficiar o país.

Resumo biográfico | Short biography

Francisco Manuel Portugal e Gomes — DARQ - Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Nasceu no Porto, a 10 de julho de 1963. Entrou para o Curso de Arquitectura da Escola de Belas-Artes do Porto, em 1983. Arquitecto diplomado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, em 1989. Assistente Convidado, Faculdade de Arquitectura

da Universidade do Porto, entre 1995 e 1997. Doutorando em Teoria e História da Arquitectura, Darq - Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, desde 2010, investigando a relação entre a reflexão das condições da prática da arquitectura, com as pesquisas coordenadas à Arquitectura Popular em Portugal, entre 1955 e 2000, promovidas pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos e pela Ordem dos Arquitectos.

Bolseiro da FCT- Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ref. SFRH/BD/81699/2011. É autor do artigo “Crítica à “Grille CIAM” e “Arquitectura Popular em Portugal», apresentado no Colóquio Internacional de Arquitectura Popular, Casa das Artes, Arcos de Valdevez, abril de 2013.

Franko CORIC

Approach of the stakeholders to the specific segments of heritage

Secção 5 — Mundos de Transição:

Resumo | Abstract

Genius Loci, a location's distinctive atmosphere or a spirit of place, is an old theme of the modern theories about architecture, its surrounding and the protection of the cultural heritage. Among the first mentioning it were Karl Henrici and Otto Wagner followed by the influential architectural theorist Christian Norberg-Schulz. At the same time as the modern perception of Genius Loci was emerging, the perception of ambience of historical and artistic monuments was also being introduced. (Paul Schulze-Naumburg, Alois Riegl, Max Dvořák, Gustavo Giovanni, Athens and Venice Charta, Amsterdam Declaration). In the fourth quarter of the 20th century International scholars began to redefine the theoretical basics of integrity and authenticity of the historic monument/work of art (Jukka Jokilehto, Salvador Muñoz Viñas, Natalija Duškina). Croatia has a long tradition of conservation and restoration of its cultural heritage. With the frequent changes in political, social and ideological systems (Austro-Hungarian Monarchy, Kingdom of Yugoslavia, Independent State of Croatia, communist Yugoslavia, Republic of Croatia, since 2013 a member of EU) the emphasis kept shifting from one element of cultural heritage to another. There are four distinct attitudes of the stakeholders regarding a specific monument or place, which can be observed in every category of cultural heritage:

1. continuous protection of objects that make part of (redefined) collective identity: the historic core of Split, Croatia; cultural landscape of Wachau, Austria;

2. *damnatio memoriae*, a destructive attitude towards objects of different ideology or relicts of opposed systems: Nazi destruction of Warsaw, reconstruction of Zadar, Croatia after the World War II;

3. inconvenient objects, sites or elements: Island Gorée, Senegal; Jasenovac and Goli otok, Croatia; Fado between 1974 and 1999;

4. reconstruction of deteriorated or demolished monuments that are considered as parts of the specific (reestablished) identity: Warsaw, Poland; St. Michael's Monastery in Kiev, Ukraine; Frauenkirche in Dresden, Germany.

Resumo biográfico | Short biography

Franko Coric — University of Zagreb (Croatia) | Faculty of Humanities and Social Sciences

Born in 1976, BA in Art History and German Philology at the Faculty of Humanities and Social Sciences in Zagreb, Croatia, 1994-2001; Master's degree in Art History specialising in protection of the cultural heritage at the same Faculty 2002-2004; PhD degree obtained on December, 6th 2010 focusing on organisation, legislative and activities of the Viennese Imperial and Royal Central-Commission for the Study and Maintenance of Artistic and Historical Monuments in the Croatian lands in the period between 1850-1918, mentored by professor Zlatko Jurić. Since 2004 research and teaching assistant at the Department of Art History of the Faculty of Humanities and Social Sciences in Zagreb; since 2014 assistant professor.

Scientific interests: history and theory of conservation and restoration.

Frederico GARCIA LAMMERS | Jessica GARCIA FRITZ

Origins from wind cave: sacred spaces as contested territory

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

“In the beginning, prior to the creation of the Earth, the gods resided in an undifferentiated celestial domain and humans lived in an indescribably subterranean world devoid of culture”.

Lakota Creation Myth, Cheyenne River Sioux Tribe.

The western study of sacred spaces is based on a constructed order that is primarily not

a part of the “natural” order of things – geologic and territorial scales exist outside of the constructed spatial perception of sacredness. This perception is affected by the relationship between sacred spaces and the origins of people and cultures across the world. This paper will explore the relationship between sacred space and contested territories in the context of the creation myth of the Lakota People in the territory of South Dakota.

Many native and ancient cultures throughout the world have deep spiritual and meaningful ritual relationships with cave formations - the geologic. The Ocheti Sakowin, or Sioux Nation as it is known to some, is composed of three peoples, Lakota, Nakota, and Dakota. Prior to immigrant settlement, the Ocheti Sakowin, in particular the Lakota people, operated under a form of communal stewardship with the territory known today as South Dakota. This stewardship was fundamentally tied to sacred sites, such as, the Black Hills and Wind Cave. Wind Cave is a sacred place tied to the creation and origins of the Lakota people. This vast 230 kilometer long underground network of spaces is where the Pte Oyate (Buffalo People) emerged from inside Mother Earth and became Ikce Wicasa (Common People).

In 1903, the United States government established Wind Cave National Park located north of Hot Springs in Western South Dakota. Since the late 18th century this centrally located part of North America has been a highly contested territory between American Indian Nations and the United States. The study of Wind Cave highlights the displacement of cultural origins through intentional misreadings and appropriation of sacred ppace.

Resumos biográficos | Short biographies

Frederico Garcia Lammers | Jessica Garcia Fritz — South Dakota State University | mMÁS Ltd. Co.

Jessica and Federico are co-founders of mMÁS, a design IS research practice in Brookings, SD. Alongside their practice, they both teach in and have helped establish the first professional architecture program in the history of the state of South Dakota. Both have worked in different locations in the United States and Europe including New York and Portugal. Jessica is a South Dakota native who is registered with the Cheyenne River Sioux Tribe, a Lakota nation located within South Dakota. She has worked as an intern architect and as an exhibit designer at the Smithsonian’s National Museum of the American Indian (NMAI) in New York, NY. Federico moved to the United State from Montevideo, Uruguay in 2001. He has worked as an intern architect at CVDB Arquitectos in Lisbon, Portugal as well as Pelli Clarke Pelli Architects in New York, NY. Jessica and Federico’s research and teaching is focused on the intersection among technology, architecture history, and design pedagogy.

Gabriela Chasdeiah BENNER

La transformación de la iconografía de los animales del presepio en la Edad Media

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

C. A. Ferreira de Almeida en su separata “*O Presépio na Arte Medieval*”, (Revista Arqueologia, Instituto de História de Arte, Facultad de Letras do Porto, 1983), afirma que la iconografía del Presepio medieval estuvo determinada por patrones culturales de la sociedad y también refleja los ritos de pasaje conectados al nacimiento, según las ideas teológicas y los sentimientos religiosos de ese período. Esta afirmación, interesantemente reveladora, pretende ilustrar y fundamentar el contenido del presente trabajo. Se observa una relación entre la iconografía del Niño Jesús y los animales presentes en el Presepio y el período cuando la sociedad medieval cristiana trataba de marginalizar a los judíos. Observamos un cambio en cuanto al significado de estos animales como agentes comunicantes de las aseveraciones teológicas relevantes entonces.

Este artículo quiere hacer descubrir estructuras presentes en el nacimiento y en especial, la relación de los animales con el Niño Jesús. Fundamentándonos desde el estudio del profesor Ferreira de Almeida y comparándolo con otros estudios mas recientes, vemos los factores que han de considerarse para entender estos vehículos de comunicación que son los animales, que muestran distintivas características iconográficas que nos sitúan frente a una realidad social y teológica específica. Dentro de este contexto, el comportamiento del burro en particular y así como la paulatina transformación de éste y del buey, nos provee modelos de reflexión que son al mismo tiempo una interpelación a una fuente de conocimiento de este período y del estudio de la iconografía del judío en relación al Presepio. Desde esta perspectiva el presente estudio adquiere su plena dimensión para permitir comprobar la importancia del estudio del contexto del Presepio en la Edad Media en el proceso del estudio de las figuras presentes en el, especialmente los animales, y su relación con las figuras santas con quienes mantienen un diálogo tácito.

Resumo biográfico | Short biography

Gabriela Chasdeiah Benner — FLUP

Licenciada en Teología. Realizó estudios de postgrado en la Universidad de Cambridge en el área de las relaciones judeo-cristianas. También se ha desempeñado como traductora en el Museo de Arte Contemporáneo Sofía Imber y en la Embajada de la India en Caracas, su ciudad natal y en el Museo de la Historia del Holocausto Yad Vashem en Jerusalén. Ha centrado su labor investigativa y de diálogo en las relaciones e identidades judeo-

cristianas. Ha participado en coloquios de corte interreligioso en Viena, París, Londres, Burdeos, Heidelberg, Münster, Madrid, Augsburg, Bogotá, Panamá y Lima. Actualmente es doctoranda por la Universidad de Porto en la mención Historia del Arte Portugués.

Gertrudes BRANCO | Leonor ROCHA

A salvaguarda e gestão do património num mundo em mudança

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Maurice Halbwachs referiu que “é na sociedade que as pessoas adquirem as suas memórias e também é na sociedade que recordam, reconhecem e *localizam as suas memórias*” (HALBWACHS, 1990: 38), significando que é fundamental para cada indivíduo conhecer as memórias coletivas da sociedade em que se integra para reconhecer os seus valores sociais e civilizacionais.

Neste contexto, os sítios arqueológicos e os seus vestígios materiais são recetáculos materiais do passado, cujo conhecimento é fundamental para a construção de memórias coletivas. Contudo, os sítios arqueológicos não são recetáculos estáticos de um momento pretérito, têm uma existência histórica que ultrapassa, em muitos casos, a intenção funcional para a qual foram originalmente edificados. A sobrevivência e a importância de um sítio arqueológico não depende da conceção idealizada pelo seu construtor, depende da importância e do enquadramento que as diferentes sociedades lhes foram atribuindo ao longo dos milénios, a qual lhes permitiu sobreviver a guerras, destruições, vandalizações e, por último, à própria sociedade pós industrialização.

Nas duas últimas décadas em Portugal, o incremento da atividade arqueológica, potenciado pelos resultados obtidos no âmbito dos processos de minimização e avaliação de impactes, enquadrada, fundamentalmente, pela arqueologia empresarial, tem levantado alguns desafios à salvaguarda e gestão integrada do património arqueológico. Se nalguns casos, a qualidade dos vestígios identificados conduziu à sua salvaguarda com vista à sua fruição pública, na maior parte das situações temos assistido, apenas, à salvaguarda pelo registo, independentemente do seu valor patrimonial.

Resumos biográficos | Short biographies

Gertrudes Branco — CHAIA | Universidade de Évora

Doutorada em Arqueologia pela Universidade de Évora, com 19 valores. Publicou 8 artigos em revistas especializadas e 4 trabalhos em actas de eventos, possui 2 livros publicados. Possui 26 itens de produção técnica. Participou em 4 eventos no estrangeiro e 9 em Portugal. Actua nas áreas de Humanidades com ênfase em História e Arqueologia e Ciências Naturais com ênfase em Ciências da Terra e do Ambiente. Nas suas actividades profissionais interagiu com 9 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. No seu curriculum os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Arqueologia e Avaliação de Impacte Ambiental.

Leonor Rocha — CHAIA | Universidade de Évora

Professor Auxiliar com Agregação na Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais. Investigadora integrada do CHAIA.

Publicou 62 artigos em revistas especializadas e 21 trabalhos em actas de eventos, possui 9 capítulos de livros e 8 livros publicados. Possui 78 itens de produção técnica. Participou em 25 eventos no estrangeiro e 54 em Portugal. Actua na área de História e Arqueologia. Nas suas actividades profissionais interagiu com 86 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos.

Gertrudes BRANCO

As expressões de arquitetura vernacular em contexto de avaliação de impacte ambiental

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

A legislação de Avaliação de Impacte Ambiental (Decreto-Lei n.º 151-B/2013, de 31 de outubro) demanda a descrição dos factores ambientais, susceptíveis de serem afectados pela execução de um vasto conjunto de projectos, onde se inclui o património arquitectónico e arqueológico.

Uma dissertação recente, tendo por base a informação patrimonial produzida no âmbito dos projectos submetidos a Avaliação de Impacte Ambiental no Alentejo Central, reflectiu sobre a caracterização, avaliação e minimização de impactes sobre as ocorrências pat-

rimoniais de natureza arquitectónica, na sua maioria expressões e representações vernaculares.

De acordo com o estudo efectuado, os edifícios e estruturas vernaculares correspondem a cerca de 30% dos registos patrimoniais inventariados. Contudo, ainda que o inventário reconheça implicitamente a importância patrimonial das representações vernaculares, a sua caracterização, avaliação e minimização peca pela falta de critérios e profissionalismo, comprometendo irremediavelmente a salvaguarda destas expressões materiais.

A inventariação, traduzida na memória descritiva, registo gráfico e fotográfico das representações vernaculares, é feita, exclusivamente, por arqueólogos. Estes profissionais decidem as medidas de minimização a aplicar às ocorrências patrimoniais vernaculares, afectadas de forma negativa e irreversível em obra, e procedem à sua execução no âmbito dos trabalhos arqueológicos em curso.

A ausência de enquadramento teórico e de uniformidade metodológica compromete a validade e utilidade dos registos patrimoniais vernaculares, enquanto expressões fundamentais da identidade das comunidades pretéritas, tornando-os meros documentos, anexados aos relatórios arqueológicos, sem reverterem para uma base de dados informativa que possibilite o seu conhecimento e divulgação.

Resumo biográfico | Short biography

Gertrudes Branco — CHAIA | Universidade de Évora

Doutorada em Arqueologia pela Universidade de Évora, com 19 valores. Publicou 8 artigos em revistas especializadas e 4 trabalhos em actas de eventos, possui 2 livros publicados. Possui 26 itens de produção técnica. Participou em 4 eventos no estrangeiro e 9 em Portugal. Actua nas áreas de Humanidades com ênfase em História e Arqueologia e Ciências Naturais com ênfase em Ciências da Terra e do Ambiente. Nas suas actividades profissionais interagiu com 9 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. No seu curriculum os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Arqueologia e Avaliação de Impacte Ambiental.

Giada CERRI

Sacred site and museum of itself. Florence and Rio de Janeiro, two case studies

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

The paper introduces part of an on going research on “sacred site and *museum of itself*”, in which the sacred sites idea is based on the concept of *totemism* expressed by Durkheim (1924). According to the anthropologist, primitive communities recognize themselves and practice rituals into places that are not commonly conceived as religious, and then, to this interpretation, both religious and secular places could be part of the category of sacred sites. In particular, some of these places have astonishing artistic, architectural, or symbolic values that, in accordance with the observations on museums by Coppellotti (1994), make them the *museums of themselves*, and recall huge numbers of both tourists and believers.

Considering this frame of reference, could a sacred site be also an exhibition space without losing part of its specificity? Can a space maintain its sacred character despite the mass tourism? Since the different kinds of visitors, tourists and believers, have different prerogatives and purposes, can a commune narrative reach them all?

To answer these questions, the study investigates two case studies: the Monumental Complex of Santa Croce, in Florence, and the Maracanã Stadium, in Rio de Janeiro. The first one represents the “classic” religious case: the sacred place for the Christian religion with an outstanding artistic and architectural heritage. Here, as well in other European cathedrals, the discussion upon the relation between sacred-museum is an unsolved matter (Gathan, 2011). The second case introduces the concept of contemporary sacred site. Locally and universally considered as the temple for soccer, and the most important secular symbol for Brazilians.

Resumo biográfico | Short biography

Giada Cerri — IMT | Institute for Advanced Studies Lucca

Is an architect and PhD student in the international program of *Management and Development of Cultural Heritage* at IMT Lucca.

Her research interests focus on museography, site specific museums, and new technologies applied to. In particular, she is taking part in studies in which the theoretical part is placed side by side with the practical one.

Since she graduated with honours in Architecture (2011), she collaborates as teaching assistant at the course iCad held by professor Pirazzoli at the School of Architecture of University of Florence.

She worked as architect in Italy, Brazil, Museo da Casa Brasileira (2015), and France, Cusy Maraval Architectes (2012-2013).

She collaborated in the exhibition design of “*Firenze in Guerra, 1940-1944*” curated by INSRI, in Palazzo Medici Riccardi and Palazzo Pitti, and “*La pietra, l’acqua e il fuoco. Bartolomeo Ammannati scultore*” organized by the National Museum of Bargello, both in Florence.

Graça Alexandra Pinho SILVA | Paula Menino HOMEM | Susana MEDINA

A gestão do património industrial e técnico e o caso da Electro-Cerâmica, do Candal. Recuperando o espírito e preservando o significado, valorizando memórias e sentimentos de identidade

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Em 2015, celebra-se o Ano Europeu do Património Industrial e Técnico; proposta da E-FAITH¹, apadrinhada pelo Conselho da Europa, que reflete a importância deste património na paisagem, no desenvolvimento do território e das comunidades, como parte essencial da sua história, vivências e saberes. Os seus vestígios, materiais e imateriais, transbordam de valor histórico, arquitetónico, tecnológico, científico e social. São lugares de importância cultural, que importa preservar, estudar, valorizar e potenciar.

Não obstante a sua vulnerabilidade face a pressões ambientais e económicas, constituem-se ainda como fatores de desenvolvimento socioeconómico. No entanto, muitas intervenções de reconversão são discutíveis, quanto ao respeito pelo seu valor cultural.

Neste contexto, o foco incide no caso da Empresa Electro-Cerâmica, Candal, V.N. de Gaia. Com origens em 1912, numa pequena oficina, constituiu-se como SARL² em 1919. Produziu diferentes materiais, cunhou moeda, exportou para vários países europeus durante as Grandes Guerras, pertenceu ao Grupo Vista Alegre, prosperou com a elet-

rificação do país, com a expansão para os mercados de Angola e Moçambique e com o crescimento económico internacional. Possuía o seu laboratório, cantina, posto médico, infantário, clube desportivo, enfim, as valências de uma importante indústria, quase auto-suficiente. Fruto das contingências históricas e económicas, em 1989, a empresa adota um novo modelo de gestão, transformando o património imobiliário do Candal num Parque Empresarial, culminando, em 2006, com a alteração para Candal Parque Sociedade Imobiliária, S.A.³

Como outros, este processo acarretou múltiplas perdas, para as quais a atual Administração é sensível. Assim, propomo-nos apresentar as linhas estratégicas de um contributo para um projeto integrador da comunidade, acreditando que “The resurgence of identitarian feelings, of wanting to belong to a history, culture, region or district is symptomatic of the human need to know oneself and for one’s identity to be acknowledged”⁴ e é potenciadora de sustentável salvaguarda.

¹ European Federation of Associations of Industrial and Technical Heritage

² Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

³ CANDALPARK. 2015. *De indústria de porcelanas a parque empresarial...* [Online]. Vila Nova de Gaia: Candal Park – Centro de Negócios e Empresas. Available: <http://www.candalparque.pt/historia.php>.

⁴ UNESCO (ed.) 2008. *Historic Districts for All: A Social and Human Approach for Sustainable Revitalization*, Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 20-21.

Resumos biográficos | Short biographies

Graça Alexandra Pinho Silva — FLUP | DCTP

Licenciada em Arqueologia desde 2008 pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), concluiu o curso de Pós-graduação em Património, especialidade de Património Urbano em 2010, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). Frequenta o Mestrado em Museologia da FLUP no ano letivo 2015/2016.

Paula Menino Homem — FLUP | DCTP | CITCEM

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), integrada no Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP). Diretora do curso de Mestrado em Museologia e Diretora do Laboratório de Conservação e Restauro. Docente na área das tecnologias de produção, mecanismos de alteração de materiais, métodos laboratoriais de investigação, riscos e vulnerabilidades e conservação preventiva em cursos de 1º, 2º e 3º ciclo (Arqueologia, História e Património, Museologia), com orientação e co-orientação de estudantes. Investigadora no Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. É membro da Direção da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM-PT), membro do Grupo de Trabalho da

Conservação Preventiva e do Grupo de Trabalho dos Metais do Conselho Internacional de Museus – Comité para a Conservação (ICOM-CC).

Licenciada em História – Variante de Arqueologia, Bacharel em Conservação e Restauro de Bens Arqueológicos e Etnográficos, Mestre em Química Aplicada ao Património Cultural e Doutorada em Museologia, desenvolvendo a área da Conservação Preventiva. Os seus interesses de investigação enquadram os domínios da análise e gestão de riscos para o Património Cultural, com especial interesse pelo contexto museológico, e a sua proteção integrada e sustentada. Desenvolve investigação sobre a interação sinérgica do ambiente com os materiais de suporte às coleções e metodologias de monitorização, avaliação e prevenção.

Susana Medina — FLUP | DCTP | FEUP – Serviço de Documentação e Informação-Museu

Licenciada em História (variante Arte), pós-graduada em *European Cultural Planning* pela Universidade De Montfort (Leicester, Reino Unido) e mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Exerceu atividade profissional enquanto museóloga na Fundação de Serralves (S. Educativo até 1999) e integrou a equipa que programou os eventos das áreas do Pensamento, Ciência, Literatura e Projectos Transversais da Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura.

Desde finais de 2003 é responsável pelo projecto do Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP). Atualmente é aluna de Doutoramento em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Gustavo Paulo Duarte e VASCONCELOS

Representações de santos na azulejaria de fachada de Vila do Conde

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

A tradição de pintar figuras religiosas sobre azulejos surgiu em Portugal no século XVI, muito por conta do artista italiano Francisco Nicoloso, o introdutor da técnica da majólica na Península Ibérica. Estas representações alcançaram maior destaque no século XVII, havendo uma preferência pelos temas marianos e hagiográficos, que conjugados com a azulejaria de padrão formavam tapetes cerâmicos que ornamentavam exclusivamente

os interiores dos edifícios. Na transição do século XVII para o XVIII, começaram a surgir nas frontarias de algumas habitações pequenos painéis cerâmicos com características devocionais, os quais receberam a denominação de «registos de santos». As origens ideológicas destas representações estão relacionadas com as dos ex-votos, através dos quais se consumavam promessas, ou por uma questão de protecção, quer das residências, quer das pessoas que nelas habitavam, principalmente contra fenómenos climáticos, como terramotos, ou incêndios que frequentemente deflagravam nos aglomerados urbanos. Em Vila do Conde foram inventariados cerca de cinquenta registos de santos, sendo a maioria do século XX. Determinar a sua cronologia exata é uma tarefa difícil, uma vez que raros são os que estão datados. Contudo, muitas das habitações onde se encontram são de finais do século XIX ou das primeiras décadas do século XX, o que delimita de certa forma a sua cronologia. Estilisticamente predominam duas tipologias: uma influenciada pela azulejaria barroca, azul e branca; a outra inspirada na linguagem rococó, mais diversificada em termos cromáticos e ornamentais. Quanto às figuras sagradas mais representadas nos registos vilacondenses são sobretudo a da Virgem, a de S. José e a do Sagrado Coração de Jesus.

Resumo biográfico | Short biography

Gustavo Paulo Duarte e Vasconcelos — FLUP

Frequência da licenciatura em Arquitectura da Universidade Lusíada do Porto entre os anos lectivos de 2007-2010. Licenciado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2015. Integrou o grupo que realizou a exposição virtual «Porto Património Mundial» (coordenado pelas Professoras Doutoradas Lúcia Rosas e Maria Leonor Botelho), patente na *Google Cultural Institute*, desenvolvida no contexto da unidade curricular de Seminário de Projecto do 1º ano do Mestrado em História da Arte Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Actualmente frequenta o 2º ano do Mestrado em História da Arte Portuguesa, sob a orientação científica do Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha.

Hugo BARREIRA

Do registo à expressão: o Douro nas imagens em movimento em Manoel de Oliveira

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Douro Faina Fluvial (1931-34) é o primeiro filme de Manoel de Oliveira que, impressionado e estimulado pelas cinematografias soviéticas e alemãs, resolve fazer um filme sobre o rio que dá razão de ser ao Porto e sobre aqueles que dele retiram sustento. É cúmplice e potenciador de ações de um quotidiano que procura, através da imagem, resgatar da obliteração de um progresso impiedoso.

Manoel de Oliveira retornará ao Douro com *Aniki-Bóbo* (1942), adaptação de um conto, no qual cria uma cidade feita de múltiplas tomadas de vista, cidade-síntese que existe apenas nas imagens em movimento. A montagem permite assim a passagem do registo à expressão, sem alterar enquadramentos ou conteúdos individuais. Às imagens é dado um sentido novo quando integradas em sequências que vão criar as suas próprias relações geográficas e temporais. Esta geografia criativa, garante da continuidade da narrativa, é também motor criativo para o registo/criação da imagem da cidade.

Um terceiro filme, *O Pintor e a Cidade* (1956), parece, num primeiro olhar, ser um filme sobre o pintor António Cruz e a cidade do Porto, mas pode também ser visto como um filme sobre a relação entre cinema e pintura e, em última análise, um filme sobre o filme. Nele, e já a cores, Manoel de Oliveira olha novamente o Douro enquanto objeto, mas também através do *Douro* e através de *Aniki*.

Ao fazê-lo, o realizador estimulou uma reflexão sobre a imagem que orienta a comunicação que agora apresentamos. Partindo da comparação entre os três filmes, procuraremos debater a imagem em movimento sob múltiplas perspetivas, atentando na sua utilização enquanto documentos informados por múltiplos contextos, passíveis de serem utilizados como fontes de diversos estudos, e analisando a imagem através da imagem, explorando a tensão entre a verdade e a ficção nos dois “documentários” e no “filme de enredo”.

Resumo biográfico | Short biography

Hugo Barreira — FLUP | DCTP | CITCEM

Assistente Convidado do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Facul-

dade de Letras da Universidade do Porto. É Mestre em História da Arte Portuguesa com uma dissertação dedicada à construção corrente em Espinho entre 1900 e 1943.

O seu projeto de Doutoramento em História da Arte Portuguesa incide sobre a imagem em movimento, desenvolvendo metodologias de análise da imagem em movimento e das suas linguagens.

A sua pesquisa sobre a imagem em movimento reflete igualmente sobre a sua utilização como documento e recurso para os estudos patrimoniais e para o desenvolvimento de produtos culturais, sendo autor de alguns trabalhos sobre o assunto.

Os restantes interesses de investigação são a arte e a arquitetura das Épocas Moderna e Contemporânea, arquitetura vernacular, História Local e Arte Portuguesa no Mundo.

Foi um dos curadores e produtores da exposição virtual “Porto World Heritage”, publicada em 2015 no *Google Cultural Institute*.

Inês Maria Melo Gato de PINHO

Genius Loci Vs Modo Nostro. A influência do espírito do lugar na fundação dos colégios jesuítas na província lusitana

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A Companhia de Jesus (CJ) foi fundada como uma instituição religiosa de contrarreforma no interior da própria igreja católica. Integrou religiosos com posturas progressistas, preparados para a evangelização e missão, mas também para a formação da juventude laica. Estas mudanças exigiram novos programas arquitectónicos, originando variações nas tipologias residenciais religiosas até aí amplamente difundidas e enraizadas por toda a Europa. A tipologia colegial representa o programa funcional mais complexo, dividindo-se em três grandes núcleos: cultural (igreja), residencial (exclusivo aos regulares) e educativo (para uso de regulares e laicos).

A CJ extravasou os limites europeus, catapultada por um momento de descoberta de novos territórios, fundando casas e colégios por todo o mundo, baseando as suas construções no chamado *Modo Nostro*. O conceito de *Modo Nostro* não era nenhum tipo

de tratado de arquitectura ou arte de construir, mas sim uma forma jesuíta de viver e habitar um edifício, transmitida através das actas das congregações gerais. Não sendo uma regra, lançava as directrizes que influenciavam directa ou indirectamente a forma dos edifícios inicianos. A transposição destas directrizes para o edifício e para a sua implantação está intimamente ligada ao espírito do lugar. Ainda que os terrenos onde se implantavam fossem doados, os factores físicos influenciavam o projecto da fundação sobrepondo-se às convenções formais dos edifícios destinados a religiosos regulares. Não será, portanto, de estranhar que os colégios jesuítas não acompanhem o modelo habitual de planta quadrangular ou rectangular do conjunto edificado, e se apresentem inscritos dentro de trapézios ou outras formas irregulares, ou com corpos lineares implantados como excrescências da massa edificada. A adaptação à morfologia do território e ao que a natureza lhes confere é fundamental. Procuraremos, através da apresentação de alguns casos de estudo, mostrar a importância do *Genius Loci* na implantação dos colégios jesuítas da Província Lusitana.

Resumo biográfico | Short biography

Inês Maria Melo Gato de Pinho — CERIS | IST-UL

Licenciada em Arquitectura (UM - 2004), pós-graduada em Reabilitação urbana e arquitectura (ISCTE-IUL 2006) e mestre em Arquitectura (ISCTE-IUL 2012). Doutoranda do Instituto Superior Técnico, onde desenvolve a tese “*Modo Nostro*. A especificidade da Arquitectura da Companhia de Jesus e as últimas fundações da Província Portuguesa nos Séculos XVII e XVIII”.

Autora de artigos sobre história da arquitectura, co-autora dos livros “Património azulejar de Setúbal e Azeitão” (2008) e “Património azulejar religioso de Setúbal e Azeitão – vol.1” (2009), e autora dos livros “Vilegiatura Marítima em Setúbal – Do século

XIX ao início do século XX” (2010) e “De colégio de S. Francisco Xavier a Palácio Fryxell – História e análise arquitectónica” (2013).

Membro colaborador do CERIS - IST e do CLEPUL - FL.

No exercício da arquitectura colaborou com a Câmara Municipal de Setúbal, com o *atelier* Soraya Genin – Arquitectura e Restauro, trabalhando como *freelancer* desde 2006, desenvolvendo maioritariamente projectos de reabilitação.

Isabel Maria FERNANDES

Paço dos Duques de Bragança: memórias de um lugar

Secção 5 — Mundos de Transição

Resumo | Abstract

Na 1.^a metade do séc. XV, D. Afonso, VIII Conde de Barcelos e mais tarde I Duque de Bragança, funda em Guimarães um Paço, que hoje conhecemos como Paço dos Duques de Bragança. Aqui habitou com sua segunda mulher, D. Constança de Noronha.

Trata-se de um edifício de avantajada volumetria que domina a parte alta da cidade e que se localiza bem perto do Castelo de Guimarães.

Com o correr dos anos este imponente edifício foi entrando em degradação, mas nunca deixou de se impor aos olhos dos vimaranenses e de todos aqueles que visitavam a Guimarães. Esta comunicação pretende dar a conhecer o modo como ao longo dos séculos o Paço foi sendo apreendido e descrito pelas pessoas, quer a partir de documentação de arquivo (escassa) quer a partir de relatos de nacionais ou estrangeiros que passaram por Guimarães (principalmente no século XVIII, XIX e 1.^a metade do séc. XX).

Resumo biográfico | Short biography

Isabel Maria Fernandes — Museu de Alberto Sampaio | Lab2PT

Licenciou-se em História, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1981). Possui o Curso de Conservador de Museu (Lisboa, 1983). Doutorou-se em Idade Contemporânea no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (2013).

Foi Conservadora do Museu de Olaria entre 1983 e 1995; diretora do Museu de Alberto Sampaio, entre 1999 e 2010; técnica-superior no Museu de Alberto Sampaio / Paço dos Duques, entre 2012 e 2014. Atualmente é Diretora do Museu de Alberto Sampaio, Paço dos Duques de Bragança e Castelo de Guimarães.

Tem-se dedicado ao estudo da cerâmica portuguesa, procurando também dar o seu contributo para a reflexão sobre temáticas relacionadas com a gastronomia histórica, os Museus e o estudo e inventariação do património móvel. Tem escrito principalmente sobre cerâmica portuguesa, mas também sobre gastronomia histórica e algumas temáticas relacionadas com a museologia.

Integra o Lab2PT, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

A Mãe d'Água de Mijavelhas. Do princípio da conservação pelo registo científico

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Fernão Lopes, historiadores do Porto e gentes que o têm administrado, todos já haviam falado neste “*pequeno espaço da cidade*”, no seu chafariz de Mijavelhas, arca com armas reais e tanques; e, claro, na ribeira e na nascente, detentoras primeiras do topónimo. Porém, tudo escapou ao *Estudo de Impacte Ambiental para o “Metro do Porto”*. Coube, então, à Obra - ao *Projeto de Desvio de Redes para a Estação de 24 de Agosto* - revelar inusitado potencial arqueológico: uma rica e multissecular estratificação pétrea. Mas assomaria em importância e absoluta novidade a fase construtiva remontante à Época Moderna! Confirmava-se o prognóstico do EIA: a afetação negativa de património era mitigada pelo aprofundamento de conhecimento da evolução histórica e arqueológica daquele espaço.

O caminho até aqui, trouxe-o a solução de remontagem dos vestígios na Estação. Uma solução tornada possível pela ocorrência de 3 condições *sine qua non*: uma *circunstância* - descoberta e decisão ainda assim temporãs no calendário da elaboração do projeto; um *contexto* - de abundância económica; e uma *vontade* (da engenharia) em concretizar uma fantasia: criar uma memória da mãe d'água.

A revelação, trá-la-ia a discussão acesa entre linguagens diferentes: engenharia, arquitetura e arqueologia. No fim, a empresa vingava como efetivo elo de identificação entre os construtores, e afirmava-se como elemento de identidade para o cidadão portuense.

Mas o *Campo* testemunha o imponderável na investigação arqueológica. Sim, na senda de qualidade de vida, defender-se-á o encerramento ontológico da gestão arqueológica na prática de investigação. Evidenciar-se-á como, enquanto tal e na medida em que incide sobre potencial abstrato, essa gestão deverá pautar-se por estratégias que cedo “*vençam a batalha de procurar sem propriamente ver, e ver sem propriamente procurar*”.

Atenda-se, então, a solução final. E tido em mente o conceito *Brundtland* de sustentabilidade, convida-se à reflexão sobre a dupla perspectiva de proteção legalmente consignada: *pelo registo* ou *in situ*?

De chafariz a arca de Mijavelhas. Firmitas, utilitas et venustas numa intervenção na berma de um caminho à distância a cavalo da cidade

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

Apresentar-se-ão subsídios trazidos pelas obras do metro do Porto no Campo 24 de Agosto, sobre a edificação desse espaço aos tempos medievos e modernos, à volta de um chafariz e uma arca na berma de um caminho.

Nesses idos, era *Mijavelhas* o topónimo do território; dado concretamente aos campos, à “*Vila dos gafos*” e ao lugar “*onde se erguia a forca do Concelho*”; mas nome tomado de um rio e de uma nascente. E nesse território, também um chafariz, depois uma *arca*, ambos tomando o mesmo nome e mais tarde encerrados no *manancial do Campo Grande*, depois de o haverem sido no *poço das Patas* (como das Patas fora a Ponte construída sobre o rio, em 1700, referenciada no subsolo do Campo, a sul, e que fazia a travessia do antigo *caminho para Valongo e além*).

Evocado o espaço nos anos de 1400's, por Fernão Lopes, a propósito do chafariz que acolheu os Homens-bons partidários do Mestre, e nos de 1600's, na sentença judicial que resolveu a disputa pela água entre os Homens da Vereação e Pero Cyrne, pelo meio mergulharia o Campo na penumbra. Escapara uma nova: na vez do chafariz, era já uma arca com armas reais que reservada água da nascente de Mijavelhas que era referenciada no *Prazo de 1548*, citado na dita sentença.

Chegadas as máquinas, rompe-se o silêncio: afinal fora o chafariz que fora transformado em arca e esta embelezada com lajeados e novas taças. Uma profunda renovação feita com proporção, utilidade e robustez, bem ao gosto dos Tempos Modernos.

Na ponte, a resolução de alguns dos enigmas: o da localização da fonte e da importância do lugar - uma terceira margem do rio, que acolhia os viajantes que tomavam a direção ou vinham de oriente? -; e o do esquecimento: por causa dela, o rio assorearia, soterrando tudo no seu areal e apagando da memória tão ilustre empreendimento. Mas, exatamente de *quando, por e a soldo* de quem?

Resumos biográficos | Short biographies

Iva Botelho — Metro do Porto, S.A

Vem fazendo a sua formação académica na Faculdade de Letras da Universidade do Por-

to, sendo Licenciada em História, Variante de História de Arte (1991), Mestre em Arqueologia (1996), e *Ph.D Student* em Arqueologia (desde 2009). Iniciou a sua atividade profissional em 1992, em Arte, tendo estado ligada a vários inventários artísticos (ourivesaria e joalheria no IPM, pintura para o Museu do Neo-Realismo e Arte Sacra da Diocese de Bragança). Em Arqueologia, depois de alguns trabalhos avulsos na área do desenho, iniciou atividade a tempo inteiro em 1996, ainda como Profissional Liberal. Nesta condição, colaborou com empresas, a autarquia do Porto, o IPPAR e a Metro do Porto S.A. Integrou os quadros desta última empresa em 2001, exercendo funções de gestão e também de direção científica de trabalhos arqueológicos. Entre eles contam-se os de 24 de Agosto, em 1999 e 2001, estando totalmente comprometida com a solução final da remontagem da memória da Mãe d'água de Mijavelhas.

Filipe Gomes — Arqueohoje, Lda.

Licenciado em História, Variante de História de Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1986), e Mestre em Arqueologia (1996) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

É sócio gerente fundador da empresa ARQUEOHOJE, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda. (1995).

Destaque-se a vasta experiência de Arqueologia no âmbito de projetos de investigação anterior à sua carreira empresarial, incluindo a direção de projetos museográficos, interpretativos e/ou expositivos.

Posteriormente, soma larga experiência no âmbito de ações de Arqueologia Preventivas e de Emergência, quer ao nível de gestão quer ao nível de codireção de trabalhos.

No ano de 2000, dirigiu, juntamente com Alexandre Valinho e Iva Botelho, os trabalhos de escavação e desmontagem do complexo hídrico de 24 de Agosto, também conhecido como arca ou mãe d'água de Mijavelhas.

Jackelina Pinheiro Meira KERN

Remeiros do São Francisco: expansão, comércio e costumes nos caminhos do rio

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

Este artigo procura desenvolver uma abordagem da expansão da ocupação da região banhada pelo rio São Francisco, no norte da Bahia, especificamente Juazeiro e Petrolina. Investiga-se como o processo de navegação a partir da chegada dos portugueses ao Brasil foi se intensificando e assumindo relevância para a interiorização e ocupação de uma extensa região designada de sertão, terminando por tornar-se a ligação entre o sudeste e o nordeste brasileiro, do sertão com o mar e, assim, viabilizando o escoamento da produção econômica e cultural. Desde cedo, a principal artéria para a exploração das imensidões despovoadas, a navegação no São Francisco, tornou-se o elo do sertão com outros povos. Esta expansão somente foi possível graças ao desenvolvimento da navegação com a assimilação de técnicas indígenas, e posteriormente aperfeiçoadas com o uso das barcas, que irão dominar o cenário por quase duzentos anos, o que permitiu uma intensa rede de relações comerciais e o surgimento e a manutenção das povoações ao longo das margens do rio. É na discussão desse processo de expansão da navegação e na sua relação com o desenvolvimento dessa região, o sertão, e em especial no século XIX, que iremos abordar questões culturais da região em uma de suas manifestações, a dos remeiros, que contribuíram para a propagação de narrativas populares e crenças ao longo do rio.

Resumo biográfico | Short biography

Jackelina Pinheiro Meira Kern — Universidade de Coimbra

Graduada em Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Foi doutoranda no Programa Pós Afro do Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutoranda em Patrimônios de Influência Portuguesa no Departamento de Investigação Interdisciplinar do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (UC). Pesquisa as casas e a cultura de influência portuguesa, africana e diáspora. Ganhadora de três editais de fotografia da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), com o tema Cal, Barro e Luz que explora as casas antigas do Vale do Rio São Francisco que corta os Estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas no Brasil.

Jaime MAGÉN PARDO

Memory and matter of the place: the works of Miguel Fisac in the Pyrenees

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

Miguel Fisac (1913-2006) was one of the most important Spanish architects of the twentieth century. He was very interested in the integration of architecture in the physical and social landscape. He was 46 when, in 1959, he built his summer home in Canfranc (Huesca), a town in the Aragonese Pyrenees with a singular character, due to its position between mountains, its climate, and its history. He also built the Parish Church of Nuestra Señora del Pilar (1964-1969) and a hydroelectric power station (1969) in the same landscape. The three works merge the figure and materials of vernacular tradition with modern technique and abstraction, following the influence of Nordic empiricism, that Fisac had known in his study trips.

The integration of architecture in nature and its relationship to the landscape had a profound effect on Fisac, who resisted the orthodoxy of the Modern Movement, precisely because of their lack of interest in the place. In a place with significant landscape and weather climate requirements, the architect reinterpreted the cultural tradition and vernacular materials with modern principles, in order to build an architecture at once modern and integrated into the landscape, in physical and social terms. He also studied the popular architecture of different places, interested in its belonging to the place and rational basis. These works are samples of a strong sensitivity to the renewed use of traditional materials and the physical and tactile qualities of vernacular materials, as well as a theoretical framework for further studies of the integration of architecture into rural contexts and geographical and cultural landscapes.

Resumo biográfico | Short biography

Jaime Magén Pardo — School of Architecture | University of Zaragoza

Studied Architecture at ETSA. Navarra University (grad. 1999). Coursed a Master of Theory and History of Architecture at Navarra University (grad. 2013). Taught as Professor in the department of Architectural Design in ETSAZ San Jorge University. Since 2012, he is a Professor associate at the School of Architecture of the University of Zaragoza. Researcher, preparing his PhD, in the program “New Territories in Architecture” at the University of Zaragoza. As Head of Magen Arquitectos, his work has been recognized with national and international prizes, like the Giancarlo Ius Medal of the International Union of Architects (2011), or the mention, finalist and selected in the last two editions of Spanish Biennial

of Architecture (2011, 2013). The work of Magen Arquitectos has been also exhibited in different places and cities, and published in several architectural books and magazines.

Jelena PAVLIČIĆ

Nomen est omen or a testimony potential of place: Church of the Holy Virgin of Ljevisa in Prizren

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

The paper deals with the phenomenon of cultural heritage through recognizing the semantic change of an heritage object and its use over time. This is examined on the case of Church of Holy Virgin of Ljevisa in Prizren. It is seen as a living organism whose meanings are changing depending on the context in which it is communicated, interpreted and used. It functioned as a church, mosque, church again, and with the status of cultural and historical monument. Due to its values of universal significance, but also postwar political instrumentalization, in 2006 it was inscribed on a UNESCO World Heritage in Danger List as the representative of Serbia. To understand semantic change of this church and monument through the time, and to define its testimony potential, we use all its names, or a Latin phrase *Nomen est omen*.

Resumo biográfico | Short biography

Jelena Pavličić — University of Pristina - Kosovska Mitrovica | Faculty of Arts

Assistant at Faculty of Arts, University of Pristina - Kosovska Mitrovica. Graduated art history and then gained M.A. of Museology and Heritage Studies at the Department of Art History at Faculty of Philosophy in Belgrade. Presently she is finishing her PhD thesis at the same Department. In scientific organization Centre for Museology and Heritology, on the same Faculty, she is enrolled in the scientific research project *Strategies of inheritance*. The main field of her interest is theory and methodology of history of art, theory of museology and heritage axiology.

Gestão da emergência em contexto patrimonial e museológico: virtudes de equipas multi, integradoras das comunidades

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Recorrentemente celebrado, o património cultural, enquadrado ou não em contexto museológico, não tem, na maioria dos casos e à escala internacional, a sua proteção assegurada em situação de emergência, o que conduz a perdas e danos irreversíveis. Em Portugal e apesar da legislação em vigor (realce para a Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto e, em particular para o incêndio, o Decreto-Lei n.º 220/2008, de 12 de novembro), limitações orçamentais, poucos recursos humanos e ineficientes modelos de sua gestão conduzem a essa realidade, que urge alterar.

Torna-se essencial investir em estratégias de gestão cultural que considerem efetivamente a prevenção e resposta à situação de emergência, bem como a posterior necessária recuperação. Mais do que o, não menos importante, apetrechamento dos espaços com sistemas manuais ou automáticos, de maior ou menor sofisticação e custo de instalação e manutenção, consideramos crucial a constituição, organização concertada, (in)formação e o treino dinâmico de equipas multidisciplinares, multiprofissionais, multigeracionais e multicontextuais, integradoras das comunidades com potencial de intervenção, atendendo à previsão, prevenção, eliminação/mitigação de riscos e, em caso de ocorrência, à resposta competente à emergência, controlando-a e dela recuperando com o menor impacto e a maior celeridade possíveis.

Considerando particularmente a dimensão da administração pública local, pretende-se apresentar as virtudes e demonstrar os benefícios inerentes à existência e operacionalidade de tais equipas, bem como uma proposta de modelo de organização multiescalar.

Resumos biográficos | Short biographies

Joana Maria Ferreira Ramos — FLUP | DCTP

Licenciada em Engenharia Química, com especialização em Bioengenharia, e mestre em Engenharia Química, com investigação no contexto da microbiologia, pela Faculdade de Engenharia da Universidade Porto. Licenciada em História de Arte e mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com investigação orientada na

área de gestão de risco e emergência na dimensão museológica portuguesa. Apresenta investigação, no âmbito académico e em protocolo com entidades privadas e públicas, em áreas transversais às ciências exatas, patrimoniais e artísticas. No particular contexto museológico, interessa-se por temáticas relacionadas com a gestão de risco e conservação preventiva. Em paralelo, nos últimos anos, tem desenvolvido trabalho nas áreas da formação e educação.

Paula Menino Homem — FLUP | DCTP | CITCEM

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), integrada no Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP). Diretora do curso de Mestrado em Museologia e Diretora do Laboratório de Conservação e Restauro. Docente na área das tecnologias de produção, mecanismos de alteração de materiais, métodos laboratoriais de investigação, riscos e vulnerabilidades e conservação preventiva em cursos de 1º, 2º e 3º ciclo (Arqueologia, História e Património, Museologia), com orientação e co-orientação de estudantes. Investigadora no Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM). É membro da Direção da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM-PT), membro do Grupo de Trabalho da Conservação Preventiva e do Grupo de Trabalho dos Metais do Conselho Internacional de Museus – Comité para a Conservação (ICOM-CC).

Licenciada em História – Variante de Arqueologia, Bacharel em Conservação e Restauro de Bens Arqueológicos e Etnográficos, Mestre em Química Aplicada ao Património Cultural e Doutorada em Museologia, desenvolvendo a área da Conservação Preventiva. Os seus interesses de investigação enquadram os domínios da análise e gestão de riscos para o Património Cultural, com especial interesse pelo contexto museológico, e a sua proteção integrada e sustentada. Desenvolve investigação sobre a interação sinérgica do ambiente com os materiais de suporte às coleções e metodologias de monitorização, avaliação e prevenção.

Castra Oresbi: um assentamento militar romano na Serra do Marão?

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Lino Tavares Dias (1997: 301) e António Baptista Lopes (1998: 290-291) referem a existência de um acampamento militar romano no alto da Serra do Marão, definido por um recinto rectangular, ao qual lhe estaria associado uma torre de planta quadrangular. Este possível acampamento é identificado por uma inscrição gravada sobre um penedo que se localiza nas proximidades: *Castra Oresbi*. A exiguidade dos dados arqueológicos apresentados levou mesmo alguns autores (Martins 2009: 127) a contestar esta interpretação, considerando “mais viável a hipótese do penedo estar associado a um termo de *populus*, ou a um limite de “grupo social” de categoria inferior ao primeiro” (*ibid.*).

Posto isto, propomo-nos realizar uma revisão integral da evidência arqueológica disponível através de pesquisa bibliográfica, prospecção, aplicação de tecnologias geoespaciais e análise epigráfica. O objetivo deste trabalho passa por avaliar o verdadeiro potencial arqueológico desta zona e propor uma reinterpretação desta problemática científica.

Resumos biográficos | Short biographies

João Fonte — Instituto de Ciencias del Patrimonio (Incipit) | CSIC

Licenciado em História, variante Arqueologia pela Universidade do Minho, mestre em Sistemas de Informação Geográfica pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, possui também o Diploma de Estudos Avançados em Arqueologia pela Universidade de Santiago de Compostela com reconhecimento ao grau de mestre pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Actualmente está a terminar a sua tese de doutoramento na Universidade de Santiago de Compostela, tendo sido bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Áreas de especialização: Arqueologia da Paisagem, tecnologias geoespaciais e Proto-história e Romanização do Noroeste Peninsular.

Maria João Correia Santos — FLUL | CEC

Doutorada em Ciências da Antiguidade, pela Universidade de Saragoça, com a tese *Santuários Rupestres na Hispania Indo-europeia* e actualmente investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem a Licenciatura

em História, variante de Arqueologia e o Mestrado em Pré-História e Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sendo colaboradora do Instituto Arqueológico Alemão. Bolseira de Mestrado e de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, tem desenvolvido investigação sobre os cultos e religiões da Hispania Romana, especialmente na sua componente epigráfica, sendo autora e co-autora de capítulos de livros e de artigos em revistas científicas nacionais e internacionais.

José Manuel Costa-García — Investigador independente

Doutor em Arqueologia pela Universidade de Santiago de Compostela (2013) com a tese “Arqueología de los asentamientos militares romanos en la Hispania altoimperial (27 a. C.-280 d. C.)”. Licenciado em História com especialidade em Arqueologia e História Antiga na mesma universidade, tendo obtido prémio extraordinário. Especialista em arqueologia militar romana, com diversas publicações nacionais e internacionais neste âmbito conjugando as distintas aproximações e metodologia específicas da arqueologia, história, epigrafia ou as novas tecnologias. Prémio de investigação Xesús Ferro Couselo em 2009. Membro da equipa técnica dos projectos de investigação do forte romano de *A Cidadela* (Sobrado dos Monxes, A Coruña) (2007-2010). Possui uma extensa experiência arqueológica na investigação e escavação de vários sítios arqueológicos da Galiza e Espanha, desde a proto-história aos tempos medievais.

Catarina Isabel Sousa Gaspar — FLUL | CEC

Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Clássicos da FLUL, onde é docente desde 2000. É doutorada em Estudos Clássicos, na especialidade de Linguística Latina pela Universidade de Lisboa, com a tese *Inscrições Paleocristãs do território português: contributo para o estudo do Latim Vulgar* (2009) e é investigadora do Centro de Estudos Clássicos da mesma Universidade. Tem desenvolvido investigação sobre epigrafia latina e grega, em especial sobre epigrafia da Antiguidade Tardia. É co-autora do *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português* (Lisboa, 2006), capítulos de livros e artigos em revistas nacionais e internacionais. <https://lisboa.academia.edu/CatarinaGaspar>

Hugo Pires — Superfície Topografia Lda.

Topógrafo especializado em registo gráfico do património e investigador científico em diversos projectos nacionais e internacionais. É autor de diversas publicações científicas no âmbito das tecnologias de geomática aplicadas ao património cultural. A sua investigação mais recente tem sido dirigida para o desenvolvimento de algoritmos de filtragem morfológica de modelos 3D para detecção e contraste de vestígios antrópicos, com aplicação ao estudo da arte rupestre, da epigrafia e da arqueologia da paisagem, entre outras. Desde 2007 é representante português do ICOMOS no comité científico internacional para a documentação do património (CIPA).

O cubo artilheiro da barbacã do Castelo de Freixo de Espada à Cinta no contexto da arquitectura de transição da raia transmontana em finais do século XV

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Durante os anos de 2014 e 2015 foram realizados trabalhos arqueológicos na envolvente do Castelo de Freixo de Espada à Cinta, com o objectivo de avaliar o seu potencial arqueológico e aferir a existência e o eventual estado de conservação das estruturas existentes. Estes trabalhos permitiram identificar um cubo artilheiro da barbacã, representado por Duarte de Armas no Livro das Fortalezas. A construção desta estrutura corresponde a um momento de transição em termos de arquitectura defensiva, característica de finais do século XV e inícios do século XVI, como resposta à progressiva disseminação e utilização do armamento pirobalístico.

Resumos biográficos | Short biographies

João Nisa — Archeo'Estudos Investigação Arqueológica Lda.

Licenciado em História - variante Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2006. Encontra-se a frequentar o Mestrado em História Militar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desde 2006 que desempenha as funções de arqueólogo na empresa Archeo'Estudos Lda., realizando diversas intervenções de minimização de impactes de obras públicas e privadas em monumentos classificados e suas respectivas zonas de protecção (Castelo de Nisa, Castelo de Ouguela, Castelo de Freixo de Espada à Cinta e Fortaleza de Juromenha).

Tânia Falcão — Archeo'Estudos Investigação Arqueológica Lda.

Licenciada em História - variante Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 2001. Desde 2002 que desempenha as funções de arqueóloga na empresa Archeo'Estudos Lda., realizando diversas intervenções de minimização de impactes de obras públicas e privadas em monumentos classificados e suas respectivas zonas de protecção (Castelo de Amieira do Tejo e Castelo de Freixo de Espada à Cinta) e na conservação e restauro de materiais arqueológicos.

«Huma Devota Humildade» - O caso das Ruínas do Mosteiro de São Francisco do Monte, Viana do Castelo

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

À margem da área urbana de Viana do Castelo, no limiar entre o fértil vale do Lima e a Serra de Santa Luzia, abriga-se o corpo arruinado do Convento de S. Francisco do Monte, devoluto desde há cerca de quatro décadas. A austeridade imposta pela regra franciscana, que determina que “*os frades nada tenham de seu, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma*”, parece encontrar eco no atual estado de abandono do mosteiro e dos vestígios da sua cerca, ocupada por uma densa mata de eucaliptos. A intensa apropriação daquele lugar por parte da população da cidade – ainda que clandestina – traduz bem a sua inscrição na memória coletiva local.

Perante a inoperância da administração pública, que recusou a classificação patrimonial do conjunto (a salvaguarda está hoje circunscrita à área de proteção do destruído cruzeiro localizado no adro do mosteiro) têm surgido, ciclicamente, reptos pela recuperação do imóvel, protagonizados por agentes locais que, em exercício de cidadania cultural, tentam agir numa lógica *bottom-up*. Os argumentos invocados tendem a repetir-se e manifestam-se de forma irregular e por vezes superficial no espaço mediático dos meios de comunicação de massas e das redes digitais, o que denuncia evidentes dificuldades em aprofundar as problemáticas em jogo assim como a incapacidade de mobilizar uma ação pública consequente.

Esta comunicação pretende construir uma narrativa crítica para a aferição dos valores culturais em presença com objetivo de esboçar possíveis cenários de atuação no conjunto edifício-cerca. Uma narrativa que se fundamente não só no estudo diacrónico do seu desenvolvimento construtivo mas também na interpretação da multiplicidade dos discursos e representações que, desde o século passado, têm sido produzidos em torno desta temática, complementada com a auscultação das aspirações e necessidades dos atores envolvidos.

Resumo biográfico | Short biography

João Pedro Terras – FLUP

Licenciado em História da Arte (FLUP), frequente o mestrado em História da Arte Portuguesa na mesma instituição. Presentemente realiza estágio curricular no Serviço de Artes

Performativas do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves – Porto como colaborador em projetos de curadoria e assistente de programação.

Miguel Tomé — FLUP

Arquiteto (FAUP), mestre em história da arte portuguesa (FLUP) e doutorando em educação artística (FBAUP), é atualmente assistente convidado na FLUP onde leciona nos cursos de História da Arte e de Museologia. A par da prática profissional como arquiteto, tem desenvolvido investigação em temas relacionados com a musealização da arquitetura e a comunicação da cultura arquitetónica, colaborando regularmente com instituições como a Fundação de Serralves, a Direção Regional da Cultura do Norte e a Câmara Municipal do Porto. Tem livros e artigos publicados, nomeadamente *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*.

Joaquim Manuel Rodrigues dos SANTOS

“Aqui nasceu português” - da sublimação do castelo de Guimarães à sua conversão em arquétipo cultural do castelo português

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Uma das principais portas fortificadas da cidade de Guimarães exhibe orgulhosamente a prosaica expressão “Aqui Nasceu Portugal”, sendo o seu altaneiro castelo geralmente referido como o “Berço da Nação”. De facto, o Castelo de São Mamede encarnou a representação de herói nacional na memória portuguesa, incorporando-se como um emblema patriótico que se instituiu como símbolo do nascimento de Portugal. Disso mesmo nos reporta a imagem de Afonso Henriques erguendo a sua espada com o Castelo de Guimarães por detrás, algo que desde a infância se tem incutido profundamente na memória colectiva portuguesa, tornando-se um dos símbolos da identidade nacional. Os próprios castelos medievais ganharam na cultura portuguesa um estatuto de elementos fulcrais para o processo de fundação e formação de Portugal, assumindo o papel de testemunhas e participantes directas do nascimento pátrio e tornando-se alvo da veneração popular. Além de elementos simbólicos frequentemente instrumentalizados ideologicamente, tornaram-se também gradualmente em monumentos patrimoniais de transmissão obrigatória para as gerações vindouras.

Com o advento das nações durante o século XIX, muitos edifícios foram sendo mitificados Europa fora adquirindo relevância como símbolos pátrios nacionais. Em Portugal, o Castelo de São Mamede começou por essa altura a encarnar o mítico lugar do nascimento de Portugal, tornando-se venerado e glorificado na memória colectiva portuguesa. Ao ser elevado ao estatuto de castelo primordial português, o próprio castelo vimezanense tornou-se um arquétipo cultural do castelo português. Tal deu origem à criação de uma imagem cultural do castelo português, que persiste até aos nossos dias. O grande promotor desta mitificação do Castelo de São Mamede como símbolo pátrio terá sido Alexandre Herculano, secundado em grande medida pelo regime ditatorial do Estado Novo, que além da instrumentalização ideológica do monumento medieval, apropriou-se dessa imagem cultural para a aplicar em muitas intervenções patrimoniais em fortificações medievais, de que o Castelo de São Jorge em Lisboa é o caso mais paradigmático.

Resumo biográfico | Short biography

Joaquim Manuel Rodrigues dos Santos — ARTIS - Instituto de História da Arte | FLUL
É investigador integrado do ARTIS | IHA - Universidade de Lisboa, encontrando-se a desenvolver um pós-doutoramento (financiado com uma bolsa da FCT) sobre a Salvaguarda do Património Arquitectónico de Influência Portuguesa na Índia: Contextualização e Crítica. Licenciado em Arquitectura pelo Darq-FCT - Universidade de Coimbra (2002), concluiu o mestrado em Arquitectura, Território e Memória pela mesma universidade (2007). Realizou o curso de especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos na FAU - Universidade Federal da Bahia (2006), e doutorou-se em Arquitectura na ETSAG - Universidad de Alcalá de Henares (2012), com uma dissertação intitulada Anamnese do Castelo como Bem Patrimonial: Construção da Imagem, Forma e (Re)Funcionalização na Reabilitação de Fortificações Medievais em Portugal. Desenvolve investigação na área da arquitectura e urbanismo, da salvaguarda patrimonial, e da história da arte, com destaque para a produção em Portugal e de influência portuguesa no Mundo.

José António Salazar RIBEIRO

Filipe Tércio: fortificação de parte da costa desde o Cabo de S. Vicente até à Galiza (1577-1597)

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Através desta apresentação, pretende-se dar a conhecer quem foi Filippo Terzi, assim como o trabalho que desenvolveu em Portugal durante os 20 anos que aqui permaneceu. A Itália e especialmente o Ducado de Urbino - do qual se dizia: *que mostra um palácio que em vez de estar dentro das muralhas de uma cidade, contém uma cidade dentro das suas muralhas...* e enquanto “viveiro” de engenheiros e arquitectos militares que, detinham desde o início da Renascença, as técnicas mais apuradas de construção de fortificação, cujas aulas decorriam sob a análise dos melhores tratados de Arquitectura da época. Como veio para Portugal por convite real de D. Sebastião, como se soube movimentar na esfera da Corte independentemente do soberano, assim como no relacionamento com os seus pares, como conseguiu ver premiados os seus sucessos através de compensações financeiras importantes, granjeando-lhe não só o reconhecimento material, como nobiliário, acompanhado das respetivas tenças. A obra que se encontra documentada e também a que lhe está atribuída, elencada por ordem cronológica. Por fim, conclusões do trabalho, onde se apontam algumas incongruências cronológicas e históricas, mas também alguns dados inéditos que se pretende acrescentem algo mais ao conhecimento deste personagem invulgar e incontornável na Arquitectura e da História da Arte Portuguesa na Época Moderna.

Resumo biográfico | Short biography

José António Salazar Ribeiro — FLUP

Licenciado em História (minor Geografia), é Mestrando em História da Arte em Portugal. Desenvolveu vários trabalhos académicos sobre arquitectura local em Vila do Conde (Capela dos Fundadores do Convento de Santa Clara, Capela do Socorro, Forte de S. João Baptista), para além de um outro sobre o retábulo da Capela-Mor da Igreja Matriz de Vila do Conde, que apresentou nos Encontros de Outono de História da Arte na FLUP em 2014, tendo também apresentado mais duas comunicações em 2015, uma no Congresso Habitar ao Tempo de Grão Vasco em Viseu (23-27 setembro) e com o mesmo trabalho nos Encontros de Outono (28 outubro).

José Augusto Sotto Mayor PIZARRO

Entre Inquirições e Obituários (sécs. XII-XVI). Testemunhos e resgate de memórias

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

A construção do texto de uma inquirição, pela sua própria essência final, recolhia testemunhos variados. As Inquirições Gerais, promovidas pelos monarcas portugueses ao longo dos séculos XIII e XIV, em particular, ao pretenderem a prova sobre a antiguidade da posse de direitos e bens, fosse pela própria Coroa ou pelos proprietários em geral, sobretudo dos grupos aristocrático e eclesiástico, recorreram a um universo muito alargado de testemunhos. Estes, como é natural, assentavam nas recordações e conhecimento de cada uma das testemunhas que, amiúde, ofereceram as memórias dos seus antepassados, pais e avós normalmente, que assim traziam, por exemplo, recordações que datavam do século XII, balizadas por fenómenos naturais marcantes, como seriam os eclipses, ou batalhas e episódios mais sangrentos que deixaram cicatrizes profundas nessas memórias colectivas.

Por outro lado, também os obituários nos legaram informações do maior interesse dentro do mesmo género de memória passada, mas ressuscitada nas recordações dos vivos. O sabor pitoresco de algumas dessas notícias poderão talvez acordar em alguns, assim espero, a memória de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que tantas vezes nos ofereceu paisagens de enorme riqueza e profundidade a partir de pequenas nuances, de ínfimos lampejos de memória.

Resumo biográfico | Short biography

José Augusto Sotto Mayor Pizarro — FLUP | CEPESE

Mestre (1987), Doutor (1998) e Agregado (2007) em História Medieval, pela Universidade do Porto; Professor (Associado (2005) com Agregação) da Faculdade de Letras desde 1984.

Responsável pelas cadeiras de *História Política na Época Medieval*, *História Medieval Peninsular* e *Genealogia e Heráldica*, no curso de Licenciatura, e de *Fontes para o Estudo da Idade Média* e o seminário sobre *Nobreza Medieval Portuguesa*, nos cursos de pós-graduação; foi director da «*Cátedra Sánchez Albornoz de História Medieval de Espanha*» (1999-2003). Director do Curso de 1º Ciclo em História da Faculdade de Letras do Porto, desde 2007.

Discípulo de José Mattoso e de Luís Adão da Fonseca, as suas investigações desen-

volvem-se em torno de duas linhas complementares: por um lado, a nobreza portuguesa até ao século XIV e, por outro, as relações políticas e diplomáticas entre Portugal e os outros reinos hispânicos, âmbito particularmente sensível para o grupo nobiliárquico peninsular.

Membro Efectivo Fundador da Sociedade Portuguesa de Estudos.

Académico de Número do Instituto Português de Heráldica e da Confédération Internationale de Généalogie.

Membro Efectivo da Sociedad Española de Estudios Medievales e da Sociedad Española de Ciencias y Técnicas Historiográficas.

Académico Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, da Real Academia da Historia de Madrid, da Real Academia Matritense de Heráldica y Genealogía e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

José Ferrão AFONSO | Sílvia Cristina Teixeira RAMOS

A arquitectura religiosa do Noroeste na segunda metade do século XVI em debate: tempo, forma e proporção

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

O objectivo da comunicação será, através de uma abordagem multidisciplinar focada em aspectos formais, documentais e planimétricos, a organização de uma genealogia dos principais momentos da arquitectura religiosa da segunda metade do século XVI no Noroeste português. Para tal, proceder-se-á ao estudo, adoptando esses parâmetros como linha condutora, de algumas dos seus mais significativos exemplares. Esse estudo procurará, nomeadamente, detectar a origem da planimetria e, em alguns casos, da morfologia dessas igrejas, partindo da hipótese que, mesmo quando identificadas com modelos internacionais, elas poderão resultar, não de presumíveis rupturas com a tradição construtiva nacional e local, mas de uma integração na constância de linhas modelares que remontam à Idade Média. Como objectivos paralelos, procurar-se-á que a pesquisa efectuada ajude a clarificar algumas atribuições e contribua ainda para a criação de conjuntos de modelos.

Resumos biográficos | Short biographies

José Ferrão Afonso — Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa | CITAR/ARTES

Nascido a 14-10-1951. Licenciado em História, variante da Arte, no ano de 1995, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a classificação de 16 valores. Mestre em História, variante de Arte, no ano de 1999, com a dissertação *A rua das Flores no século XVI. Elementos para a história urbana do Porto Quinhentista*, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a classificação de Muito Bom (bolseiro da FCT). Doutorado em Teoria e História de Arquitectura no ano de 2008, com a dissertação *A imagem tem que saltar, ou o rebate dos signos. A cidade episcopal e o Porto intramuros no século XVI. Propriedade, ritual, representação e forma urbana (1499-1604)* pelo Departamento de Composição Arquitectónica da Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidade Politécnica da Catalunha, com a classificação de Suma Cum Laude (bolseiro da FCT). Principais publicações: “*A imagem tem que saltar*”: *A igreja e o Porto no século XVI (499-1606)*. *Um estudo de história urbana*. Lisboa: FCG/FCT, 2013; *A Rua das Flores no século XVI: elementos para a história urbana do Porto quinhentista*, Porto: FAUP, 2000.

Sílvia Cristina Teixeira Ramos — FAUP | CEAU

Arquiteta, licenciada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), em 2008. Iniciou actividade profissional no mesmo ano. Em 2011/12, ingressou no Curso de Doutoramento em Arquitectura – FAUP. Nos anos lectivos de 2013/14 e 2014/15 foi assistente convidada na unidade curricular de História da Arquitectura Portuguesa do Curso de Mestrado Integrado da FAUP. Actualmente, traz em desenvolvimento a dissertação registada sob o tema *Campo Alegre (Porto): cartogramas sobre o desenho da cidade*, é bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/85547/2012) e investigadora externa do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP.

José Manuel B. LÓPEZ VÁZQUEZ

La plasmación de la idea del sacerdote perfecto en un programa contrarreformista de la catedral de Tui

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

La cajonería de la catedral de Tui; no solo posee el programa iconográfico barroco más rico de todas las sacristías gallegas, sino que, además, tiene un valor singular al estar dirigido a un fiel muy concreto: el sacerdote que se reviste en ella antes de officiar. Consecuentemente, el programa tiene como principal cometido adoctrinar a los clérigos, ofreciéndoles el espejo de un sacerdote perfecto al que imitar, siguiendo la literatura de perfección sacerdotal, muy en boga en España tras el concilio de Trento. Por ello, en él se ensalza por una parte, la nobleza y excelencias del propio estado sacerdotal, tratando de realzar su identidad, y, por otra, se insta al sacerdote a procurar su salvación individual, abogando a los afectos del amor o del temor. En el desciframiento del programa no solo es indispensable el conocimiento de dicha literatura de perfección sacerdotal, sino textos sagrados de época y la utilización de grabados y de fuentes emblemáticas (como Alciato, Covarrubias, Villaba, etc.) que permiten tanto la identificación de los temas, como un conocimiento profundo de la “historia de los tipos”, afín de intentar, como diría Gombrich, “reconstruir la prueba perdida”, meta de todo iconógrafo.

Resumo biográfico | Short biography

José Manuel B. López Vázquez — Universidad de Santiago de Compostela

Licenciado en Filosofía y Letras (Sección Historia del Arte) con Sobresaliente y Premio Extraordinario, doctor, con, Sobresaliente cum laude. Profesor del Departamento de Historia del Arte de la Universidad de Santiago desde 1974, Profesor Titular desde 1985, Acreditado al cuerpo de Catedráticos de Universidad desde 2010. Director del Departamento de Historia del Arte desde 10-05-1991 hasta el 9-10-1995.

Comisario de numerosas exposiciones, ponente invitado en múltiples congresos y simposios nacionales e internacionales, desempeñó numerosos cargos para la administración. Su investigación se centra en dos líneas: arte español moderno y contemporáneo y la interpretación de la obra Goya. Sus publicaciones monografías, capítulos de libros y artículos en revistas son muy numerosas, pudiéndose acceder fácilmente a muchas de ellas por internet.

José Manuel GARCÍA IGLESIAS

La universidad y sus vitores. El caso de Santiago de Compostela

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

La Universidad de Santiago de Compostela cuenta con cinco siglos de historia. Primero en sus Colegios Universitarios, más tarde, en el edificio central y, últimamente, en sus Facultades, los vitores fueron encontrando lugar para el reconocimiento de algunos de sus ilustres profesores y alumnos. En cierto modo cabe decir que, a través de los personajes seleccionados, nos encontramos con aquellos que, en su tiempo, se entendieron como más distinguidos. Atendió el vitor a diferentes contextos académicos, cada uno de ellos con peculiaridades propias. Pues bien, en la búsqueda del espacio primero en el que se dispuso, en cada caso, cabe adentrarse, con más criterio, en el estudio de unas obras que, en la actualidad, se encuentran, generalmente, descontextualizadas. Ahondar en su conocimiento, engarzando la obra con un determinado lugar, es lo que se considera a través de un ejercicio de reconstrucción de espacios en tiempos pasados.

Resumo biográfico | Short biography

José Manuel García Iglesias — Grupo de Investigación Iacobus | Universidad de Santiago de Compostela

Licenciado en 1973 en Historia y Geografía y, al año siguiente, en Historia del Arte. Se doctoró en 1979. En ambos grados de licenciatura recibió el Premio Extraordinario y en 1976 el Accésit al Premio Nacional Fin de Carrera de Historia del Arte. Su tesis doctoral alcanzó también el Premio Extraordinario. Es, desde 1974, profesor del Departamento de Historia del Arte en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad de Santiago de Compostela y, a partir de 1986, catedrático de Historia del Arte Moderno y Contemporáneo, en dicha Facultad. Está integrado en el Grupo de Investigación IACOBUS de la Universidad de Santiago de Compostela. Cuenta con cinco sexenios de investigación, concretamente hasta el año 2010.

Es Directivo de la Real Sociedad Económica de Amigos del País de Santiago, Vocal de la Comisión de Heráldica da Xunta de Galicia, Vocal del Patronato del CGAC y Académico Correspondiente de la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando.

Desarrolla las siguientes líneas de investigación: 1. La arquitectura, el paisaje y las artes plásticas entre los siglos XVI y XXI; 2. El arte y la cultura jacobea; 3. La gestión de bienes y patrimonio cultural; 4. Dirección de exposiciones temporales y programas museográficos.

Su actividad docente e investigadora -y en la gestión cultural- se compagina, igualmente, con la publicación periódica en prensa.

Juan M. MONTERROSO MONTERO

«Dalinizar». La autorreferenciación y la apropiación como instrumentos creativos en Los Caprichos de Dalí

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

A finales de la década de 1970 Salvador Dalí se va enfrentar a uno más de los retos creativos que, desde mediados de los años 50 del siglo XX, venían siendo habituales dentro de su obra. En esta ocasión se trataba de recrear, reinterpretar y, en una palabra, “dalinizar” la serie de los Caprichos de Francisco de Goya a partir de las planchas conservadas en el museo de Les Castres.

Dicho trabajo, más allá de ser una tarea puramente alimenticia y crematística, se convirtió en uno de las obras más representativas del Dalí ilustrados, junto con *La Divina Comedia* o *El Quijote*.

Al igual que en aquellas, quizás incluso de un modo más acusado, Dalí pone en juego todos sus recursos creativos, aquellos que lo habían consagrado como uno de los grandes pintores del movimiento surrealista, incluso más allá de los límites del propio grupo encabezado por Bretón.

Esta comunicación tiene por objeto aproximarnos a dos recursos creativos fundamentales en esta serie: la autorreferenciación y la apropiación que Dalí realiza de su propia obra. Dicho de otro modo, Dalí se reafirma a través de todos aquellos rasgos de estilo que lo hacen perfectamente reconocible hasta el punto de convertirse en modelo y fuente de su propia obra. Este proceso de apropiación permite desarrollar un discurso complejo desde el método paranoico crítico del pintor catalán, hasta describir sus filias y fobias con respecto a otros pintores de diferentes épocas o recuperar obras de sus primeros años completamente olvidadas en su momento.

Resumo biográfico | Short biography

Juan M. Monterroso Montero — Universidad de Santiago de Compostela | Facultad de Geografía e Historia | Departamento de Historia del Arte

Profesor titular de Historia del Arte en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad de Santiago de Compostela. En la actualidad es el Decano de la Facultad de Geografía e Historia, donde ha sido director del departamento de Historia del Arte entre 2003-2008 y, desde 2003 coordina el grupo de investigación Iacobus (GI-1907).

Su labor docente e investigadora le ha permitido dedicarse a labores y estudios vinculados con la Historia del Arte, en especial en todo aquello relativo al arte gallego durante la Edad Moderna y al Patrimonio Cultural. Tanto en uno como en otro aspecto ha publicado diferentes artículos y monografías que han tenido como objeto de estudio los principios básicos sobre la conservación del patrimonio, la actividad pictórica en conjuntos monásticos y catedralicios, la iconografía mariana, el Camino de Santiago y la catedral compostelana, la literatura emblemática y su repercusión en la cultura moderna, o la teoría, protección y gestión del patrimonio cultural, y la historia de la moda y el diseño industrial.

Juliane RÜCKERT

Water on the roads in Jacob van Ruisdael's landscape painting

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

In the exceptional oeuvre of Jacob van Ruisdael a number of landscape paintings can be found, which offer a particular motif. Figures, walking down roads through Dutch landscapes, are depicted while stepping into puddles, while they could have walked around. This motif transforms the Dutch struggle to gain land from the sea and protect their land from erosion into an image of a daily effort to find a way in the 17th century Dutch territory. The road as a relic of movement shows a discovery of the land through mankind. The water on these roads can be read as symbols for a retaking of cultivated land through the nature. Ruisdael symptomatically constructs critical moments, there figures come in contact with diverse water motifs. In this he explored different confrontations of mankind with the element of water as a central topic in his oeuvre. But the roads, in their primary function as a visualisation of repeated movement through the landscapes, form also an entrance for the viewer into the painting. Roads as a structural transformation of land allow their

function to be transmitted into paintings there they become the mark of civilisation. In this the function of the painted roads follows these of real roads, as a helping line for a visual appropriation of landscape.

Resumo biográfico | Short biography

Juliane Rückert — Freie University Berlin

Phd student at the Freie University Berlin.

Born 18.03.1984 in Plauen, Germany.

2002 – 2008 studies of history of art, classic archaeology and cultural studies at the FSU Jena.

2006 – 2007 Realisation of the exhibition “Rococo en miniature – the palaces of the praised island” at the Landesmuseum Heidecksburg Rudolstadt.

2007 – Co-author of the exhibition catalogue “Rococo en miniature” together with Prof. Helga Kämpf-Jansen.

2008 – Master of Arts at the FSU Jena. Title of the thesis: “Rococo en miniature – Ideenreich von Gerhard Bätz und Manfred Kiedorf” (Rococo en miniature – Realm of Ideas of Gerhard Bätz and Manfred Kiedorf).

Since 2010 – Phd student of Prof. Karin Gludovatz at the Freie University Berlin. Title: “Wassermotive in Jacob van Ruisdaels Landschaftsdarstellungen” (Water motifs in Jacob van Ruisdael’s landscape painting).

2012 – Presentation at the annual conference of the Ankk in Köln. Title: “Die Weg-Darstellungen bei Jacob van Ruisdael als künstlerischer Ausdruck der Beziehung der Niederländer zum Wasser” (The Road Motif of Jacob van Ruisdael).

2013 – Summer School at the Rijksmuseum Amsterdam and RKD Den Haag. Topic: Dutch culture and art of 17th Century.

2015 – Published article: “Jacob van Ruisdael’s Buitenplaatsen” in the online magazine Archimaera.

Júlio Mendes RODRIGO

Sancta Viscera Tua na Igreja de Santa Clara: uma leitura do Templo enquanto Imago Mundi e reprodução terrestre de um modelo transcendente

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Para Mircea Eliade, se o Templo constitui uma *Imago Mundi* é porque o Mundo, como obra dos deuses, é sagrado. O autor enfatiza ainda que a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa. Lugar sagrado por excelência, o Templo, re-santifica continuamente o Mundo, porque o representa e contém ao mesmo tempo. Seja qual for o grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela sacralidade dos santuários. Esta dupla valorização orienta a nossa proposta, que assenta na descrição de uma iniciativa levada a cabo na Igreja de Santa Clara, no Porto, em 12 de abril de 2014. A peça “*Sancta Viscera Tua*”, obra sonora e cénica construída a partir dos arquétipos presentes na estrutura de uma *Via Sacra* - literalmente “percurso sacro” -, da autoria de Jonathan Uliel Saldanha, consistiu num convergir de pessoas, e intenções, que em conjunto procederam a uma reencenação do Invisível. Este percurso, que é uma estrutura organizacional e temporal, oscila entre estímulos que ocorrem em planos distintos, abordando o sacrifício enquanto elemento visceral que acompanha transculturalmente a mediação colectiva humana entre a matéria e a alma, numa construção vibracional de som, gesto, luz e voz. A voz, enquanto organismo primordial constituído por uma extrema visceralidade, estabelece-se enquanto fluxo sonoro que transforma pela matéria o sentido, filtrando pelas suas cavidades internas ruídos, vibrações e ímpetus. Uma voz rude, como potência de evocação e intenção, surge como emissor de sinal que intercepta a arquitectura da Igreja pela ressonância das suas reentrâncias, reconectando as dimensões mais telúricas do canto colectivo com o seu impacto na matéria. A descrição e a análise desta acção alicerçar-se-á numa hermenêutica de índole simbólica, presente nos campos da investigação sobre o Imaginário, contrapondo-se à priorização da Imaginação Reprodutora, preconizada pela tradição filosófica Racionalista, as reflexões encetadas por pensadores como Jung e Bachelard.

Resumo biográfico | Short biography

Júlio Mendes Rodrigo — Investigador

Cursou História, Museologia, Arte Multimédia e Gestão da Formação na UP. Docente

desde 1997, dedicou-se também à investigação, à actividade de formador, e gestor na área da Formação Profissional. É colaborador e elemento da redacção de algumas publicações periódicas. Autor da obra “Summa Techno(i)logicae”, é também o apresentador do programa radiofónico “Arranca Corações”. É co-autor da dramaturgia da peça “SANTA VISCERA TUA”, que está na origem de “Eco da Viscera”, um filme financiando pela DGArtes, em processo de produção. Como resultado da investigação inerente às suas áreas de interesse, edita com regularidade em várias publicações nacionais. Como conferencista, destacam-se os eventos: “RUMORI - Celebração do centenário dos primeiros concertos da Orquestra de Intonarumori de Luigi Russolo”, as Aulas Abertas de Artes Cénicas no ISMAI, bem como em diversas conferências na Universidade Lucian Blaga de Sibiu, na Roménia. Actualmente exerce funções profissionais enquanto Técnico de Galeria, Biblioteca, Arquivos e Museu.

Larissa Cesar MELO

Resiliência urbana nos conjuntos habitacionais modernos

Secção 3 - Gestão do Património;

Resumo | Abstract

O déficit habitacional, causado pelo êxodo rural após a Revolução Industrial, marca o ponto de partida para o pensamento na habitação de interesse social. A habitação passa a ser entendida pelo Estado como um instrumento de bem estar social. A partir de modelos como *Cité Ouvrière*, *Siedlungen* e, sobretudo, *Garden City*, o pensamento moderno sobre a cidade e suas funções de habitação, trabalho e lazer resultou na concepção da *célula habitacional* dentro da nova necessidade de densificação territorial. O conceito de resiliência urbana discute a capacidade da cidade de se reinventar - absorvendo as mudanças sociais e suas repercussões - e se reorganizar. Trata-se de desenvolvimento urbano, adaptação e evolução. Quando aplicado como instrumento de análise da urbe, permite entender a cidade moderna como registro histórico, bem como o seu acelerado e desigual crescimento socioeconómico, sobretudo, no contexto habitacional, ponto central de preocupação para a construção da morfologia urbana no século XX. A valorização do espaço público, as unidades de habitação e de vizinhança, a racionalização da construção, dentre outros, fundamentam os conjuntos habitacionais modernistas. Tais elementos geram espaços complexos e dinâmicos que, ao longo do processo de evolução da cidade, perdem a capacidade de interagir com os seus usuários, os quais deixam

de se apropriar e de se identificar com o ambiente público. Esse fenômeno resulta num processo de descaracterização desses conjuntos. A fim de confrontar a ideia de resiliência urbana com os conceitos modernos de habitação, trabalharemos com estudos de caso, analisando o projeto, a construção e o contexto atual do conjunto, sob a ótica de mobilidade, densidade, patrimônio e autossuficiência das infraestruturas. Com essa discussão sobre a apropriação dos ideais do movimento moderno e a sustentabilidade social e econômica desses conjuntos, chegar-se-á a conclusões sobre a resiliência, gestão e preservação do espírito do lugar no patrimônio urbano.

Resumo biográfico | Short biography

Larissa Cesar Melo – CERIS | IST-UL

Formada em Arquitetura e Urbanismo no ano de 2013, pela Universidade de Brasília. Apresentou como trabalho de conclusão o título “A estrutura como elemento de composição: o canteiro Experimental da FAU-UNB”. Foi co-autora de capítulo de livro “Análise do Consumo de Água em Escola Pública do Distrito Federal”, publicado pela Editora Universitária da UFPB em 2013.

No campo profissional trabalhou dois anos e meio no escritório Plano Arquitetura principalmente no desenvolvimento de projetos de edifícios residenciais, comerciais, institucionais e loteamentos urbanos.

Atualmente é doutoranda do Instituto Superior Técnico de Lisboa, onde desenvolve investigação a respeito dos conjuntos habitacionais modernos com interesse em habitação social.

Laura Cristina Peixoto de SOUSA

Arqueologia, património e memória na «Regeneração urbana de Penafiel»: o arqueossítio da Capela de São Bartolomeu

Secção 3 - Gestão do Património;

Resumo | Abstract

Em 2012 e 2013 a cidade de Penafiel renovou-se no âmbito do programa Regeneração Urbana de Penafiel, que pretendeu requalificar e modernizar o espaço público da antiga

urbe. Por incidirem maioritariamente na área convencionada como Centro Histórico, algumas das obras então realizadas foram alvo de intervenções arqueológicas preventivas. Entre estas, aquela que provocou maior curiosidade e envolvimento da comunidade ocorreu no espaço vulgarmente conhecido por “Sameiro”, ex-libris penafidense e assim designado por aí se localizar o Santuário da Senhora da Piedade e dos Santos Passos, rodeado pelo Parque Zeferino de Oliveira, construído em finais do século XIX e que rapidamente adoptou o nome do seu congénere maior de Braga.

A história deste lugar é, porém, bastante mais recuada. Ao abrir as valas de fundação para o Santuário, em 1886, encontrou-se uma estatueta em bronze do deus romano Marte, datável dos séculos II-III d.C., até aos dias de hoje o vestígio arqueológico mais antigo de que há registo no Centro Histórico da Cidade de Penafiel. Conhecida na documentação como Alto de Cimo de Vila, Monte do Povo, Monte da Forca, Monte Maninho ou Monte de São Bartolomeu, esta elevação, que se distingue pelo domínio visual sobre a cidade e o vale do Sousa, constituiu, até finais do século XIX, uma zona baldia, fora do núcleo urbano, onde desembocava a Rua Direita e para onde a edilidade mandou transferir a tradicional feira de São Bartolomeu, em 1758, junto à capela de invocação do mesmo santo.

Partindo do património arqueológico e histórico, em especial da intervenção que revelou as ruínas da Capela de São Bartolomeu, convertidas em arqueossítio, analisaremos as tradições e memórias deste lugar, o seu património vernacular, numa tentativa de chegar ao *genius* que o anima e diferencia entre os demais lugares da cidade.

Resumo biográfico | Short biography

Laura Cristina Peixoto de Sousa — Câmara Municipal de Penafiel - Museu Municipal | Confraria Queirosiana | CITCEM

Arqueóloga, licenciada em História Variante Arqueologia e Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Técnica Superior de Arqueologia da Câmara Municipal de Penafiel, exercendo funções no respectivo Museu Municipal.

Investigadora do CITCEM/UP - Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” da Universidade do Porto e do Gabinete de História, Arqueologia e Património da Confraria Queirosiana, onde integra desde 2010 a equipa de investigação do Projecto Castr’Uíma.

Tem dirigido numerosas intervenções arqueológicas e é autora de vários trabalhos no domínio da História e Arqueologia, versando sobre diversas épocas cronológicas, nomeadamente sobre Arqueologia Moderna e Contemporânea e Faiança Portuguesa, área da sua investigação de mestrado.

Leonor ROCHA

Património arqueológico no concelho de Mora: um exemplo de gestão

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O concelho de Mora destaca-se pelo seu pioneirismo em termos de investigação arqueológica, no panorama nacional. De facto, numa altura em que a maior parte dos trabalhos realizados eram casuísticos, espacial e cronologicamente dispersos, a freguesia de Pavia teve um projeto de investigação estruturado, realizado por Virgílio Correia, entre 1914 e 1918 (Correia, 1921).

Depois de ter sido residualmente apanhado pelos trabalhos realizados por Manuel Heleno no Alentejo Central, na década de 30, do séc. XX, a área volta a ganhar importância na última década deste século quando se iniciam novos trabalhos arqueológicos, inseridos em projetos de investigação de continuidade.

Ao longo dos últimos 20 anos procedeu-se a um trabalho de inventariação, de escavação de monumentos megalíticos, de sondagens em povoados, de recuperação e musealização de sítios...

Ao comemorar os 100 anos do início da investigação no concelho a autarquia abalança-se para um novo projeto que se traduz num exemplo de boa gestão do património, fruto de um longo investimento: a criação de um Museu de Megalitismo.

Resumo biográfico | Short biography

Leonor Rocha — CHAIA | Universidade de Évora

Professor Auxiliar com Agregação com Agregação na Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais. Investigadora integrada do CHAIA.

Publicou 62 artigos em revistas especializadas e 21 trabalhos em actas de eventos, possui 9 capítulos de livros e 8 livros publicados. Possui 78 itens de produção técnica. Participou em 25 eventos no estrangeiro e 54 em Portugal. Actua na área de História e Arqueologia. Nas suas actividades profissionais interagiu com 86 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos.

Ver, tocar e sentir a Maia: um projeto de mediação patrimonial no Museu de História e Etnologia da Terra da Maia

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A sociedade, bem como o seu desenvolvimento, é a missão central dos museus. Neste sentido, a educação, uma das funções museológicas, assume um papel preponderante. Educar em museus implica construir significados a partir dos objetos, pela adoção de estratégias de ensino e aprendizagem que possibilitam, mesmo no exterior, um envolvimento ativo, físico, intelectual e emocional do sujeito com esses objetos e que permitem múltiplas aprendizagens, construção social, saúde e bem-estar. Educação em museus implica, portanto, transformação.

Avaliar é, assim, uma necessidade premente das instituições museológicas para aperfeiçoar e legitimar as suas ações, reconhecendo-lhes valor, mérito e utilidade no processo de transformação social. Neste contexto, a avaliação museológica incide nas experiências vividas, indagando perceções, significados, atitudes e valores. A metodologia a utilizar num processo de avaliação museológica relaciona-se, deste modo, estreitamente com a situação concreta a que se destina.

Partindo destas premissas, foi promovido pelo Museu de História e Etnologia da Terra da Maia, no ano letivo de 2012/2013, um projeto de mediação patrimonial que possibilitasse o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens por parte da comunidade escolar do concelho da Maia. Para auferir se o projeto promove essas aprendizagens passou a ser o objeto de estudo desta investigação.

Enveredando por um estudo de caso, e utilizando a entrevista e a dinâmica de grupo focal como técnicas de recolha de dados perante uma amostra de docentes e alunos que participaram no projeto, procurou-se perceber os contributos do projeto para a comunidade escolar, nomeadamente ao nível das aprendizagens, recorrendo ao modelo de aprendizagem em museus, *Inspiring Learning for All*, desenvolvido pelo *Museum, Libraries and Archives Council*.

Com a investigação foi possível identificar e categorizar as aprendizagens promovidas pelo projeto, e obter informação que permite facultar, futuramente, projetos de qualidade e de carácter proactivo à comunidade.

Resumos biográficos | Short biographies

Liliana Aguiar — Câmara Municipal da Maia

Licenciada em História - Ramo de Formação Educacional, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1998); Pós-graduada em Assuntos Culturais para as Autarquias, Centro de Estudos e Formação Autárquica, Universidade de Coimbra (2001); Pós-graduada em Administração e Planificação da Educação, Universidade Portucalense (2002); Pós-graduada em Museologia (2009), Faculdade de Letras da Universidade do Porto; submeteu tese de mestrado em Museologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dez.2015) - Tema de investigação “Ver, Tocar e Sentir a Maia: um projeto de Mediação Patrimonial no Museu de História e Etnologia da Terra da Maia”.

Responsável pelo serviço educativo do Museu de História e Etnologia da Terra da Maia, onde exerce funções desde 2001, no âmbito da educação e da mediação patrimonial. Coautora dos recursos mediadores do projeto de mediação “Ver, Tocar e Sentir a Maia”.

Alice Lucas Semedo — FLUP | CITCEM

Museóloga, Prof. Auxiliar e Dir. do Doutoramento em Museologia (DCTP-FLUP). Após ter concluído a Licenciatura em História - Variante Arqueologia (FLUC) continuei os meus estudos na Universidade de Leicester, Reino Unido (M.A. 1991 e PhD 2003) onde apresentei uma tese orientada pelo Professor Susan Pearce sobre discursos profissionais em museus portugueses (*The Professional Museumscape: Portuguese Poetics and Politics*). Sou também Investigadora Integrada do CITCEM, publicando e orientando dissertações e teses (Concluídas: MA Dissertações: 25 / PhD Teses: 5) relacionadas com tópicos que se relacionam com os meus interesses de investigação, designadamente sobre narrativas e discursos museológicos, identidade profissional, missões contemporâneas de museus. Entre outras funções profissionais co-edito a Revista Académica MIDAS - Museums Interdisciplinary Studies e sou membro do Editorial Board da Revista publicada pela Berghahn, Museum Worlds.

Lisandra Ângela Franco de MENDONÇA

A génese da salvaguarda do património edificado na cidade de Maputo

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O salto no entendimento do valor documental do legado patrimonial no período pós-independência em Moçambique foi significativo, com feitos importantes para o processo de transição política e cultural, a organização da tutela do património e a enformação do espólio cultural nacional.

Ao longo da década de 1980, e com a criação da Secretaria de Estado da Cultura, da Direção Nacional do Património Cultural e do Serviço do Património Edificado, o aparelho de Estado ficava dotado de órgãos especializados que fizeram sentir a sua ação nos anos imediatos na gestão e salvaguarda do património. Definiram-se estudos e linhas de ação com impacte direto na delimitação do primeiro (e até hoje único) *conjunto* classificado da cidade de Maputo, na definição de medidas cautelares para a sua preservação, na sua divulgação e na definição da legislação para a proteção do património cultural atualmente em vigor.

A discussão em torno da salvaguarda da Ilha de Moçambique, o envolvimento da UNESCO, a ratificação por Moçambique da Convenção do Património Mundial (1982) e a necessidade de elaborar legislação adequada para o património (ambas condições prévias para a inscrição da Ilha na Lista do Património Mundial Cultural e Natural), estiveram na origem da criação progressiva de vários departamentos no sector e foram cruciais para o alargamento do entendimento do património cultural. O *Estudo da Valorização Urbanística da Baixa de Maputo*, elaborado contemporaneamente, foi até muito recentemente a proposta urbanística mais completa e abrangente sobre essa parte da cidade e a primeira proposta concreta para a sua classificação.

Este texto põe o enfoque nas várias iniciativas levadas a efeito para a valorização do património na década de 1980 em Maputo, e que podem ser consideradas atualmente como absolutamente inéditas. Só no final da década de 2000 surgiram novas propostas de salvaguarda do património edificado da cidade.

Resumo biográfico | Short biography

Lisandra Ângela Franco de Mendonça — UC | CES | Universidade de Roma ‘La Sapienza’ | Departamento de História, Representação e Restauro da Arquitetura | Bolseira de doutoramento (Fundo Social Europeu, Programa Operacional Potencial Humano e FCT, referência SFRH/ BD/ 73605/ 2010).

Doutoranda em regime de cotutela nas Universidades de Coimbra e de Roma ‘La Sapienza’, na vertente de Arquitetura e Urbanismo, e História e Restauro da Arquitetura. Doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa e *Storia e Restauro dell’Architettura* (História e Restauro da Arquitetura) (2010-). Título da tese: *Conservação da arquitetura e do ambiente urbano modernos: a Baixa de Maputo*.

Especialização em Restauro de Monumentos pela *Scuola di Specializzazione in Restauro dei Monumenti della Università degli Studi di Roma ‘La Sapienza’* (Escola de Especialização em Restauro de Monumentos da Universidade de Roma ‘La Sapienza’), com uma dissertação sobre restauro de arquitetura moderna, título: *Piscina Pensile al Palazzo del C.O.N.I. al Foro Italico, Roma. Studio e restauro* (Piscina Pênsil do Edifício sede da Comissão Olímpica Nacional Italiana no Foro Itálico, Roma. Análise Histórica e Projeto de Restauro) (2001-2003). Licenciatura em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (1992-1998).

Lúcia ROSAS

Passio Christofori: a iconografia de S. Cristóvão na igreja de Rio Mau

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Na obra *Der hl. Christophorus, seine verehrung und seine legende. Eine untersuchung zur kultgeographie und legendenbildung des mittelalters* (1937) da autoria de Hans-Friedrich Rosenfeld, o historiador alemão demonstra que a lenda do bom gigante (S. Cristóvão) que transporta Cristo na travessia de um rio é uma criação literária ocidental que não pode ser anterior ao século XII, e considera que esta iconografia é anterior ao texto. É somente no século XII que se forma a iconografia do *Portador de Cristo*, como a ilustração do seu nome (*wortillustration*), ou seja, uma iconografia que tem origem num jogo de palavras, neste caso, o nome do santo. No românico português não é tarefa fácil entender o sentido das imagens e, muito menos, as possíveis relações temáticas entre os capitéis ou outros elementos esculpidos presentes numa mesma igreja, como acontece em S. Cristóvão de Rio Mau. É nas representações mais antigas, nas distintas versões da *Passio* de S. Cristóvão e nos hinos dedicados ao santo que encontramos os episódios, ou as metáforas, que podem esclarecer a representação e o programa escultórico da igreja de S. Cristóvão de Rio Mau, sem dúvida um dos testemunhos mais precoces do processo de *wortillustration* referido por Rosenfeld.

Resumo biográfico | Short biography

Lúcia Rosas — FLUP | DCTP | CITCEM

Professora Catedrática do DCTP da FLUP. Diretora do DCTP. Investigadora do CITCEM.

Investigadora dos projetos: Eurocore *Cuius Regio*. E.S.F.; *Comendas das Ordens Militares: perfil nacional e inserção internacional*, FCT. Membro da *Rede de Estudos Medievais Interdisciplinares*.

Principais publicações:

- Rosas, L. (2015). Architecture and Identity. In F. Sabaté e L. A. da Fonseca (Coord.), *Catalonia and Portugal. The Iberian Peninsula from the Periphery* (p. 205-222). Peter Lang AG, International Academic Publishers, Bern;
- Rosas, L., Sousa, A. C. (2014). “La iconografía de San Bartolomé en el sepulcro de D. Pedro I (Monasterio de Alcobaça, Portugal)” in *Revista Digital de Iconografía Medieval*. Madrid: Universidad Complutense, vol. VI, nº 12, p. 81-104;
- Rosas, L., Costa, P. P. (2014). “Vera Cruz de Marmelar: a intervenção de Afonso Peres Farinha” in *População e Sociedade*, nº 22, p. 177 – 192.

Luís da Silva FERNANDES

Imagens e identidades na azulejaria em espaço público - o caso de Viseu (1926-1936)

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

A cidade de Viseu conheceu um processo de reconfiguração da paisagem urbana, a par com a sua promoção como destino turístico, em inícios do Estado Novo. Iniciou-se então o processo de composição de um discurso representacional da cidade, no qual a imagem teve papel determinante, incluindo colocação de azulejos artísticos em espaços públicos. Esse discurso combinou desde logo a valorização de tradições da região e do património artístico e monumental, nomeadamente o Museu Grão Vasco.

Nessa estratégia destaca-se o icónico e monumental painel de azulejos de Joaquim Lopes, instalado numa curva da Praça da República, centro cívico local. Aí foram repre-

sentadas diversas cenas alusivas ao mundo rural beirão e a feiras tradicionais. Um outro exemplo é a introdução de uma nova tipologia de mobiliário urbano, a “glorieta”, inspirada nos pequenos recintos consagrados a artistas, presentes no Parque Maria Luísa em Sevilha. No Jardim Tomás Ribeiro, surgiu a *glorieta* a Tomás Ribeiro, com planta circular, corpo central apresentando o retrato em azulejo do homenageado (da autoria de Jorge Colaço) e estantes para os seus livros, rodeado de bancos em granito revestidos com azulejos artísticos. Num outro espaço emblemático, o Parque do Fontelo, foi instalada a *glorieta* a Grão Vasco, com um painel em azulejos reproduzindo o «S. Pedro» de Grão Vasco, obra-prima da pintura nacional e ícone local. Rodeando o painel, um conjunto de estantes e bancos, onde os visitantes poderiam ler obras sobre a cidade.

A análise efetuada permite identificar o papel dos azulejos artísticos mencionados no contexto de um discurso representacional de Viseu. Por outro lado, se o seu contexto físico evidencia uma certa qualificação do espaço urbano, a qualidade dos artistas e das oficinas responsáveis pelas obras remete-nos para a fruição da arte em espaço público, juntando nessa experiência habitantes e visitantes da cidade.

Resumo biográfico | Short biography

Luís da Silva Fernandes — GOVCOPP | Universidade de Aveiro

Licenciatura em História - Universidade de Coimbra; Mestrado em Arqueologia - Universidade do Porto; Doutoramento em Turismo em curso na Universidade de Aveiro.

Docente do Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa desde 1996.

Membro da Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOPP), da Universidade de Aveiro.

Tem publicado textos nas áreas de História, Património e Turismo; entre os mais recentes, refiram-se os seguintes:

- A Cidade Contemporânea (1801-1935), In *Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu*, Viseu: CMV / UCP, 2010.

- Placas funerarias decoradas del *conventus Emeritensis*. Rutas de difusión de un modelo. In *Roma y las Provincias: modelo y difusión* (XI Coloquio Internacional de Arte Romano Provincial), vol. II, Roma, 2011, 671-680.

- O Painel de Azulejos do Rossio. Nota Histórica, In *Livro-programa da Feira de S. Mateus*, Viseu: Expovis, 2011, 27-28.

- Naulila na imprensa e na toponímia de Viseu, In *O Combate de Naulila. 18 de dezembro de 1914*. Viseu: Liga dos Combatentes / Quartz, 2014, 117-121.

Luís Duarte FERRO

Lugares sagrados: as cubas da Kûra de Beja

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Pequenas construções de planta centralizada cobertas por cúpula hemisférica, as cubas localizam-se em pontos estratégicos, em lugares onde a natureza é *sublime* ou *risonha* (Espírito Santo, 1990), junto a rochas, bosques, caminhos, cumes elevados e cursos/nascentes de água.

Este projecto de investigação (Fundação Calouste Gulbenkian, n. 139754) estuda mais de uma centena de exemplares localizados na *kûra* de Beja – unidade territorial do período islâmico que organizava a vida política, social e religiosa (Macías, 2005) – sobre as quais persistem as seguintes incógnitas: serão uma tipologia original do Norte de África tendo sido erguidas na Península Ibérica durante o período de domínio muçulmano (Correia de Campos, 1970)? Ou a *expressão de um tipo de arquitectura fúnebre muito corrente na Península e, mais tarde, transplantado para o Magrebe* (Pires Gonçalves, 1964)? Destinar-se-iam à vigilância e defesa militar de fronteiras administrativas (Torres Balbás, 1948)? Ou seriam abrigos de sufistas (Fierro, 2004)?

Este projecto tem por objectivo clarificar a função (exclusivamente religiosa/funerária e/ou militar/territorial) e o período de construção das cubas da *kûra* de Beja a partir do estudo das cubas na relação que estabelecem com o lugar em que se inserem (realização de levantamentos geo-históricos e métricoconstrutivos) e da revisão das hipóteses formuladas na bibliografia de referência.

Durante a execução dos trabalhos de campo foi possível identificar dois aspectos: (1) diversas cubas instalam-se sobre/próximas de construções megalíticas e sítios arqueológicos datados do período romano e islâmico, demonstrando que estas construções estão ligadas e participam na continuação de uma rede de estabelecimentos sacros pré-existent, renovando o significado desses lugares (*genius loci*); (2) hoje em dia, a grande maioria destes *landmarks* estão integrados em conjuntos arquitectónicos mais vastos (ermidas, igrejas e estruturas agrícolas) que reutilizaram/adaptaram o espaço sagrado para novas modalidades de culto (Ferro, 2014), perpetuando a memória colectiva que liga o Homem à Natureza e a Terra ao Sagrado.

Resumo biográfico | Short biography

Luís Duarte Ferro — CHAIA | Universidade de Évora | FAUP | Estúdio Quimera

Arquitecto sediado em Évora, onde exerce actividade profissional desde 2012 (Estúdio

Quimera). É aluno do Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (PDA/FAUP) e investigador do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) desde 2009, tendo publicado vários artigos e comunicações em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Finlândia, Marrocos e USA.

Foi Assistente Convidado do Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora entre 2013 e 2015, tendo, em 2013, fundado o grupo *Cinema-fora-dos Leões* que promove sessões, ciclos, encontros e debates de e em torno do cinema de autor.

Actualmente é o coordenador do Projecto de Investigação intitulado *Lugares Sagrados: as Cubas da Kûra de Beja* (Fundação Calouste Gulbenkian, n. 139754).

Luís URBANO

Um Atlântico cativo

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

No início da década de 60 do século XX, Álvaro Siza, agora um dos mais reconhecidos arquitectos mundiais, mas naquele tempo um ilustre desconhecido, alterou a paisagem oceânica a norte do Porto ao desenhar a Piscina das Marés. Pela presença próxima de uma antiga peça de artilharia, a paisagem naquele ponto da frente atlântica estava praticamente intacta, razão mais que suficiente para que o arquitecto português tenha adoptado uma atitude de desapareição face à recém-construída estrada marginal. Nas suas obras iniciais, Siza construiu aquilo a que chamava ‘pequenos paraísos’, quase sempre recusando o entorno exterior e virando os edifícios para si próprios. Mas na Piscina das Marés integrou a forte presença, por vezes violenta, do lugar, reinterpretando e sublimando o contexto existente, na forma como desenhou um edifício que paradoxalmente se mantém incógnito para quem passa, mas se torna numa poderosa experiência sensorial para quem entra. A partir da curta-metragem *Sizígia*, filmada nos espaços das Piscinas, será analisada a forma como duas linguagens visuais eminentemente espaciais, o cinema e a arquitectura, se podem intersectar, em particular na capacidade de ambas criarem um sentido de lugar, mas igualmente as dicotomias exploradas por Siza: o contraste entre a estaticidade da geométrica nova ordem proposta e o constante movimento orgânico do vento e do mar; a oposição entre a claridade solar dos espaços exteriores e a intencional penumbra dos interiores; a fusão entre a artificialidade do uso do betão em bruto e a integração das rochas naturais como matéria espacial; a ligação entre o controlado percurso dos utentes entre as paredes da construção e a liberdade de uso

no recinto em plataformas das piscinas de água salgada ou, como lhes chamou Rafael Moneo, “um Atlântico cativo”.

Resumo biográfico | Short biography

Luís Urbano — CEAU | FAUP

Licenciado em Arquitectura (1998) e Pós-graduado em “Arquitectura, Território e Memória” pelo DARQ/FCTUC e Doutorado em Arquitectura pela FAUP (2015), instituição onde lecciona. Escreveu artigos e apresentou comunicações sobre as intersecções entre a arquitectura e o cinema em diversas publicações e conferências. É autor do livro “Histórias Simples. Textos sobre Arquitectura e Cinema” (2013) e das curtas-metragens “Sizígia” (2012), “A Casa do Lado” (2012) e “Como se desenha uma casa” (2014).

Manuel Joaquim Moreira da ROCHA

Arquitecturas da via crucis no espaço urbano - cenários de ritualização e de sacralização

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

O percurso de Cristo a Caminho do Calvário continua a ser um campo concreto do ritual católico, que se manifesta ainda na celebração da Semana Santa em vários países católicos, nomeadamente Portugal, Espanha e México. Das procissões quaresmais, a do Senhor dos Passos é das que releva maior adesão cultural.

Foi a partir do século XV que o tema da *via crucis* originou a construção de itinerários de substituição para os fieis que não podiam deslocar-se à Terra Santa, para reviver os últimos passos da vida terrena de Cristo, no ciclo denominado Paixão. Na Europa, os caminhos mais completos desta manifestação religiosa encontram-se em Itália e Portugal.

No século XVIII foram construídas nas ruas principais de cidades e vilas de Portugal, um conjunto de capelas que sinalizavam os Passos de Cristo para o calvário e serviam como pontos de paragem da Procissão dos Passos. Em comunidades rurais, a sinalização do ritual da *via crucis* fez-se apenas com uma cruz.

A construção das capelas dos Passos na cidade do Porto, foi promovida pela Irmandade do Senhor dos Passos, na primeira metade do século XVIII. O ritual processional, articulava a Sé Catedral com o Mosteiro de S. João Novo, percorrendo um conjunto de ruas

do núcleo histórico da cidade. Da mesma cronologia, são, entre outras, as capelas dos Passos da Foz, Vila do Conde, Guimarães, Braga, Barcelos, Ovar e Arouca.

O percurso da *via crucis*, ou via dolorosa, em aglomerados urbanos, e as capelas, são testemunhos materiais de rituais colectivos e de sacralização do espaço urbano.

Resumo biográfico | Short biography

Manuel Joaquim Moreira da Rocha — FLUP | DCTP | CITCEM

Professor e Investigador da FLUP e investigador do CITCEM.

2008 - Provas de Agregação (FLUP); 2004 - Doutor em História da Arte (FLUP); 1995 - Mestre em História da Arte (FLUP); 1989 - Licenciatura em Ciências Históricas; 1980-1987 - Iniciação à investigação com D. Domingos de Pinho Brandão.

Foi coordenador da Revista Património (FLUP); Diretor da Revista Poligrafia (Centro de Estudos D. DPB); Coordenador Científico do projeto de instalação da Biblioteca Memorial D. Domingos de Pinho Brandão, no monumento nacional designado de *Mosteiro de Arouca*.

Os seus trabalhos de investigação incidem no campo da História da Arquitectura e da Arte religiosa Portuguesa dos séculos XVI a XX.

1. Dos trabalhos científicos publicados em livro salienta-se: *Nicolau Nasoni. Vida e Obra de Um Grande Artista* (1987); *Bispos do Porto - Retratos* (1992); *Arquitectura Civil e religiosa* (1994); *Manuel Fernandes da Silva Mestre Pedreiro e Arquitecto de Braga 1693-1751* (1996); *O Órgão do Mosteiro de Arouca* (Ministério da Cultura, 2009); *Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro* (Felgueiras,2011); *A Memória de um Mosteiro. Santa Maria de Arouca (séculos XVII-XX). Das Construções e das Reconstruções* (Ed. Afrontamento,2011).

2. *Dos múltiplos estudos científicos destaca-se: Altares e Imaginária num Convento de Monjas Benedictinas* (Universidad de Leon,1993); *A adopção do Barroco nas igrejas Conventuais Femininas de Braga no Pontificado de D. Rodrigo de Moura Teles: Diálogos Artísticos* (Poligrafia,2001); *Enigmas e descodificações da igreja e do coro do Mosteiro de Santa Maria de Arouca* (FLUP,2007); *O Tempo, a Memória e a Arte* (FLUP, 2010). *Dinâmicas da arquitetura barroca de Braga nos séculos XVII e XVIII: obras, artistas e encomendantes* (Braga, 2015).

Márcia Alexandra Santos BARROS

Arquitetura vernacular na Região Demarcada do Douro: expressões e representações

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

Amplamente tematizada, a arquitetura popular tem sido investigada por etnógrafos, antropólogos, arquitetos, geógrafos, entre outros, em variadíssimas escalas de território e patrimonialidade com diferentes posicionamentos que se revelaram fundamentais para o debate e aprofundamento do tema até à atualidade.

As primeiras investigações sobre arquitetura popular, em Portugal, iniciaram-se na última década do séc. XIX, incidem em temáticas relacionadas com mundo rural, produzidas por áreas disciplinares que não a História da Arte. Com programas construtivos simples, arquitetura vernacular duriense carece de valor, contrariamente à arquitetura erudita, que apresenta uma escala de monumentalidade e linguagem expressiva que desperta maior interesse nos historiadores de arte, sendo inevitável, neste contexto urge clarificar conceitos como: arquitetura popular, arquitetura tradicional e arquitetura vernacular.

Este artigo apresenta a investigação para a exposição “Arquiteturas Populares” de António Menéres, que procura examinar práticas e discursos ligados a manifestações da arquitetura popular no território da Região demarcada do Douro. A pesquisa para a produção da mesma, evidenciou ainda necessidade de pensar a intervenção do primeiro levantamento de arquitetura popular na região duriense e os seus protagonistas, compilado no Inquérito da Arquitetura Popular em Portugal (1961). Sem estar submetido às questões conceptuais e funcionais que orientaram a realização do Inquérito, (realizado entre 1955 e 1957, sob a coordenação do arquiteto Francisco Keil do Amaral), a exposição a produzir pelo Museu do Douro, proporciona uma nova abordagem na incursão pelo espólio fotográfico do arquiteto António Menéres. O estudo desta coleção de fotografia provém também da sua riqueza patrimonial, do esforço em documentar a arquitetura popular do Douro e das possibilidades estéticas e plásticas inerentes à representação fotográfica do território.

Resumo biográfico | Short biography

Márcia Alexandra Santos Barros — Museu do Douro, F.P.

Licenciada em História, variante História da Arte, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1996 - 2001). Mestre em História da Arte em Portugal, Faculdade de Letras do Porto, sob a orientação da Prof.^a Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas. Dissertação: “O

valor patrimonial de Celeirós, Provesende e Vilarinho de São Romão, Sabrosa” (2005-2007). Técnica Superior de História da Arte e Património Casa Museu Abel Salazar (estágio), coordenadora executiva do projeto RRVs (produção de conteúdos) no Museu do Douro (2007 a 2010), Museu de Arte Popular (2010-2011). Presentemente desenvolve trabalho de investigação e inventariação no Serviço de Museologia do Museu do Douro, inventariação da coleção de fotografia. Doutoranda em Museologia na FLUP/FBAUP.

Margarida Tavares da CONCEIÇÃO

Os manuais de castrametação e a aprendizagem do desenho urbano no contexto da engenharia militar portuguesa da época moderna

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

O acampamento militar foi entendido explicitamente como simulacro urbano pelo menos desde as *Historiae* de Políbio, principal fonte clássica. Os procedimentos para o alojamento dos exércitos constituíam matéria usual nos livros de arte militar, amiúde lidos como elo entre um saber teórico (mas também retórico) e um saber prático próprio da vida militar activa. Da interpretação do acampamento como embrião de cidade no *De re aedificatoria* de Alberti (ca.1450/1485) ao reanimar das regras da castrametação por Maquiavel (*Arte della Guerra*, 1521), o tema e a sua conotação urbana foram alvo de interesse renovado na cultura do Renascimento (como por exemplo nos trabalhos manuscritos de Serlio e Palladio). Nesta perspectiva o acampamento militar poderá ser mesmo tomado como parte integrante da educação do artista e cortesão. Todavia, já Pietro Cataneo (1567) mostrava uma outra abordagem, mais simplificada e próxima dos padrões reais da milícia.

O treino militar no contexto do século XVII e em particular na formação dos engenheiros militares, cujo ensino organizado em Portugal não é perceptível antes de 1647, parece incluir ainda a *castrametatio* como objecto de estudo nos seus contornos tradicionais. Também não é invulgar a historiografia do urbanismo apontar essa aprendizagem como exercício de habilitação ao desenho urbano: saber como traçar um perímetro no terreno, como definir o alinhamento das ruas, e outros requisitos da organização logística, o que exigiria conhecimentos básicos de geometria prática. Contudo, essa conexão encontra-

se pouco estudada em detalhe e em circunstância. A comunicação proposta pretende alinhar questões e relacionar esta genealogia do conhecimento castrense com alguns manuscritos portugueses da época moderna, especialmente com aquele que foi escrito por Luís Serrão Pimentel (*Tratado de Castramentação ou Alojamento dos Exercitos*, ca.1658, BNP Cod. 1648).

Resumo biográfico | Short biography

Margarida Tavares da Conceição — IHA | FCSH | UNL | UAL

Licenciada em História, variante História da Arte pela Universidade de Lisboa (1989).

Mestre em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa (1998), com a dissertação: *Formação do espaço urbano em Almeida, séculos XVI - XVIII - da vila cercada à praça de guerra*.

Doutora em Arquitectura, na especialidade de Teoria e História da Arquitectura, pela Universidade de Coimbra (2009), com a tese *Da cidade e fortificação em textos portugueses (1540-1640)*.

Investigadora do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desde 2013.

Docente convidada do Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desde 2012; unidades curriculares leccionadas: Arquitectura Militar e Fortificação (séculos XV-XVIII) e História do Urbanismo

Professora auxiliar do Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa, desde 2015.

Principais interesses de investigação: cidade e fortificação na época moderna, tratados de arquitectura e de urbanismo e de áreas correlacionadas.

Maria Amélia da Silva PAIVA

A casa nobre no concelho de Ponte de Lima. Análise dos frontispícios: vivências e estratégias de afirmação

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

A análise dos frontispícios da casa nobre do concelho de Ponte de Lima permite-nos traçar a evolução destes imóveis desde as primeiras residências fortificadas até aos distintos modelos das casas setecentistas.

O frontispício de uma casa define a fronteira entre o espaço interior da residência e o seu exterior, e pode ser interpretado de acordo com as características específicas de cada período histórico ou artístico. Assim, para as residências tardo medievais encontramos fachadas imponentes e robustas, com poucas aberturas. Os vãos destas casas eram meramente funcionais, concebidos numa perspectiva de defesa e de ataque.

Em contrapartida, a partir da Época Moderna, a residência dos privilegiados conheceu uma nova dinâmica, abrindo-se gradualmente ao exterior. Os vãos passam agora a desempenhar também um papel lúdico, e as casas abrem-se, ou melhor, irrompe uma maior interacção entre o interior habitado e o espaço cénico. Deste modo, a partir deste período surgem novas estruturas, como as arcadas, as varandas alpendradas e as escadarias, e os vãos de janela e de porta atingem maiores dimensões.

Logo, as arcadas, as varandas alpendradas e as escadarias, para além de serem elementos de transição funcional e espacial entre o exterior e o interior da casa, correspondem a uma importante evolução arquitectónica resultante de novas vivências.

No século XVIII, com o apogeu do Barroco, as fachadas ganham maior expressão e dramatismo, e surge uma grande preocupação com a representação social dos proprietários. O espaço cénico assume outro protagonismo, e muitas vezes os frontispícios concentram o maior esforço arquitectónico e decorativo de todo o espaço edificado. Surgem as escadarias de aparato, os belos emolduramentos dos vãos de janela e de porta, os pináculos e os obeliscos, que prolongam a casa, e sobretudo a visão que se tem dela.

Com este trabalho procuramos interpretar a evolução dos frontispícios da casa senhoria limiana e as diferentes estratégias de afirmação de poder dos privilegiados.

Resumo biográfico | Short biography

Maria Amélia da Silva Paiva — FLUP

Mestre em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2004, com a tese intitulada: “*As Portadas na Arquitectura Civil do Concelho de Ponte de Lima: estruturas, funções e significados*”, publicada pelo Município de Ponte de Lima em março de 2011. Doutoranda na mesma instituição académica, tem vários artigos publicados sobre a temática “*A Casa Nobre em Ponte de Lima na Época Moderna*”.

Maria de Jesus SANCHES

Lugares com arte rupestre de tradição esquemática no NW da Península Ibérica. Possibilidades e limites na sua interpretação em contextos de povoamento

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

A arte rupestre pode ser entendida, de modo sintético, como sendo os desenhos- pinturas, gravuras- baixos e alto relevos realizados em suportes duráveis (rochas) que se distribuem pela paisagem habitada desde a Pré-história à nossa época. Nesta comunicação somente é focada a arte rupestre datada da Pré-história recente, num período que, em anos de calendário, transcorre aproximadamente entre o IX^o e o I^o mil. AC.

Embora até à década de 1970/1980 os desenhos/imagens da arte rupestre fossem abordados predominantemente numa perspectiva iconográfica que destacava sobretudo a identificação e “evolução” tipológica dos motivos, a partir daí passam a ser estudados como indicadores de povoamento, tendo particular interesse a configuração dos suportes (superfícies rochosas) que os sustentam e com os quais formam uma unidade física e conceptual, e, bem assim, os lugares de acção comunitária que tais conjuntos configuram. Quer dizer, são documentos arqueológicos por direito próprio porque não somente detêm informações exclusivas sobre as sociedades pré-históricas (o seu universo mitográfico), como se articulam temporal e espacialmente com outros vestígios e com o território, por forma a enriquecerem a nossa visão sobre o modo como as diferentes comunidades conceptualizam o espaço onde vivem, marcando-o com imagens que se inscrevem em práticas político-sociais rotineiras ou calendarizadas, que podemos genericamente de-

nominar de práticas identitárias. As mesmas que configuraram o seu modo de habitar e permitiram a sua sobrevivência, tornando-as nossas antepassadas.

Esta comunicação abordará criticamente diferentes estudos sobre arte de tradição esquemática pré-histórica que se desenvolveram no NW da Península Ibérica (incluindo o norte de Portugal) a partir da década de 1980, destacando o seu contributo para a identificação de uma grande diversidade e complexidade de sítios, os mesmos que têm sido abordados segundo diversos modelos interpretativos na hora de estabelecer relações concretas das comunidades com o território específico onde habitam. Nessa medida, e como os diferentes espaços/lugares são polissémicos e frequentemente tem uma duração temporal alargada, serão usados casos de estudo quer para fundamentar as propostas interpretativas, quer para discutir as possibilidades e limites das interpretações em arte rupestre pré-histórica.

Resumo biográfico | Short biography

Maria de Jesus Sanches – FLUP | DCTP | CITCEM

Is an Associate Professor of Porto University, Portugal (Faculty of Letters) with 31 years of experience in teaching and researching Prehistoric Archaeology. PhD in Archaeology and Prehistory (1995) and Aggregation in Prehistoric Art (2006). Doctorate course director in Archaeology. Has directed and participated in various research projects in megalithic constructions, settlements, rock art and spatial archaeology in close relation with the respective paleoecosystems, particularly in the North of Portugal. She has authored dozens of papers and four books in recent Prehistory. She has directed musealization projects of the archaeological sites of Crasto de Palheiros and Mamoia do Castelo (Murça, Portugal).

Maria Helena Parrão BERNARDO

O aro rural de Arrifana de Sousa/Penafiel na Época Moderna: as casas de lavoura segundo a documentação coeva

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

Penafiel, cidade situada no concelho homónimo do distrito do Porto, desenvolveu-se a partir do lugar de Arrifana de Sousa, na antiga paróquia de S. Martinho de Mozares.

Este burgo fundado em época medieval, na encosta de um planalto situado entre os rios Sousa e Cavalum e no cruzamento de caminhos, viu o seu espaço arruado expandir-se ao longo da estrada que o atravessava e que ligava o Porto a Trás-os-Montes e às Beiras. O crescimento deste lugar culminou com a transferência da sede da paróquia em 1569 e, em 1741, com a elevação a vila sendo-lhe atribuído um pequeno termo constituído pelos lugares rurais da própria freguesia e parte da de Santiago de Subarrifana, situada a Sul do rio Sousa.

Em 1758, o termo rural da freguesia e vila de S. Martinho de Arrifana de Sousa compreendia trinta e uma aldeias situadas fora da área arruada, algumas com génese nos casais medievais e já referidas em 1258. Na parte da freguesia de Santiago de Subarrifana que pertencia ao termo da vila localizavam-se os lugares de Santiago, Presa e Ribeiral.

A arquitectura doméstica urbana que caracteriza o burgo difere claramente da que encontramos no seu aro rural. Esta é mais vocacionada para habitação e uso agrícola, muitas vezes descrita como *corrente de cazas*, quase sempre térreas e colmadas, com hortas, terreiros e cortes de gado junto delas, tudo murado, a que se acedia por portas fronhas. Estas estruturas, que denunciam diferentes graus de riqueza e qualidade do edificado, são referidas em prazos e tombos de diversos senhorios pelo que pretendemos cartografar e caracterizar alguns exemplos e, sempre que possível, identificá-las entre os conjuntos agrícolas que se preservaram na zona rural que rodeia a cidade de Penafiel.

Resumo biográfico | Short biography

Maria Helena Parrão Bernardo — Museu Municipal de Penafiel | CITCEM

Licenciada em História, variante Arqueologia (1997-2002), pós-graduada em Museologia (2002-2003) e com mestrado em Arqueologia (2009-2012) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, orientado pela Prof.^a Doutora Teresa Soeiro, de que resultou a dissertação *Do lugar de Arrifana de Sousa à cidade de Penafiel. Urbanismo e arquitectura (séculos XVI a XVIII)*. Como arqueóloga colaborou com várias empresas, em diversos locais do Norte do país e desempenhou as mesmas funções no Gabinete Técnico Local do Centro Histórico da cidade de Penafiel, entre 2005 e 2007. Pertence ao grupo de investigadores do CITCEM e, desde 2009, exerce as funções de Técnica Superior – Conservadora no Museu Municipal de Penafiel/ Câmara Municipal de Penafiel.

Maria Inês Afonso LOPES

A devoção às almas em Portugal. Perspectiva antropológica

Secção 5 — Mundos de Transição

Resumo | Abstract

Em 1979, no seu estudo “O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva antropológica”, Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996) declarava: *Podemos afirmar que a grande devoção às Almas nos séculos XVII-XVIII e até XIX, levou a tais originalidades culturais que elas são um dos mais significativos elementos para determinar a personalidade-base das gentes do Noroeste peninsular. Almas e saudade, que são temas relacionados, não são ainda um assunto-gasto. Importava sim aprofundá-los para conhecermos a nossa idiossincrasia.* Antes o autor já havia explorado o tema no seu artigo “Ementação das almas. Rezas da Ceia” (1964), onde demonstrava a continuidade da oração pelos defuntos no tempo longo. Cinquenta anos após esta obra, ainda persistem no país as marcas da devoção às almas.

A continuidade do culto das almas do purgatório no *tempo longo* é clara. Práticas como o toque das almas a oração à passagem por uma *alminha* e a encomendação das almas repetem-se na necessidade de conforto e segurança no encontro com a morte e desconhecido. Na reprodução formal de gestos, práticas e técnicas, a consciência do corpo vai-se alterando: este já não manipula as imagens, os gestos e os ritos com a mesma consciência de outrora, reinterpretando a partir de *habitus* distintos as dimensões perceptivas e semânticas da experiência. Os signos e símbolos vão se libertando do sinal, sobrevivendo a formalidade do gesto que os acompanha enraizado no *habitus formal*.

Nesse sentido convém perceber os novos significados deste culto, e à maneira do referido autor fazer um estudo do fenómeno no *tempo longo*. Propomos, assim, a partir de uma análise comparativa entre o presente e o passado explorar as dimensões materiais e rituais do culto das almas do purgatório em Portugal.

Resumo biográfico | Short biography

Maria Inês Afonso Lopes — CITCEM

Licenciada em História da arte e mestre em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Concluiu recentemente o doutoramento em co-tutela entre a École des Hautes Études en Sciences Sociales e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intitulado “Por minha alma. Raízes do culto das almas do Purgatório séculos XVII e XVIII”. Tem vários artigos e comunicações em congressos nas áreas de História da arte, História e Antropologia.

Fronteiras entre o sagrado e o profano: os portais religiosos da Lisboa dos séculos XVII e XVIII

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A sacralização dos templos, assumida na fachada e no simbolismo inerente ao seu portal, que separa “dois domínios, o dos deuses e o dos mortais” (Roger Bastide: 2006), é inúmeras vezes perceptível mesmo quando muitos desses espaços religiosos já foram desprovidos da sua função primordial. Essa questão, aqui tratada no domínio da capital, área por nós escolhida para a realização deste estudo, onde se encontram exemplos de edifícios monástico-conventuais desafectos de culto, datáveis do séc. XVII e da primeira metade da centúria seguinte, enquadra este estudo, que se centra na análise de um conjunto de espécimes remanescentes. No caso de Lisboa, e à semelhança com aquilo que já foi traçado para casos de outras cidades (Ruão: 1996; Quintão: 2005; Soromenho: 2009; Rocha: 2014; *et alii*), encontramos frequentemente a persistência da memória do Divino através desses elementos arquitectónicos, que, graças ao seu carácter tangível, mobilizaram e continuam a mobilizar de uma parte significativa da população para a esfera do Sagrado.

Verdadeiros veículos da mensagem proclamada pela Igreja, através da iconografia que encerram, os portais lisboetas dos sécs. XVII e XVIII, diferenciam-se daqueles visíveis em outras áreas geográficas portuguesas, quer pela sua escala e características formais, quer pela sua ornamentação, assumindo-se como elemento identitário dos templos da capital. Para além dessa ideia, importa reforçar que não só separam o espaço Profano do espaço Sagrado, como materializam essa separação, coadjuvados pela teatralidade inerente aos programas estéticos dessas centúrias, mas também através da dialética desenvolvida com os restantes elementos arquitectónicos da fachada.

A actualidade do tema eleito, confirmada pela realização de estudos de portais religiosos (singulares ou integrados) em diversas regiões portuguesas, bem como pela realização de eventos académicos como “Cenários Urbanos: A Fachada” (Porto: 2014) ou “Portais e ornamentação de fachadas de igrejas e palácios na época moderna” (Lisboa: 2015), justifica, no nosso entender, a pública apresentação dos resultados da nossa investigação na área de Lisboa.

Resumo biográfico | Short biography

Maria João Pereira Coutinho – IHA | FCSH | UNL

Doutora em História (especialidade em Arte, Património e Restauro), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é membro integrado do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Desenvolve um projecto de pós-doutoramento (SFRH/BPD/85091/2012) em Estudos Artísticos, apoiado pela FCT, com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC. Foi bolseira entre 2010 e 2013 do projeto “Lisboa em Azulejo antes do Terramoto” (PTDC/EAT-EAT/099160/2008) e entre 2006 e 2009 de doutoramento (SFRH/BD/22602/2005). Desempenhou funções docentes entre 1998 e 2005 na Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva. Tem desenvolvido estudos individuais e colectivos, em Portugal e no estrangeiro, no âmbito da História da Arte e das Artes Decorativas, dando particular relevo nos últimos anos à arte da pedraria nos períodos filipino e barroco.

Maria José SANTOS | Teresa SOEIRO

Museu Municipal de Penafiel: meio século em defesa de um projecto cultural

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Tendo embora o Museu Municipal de Penafiel uma existência mais recuada, foi desde o início da década de sessenta do século XX que construiu a sua intervenção activa e sistemática em defesa do património cultural concelhio. A leitura multifacetada e abrangente desta tarefa engloba tanto o apoio à gestão municipal neste domínio, como iniciativas próprias de investigação, registo, salvaguarda, valorização e divulgação do património (edificado, móvel e imaterial), e parcerias com serviços da administração, universidades, outros museus, etc., sem descurar as sinergias com a comunidade local e o cuidado em cativar novos públicos, especialmente os mais jovens, prioridade do serviço educativo.

Discutiremos nesta comunicação: os diferentes modelos, na sua diacronia, de estruturação deste serviço dentro dos organigramas do Município e a sua eficácia enquanto exemplo de boas práticas na gestão patrimonial; o papel do Museu Municipal no desenvolvimento e implementação das políticas culturais do Município; a capacidade de diálogo com terceiros e de captação de apoios; os programas desenvolvidos ao longo

destas décadas, o seu efeito multiplicador e a sua materialização em resultados.

De forma prospectiva, partiremos da situação actual e dos projectos em curso para apontar possíveis vectores de desenvolvimento num futuro próximo.

Resumos biográficos | Short biographies

Maria José Santos — Museu Municipal de Penafiel | CITCEM

Doutoranda em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Licenciatura em História, variante de Arqueologia (1998) e Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2004). Pós-graduação em Gestão Estratégica do Património na Administração Pública e Autárquica no Instituto Superior Politécnico Gaya e Instituto Português do Património Arquitectónico (2005).

Directora do Museu Municipal de Penafiel desde 2011; Técnica Superior de Arqueologia e Património no Museu Municipal de Penafiel de 2000 a 2010; Investigadora do CITCEM; Direcção de trabalhos arqueológicos: Mosteiro das Freiras, Penafiel (2002-2007); Castelo de Anegia, Penafiel (2012-2016); 13 intervenções no Centro Histórico de Penafiel e 11 na área do Município de Penafiel (2000-2007); Investigação e trabalhos publicados nos domínios da Arqueologia, História Local, Museologia e Património.

Teresa Soeiro — FLUP | CITCEM

Doutoramento em Arqueologia (1994) e pós-graduação em Museologia (1995) na Universidade do Porto; Professora Associada do DCTP-FLUP; Docente da licenciatura, mestrado e doutoramento em Arqueologia da FLUP; Investigadora do CITCEM;

Direcção de escavações arqueológicas: Castelo de Faria, Barcelos 1980 - 1982 (col.); Monte Mozinho, Penafiel 1981 - 1998; Sabroso, Guimarães 1981 (col.); Pastoria, Chaves 1982 - 1983; Suvidade, S. Martinho de Recezinhos, Penafiel 1985; Bouça do Ouro, Penafiel 1990 - 1994; Monteiras, Penafiel 1993 - 1995 (col.).

Directora científica do Museu Municipal de Penafiel de 1985 a 2007; *Medalha de Ouro do Concelho de Penafiel*, 2000; *Pedrón de Honra*, 2014; Investigação e trabalhos publicados nos domínios da Arqueologia, História Local, Museologia e Património.

Maria Leonor BOTELHO

Romane VS Romanesque. *A invenção de uma nomenclatura*

Secção 5 – Mundos de Transicção

Resumo | Abstract

Partindo do pressuposto de que só o conhecimento da evolução das ideias sobre um conceito estilístico nos permite compreender na sua totalidade o pensamento que dele se tem, procura esta comunicação debater o momento da *invenção/adequação/adaptação* do termo *românico* à escala internacional. Ao longo do século XIX, à valorização da arte medieval num contexto romântico, seguiu-se a percepção da existência de vários momentos estilísticos e a necessidade de denominá-los de forma diferenciada, tendo por base a sua alteridade. A historiografia tradicional sobre a matéria tem-se centrado exclusivamente sobre o papel que a França desempenhou neste contexto, imputando a Charles de Gerville (1769-1853) a criação do termo *romane* (1818) e validando a preponderância francesa ao nível da divulgação e do desenvolvimento das principais linhas de investigação e de abordagem que desde então têm vindo a marcar a historiografia da especialidade. Assim, apoiando o nosso discurso na obra científica de dois autores - Tina Waldeier Bizzaro (1992) e Jane Nayrolles (2005) -, iremos acentuar a afirmação (e aceitação) da anterioridade de William Gunn (1750-1841) na invenção do termo *romanesque* (1813). Embora estes dois vocábulos - *romane* e *romanesque* - procurem designar um mesmo período da História da Arte, apresentando talvez uma idêntica origem etimológica e uma afirmação deste momento da história da arquitetura na sua relação com a Antiguidade, a sua diferença não reside tanto no facto de um ser de origem inglesa e o outro de origem francesa, mas sim porque materializam diferentes entendimentos ao nível do conteúdo formal e geográfico, se não mesmo semântico. Reconhecendo a importância deste debate historiográfico, pretendemos assim debater as diferentes perspetivas que contribuíram significativamente para a criação de uma rutura historiográfica pelo reconhecimento das especificidades do românico nas suas diferentes dimensões.

Resumo biográfico | Short biography

Maria Leonor Botelho — FLUP | DCTP | CITCEM

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é investigadora do CITCEM-FLUP e colaboradora do IEM - (FCSH/UNL).

Licenciada em História, variante de História da Arte (ramo científico) pela FLUP (2001). Mestre em Arte, Património e Restauro (FLUL, 2004, Bolseira da FCT) onde apresentou a dissertação “As transformações sofridas pela Sé do Porto no século XX. A acção da

DGEMN (1929-1982)” (orientação Prof. Doutora Maria João Neto; publ. “A Sé do Porto no Século XX”, Livros Horizonte, 2006). Em 2010 apresentou à FLUP a sua tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa (orientação Prof. Doutora Lúcia Rosas), subordinada ao estudo da “A Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal (1870-2010)”, com Bolsa da FCT (publ. na colecção de Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas - FCG e FCT, 2013).

Colaborou como investigadora e como autora no projeto “O Românico de Felgueiras na Rota do Vale do Sousa” (C.M. Felgueiras, 2009-2010) e na equipa de investigadores-bolsistas ao serviço da UP e da VALSOUSA no âmbito do projeto da Rota do Românico - Tâmega (2011-2012).

Maria Leticia Silva TICLE

Espacialidades da boemia em Santa Tereza

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

O bairro Santa Tereza integra a Regional Administrativa Leste de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil. É constantemente caracterizado e concebido no imaginário coletivo da cidade como bairro tradicional, cultural e boêmio. Esta última caracterização foi o foco da pesquisa de mestrado que deu origem ao presente artigo, que irá discutir noções de paisagem tendo como objeto a boemia e a sociabilidade nos inúmeros bares do bairro. Foi fundamentado em uma metodologia de pesquisa que abarca a revisão bibliográfica acerca do tema da paisagem e do bairro, incluindo autores como Richard Sennett, Jean Marc Besse, Anne Cauquelin e outros. Também foi realizada pesquisa documental, que, inclusive, produziu fontes por meio de entrevistas com moradores, frequentadores e donos de bares. O artigo irá, ainda, propor uma divisão do bairro pela perspectiva da boemia e sociabilidade, cujo aporte metodológico se deu nas mesmas entrevistas temáticas e na observação e percepção da paisagem e dos bares, principalmente durante o ato de caminhar por suas vias e logradouros. A divisão foi feita, basicamente, entre o que foi nomeado como parte de cima, parte de baixo e parte da Praça (Praça Duque de Caxias) do bairro, cada qual com vias, logradouros ou elementos referenciais e/ou estruturadores da paisagem. Vale ressaltar que, em consonância com Jean Marc Besse, “o mapa deste espaço não é uma imagem posta perante os olhos, mas um ritmo dentro da memória e do ouvido”. Santa Tereza é um bairro que teve seu perímetro inserido no Inventário de Conjuntos Urbanos do município de Belo Horizonte, ação que faz parte da política municipal

de salvaguarda do patrimônio cultural. Um dos apontamentos que justificam essa inserção é a boemia como uma de suas características centrais, o que, por sua vez, justifica a escolha do tema trabalhado no contexto explicitado.

Resumo biográfico | Short biography

Maria Letícia Silva Ticle — EA-UFGM

Aluna do Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (MACPS) da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFGM). Desenvolve dissertação intitulada *Boemia e o Bairro Santa Tereza em Belo Horizonte*, na área de história das cidades e do urbanismo, com o tema envolvendo o patrimônio cultural, suas práticas, sentidos e atribuições. Graduada em História nas modalidades Licenciatura e Bacharelado pela mesma instituição realiza pesquisa e trabalhos técnicos nas áreas de patrimônio cultural, envolvendo educação patrimonial, museologia e história. Tem interesses acadêmicos e pessoais na área de arquitetura e urbanismo, azulejaria portuguesa e suas influências, políticas patrimoniais do Brasil e de Portugal. Realizou intercâmbio acadêmico de graduação na Universidade do Porto em 2012. Tem domínio sobre a língua inglesa, com certificados FCE e CAE da Cambridge University e, atualmente, cursa língua francesa em instituição particular.

Maria Luzia de Miranda Pinto da SILVA

Os canais setecentistas do Rio Este, Vila Nova de Famalicão. Singularidades de um sistema histórico de gestão sustentada da água

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O tema que nos propomos apresentar tem como ponto de partida o estudo do regadio nas margens do rio Este, em Nine, V. N. de Famalicão.

Recuam a 1770 as primeiras tentativas de regularização dos meandros do rio Este, num esforço de controlar as inundações cíclicas e de drenagem dos pântanos, processo que culmina com a aprovação do seu encanamento, em 1787, por D. Maria I. O rio foi regularizado desde Nine até à ponte de S. Veríssimo, contribuindo para a mel-

horia das condições de saúde e desenvolvimento socioeconómico das comunidades das freguesias ribeirinhas.

A excessiva drenagem, originada pelo encanamento, conduziu à necessidade de irrigação dos terrenos. Em 1795, nasce o projeto para a construção de um regadio, contemplando princípios essenciais como o da equidade e proporcionalidade da partilha. Custódio José Gomes de Vilas Boas concebe o plano, aprovado por resolução de D. Maria I, em 1797. O território organizou-se em função deste regadio, numa área de 80 hectares, delimitado por dois canais mestres, em ambas as margens, paralelamente ao rio.

Os registos graníticos, marcas identitárias do regadio, são elementos basilares da partilha da água, correspondente às rasas de sementeira de cada parcela. A rega reparte-se, num sistema horário, por cinco giros. O volume da água de lima é controlado pela área do orifício no *registo*. O seu funcionamento corresponde a um pormenorizado, complexo e singular sistema de cálculo matemático e de hidráulica

Resumo biográfico | Short biography

Maria Luzia Miranda Pinto da Silva — FLUP

Licenciatura (2010) e Mestrado (2013) em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desenvolve a atividade de prestação de serviços de investigação histórica na área do património imóvel, móvel e integrado. Comunicações orais:

“7 de abril, dia Nacional dos Moinhos” - Comemoração do Dia Nacional dos Moinhos, Irmandade e Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, abril 2011. “O Encanamento e os Canais de Rega do Rio Este, na Obra do Engenheiro Custódio Vilas Boas” - Ciclo de Conferências no Parque “Conhecer o Território: Reflexões Partilhadas no Parque da Devesa”, Câmara Municipal de V. N. de Famalicão, maio 2015. “O Encanamento e os Canais de Rega do Rio Este, na Obra do Engenheiro Custódio Vilas Boas” - Ação nº 82 “Patrimónios - Inovação na Partilha de Saberes e Fomento de Novas Aprendizagens”, Centro de Formação Sebastião da Gama, destinada a docentes do departamento de ciências sociais e humanas do concelho de Santo Tirso, julho de 2015.

Maria Pilar MOLINA TORRES

Las creencias femeninas y sus espacios de culto en Lusitania romana

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Aunque la falta de documentación arqueológica dificulta el análisis de las manifestaciones religiosas en el mundo rural y con ello sus límites geográficos, a menudo la creación de un culto de naturaleza agraria supone una práctica ritual propia y la existencia de una devoción por un dios específico. El mejor ejemplo se localiza en Lusitania en el supuesto santuario a Endovélco en São Miguel da Mota, fechado en el siglo I d. C. Concretamente una veintena de dedicatorias femeninas recogen las necesidades cultuales de un grupo social que con toda probabilidad pertenecieron a una comunidad local. Se trataría de un contexto especial de identificación cultural entre los devotos que mantienen las formas cultuales propias de su entorno que se concentran particularmente en el *conventus Pacensis*. Del mismo modo, la mayoría de los epígrafes presentan el nombre de la divinidad junto a la palabra *Deo*, seguido del dedicante, a menudo del receptor para quien se solicita el favor divino y una fórmula ritual como *sacrum, ex voto o votum solvit libens animo*. En este sentido, la concentración geográfica del culto configuraría un espacio de encuentro sagrado que fortalecería la identidad cultural de la población lusitana.

Naturalmente, la información que aportan estos textos epigráficos debe ser estudiada de manera global en su contexto sociocultural para evitar interpretaciones simplicadoras sobre su establecimiento. Un ejemplo lo tenemos en las referencias a Júpiter Óptimo Máximo en el *conventus Emeritensis* que con toda probabilidad podrían indicar un claro sincretismo de éste con un dios indígena del panteón lusitano. De hecho, su dispersión por los territorios dependientes de los municipios y la existencia de elementos onomásticos de naturaleza autóctona reforzarían una creencia más personal y cercana a sus necesidades cultuales que al dios oficial que protege al Estado.

Resumo biográfico | Short biography

Maria Pilar Molina Torres — Facultad de Letras da. Universidad de Málaga | Departamento de Ciencias Históricas

Licenciada en Historia (Especialidad Historia Antigua). Universidad de Santiago de Compostela; Doctora por la Universidad de Málaga.

Actividad docente en centros universitarios: Becaria de Postgrado para la Formación del Profesorado Universitario (UCO). Docencia universitaria en las asignaturas de Historia

Antigua, Historia de Grecia e Historia del Proximo Oriente y Egipto; Profesora Sustituta Interina en la UCA (Departamento de Didáctica, área de Ciencias Sociales). Tiempo Completo. Desde el 12/2/2013 hasta 9/11/2015; Profesora Sustituta Interina en la UCO (Departamento de Didáctica, área de Ciencias Sociales). Tiempo Completo. Desde 12/11/2015 hasta la actualidad.

Maria Manuela PINTO

A gestão da memória da Universidade: da complexidade institucional à integridade sistémica

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A Universidade é uma Instituição que, através do seu dispositivo estrutural de governo/gestão, integra o conceito de Organização e a inerente necessidade de “se organizar e gerir” para perdurar.

No *continuum* da existência secular, a problemática da gestão na Universidade exige, hoje, rápidas respostas a um ambiente caracterizado pela globalização e uma clara afirmação do seu quadro de valores como instituição.

A definição identitária e posicionamento em termos de decisão e de ação refletem-se na sua maior ou menor capacidade de adaptação e/ou flexibilização relevando-se aqui o papel da memória que produz e acumula, seja tangível ou intangível, encontre-se registada em suportes tradicionais ou em meio digital.

A memória da Universidade reflete a unidade do todo institucional, mas também as várias autonomias, a liberdade intelectual, a independência ética e científica que, no quadro sistémico em que se situa a Universidade, são indissociáveis dos seus atores e dos percursos que desenvolvem na ação quotidiana de ensinar, produzir, disseminar e transferir conhecimento, bem como das inerentes atividades de suporte.

Apresenta-se, aqui, a Universidade numa dupla faceta sistémica, entre o sistema organizado formal e o sistema combinatório de feição *loosely coupled* e sistematiza-se a evolução diacrónica e sincrónica dos serviços responsáveis pela gestão e preservação da memória universitária, bem como alguns dos resultados obtidos no diagnóstico desenvolvido ao nível nacional e no caso específico da U. Porto.

Seja na perspetiva do suporte administrativo e tecnológico, seja sob a feição de serviço especializado, relevam-se e analisam-se bibliotecas, arquivos, centros de documentação e museus, assim como os emergentes serviços de informática e de gestão da informação e os desafios que todos enfrentam na contemporaneidade.

Aborda-se a sua institucionalização e um percurso marcado pela influência europeia/francófona e pela influência anglo-saxónica na área comumente designada por BAD (Biblioteconomia, Arquivística e Documentação, a que se junta a Museologia), ou, ainda, como Ciências Documentais, que acaba por confluir na área transversal e interdisciplinar da Ciência da Informação (CI) e, nesta, com a Gestão da Informação.

A natureza institucional e a especificidade da missão da Universidade fazem com que a tensão e mudança paradigmática enunciada em torno das áreas tradicionais e da emergência da CI se reflita de uma forma muito particular na Universidade, emergindo quer pela via dos novos modelos de ensino e da investigação que aí emergem, quer pela via de novos modelos de operacionalização da gestão da informação, assumida esta como Memória e recurso estratégico da Universidade.

Resumo biográfico | Short biography

Maria Manuela Pinto — FLUP | CETAC.MEDIA

Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP, 1985), especializou-se em Ciências Documentais na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC, 1998) e realizou as Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Ciência da Informação em 2008 (FLUP).

Doutorou-se em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (U. Porto e U. Aveiro, 2016) com uma tese intitulada *Gestão da Informação nas Universidades Públicas Portuguesas: Reequacionamento e proposta de modelo*.

É Assistente na FLUP (desde 2004) e investigadora do CETAC.MEDIA (desde 2005), com interesse nas áreas da gestão da informação e preservação da informação, gestão de serviços de informação e comportamento informacional.

Foi quadro superior de várias empresas (1985-1996), na área da informática e sistemas de informação, e arquivista/gestora de informação na Câmara Municipal de Vila do Conde (1998-2004), colaborando, também, como docente no curso de Especialização em Ciências Documentais na FLUC (2000-2005).

Desenvolve atividades extracurriculares transversais no âmbito do empreendedorismo direcionado a estudantes universitários.

Mário BARROCA

O «*Livro das Fortalezas*» de Duarte de Armas - Contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e de Madrid

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Apresentação sumária dos dois códices do *Livro das Fortalezas* de Duarte de Armas (o manuscrito da TT, Lisboa e o manuscrito da BNE, Madrid), nomeadamente das suas características, explorando concordâncias e diferenças numa tentativa de contextualizar as circunstâncias em que a obra foi encomendada e produzida, de determinar o motivo de existência de dois exemplares e de apurar a cronologia de cada um deles.

Resumo biográfico | Short biography

Mário Barroca — FLUP | DCTP | CITCEM

Doutorado em 1996, pela FLUP, na especialidade de Pré-História e Arqueologia, com dissertação *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Porto, 1995 (classificação máxima). Agregado em 2007. Catedrático em 2014.

Investigador do CITCEM; Diretor da revista PORTVGALIA (desde 1999); Membro do Conselho Científico das revistas *Medievalista* (FCSH-UNL), *Conimbriga* (FLUC) e *O Arqueólogo Português* (MNA, Lisboa), e do *Consejo Acessor dos Cuadernos de Estudios Gallegos* (Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento, CSIC, Santiago de Compostela).

Áreas de investigação: Castelos e Arquitetura Militar, Armamento Medieval, Espaços de Habitação Senhorial (Paços e Residências Senhoriais Fortificadas) e Epigrafia Medieval.

Orientou mais de 30 dissertações de Mestrado e de Doutoramento.

Publicou mais de 130 títulos, entre livros e artigos da especialidade, entre os quais: *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, 4 vols., Lisboa: FCG-FCT, 2000; *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000 (em colab. com J. Gouveia Monteiro e I. C. Fernandes); *As Fortificações do Litoral Português*. Lisboa: Edições Inapa, 2001; *História da Arte em Portugal*, Vol. II: *O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença, 2002 (em colab. com Carlos Alberto Ferreira de Almeida); *Terena - O Castelo e a Ermida da Boa Nova*. Lisboa: IPPAR, 2006; *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, coord. de Jorge de Alarcão e Mário Barroca, Porto, Figueirinhas, 2012; *Teresa, a*

Condessa-Rainha, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012 (em colab. com Luís Carlos Amaral).

Foi responsável pelos conteúdos de diversos centros interpretativos, nomeadamente Centro Interpretativo da Batalha de Aljubarrota, Centro Interpretativo do Paço de Guela (em colab.), Centro Interpretativo do Castelo de Guimarães (em colab. com Luís Carlos Amaral) e Centro Interpretativo de História Militar de Ponte de Lima (conteúdos da Idade Média).

Foi Comissário Adjunto da exposição *Aux Confins du Moyen Âge - Portugal (XIIe-XVe Siècles)*, Europália-91, Gant, 1991; Comissário científico da exposição *Pera Guerrejar - Armamento Medieval no Espaço Português (Séc. X a XV)*, Lisboa/Palmela, Museu Nacional de Arqueologia/Igreja de Santiago de Palmela, 2000; Consultor Científico da exposição *Guimarães - Mil Anos a Construir Portugal*, Guimarães, Museu Alberto Sampaio, 2000; Coordenador do Núcleo da “Arquitectura Militar no Românico Português” da exposição *Românico em Portugal e Galiza*, La Coruña/Lisboa, Fundação Pedro Barrié de la Maza/Fundação Calouste Gulbenkian, 2000-01.

É membro da Associação Ibérica de História Militar, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Sociedade Portuguesa de Numismática, da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Mário Raúl de Sousa CUNHA

O espaço eclesial como local de sepultura. As Visitações Quinhentistas às igrejas e ermidas da Ordem de Santiago

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Reflexo de uma concepção integrada da existência, a organização espacial das igrejas paroquiais medievais e tardo medievais denuncia um propósito agregador do grupo, do berço à sepultura. Admitido à comunidade pelo baptismo, a vida do crente desenvolve-se em torno da igreja e dos seus ciclos litúrgicos, numa sequência de ritos de periodicidade variada, o último dos quais corresponde à encomendação das almas e enterramento dos corpos.

Este aspecto, em particular, é objecto da atenção dos crentes e dos responsáveis pelas igrejas, os primeiros desejosos de obter sepultura no interior das paredes das igrejas, nas

imediações do Santíssimo ou das relíquias de santos e mártires, os outros impondo o pagamento de valores e regras específicas para lhes satisfazer os intentos.

A análise das *Visitações* Quinhentistas da Ordem de Santiago permitiunos estabelecer padrões de preços a pagar, com as decorrentes variações temporais e locais, mas dá conta, também, das preocupações manifestadas pelos responsáveis das igrejas quanto aos cuidados a desenvolver pelos herdeiros dos defuntos, bem como das penalizações decorrentes do seu incumprimento ou defeituosa concretização.

Resumo biográfico | Short biography

Mário Rui de Sousa Cunha — CEPESE

Doutor em História da Arte Portuguesa, Mestre em História Medieval e Licenciado em História (Variante Arte e Arqueologia) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Membro integrado do CEPESE (Universidade do Porto) e membro associado do CIDEHUS (Universidade de Évora), é igualmente colaborador do CEHR (Universidade Católica do Porto).

Docente no Ensino Superior, tem igualmente desenvolvido actividade como coautor de manuais escolares destinados à área curricular de História (3º Ciclo e Ensino Secundário), em paralelo com vários projectos de carácter literário, possuindo vários títulos publicados em língua portuguesa e espanhola.

Colaborou igualmente na concepção/elaboração de múltiplos trabalhos de promoção cultural e turística, de entre os quais se destaca a autoria parcial dos textos ilustrativos do Museu Municipal de Penafiel, inaugurado em 2008.

Marta FRADE

A reserva escultórica da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A reserva escultórica constitui um lugar de memórias e saberes, e guarda em si exemplares de momentos da nossa história cultural e patrimonial. Um espaço que perpetua uma coleção de esculturas em gesso, que para além do seu grande valor simbólico mantém ainda o seu valor pedagógico.

Guarda réplicas de escultores inantigáveis, obras de escultores outrora alunos e pensionistas em Paris, obras de concursos e outras de provas de agregação por parte de professores. Encerram em si histórias, viagens, épocas e estilos. São vários os espíritos de representação e representativos da nossa história.

Depois de uma fase de esquecimento, em 1996 professores iniciam projectos no âmbito da sua conservação. Actualmente são várias as acções desenvolvidas no âmbito da sua preservação, conservação e restauro e por fim divulgação: desde trabalhos de pesquisa desenvolvidos por parte dos alunos, medidas conservativas para a saída das obras para as salas de aula - ao cumprirem o seu papel na pedagogia (desenho e escultura), como também parâmetros de embalagem e transporte para empréstimos para incorporarem exposições.

Neste artigo pretende-se apresentar o trabalho que se tem desenvolvido neste sentido na reserva escultórica da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Resumo biográfico | Short biography

Marta Frade — Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra em 1997, onde despertou o seu interesse pelo património executado em gesso. Do modo como era considerado como arte menor revelou-se na matéria com máxima importância no estudo académico. Concluiu o Bacharelato em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar em 2003 e a Licenciatura, na mesma área e no mesmo Instituto em 2005. Desde 2007 que lecciona na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra, desde 2012 na Escola Superior de Artes Decorativas da FRESS na Licenciatura de Conservação e Restauro e desde 2011 como Assistente Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa onde co-orienta duas teses de mestrado e também desenvolve o seu Doutoramento dedicado à área da Conservação e Restauro em Escultura em gesso em Portugal.

Marta GARCÍA CARBONERO

National remembrance on foreign ground: the memorial landscapes of World War I cemeteries

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

The evoking potential of landscape was most thoroughly explored in the military cemeteries that were designed to commemorate the fallen of the Great War.

The task to honour the sacrifice of so many soldiers was broached in different ways by all fighting nations, but in all of them, landscape played a major role in commemoration.

In Great Britain, the Imperial War Grave Commission tried to stress the bond to the homeland through the east-west orientation of cemeteries on the large scale and through the use of mixed borders of native seasonal plantings on the small scale, that were to bring a piece of English landscape to the foot of those graves placed on foreign ground.

In Italy, the Commissariato Generale Onoranze Caduti in Guerra put forward a general strategy of gathering the remains of the fallen in a few ossuaries that were meant to be pilgrimage shrines situated in the countryside close to the places where the different battles had taken place.

Placed on top of hills or mountain ridges, they should express the value of sacrifice and display a truly Italian architecture, using topography in a monumental, sculptural and narrative way.

These ossuaries featured a ceremonial route aimed at flaming up the national spirit, confronting visitors with both the physical effort of the quest and the names and history of the different battles along the frontline.

Lacking an overall strategy like those of Italy or Britain, Germany approached the issue of honouring their dead in several ways. The Werkbund, for instance, dedicated its 1916 yearbook to military memorials and grave markers, while several exhibitions tried to provide a German model for burial plots both at home and at the battlefield.

The *Hain* or sacred forest became the *leitbild* for commemoration; the symbol of a country that portrayed its values through the artificial order of preindustrial nature.

By comparing the contributions of these three countries, this paper will try to explore how memory and remembrance were approached in the design of military cemeteries of World War I and what role landscape took in representing each nation's identity within a foreign setting.

Resumo biográfico | Short biography

Marta García Carbonero — Universidad Francisco de Vitoria | Pozuelo de Alarcón

Is a Madrid-based Ph. D. architect and a frequent contributor to journals such as *Arquitectura Viva*, *AV Monographs* and *L'Architecture d'Aujourd'Hui*. After working as an architect in Berlin, Frankfurt and Hamburg for several years, she moved back to Madrid where she established an architectural office in 2000 together with Yorgos Orfanidis. She lectures currently for Contemporary Architectural and Urban History at the Universidad Francisco de Vitoria in Madrid (Spain), where she is Head of the Architectural History and Theory Department and Assistant Dean at the School of Architecture. She is project leader of the research project *Material Strategies | Plant Architecture*, which explores the role played by plants in building. Her main research interests concern contemporary architecture and landscape, in particular 20th century cemeteries, the subject of her Ph. D. She has been a visiting scholar at the Neederlands Architektuurinstitut in Rotterdam, the Architekturmuseum in Stockholm, the Arhitekturini Muzej in Ljubljana and at the Università di Venezia. Her work has been presented at major conferences such as Docomomo International (Mexico City, 2010), Mind and Matter/Nordik-09 (Jyväskylä, 2009) or Cultural Landscapes/eurau-08 (Madrid, 2008). She has been awarded the Universidad Politécnica de Madrid Prize for outstanding Ph. D. dissertations.

Marta Miriam Ramos DIAS

Os cinco sentidos na liturgia cristã do Ocidente Medieval

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Esta proposta de comunicação visa explorar uma temática nunca antes abordada em Portugal, mas que encontra, em alguns estudos do Professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, contributos essenciais, nomeadamente, em artigos como *O Carácter Mágico do Toque das Campainhas - Apotropaicidade do Som* e em *Religiosidade popular e ermidas*.

A estimulação dos cinco sentidos constituía um dos objectivos da celebração da liturgia cristã do Ocidente Medieval. Visão (as manifestações artísticas presentes no edifício, as posturas e gestos e as imagens e cores), audição (as leituras, os sermões, o canto, o silêncio e as orações), tacto (a água do baptismo, a unção, a bênção ou a consagração, o abraço e o dar das mãos), olfacto (os incensos, os óleos e as flores) e paladar (a co-

munhão, o sacrifício eucarístico, os jejuns e os banquetes funerários) estabelecem uma relação com os rituais que eram desenvolvidos no interior do espaço sacro através da *performance* dos próprios momentos do ritual, da visualização de imagens e do contacto com alfaias litúrgicas. Para esta comunicação, proponho estabelecer um “Estado da Arte” a partir da investigação titulada *Les cinq sens au Moyen Âge* conduzida por Éric Palazzo, da qual resultaram obras como *L’invention chrétienne des 5 sens dans la liturgie et l’art au Moyen Age*. Estabelecer-se-á uma síntese da historiografia das investigações acerca dos cinco sentidos na Idade Média, identificar-se-á os principais temas da investigação sobre os cinco sentidos nas ciências humanas e colocar-se-á as bases de uma reflexão nova acerca do lugar dos cinco sentidos na definição da liturgia cristã medieval e do papel de activação da arte na prática dos rituais.

Resumo biográfico | Short biography

Marta Miriam Ramos Dias — CITCEM

Doutorada em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto com a dissertação *A Arte Funerária Medieval em Portugal: uma relação com a liturgia dos defuntos* desenvolvida conjuntamente com o Departamento de Historia da Arte da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela. É colaboradora do grupo “Memória, Património e Construção de Identidades” do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” e membro do Grupo Informal de História Medieval. Sob as suas linhas de investigação que incidem na História da Arte Medieval, na Liturgia e na Antropologia da Imagem tem participado em diversos encontros científicos (e.g. Fundación de Santa María la Real; Courtauld Institute of Arts) e publicado em várias revistas nacionais e internacionais (e.g. *Eikón*; *Medio Aevo*; *Codex Aquilarensis*).

Marta OLIVEIRA

*Modelo, medida, escala, proporção:
arquitectónica por geometria e por analogia.
Contribuição para uma metodologia de
estudo de modelos de igrejas portuguesas
medievais e do início da época moderna*

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Considerando o caso de algumas igrejas portuguesas de três naves e de uma nave, medievais e do início da época moderna, procuramos contribuir para uma metodologia de estudo de uma razão empírica de concepção da arquitectura, com fundamento em *fabrica et ratiocinatione*, que se constituía na observação de princípios de medida, escala e proporção de obras edificadas, tomadas como modelo de organização do espaço (forma e função) e exemplo de materialização construtiva.

O estudo incide na determinação da afinidade existente entre distintas obras de arquitectura, considerando princípios de medida e relações de proporção, que as aproximam inclusive na diferença de escala e forma estilística. Incide, também, na identificação de princípios de desenho de arquitectura e da estrutura, *por geometria e por analogia*, na alteração e metamorfose de proporções, em contexto de inovação de espacialidade e configuração tipológica. A concepção de uma solução nova confronta-se com modelos conhecidos, estudando a sua alteração de maneira a viabilizar uma nova solução. Parte de um mundo de formas conhecidas que modifica e transforma para criar o novo. Desse modo, delineado segundo um princípio de reconhecibilidade, o trabalho sobre o modelo marca o encontro do domínio disciplinar interno da arquitectura com a comunidade social a que se dirige. Uma forma expressiva e uma linguagem comunicante tornam compreensível o sentido de novo comum, compartilhado na sociedade.

Por vezes, a medida de partes define condições de proporção e *symmetria* da edificação singular, no espaço público e na estrutura urbana em que se integra, e a comparação de medida e escala, de proporção e número conduz a uma seriação das edificações denotando a sua importância relativa à luz de um princípio de ordem mais geral.

Resumo biográfico | Short biography

Marta Oliveira – FAUP

Diplomada em Arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto; doutora em arquitectura pela Universidade do Porto. Docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), desde 1984; professora associada. Lecciona com regência: História da Arquitectura Portuguesa (Mestrado Integrado em Arquitectura); Teoria e História da Reabilitação Arquitectónica (Curso de Estudos Avançados em Património Arquitectónico); Seminários de Projecto de Tese B1/B2 (Programa de Doutoramento em Arquitectura/PDA-Perfil B). Coordenadora do Perfil B (PDA), Arquitectura: Teoria, Projecto, História. Investigadora do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP; coordenadora do grupo de investigação Arquitectura: Teoria, Projecto, História.

Miguel Jorge Biscaia Ferreira TOMÉ

Arquitetura medieval em mostra: conhecer, comunicar e transformar

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Os monumentos do período medieval assumiram um papel determinante no contexto das políticas nacionais de salvaguarda patrimonial durante todo século XX. A sua valorização esteve dependente de processos de investigação conjugados com ações de divulgação e de valorização que, em boa parte, se apropriavam dos saberes próprios do campo museológico. Na sua maioria, estas ações articulavam duas estratégias comunicativas complementares: a exposição “em presença”, correntemente designada por musealização da arquitetura *in situ*, e a exposição “em ausência”, que convoca múltiplos processos de mediação e de representação virtual do espaço construído.

Este artigo pretende explorar, numa abordagem diacrónica estruturada em torno de quatro casos paradigmáticos, o papel que as diferentes modalidades de exposição assumiram enquanto instrumentos de gestão patrimonial: a exposição sobre arquitetura românica organizada por Joaquim de Vasconcelos e Marques de Abreu em 1914, marco na consolidação da consciência patrimonial e ponto de partida para o lançamento duma política integrada de intervenção.

Resumo biográfico | Short biography

Miguel Jorge Biscaia Ferreira Tomé — FLUP | DCTP

Arquiteto (FAUP), mestre em história da arte portuguesa (FLUP) e doutorando em educação artística (FBAUP), é atualmente assistente convidado na FLUP onde leciona nos cursos de História da Arte e de Museologia. A par da prática profissional como arquiteto, tem desenvolvido investigação em temas relacionados com a musealização da arquitetura e a comunicação da cultura arquitetónica, colaborando regularmente com instituições como a Fundação de Serralves, a Direção Regional da Cultura do Norte e a Câmara Municipal do Porto. Tem livros e artigos publicados, nomeadamente “Património e Restauro em Portugal (1920-1995)”.

Monica Messias SILVA

O discurso sobre a arte da pintura em Portugal no fim do século XVII

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

O livro manuscrito *Antiguidade da Arte da Pintura*, de Felix da Costa Meensen, datado de 1696, oferece um discurso aparatoso sobre a Arte da Pintura em Portugal, composto sob o género epidítico, o que evidencia uma prática comum à época do autor e pintor. O discurso retoma procedimentos da Retórica antiga, uma vez que a proposição colocada por Felix da Costa divide a Arte da Pintura em invenção, debuxo e colorido, partes estas análogas às três principais partes da Retórica - *invenção*, *disposição* e *elocução*. Da mesma maneira, percebe-se ainda no discurso Felix da Costa uma retomada de procedimentos de seu predecessor, Francisco de Holanda, autor do tratado *Da Pintura Antiga*, pois aquele, assim como este, utiliza-se do mito *Deus pictor* ao apresentar o axioma que sustentará os elogios à Arte da Pintura, amplificando os elogios a esta arte de forma a elevá-la ao patamar divino. Ainda vemos, em ambos os artistas, a presença de *topoi* retirados de Plínio, o Velho, o que também se verifica em demais discursos sobre a Arte da Pintura de outros tratadistas europeus contemporâneos de Felix da Costa e Francisco de Holanda. Dessa forma, o discurso que compõe o códice *Antiguidade da Arte da Pintura* elucida a respeito da prática discursiva já utilizada na tratadística do XV e do XVI, comprovando que essa prática ainda se mantém presente no final do XVII. O trabalho em sua totalidade consiste na análise dos elementos retóricos manifestos no discurso Felix da Costa e conta também com a elaboração de uma edição semidiplomática do códice. A

edição em língua portuguesa do códice é inédita, contando apenas com uma tradução feita para o inglês por George Kubler em 1967, pela universidade de Yale - EUA.

Resumo biográfico | Short biography

Mónica Messias Silva — IEB/USP

Bacharelado e Licenciatura em Letras, com habilitações em Português e Francês pela Universidade de São Paulo. Entre os anos de 2006 e 2010 realizou pesquisa de Iniciação Científica nas áreas de Filologia Portuguesa e Paleografia. Entre 2008 e 2009, realizou intercâmbio permanecendo um semestre na Universidade de Coimbra, onde frequentou as cadeiras de “Codicologia” e “Paleografia e Diplomática”. Neste período, realizou estágio voluntário na Seção de Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, trabalhando com o espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Atualmente, é mestranda no “Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras - Brasil: a Realidade da Criação, a Criação da Realidade” pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo - IEB/USP.

Natália FAUVRELLE | Alice Lucas SEMEDO

De território a paisagem: o que é ‘paisagem’?

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

O artigo pretende abordar o conceito de paisagem e algumas questões associadas ao seu entendimento, estando esta reflexão enquadrada na investigação de doutoramento em Museologia que realizamos, cujo tema é a paisagem classificada do Alto Douro Vinhateiro. Nas explorações conceptuais efetuadas dentro dessa pesquisa constatou-se a possibilidade de várias interpretações para o termo ‘paisagem’, a sua complexidade e os múltiplos sentidos em que pode ser utilizado, deste o território avistado, a um género artístico, confundindo-se até com a própria visão. Para lá deste sentido visual, os estudos críticos da paisagem associam este conceito cada vez mais às pessoas e à forma como se apropriam do espaço e do tempo.

Pela riqueza de interpretações possíveis, o conceito ‘paisagem’ permite assim diferentes abordagens, que vão desde as questões climáticas, à perda de biodiversidade ou ao património. Trata-se, pois, de um conceito transdisciplinar que se adapta a uma grande

variedade de problemas do mundo contemporâneo, tornando-se necessário enquadrá-lo numa investigação centrada nos estudos museológicos.

Partindo da interrogação “como é que o território se tornou paisagem?” e “o que é a paisagem?” procura-se entender o conceito sob diversas perspetivas, analisando a sua evolução e a forma como foi enquadrado em diferentes disciplinas. Ao mesmo tempo, procura-se discutir o entendimento da paisagem a partir de uma interpretação fenomenológica, onde se privilegia o contacto direto e implicado com a paisagem e os seus construtores.

Resumos biográficos | Short biographies

Natália Fauvrelle — Museu do Douro | Bolseira da FCT/Museu do Douro | CITCEM

Licenciada em História da Arte e Mestre em História da Arte (FLUP), obteve o grau de mestre com uma tese sobre a arquitetura das quintas do Douro, que recebeu o prémio da AIHVC.

Doutoranda em Museologia (FLUP) sob a orientação da Prof.^a Doutora Alice Semedo e co-orientação do Prof. Doutor Gaspar Martins Pereira, centra a sua investigação na paisagem classificada do Alto Douro Vinhateiro e os desafios da gestão deste património.

Desde 2006 é coordenadora dos Serviços de Museologia do Museu do Douro, estando presentemente em licença com uma bolsa de Doutoramento em Empresas da FCT.

Além da colaboração em diferentes projectos museológicos, publicou vários livros e artigos sobre o património duriense e sobre a sua história, centrando as suas investigações no património arquitetónico e na paisagem rural, em particular no património associado à vitivinicultura. Integrou a equipa responsável pela candidatura a Património Mundial do Alto Douro Vinhateiro.

Alice Lucas Semedo — FLUP | CITCEM

Museóloga, Prof. Auxiliar e Dir. do Doutoramento em Museologia (DCTP-FLUP). Após ter concluído a Licenciatura em História - Variante Arqueologia (FLUC) continuei os meus estudos na Universidade de Leicester, Reino Unido (M.A. 1991 e PhD 2003) onde apresentei uma tese orientada pelo Professor Susan Pearce sobre discursos profissionais em museus portugueses (*The Professional Museumscape: Portuguese Poetics and Politics*). Sou também Investigadora Integrada do CITCEM, publicando e orientando dissertações e teses (Concluídas: MA Dissertações: 25 / PhD Teses: 5) relacionadas com tópicos que se relacionam com os meus interesses de investigação, designadamente sobre narrativas e discursos museológicos, identidade profissional, missões contemporâneas de museus. Entre outras funções profissionais co-edito a Revista Académica MIDAS - Museums Interdisciplinary Studies e sou membro do Editorial Board da Revista publicada pela Berghahn, Museum Worlds.

Natália Maria da Costa JORGE

Organização e estruturação da informação na gestão do património religioso: proposta terminológica

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O Professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida no artigo “Património - Riegl e hoje” define Património como sendo “(...) uma herança, é a “memória” da comunidade e é o que lhe padroniza a qualidade de vida” (Almeida 1993, p. 414). Esta noção encontra expressão equivalente naquela que é formulada pela Igreja Católica na definição do valor social do seu património, que é a seguinte: “In regards to its social significance, the art-historical patrimony serves as a peculiar instrument of aggregation. It is a source of civilization because it promotes the process of transformation of the environment at a human scale, it maintains the memory of the past within each generation, and offers the possibility of transmitting its own works to posterity. Through it contemporary society recognizes the concrete and unmistakable image of its own social and historical identity. (...) Thus, inventory favours the perception of the social significance of the cultural good while stimulating the urgency of its “global” safeguard and usage” (*in* The Inventory and Catalogue of the Cultural Heritage of the Church, 2000).

Aqui encontra-se já expressa a ideia do recurso às ferramentas de inventário e catalogação como forma de alcançar os objectivos de conhecer, proteger e valorizar o património histórico-artístico. É através do processo de inventário-catalogação que se pode desenvolver uma consciência de respeito e a fruição dos bens culturais acompanhada do conhecimento do significado eclesial, cultural, social, histórico e artístico.

No documento *The Inventory and Catalogue of the Cultural Heritage of the Church* refere-se, ainda que de uma forma breve, a necessidade de serem definidas metodologias que permitam uma organização sistemática das informações recolhidas, a sua uniformização e o recurso a terminologias controladas.

É neste contexto que se pretende apresentar a componente prática do trabalho de doutoramento, com o título *Normalização Terminológica na Documentação de Objetos Religiosos*, que consiste numa proposta de uma base terminológica criada a partir de projetos nacionais de catalogação do património móvel religioso. Esta proposta está a ser sujeita à análise crítica de profissionais que se dedicam ao estudo desta temática e que estão envolvidos em projectos de inventário e catalogação do património religioso.

Resumo biográfico | Short biography

Natália Maria da Costa Jorge — FLUP | Bolseira de Doutoramento em Empresas (BDE) da FCT | Sistemas do Futuro, Lda.

Desempenho de funções na área de formação e consultadoria no Departamento de Investigação e Documentação da empresa Sistemas do Futuro - Multimédia, Gestão e Arte, Lda. desde 2001; Licenciatura em História, ramo Património Cultural, pela Universidade de Évora; Curso de Pós-graduação e Mestrado em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a dissertação *Ensaio sobre o AAT- Art & Architecture Thesaurus: Proposta Terminológica de adaptação à Realidade Portuguesa*, orientada pelo Professor Doutor Rui Centeno; Atual estudante de Doutoramento em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e bolseira da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Natalia Solano MEZA

Architecture forms and deforms sense of place. The case of the National Theatre and the Museums of the Banco Central de Costa Rica

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

In 1887, the National Theatre opened its doors in the middle of San Jose, Costa Rica's capital city. The neoclassical building soon became symbol of the state politics of the Liberal period in Costa Rica but also the icon of the country's emancipation, its dreams of prosperity and modernity. Almost 90 years later, at the beginning of the 1970's, an ambitious project was promoted by the *Banco Central de Costa Rica* (BCCR) to create a group of Museums and a public square in the blocks surrounding the National Theatre. In the hands of three Costa Rican Architects, Jorge Borbón, Jorge Bertheau and Edgar Vargas the design of the BCCR Complex emerges as Costa Rica's most ambitious public space project of the decade, and probably, of the second half of the XX Century. Its construction became in itself a landscape changing phenomena. Its completion altered the urban function and image of the city centre, changing forever its cultural meanings and its sense of place. It marked the birth of a place with a new spirit in which the histories of the XIX

Century converged with the brutal modernist language of the underground museums and the square. But, it also became a symbol of a new political project.

Trough research, I establish a relationship amongst the project of the BCCR Complex, state politics and the construction of Costa Rican contemporary nationality. The space formed by the Museums, the square—conveniently named *Plaza de la Cultura*—and the nineteenth century National Theatre functions as an urban centre but also as a mirror of a complex, and full of contradictions construction of national identity. Also, I will focus on the role that architecture had in representing these idiosyncratic constructions, as the project offers a particular example of the conjunction between architecture and national politics in the formation of “place”.

Resumo biográfico | Short biography

Natalia Sonalo Meza — IEB/USP

Is a four year Ph.D researcher at the Faculty of Architecture of the University of Porto, Portugal. Her research focuses on the relationships between architectural, pedagogy and politics in the context of tropical regions. Her thesis approaches the creation of the School of Architecture of the University of Costa Rica. The thesis addresses relationships between architectural education and practice. She has published articles in magazines such as the HABITAR— Costa Rican Architects Journal, DOMUS Magazine for Mexico and Central America, LUNCH — the Architecture Students Journal of the University of Virginia, amongst others.

Nuno Paulo Soares FERREIRA

A «Casa Portuguesa» na arquitectura habitacional do Porto na primeira metade do século XX

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

Na arquitectura portuguesa dos finais do século XIX, vários foram os intelectuais e arquitectos que se insurgiram contra as fortes influências de outros países, apelando à valorização da identidade nacional. A “Casa Portuguesa” foi um movimento cultural nacionalista surgido como reacção ao Ultimato de 1890. Defendia uma arquitectura de cariz

nacional centrada na ruralidade e nas necessidades regionais. Apesar de desde o seu surgimento ter gerado grande controvérsia, este conceito prolongou-se pelo século XX, chegando até a ser defendido por alguns arquitectos modernistas sob a forma da “casa à antiga portuguesa”. A partir dos anos 30 ganhou maior importância com a arquitectura do Estado Novo. Uma das figuras que mais defendeu esse tipo de arquitectura e combateu o cosmopolitismo dos outros arquitectos foi Raul Lino (1879-1974) através da sua vasta produção teórica e arquitectónica.

Procurando conhecer e interpretar o impacto e aplicação do conceito de “Casa Portuguesa” à arquitectura civil do Porto na primeira metade do século, estudaram-se alguns autores e suas obras. A relevância dada a este conceito é notória pela explicitação em vários processos de licença de obras da intenção conceptual referindo uma construção em “estilo tradicionalista português”, “estilo tradicional”, “estilo nacional moderno”, “estilo regional” em conjunto com “estilo moderno”. A casa projectada em 1904 pelo engenheiro Ricardo Severo (“Casa Ricardo Severo”) é considerada uma das primeiras tentativas de produção desta nova arquitectura na cidade do Porto. Destaca-se também o arquitecto João Queiroz (1892-1982), dada a influência da “Casa Portuguesa” em diversos projectos de sua autoria.

Resumo biográfico | Short biography

Nuno Paulo Soares Ferreira — Doutorando em História da Arte Portuguesa | CITCEM

Entre 2005 e 2008 frequentou a Licenciatura em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Em 2008 ingressou no Mestrado em História da Arte Portuguesa na mesma instituição. Nesse âmbito, efectuou estágio académico no Departamento Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto entre outubro de 2009 e julho de 2010, sob orientação da arquitecta Marta Cunha. Apresentou o trabalho “Entrepasto Frigorífico do Peixe de Massarelos - Um dos Ícones da Arquitectura Modernista Portuguesa”, sob orientação científica do Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha. Actualmente, é aluno de Doutoramento em História da Arte Portuguesa (FLUP), sob orientação científica do professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, tendo obtido bolsa de doutoramento através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É investigador do CITCEM e tem participado em diversos encontros e congressos nacionais e internacionais e tem diversos trabalhos publicados na área da arquitectura, urbanismo e património portugueses dos séculos XIX e XX.

Nuno RESENDE

Imagens a caminho: a fotografia enquanto fonte para o estudo das vias na cidade do Porto, Portugal

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

Embora a paisagem constitua um dos principais tópicos da fotografia primitiva nem sempre as objectivas dos pioneiros procuraram registar, com o mesmo interesse que demonstravam pela face ou pelo corpo humano, elementos que o olhar individual ignorava, fosse pela proximidade e convivência regular, fosse pela recusa em considerar dignos de registo certos objectos, lugares e práticas. Neste mundo à margem da retina, incluem-se os espaços de circulação: caminhos, estradas, praças, pontes, etc., que serviam como “adereços” de um cenário maior, marcado por outras edificações e, ocasionalmente, por actividades humanas consideradas dignas de registo. Se é certo que ao fotógrafo interessam ainda hoje amiúde os lugares privilegiados do urbanismo e da ruralidade, onde, como em palcos, se desenvolve a vida humana, o eminente carácter documentalista da fotografia permite-nos extrair e sistematizar elementos e tópicos pertinentes para os estudos hodológicos. Como tal, este trabalho pretende, através de metodologias de análise visual, explorar a imagem fotográfica enquanto fonte para o conhecimento, categorização, construção e transformação das vias e para o estudo da circulação na cidade do Porto entre a segunda metade do século XIX e o final da primeira metade do século XX.

Resumo biográfico | Short biography

Nuno Resende — FLUP | DCTP | CITCEM

Professor Auxiliar do DCTP - Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, sediado na mesma faculdade.

Licenciado em História pela Universidade do Minho (d. 2001), Mestre em Estudos Locais e Regionais (d. 2005) e Doutor em História da Arte Portuguesa (d. 2011) - ambos os graus atribuídos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Tem coordenado, editado, publicado e participado como autor e coautor em várias publicações nas áreas de História e História da Arte, destacando-se, entre outras, *O Compasso da Terra* (Diocese de Lamego, 2006) e *Cister no Douro* (Museu de Lamego/Liga dos Amigos do Museu de Lamego/D CRN, 2015).

Desenvolve investigação nas áreas de formação atrás referidas, tendo como interesses específicos a arte religiosa (escultura e pintura), hagiografia, fotografia e retrato histórico, estudos de população, sociedade e família, biografia, micro-história e estudos hodológicos, num período que baliza entre a Idade Média e a Contemporaneidade.

Nuno Villamariz OLIVEIRA

Toponímia e arquitectura das ordens militares em Portugal: a memória do oriente latino

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Profundamente impregnadas na sociedade e cultura portuguesas, as ordens militares, ao combinarem a obediência monástica com as exigências da guerra, continuam a levantar nos nossos dias diversas perplexidades, quer no âmbito do pensamento e espiritualidades medievais quer ainda nas áreas da Arqueologia e História da Arte. A arquitectura militar e religiosa de organizações internacionais como o Templo ou o Hospital reflecte, de modo muito intenso, a lembrança do distante — mas sempre presente — Oriente Latino e da sua topografia sagrada. Esses ecos fazem-se sentir no reino português, com particular acuidade na antropologia de muitos recintos fortificados.

Procuraremos examinar algumas dimensões menos abordadas pela historiografia das milícias medievais, sobretudo a estreita relação que se estabelece entre a toponímia e a arquitectura. Nesse sentido, o ambiente mental vivido por estas ordens está reflectido em diversos castelos e cercas urbanas do território português, que projectam novas leituras no entendimento dos paralelos que, a vários níveis, se estabeleceram nos séculos XII e XIII entre os estados da Terra Santa e Portugal.

Resumo biográfico | Short biography

Nuno Villamariz Oliveira — IHA / IEM – FCSH UNL

Licenciado em Arquitectura pela Universidade Técnica de Lisboa, fez o Mestrado em História da Arte Medieval na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo defendido, no ano 2000, a dissertação “*Castelos da Ordem do Templo em Portugal, 1120-1314*”, publicada em 2010. Premiado em concursos nacionais de arquitectura, tem desenvolvido investigação na área de História da Arte, participando em conferências da especialidade e publicado vários estudos versando, entre outros, o

legado templário em Portugal. Presentemente finaliza, na mesma Faculdade, um doutoramento centrado na influência que o Templo de Jerusalém exerce no contexto da arquitectura portuguesa entre o final do período medieval e a Idade Moderna.

Paolo MARCOALDI

L'ascesi e il gioco

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

With *L'ascesi e il gioco*¹ Manfredo Tafuri celebrates the ambiguous charm of the Malaparte house at Capri. In this house the image of the stair is fully revealed, suspended between two extremes, the solitary and worldly retreat of Curzio Malaparte. Like the Malaparte house, the history of the stairs is a story of contradictions, including both the practical need to connect places situated at different altitudes, and the will to shape a physical space for the most important spiritual aspirations of man. So the semantic universe of the stairs ranges from the spectacular buildings for the ritual ascent, to the labyrinthine theaters to reach impossible goals. During the classical age, the rise to a temple represents a ritual behavior governed by specific rules. In Roman Baroque the upward movement becomes much slower and indefinite, stairways are extremely wide and low. Michelangelo, the first mannerist and baroque, transforms the stiff and hard matter of the Renaissance in a mass soft and pliable. As Burckhardt says, the steps of the Laurentian Library seem to flow like lava. The classic iconography of the stairs borrows together with the opposite, the anticlassical face of the same medal, that continuously betrays the ontological meaning of the stairways. In the labyrinthine stairs it happens a deliberate construction of disorientation. The Tower of Babel, the metaphor of the impossible knowledge, is the best known emblem of this different ascent. The seduction of the labyrinth lies in the act of exploring without finding, gratification is to wander in an undefined place, to try a non-sense of nice bewilderment. In this case not only it materializes the idea of the loss, but it realizes the impossibility to reach the heights of heaven or to return into the bowels of the *Terra Mater*.

¹ Manfredo Tafuri, *L'ascesi e il gioco*, in *Gran Bazar* n. 15/1981.

Resumo biográfico | Short biography

Paolo Marcoaldi — DIAP - Department of Architecture and Design | Sapienza University of Rome

Architect and Ph.D in Architectural Design and Theory. Between 2009 and 2013 collabo-

rated with the architects Federico Bargone (Sbarch) and Andrea Stipa. Has participated in numerous national and international design competitions. Is a member of the design team for the redevelopment of Museo della Grande Guerra a San Pier d'Isonzo, supervised by Orazio Carpenzano.

Since 2011 has been teaching and researching at the Faculty of Architecture of Sapienza University of Rome. Since 2013 he is redactor of the web portal ArchiDiAP.

His research is focused on: Architecture of modern Rome; Methodological problem in architectural design.

His latest publication is *7 tipi di scale. Scale e architettura tra riti, spazialità e tempo* (Aracne 2015).

Patrícia Ferreira Moreno CHRISTOFOLETTI

Olhares mutantes: Hélio Oiticica, imagens em movimento e espaços expositivos (1980-2000)

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

No início da década de 1970, o artista plástico Hélio Oiticica passou a conceber novos formatos de expressão artística ao sequenciar imagens estáticas, as quais apresentariam as mais variadas intervenções, desde palavras até linhas e desenhos feitos com uma forma particular de textura: a cocaína. À experiência com imagens em sequência deu o nome de *Quasi cinema* e a essa série chamou de Bloco de experiências in *Cosmococa-program in progress*. A proposta desse trabalho é investigar os mecanismos e as concepções dessa obra em sua intenção relacional com o espaço. Em seguida, com o intuito de discutir as operações que se realizam entre a concepção do artista e o processo de musealização de sua obra, apresentaremos um estudo sobre como essas ideias foram materializadas em diversos espaços expositivos desde os anos 1980. Dessa forma, pretendemos verificar as mudanças nas práticas da curadoria e como essas reverberam na relação da imagem e seu contexto de exibição.

Resumo biográfico | Short biography

Patrícia Ferreira Moreno Christofoletti — UFJF

Professora de História da Arte Moderna e Contemporânea do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora em História pela UFF e mestre em História, também pela UFF. É líder do grupo de pesquisa *Arte em movimento: filme de artista e vídeoarte no Brasil*, desenvolvendo pesquisas sobre os filmes de artistas no Brasil (anos 1970), os primórdios da vídeoarte no país e as formas como os espaços expositivos apresentam tais obras.

Paula CARDONA

A pintura dos tetos das igrejas do Alto Minho nos séculos XVII a XVIII

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

O interesse sobre a pintura dos tectos das igrejas e capelas portuguesas tem vindo a afirmar-se, graças a estudos recentes, como tema de relevância no contexto da História da Arte portuguesa permitindo perceber o fenómeno de forma mais abrangente e alargada a par dos contributos que têm sido dados para sua inventariação e consequente preservação.

O presente artigo focaliza-se sobre a produção pictórica nos tectos das igrejas do território do Alto Minho nos séculos XVII e XVIII, tendo como vectores de análise: oficinas e artistas, mecenas, programas iconográficos dominantes e influência dos centros de produção pictórica mais eruditos tais como Porto e Braga.

Resumo biográfico | Short biography

Paula Cardona — CITCEM | Câmara Municipal do Porto

Nasceu a 29 de março de 1965. Técnica superior da Câmara Municipal do Porto, Divisão Municipal de Museus e Património Cultural. Especialista em arte e património. Pós-doutorada em Arte e Património Cultural (Fundação de Ciência e Tecnologia/Universidade do Porto). Doutora em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Coordenadora Adjunta do Grupo de Investigação Arte e Património do Norte de Portugal do Centro de Estudos da População Economia e Sociedade da Universidade do Porto entre 2009 e 2013.

Investigadora em exclusividade do Centro de Estudos da População Economia e Sociedade entre 2009-2013.

É investigadora do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Publicações 2010-2015: 5 livros de autor; 16 livros em co-autoria; 8 publicações em actas e encontros científicos; 10 comunicações em seminários, congressos e conferências internacionais; 14 comunicações em seminários, congressos e conferências nacionais.

Paula Pinto COSTA | Joana LENCART

Os oragos das igrejas das Ordens Religioso-Militares segundo as Inquirições Régias do século XIII

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A abordagem dos espaços sacros que dependiam das Ordens Religioso-Militares constitui um campo de investigação ainda em aberto e que encerra elementos fundamentais para o esclarecimento do carácter de cada uma destas instituições presentes em Portugal. Se, por um lado, o estudo dos processos de apropriação territorial por parte das Ordens Militares tem conhecido grandes avanços nas últimas décadas, por outro lado, continua ainda por definir o seu perfil mais devocional associado à rede de igrejas que tinham sob a sua jurisdição. Para dar resposta ao objetivo central do trabalho, propomos fazer o levantamento dos oragos das igrejas confiadas às Ordens Militares a partir das inquirições régias feitas ao longo do século XIII (1220, 1258, 1284 e 1288/90). A identificação do conjunto desses santos e a sua interpretação à luz dos atributos que lhes são reconhecidos constituirá matéria de reflexão. Deste modo, será possível aprofundar o conhecimento sobre a dimensão devocional de cada uma das Ordens Militares, acentuando os traços da sua especificidade, e sobre alguns elementos que contribuíam para a identidade desses mesmos territórios.

Resumos biográficos | Short biographies

Paula Pinto Costa — FLUP | CEPESE

Doutorada em História, em 1999, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto

(FLUP). Professora associada com agregação na FLUP e investigadora do CEPESE; Vice-presidente do Conselho Científico da FLUP; Membro do conselho de redação e da comissão de avaliadores externos de algumas revistas; Membro da Academia Portuguesa da História, da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais e da Society for the Study of the Crusade and the Latin East. Neste momento, integra os seguintes projetos de investigação: “Cohesion building of multiethnic societies, 10th-21st century”, financiado pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior da Polónia (acordo nº 0102/NPRH3/H12/82/2014, Universidade de Wroclaw, 2014-2017); “Military Orders and construction of Western Society: Culture, religiosity, gender and social development in border areas. XII-XV centuries” (HAR2013-45350-P), aprovado pelo Ministerio de Economía y Competitividad de Espanha (2014-2016).

Joana Lencart — Doutoranda FLUP | Bolseira FCT | CEPESE

Mestre em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseira de doutoramento FCT com a referência SFRH/BD/94440/2013. Colaboradora em projetos de investigação do CEPESE: “Comendas das Ordens Militares: perfil nacional e inserção internacional” (PTDC/HIS-HIS/102956/2008, FCT - 2009-2013).

Principais publicações: *O Costumeiro de Pombeiro - uma comunidade beneditina no século XIII*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997. *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, Porto, BPMP, 1997. *Consuetudines monasterii palumbari - une communauté bénédictine portugaise au XIIIe siècle* in *Roma, magistra mundi. Itineraria culturae mediaevalis*, Mélanges offerts au Père L. E. Boyle à l’occasion de son 75e anniversaire, éd. J. Hamesse (FIDEM. “Textes et études du moyen âge”, X), 3 vols., Louvain-la-Neuve, 1998, p. 227-241. “A Comenda de Noudar - O Tombo de 1606-1607” (co-autora) in *Militarium Ordinum Analecta*, nº 15, CEPESE, 2013. “A Comenda de Vera Cruz de Marmelar - Corpus Documental (1258-1640)” (co-autora) in *MOA*, nº 16, CEPESE, 2013. “A Comenda de Noudar - Corpus Documental (1248-1554)” (co-autora) in *MOA*, nº 14, CEPESE, 2013.

Paula Virgínia de Azevedo BESSA

A Capela de Nossa Senhora da Conceição da Gomeira: Genius Loci?

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A Ermida de Nossa Senhora da Conceição da Gomeira foi criada cerca de 1518 por uma população que queria dispor de serviços religiosos e da administração de sacramentos, ou seja, como primeiro passo para a criação de uma nova paróquia que os dispensasse do incómodo de um penoso trajecto até à sua igreja paroquial, a de Tavira. Este esforço juntou membros de uma comunidade que havia adquirido suficiente expressão demográfica para se dedicar a tal projecto e mobilizou pessoas de vários estratos sociais. As estruturas materiais criadas bem como o que foi adquirido para dotar a Capela do que era necessário (e, até, para além do necessário) mostram que, se ao sítio da edificação da Capela não era atribuído um carácter especial marcado por um *Genius Loci*, a construção da Capela poderá ter contribuído para dar esse significado ao local que se tornou polarizador da identidade de uma comunidade de vizinhos e foco de atracção das suas dádivas adquiridas tanto no reino como no vasto mundo ao seu alcance.

Resumo biográfico | Short biography

Paula Virgínia de Azevedo Bessa — UM

1983: Licenciada em História, variante de História da Arte e Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto; 1990: Mestre pela Universidade de Lancaster, Reino Unido (com equivalência a Mestrado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto); 2008: Doutorada em História, área científica de História da Arte pela Universidade do Minho.

Desde 1997: Professora do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho desde.

Entre 2008 e 2010: Directora do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Minho.

Actualmente: Investigadora do CECS (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade).

Tem dedicado muita atenção ao estudo da pintura mural tardo-medieval e do século XVI, assim como a outros aspectos da produção artística e da constituição do património paroquial nesse período. Vários dos seus trabalhos publicados estão disponíveis no site repositoriUM da Universidade do Minho, assim como no site academia.edu.

Paulo OLIVEIRA

Arte e simbólica nos Mosteiros de São Bento

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

O espaço fala. Sobretudo quando tem mão humana. Fala à mente, aos sentidos, ao corpo e ao imaginário. Fala numa comunicação orquestral, onde se multiplicam os sentidos, as fontes de estímulo e os focos de receção.

Escudados na tradição, os “construtores de mosteiros” esmeraram-se, atentos aos detalhes, na configuração e na simbologia dos espaços. Nada surge por acaso. Cada espaço é caracterizado por uma configuração experiencial e simbólica própria. Envolventes e disciplinares, estes espaços propiciam, além de uma “catequese pela imagem”, uma educação pelos sentidos. O espaço fala, sensorial e polifonicamente, ao corpo e ao espírito, para a salvação das almas. O Jardim de S. João, em Tibães, é um dos espaços com maior carga simbólica. É presidido pela figura de S. João Baptista. Estando ele a batizar no rio Jordão, Cristo aproximou-se e pediu-lhe que O batizasse. João assiste à manifestação da Trindade pois o céu abre-se e sobre Jesus desce o Espírito Santo em forma de pomba, ouvindo-se uma voz: *Tu és meu Filho amado, em ti me revejo*¹.

De forma octogonal, o jardim é ornado de oito canteiros. Ao centro, um chafariz, com tanque e taça também octogonais, terminando num degrau com a mesma forma geométrica. O número oito e o octógono estão diretamente relacionados com o batismo.

O Claustro: espaço fundamental do mosteiro é um lugar de silêncio, oração e meditação. Aqui, o monge encontra-se em lugar estável, terreno. Por debaixo dos seus pés jazem os que faleceram. Ao olhar para o céu, depara-se-lhe a cúpula celeste, o círculo, símbolo da perfeição, do Divino. (...) *a esfera é símbolo da criação do mundo e do seu Criador*².

¹ Mateus (3. 16).

² LURKER, Manfred – *Dicionário de figuras e símbolos religiosos*. Paulus: São Paulo, 1993. Pág. 90.

Resumo biográfico | Short biography

Paulo Oliveira — Mosteiro de Tibães | DRCN

Nasceu em 22/03/1963, é licenciado em História pela FLUP e Mestre em História Contemporânea, Área de Igreja e Sociedade pela Universidade Católica. Foi professor entre 1986 e 1992 e Técnico Superior Historiador no Mosteiro de Tibães/DRCN desde 1992.

Principais publicações: *A Congregação Beneditina Portuguesa no Percurso para a Extinção (1800-1834)*. Viseu: Palimage, 2005; *O processo de extinção e venda do Mosteiro*

de Rendufe. Edição da Associação dos Amigos do Mosteiro de Rendufe. Amares: 2015.

Alguns Artigos: A “Escola de Tibães”: “Mito” ou realidade? In *Actas do Congresso Luso-Brasileiro do Barroco*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 2012; O Contrato da Obra da Capela de S.^a Quitéria (Felgueiras). In “Entre Aspas”. *Diário do Minho*, 27/09/2010; Miguel Fernandes, Mestre Pedreiro de Rendufe, Alpendurada e Tibães (1716-1731). In *Actas do I Congresso Internacional de História: Territórios, Culturas e Poderes*. Universidade do Minho, 2005; A Obra da Igreja do Mosteiro de Refojos de Basto. In “Entre Aspas”. *Diário do Minho*, 12/10/2009 e 26/10/2009; O Coro alto da igreja do Mosteiro de Tibães. In *Mínia*, número 13, III Série. Braga: ASPA, 2014, pp. 177-192.

Pedro Abrunhosa PEREIRA | Tony SILVINO

Achegas para uma romanização esquecida - o projecto de investigação sobre a ocupação humana em Pegarinhos (Alijó)

Secção 5 — Mundos de Transição

Resumo | Abstract

Os povoados fortificados de altitude, tradicionalmente apelidados de castros, constituíram o modelo predominante do mundo Proto-histórico do Nordeste da Península Ibérica. No território atual português, a chamada “Cultura Castreja” encontra-se limitada ao Norte do país e zona mais setentrional da Beira Interior.

O Vale do Douro sempre foi uma terra rica em lendas e história(s), com as suas mouras encantadas, pragas e tesouros. No entanto, tendo em conta a dimensão deste território, das suas assincronias e multitude de climas, terras e gentes, o número de projectos de investigação arqueológicos, sobretudo aqueles dedicados à transição entre a Proto-História e o domínio romano, sempre foram escassos.

O Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da Aldeia de Pegarinhos, Alijó (PIOHP) foi iniciado em 2012, com objectivos concretos sobre o tema da romanização do Douro, mas a apontar a algo mais ambicioso: o de proporcionar dados para escrever uma história desse período de transição no Vale do Douro, um período que a historiografia tradicional muitas vezes peca por entrar em lugares comuns e recolções de artefactos de superfície, deixando grande parte das histórias desta terra debaixo dela.

Resumos biográficos | Short biographies

Pedro Abrunhosa Pereira – CITCEM | UMR 5138 ArAr (MOM/CNRS)

Licenciado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestre em Arqueologia Clássica e Doutoramento em História, Línguas e Arqueologia Antigas pela Université Lumière Lyon II, em França.

Arqueólogo independente, colabora frequentemente com várias empresas de Arqueologia preventiva, sobretudo em fases de projecto, construção e fiscalização.

É autor de dezenas de artigos nacionais e internacionais sobre ceramologia e vitivinicultura clássicas. É co-director de vários projectos de investigação no Vale do Douro, entre os quais o Estudo das Ocupações Pré e Proto-Históricas na Área do Concelho da Mêda, o Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em Pegarinhos, Alijó ou o Projecto de Investigação sobre o Castro S. João das Arribas, Miranda do Douro.

Tony Silvino – EVEHA | CITCEM | UMR 5138 ArAr (MOM/CNRS)

DEUG (bacharelato) em História, Licenciado em História e Mestre em História Clássica pela Université Jean Moulin Lyon 3. Licenciado em Arqueologia, DEA (mestrado) em História Antiga e doutorando em Arqueologia Clássica pela Université Lumière Lyon II.

Arqueólogo, entre 2002 e 2006, no Institut National de Recherche d'Archeologie Preventive (França) e no Service d'Archeologie Municipal de la ville de Lyon (França). Entre 2006 e 2014, director de operações arqueológicas na empresa Archeodunum SA. Desde 2014, director de operações arqueológicas na empresa EVEHA.

Autor de mais de uma centena de publicações e apresentações nacionais e internacionais sobre ceramologia, comércio, urbanismo clássico, entre outras temáticas, é co-director do Estudo das Ocupações Pré e Proto-Históricas na Área do Concelho da Mêda, e do Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em Pegarinhos, Alijó em Portugal.

Pedro Borges de ARAÚJO

Uma problemática para a arquitectura vernacular

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

Biocultural – genético, social, cultural – é tudo o que herdamos, transformamos e legamos. Sem fronteiras definidas, ainda que nos habituemos a estratificações que lhe impõem uma ordem interna ao sabor de gangas circunstanciais. Reflectir sobre esta problemática complexa é tarefa recomeçada a cada geração, ou seja, continuamente marcada por tempos e dedicações a cada caso. O processo não se compadece com anquilosamentos que o bloqueiam e exige permanente acção. Os desacertos rítmicos dos indivíduos e das sociedades, e estratos de que fazem parte, compõem tanto as tensões como os modelos paradigmáticos que a cada momento prevalecem. Nestes se revêm as expressões e representações que as histórias se permitem registar e a vida quotidiana pragmaticamente exige, absorve ou rejeita. A dimensão hermenêutica que este proceder envolve é imprescindível e verifica-se, pois, também no *vernacular*: a sua admissão como material da discussão académica foi revelando modos de pensar. No limite a sofisticação de uma arte ou linguagem áulica nunca terá dispensado o seu subsolo vernacular. Essa é a truculência que o impõe como matriz cultural. Creditemos à *arquitectura vernacular* um exercício técnico-artístico sofisticado, imposto pelos inúmeros constrangimentos historicamente determinados, enquanto a rasura tecnológica crescentemente global aplanava o *lugar* e o *tempo*: onde a topografia do tempo e as histórias, locais, foram definindo a *morfologia de cada lugar*. Hoje resta-nos quando muito a difusão por vezes unidimensional da imagem de superfície contrastando com a expressão neuromórfica dos lugares significativos - *genius loci* - espírito do lugar, a nossa dimensão de enraizamento profundo. E, lembrando-nos de como a diglossia da língua latina sucumbiu à perenidade mutante criativa do vernacular, tentar – com certa arbitrariedade com certeza – defender um perímetro onde o termo *vernacular* tenha uma outra precisão. Defesas que variam, forçosamente, sobre a linha do tempo e obrigam a perseguir constantemente novos recursos conceptuais.

Resumo biográfico | Short biography

Pedro Borges de Araújo – UP

Arquitecto, MD Filosofia, Phd Museologia.

Arquitecto desde 1974, docente e investigador. A actividade recente centrou-se – para além da conclusão do doutoramento [FLUP, 2015] – no trabalho de pesquisa permitido por uma bolsa financiada pela FCT [2009-14] e por apresentações em instituições de

ensino superior. Dentro destas merece destaque, pelo âmbito, as dedicadas desde 2011 a exposições e publicações comemorativas da realização do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa* e publicação de *Arquitectura Popular em Portugal* [1961-2011].

Pedro José Fontes Pereira NOGUEIRA

A máquina no jardim: o legado da industrialização nas paisagens de amenidade do noroeste português (1865-1938)

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

A industrialização trouxe consigo um novo vocabulário espacial, resultante de uma economia concebida “como registo virtualmente predeterminado, da contínua, firme e cumulativa expansão do conhecimento humano sobre a natureza”¹.

A bibliografia disponível sobre a temática, embora assente numa reflexão crítica sobre a paisagem, perspectiva-a apenas de um ponto de vista territorial, subtraindo o continuum capaz de unificar o natural ao cultural, ao qual se associa o conceito de amenidade.

No caso português, num quadro de ruralidade dominante, regista-se uma alteração progressiva das estruturas fundiárias tradicionais, “substituídas por outras mais aptas a incorporar os melhoramentos tecnológicos derivados do progresso e da modernidade”². “São, contudo e frequentemente, campos plenamente interiorizados pela lógica dominante das fábricas, ao ponto de fazerem parte da propriedade das empresas e dos seus empresários e de há muito terem perdido não só uma antiga vocação camponesa, mas também a própria vocação agrícola, o que os coloca sob uma evidente pressão urbana ou ao abrigo de uma lógica aristocratizante”³.

Desta forma, o conceito de amenidade passará a estar associado a novas escalas, resultantes da territorialização da burguesia industrial, associando-se à “dialética da natureza e cultura/artifício, prerrogativas e poder, conteúdo nacional, regional ou de classe”⁴, conduzindo a uma recodificação espaço-temporal do quotidiano e do sentido de individualidade, na separação do trabalho e do lazer.

Da dicotomia rural-urbano a uma ideia de paisagem num contexto periurbano e regional, da paisagem no jardim ao jardim na paisagem, o século XX traz consigo uma nova perspectiva espacial, na qual a industrialização teve um papel fulcral, refun-

dando os seus princípios morfológicos e funcionais, as suas representações, interações e subordinações. Uma nova concepção do natural, agora sob o olhar urbano.

¹ MARX, Leo, *The American Ideology of space. Denatured visions - Landscape and culture in the twentieth century; The Museum of Modern Art*, New York, 1991.

² HESPANHA, Pedro, *Com os Pés na Terra: Práticas Fundiárias da População Rural Portuguesa*, Edições Afrontamento, 1994.

³ PEREIRA, Virgílio Borges, *Espaço, ruralidade e industrialização no Vale do Ave: Notas para uma definição sintética das respectivas propriedades sociais*.

Resumo biográfico | Short biography

Pedro José Fontes PEREIRA — CIBIO

Arquiteto Paisagista pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Licenciado em 2006 e mestre desde 2013, é atualmente doutorando na mesma faculdade, e investigador do CIBIO/InBio. Desenvolveu e coordenou vários projetos na sua área de atividade científica, salientando-se a colaboração com o Centro Nacional de Cultura (2011) e a participação no projeto de investigação “Serralves 360° - paisagem e biodiversidade”, numa parceria entre a Fundação de Serralves e o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (2012-2015).

Do seu trajeto fica a visão da Paisagem como um manifesto: um ponto de vista abrangendo até onde o olhar alcança, uma declaração de princípios e intenções, uma estrutura de liberdade sem direitos de propriedade. Um continuum, unindo natural e cultural, o tempo e os seus tempos, composição, estrutura e função.

Raimundo Aterlane Pereira MARTINS

O cemitério e as Santas Almas da barragem: lugar de culto às memórias do Campo de Concentração de Patu (1932-1982)

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

O presente trabalho resulta de um recorte da pesquisa feita entre os anos de 2013 e 2014 para a fundamentação da dissertação de mestrado “Das Santas Almas da Barragem à Caminhada da Seca: projetos de patrimonialização da memória no Sertão Central cearense (1982-2008)”, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. O Cemitério da Barragem, espaço sagrado que abrigou os corpos dos retirantes mortos pela epidemia da cólera no Campo de Concentração do Patu, durante a seca de 1932, tornou-se desde então local de devoção a este santo popular, as Santas Almas da Barragem. Durante 50 anos esta devoção constituiu-se numa prática familiar e silenciosa, sendo a partir de 1982 apropriada pela Igreja Católica e ressignificada numa romaria denominada Caminhada da Seca, iniciativa do padre italiano Albino Donati, vigário da cidade de Senador Pompeu. Neste momento, o cemitério e as práticas devocionais ali realizadas sofrem grandes transformações, que por um lado ampliam o grupo de devotos, incluindo aqueles já tradicionais e os romeiros vindos de outras localidades, e causa a estes primeiros um silenciamento. No contexto dos anos 1980 o discurso do patrimonial é apropriado pelos agentes culturais que atuam em prol da valorização das edificações remanescentes do Campo de Concentração do Patu, entre elas o Cemitério, e o título de patrimônio cultural é requerido como reconhecimento a este espaço e às práticas religiosas ali efetivadas. A partir de então, diversos projetos de patrimonialização são forjados, face à disputa de memórias que se dá entre os sujeitos históricos que disputam pelo discurso hegemônico e a afirmação de suas verdades. Nesta trajetória, o Cemitério e as práticas devocionais são valorizados e reafirmados como aspectos identitários e culturais da população local. É a efetiva patrimonialização.

Resumo biográfico | Short biography

Raimundo Aterlane Pereira Martins — UFC | GEPPM/UFC/CNPq/ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, campus Quixadá

Professor efetivo do Instituto Federal do Ceará - IFCE, lecionando disciplinas nas áreas de patrimônio e cultura. É coordenador do programa de Extensão *Campus de Arte*

e *Cultura*. Historiador, licenciado (2004) e Mestre em História Social (2013-2015) pela Universidade Federal do Ceará. É especialista em Patrimônio Cultural - PEP/Iphan/Unesco (2005-2007). Tem vasta experiência na área museológica, atuando principalmente na educação em museus. Fundou e coordenou a Rede de Educadores em Museus do Ceará - REM CE (2008-2010). É curador e pesquisador de exposições históricas, memoriais e de artes visuais. Atua no campo da cultura popular, sendo membro do Fórum de Cultura Tradicional Popular do Ceará e da União Junina do Ceará. É membro suplente no Conselho de Política Cultural de Fortaleza - CMPC, na área Cultura Tradicional Popular (2015-2016). É conselheiro titular, eleito para a categoria Tradições Populares, do Conselho Estadual de Política Cultural - CEPC/CE (2015 - 2017).

Raquel BRAMBILLA

Cemitério: museu a céu aberto - proposta de musealização do Cemitério Luterano de Blumenau - Santa Catarina/Brasil

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A pesquisa intitulada: Cemitério: museu a céu aberto - proposta de musealização do Cemitério Luterano Centro de Blumenau / SC - Brasil - sugere ao público um novo olhar ao Campo Santo e analisa a possibilidade de musealização de cemitérios, até então não classificados na tipologia dos espaços museais. Comumente vistos pela sociedade como espaços mórbidos e desoladores, os cemitérios são espaços repletos de significados sacros, sociais, étnicos e políticos, tornando-se uma instituição cultural, onde há uma busca ininterrupta por eternizar as raízes sociais. Uma nova corrente da museologia, a sociomuseologia, defende que o patrimônio, deve ser um patrimônio integral que envolva não somente a conservação e a preservação do bem, mas que haja também a interação com o desenvolvimento da comunidade onde está inserido. Conhecendo o espaço, seus significados, suas possibilidades a sociedade se envolverá tornando o processo da preservação algo natural e consciente. O Cemitério Luterano Centro de Blumenau/SC-BR, apesar de pertencer à Confissão Luterana, historicamente muito mais contida quando o assunto envolve ao uso de imagens sacras, é um espaço revelador das memórias, histórias, ritos populares e obras que fazem parte da história dos blumenauenses, um verdadeiro museu a céu aberto, pois é um local de contemplação, reflexão, questionamentos enfim, é um ambiente repleto de significados e representações que nutrem a imaginação

daqueles que o visitam, é ali, nesse espaço, muitas vezes banido dos nossos olhares que está riscado na pedra a revelação do dinamismo do povo.

Resumo biográfico | Short biography

Raquel Brambilla

Museóloga sob o registro nº 0188-I 3ª Região. Formada pelo Centro Universitário Barriga Verde / UNIBAVE de Orleans / Santa Catarina/ Brasil. Historiadora formada pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) / Santa Catarina/Brasil, com destaque de melhor aluna. Especialização em História do Brasil, pela Universidade Dom Bosco Paraná/ Brasil. Atuou durante três anos nos museus de Hábitos e Costumes e Museu da Família Colonial de Blumenau como auxiliar da museóloga, sendo responsáveis pelos espaços de memória daquela instituição. Participou de projetos referentes à documentação museológica nos espaços supracitados e também no Museu da Cerveja de Blumenau. Também atuou como pesquisadora em projeto de inventário referente a seis cemitérios na cidade de Blumenau. É membro da ABEC - Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4471030631813788>

Rebeca BLANCO-ROTEA

Entre tierra y piedra. Tipología de fortificaciones de época moderna en la Raia Húmeda

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | Abstract

Durante la Guerra da *Restauração* Portuguesa (1640-1668) se inicia una importante transformación de las fortificaciones medievales que jalonaban la frontera para adaptarlas a los principios de la fortificación abaluartada y a los cambios producidos en la artillería. Por un lado, los castillos medievales que se localizaban en las principales poblaciones miñotas se dotaron de estructuras abaluartadas, se vieron envueltos por nuevos recintos defensivos o se demolieron total o parcialmente para dar lugar a nuevas arquitecturas, ya que se habían quedado obsoletos. Por otro, se completaron con la construcción de otras arquitecturas de nueva planta en su entorno, que sirvieron de apoyo a la defensa de las plazas fuertes en las que se localizaba la población. Todo ello dio lugar a la proliferación de una tipología arquitectónica de gran riqueza que combina las construcciones en tierra,

en piedra y mixtas, dando lugar a figuras tanto estrelladas como de otras tipologías que resultan de gran interés. Un estudio arqueológico sistemático llevado a cabo en zona de la frontera luso-galaica conocida como *Raia Húmida* para el periodo de la guerra de la Restauração, ha permitido catalogar las arquitecturas que sabíamos se conservaban en ella e identificar nuevos tipos desconocidos hasta ahora. En este trabajo se presentan las tipologías que se han definido para la fortificación de época moderna de este espacio transfronterizo.

Interpretando un paisaje fortificado transfronterizo. El modelo teórico del paisaje defensivo del Baixo Minho - Vale do Minho

Secção 7 - Vias, Paisagem e Território

Resumo | Abstract

El Convenio Europeo del Paisaje (20/Octubre/2000) introduce una concepción de éste como síntesis, resultado de la acción humana sobre una matriz espacial, que ha permitido objetivarlo y estudiarlo, ya que en él se materializan aspectos de las sociedades humanas para las que el paisaje constituye una dimensión relevante. El estudio del paisaje que proponemos se aborda desde la Arqueología del Paisaje, para analizar, reconstruir e interpretar los paisajes arqueológicos a partir de los elementos que los concretan, estudiando de manera integral los procesos y formas de culturización del espacio a lo largo de la historia o de periodos concretos de la historia. Nuestra aproximación entiende el paisaje como materialización de un concepto, resultado de un proceso y recurso del pasado en el presente.

El trabajo que presentamos se centra en el estudio del paisaje fortificado que durante la Guerra de la Restauração (1640-1668) se va generando en torno al proceso de fortificación de la frontera luso-galaica. El estudio ha permitido recuperar la materialidad de este paisaje en el siglo XVII, comprender su articulación interna y su relación con el territorio. Creemos que se trata de una estructura que controla distintas unidades territoriales y pasos fronterizos, conformando conjuntos defensivos a lo largo de la frontera, en los cuales la defensa funciona como un organismo autónomo, pero conectado a través de determinados mecanismos con los conjuntos siguiente y precedente, de manera que acaban formando parte de una estructura orgánica mayor, el sistema defensivo transfronterizo del valle del Miño. Creemos que esta lógica está relacionada con la propia estructura del territorio, la existencia de un poblamiento previo y la aplicación de los principios de la fortificación abaluartada el espacio a defender, no sólo a la arquitectura defensiva. Pre-

sentaremos aquí el modelo teórico del paisaje defensivo definido a partir de este estudio.

Resumo biográfico | Short biography

Rebeca Blanco-Rotea — Laboratorio de Patrimonio, Paleoambiente e Paisaxe | Instituto de Investigacións Tecnolóxicas | Universidade de Santiago de Compostela

Doctora en Arqueología por la Universidad del País Vasco (2015) gracias a su tesis “Arquitectura y Paisaje. Fortificaciones de frontera en el sur de Galicia y norte de Portugal”. Licenciada en Geografía e Historia por la Universidad de Santiago de Compostela (USC). Especialista en arqueología de la arquitectura y arqueología del paisaje. Su investigación se centra en los paisajes fortificados de época moderna y la arquitectura eclesiástica medieval. Investigadora contratada en la USC. Ha participado en más de 43 proyectos arqueológicos de los cuales ha dirigido 20 proyectos. Su producción científica cuenta con 6 libros y monografías, 11 capítulos de libro o 33 artículos (se pueden consultar aquí <https://usc-es.academia.edu/RebecaBlancoRotea>). Miembro del Consejo de Redacción de la revista Arqueología de la Arquitectura, del Consejo Asesor de la revista *Cadernos de Arqueoloxía e Patrimonio* (CAPA) y de la Sección de Patrimonio e Bens Culturais del *Consello da Cultura Galega*.

Renato Alonso AMPUERO RODRIGUEZ

O conjunto religioso de Coporaque: arquitetura para o culto

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

O objetivo desta comunicação é contextualizar o conjunto religioso de Coporaque, localizado no Vale do Colca, Peru, a partir de dois eixos: a sua importância histórica e religiosa, e, a sua relevância arquitetônica.

Assim, no âmbito histórico iremos debruçar-nos sobre o fato de que Coporaque é o primeiro espaço ocupado pela Ordem Franciscana no Sul do *Virreinato* do Peru aspecto que tem a ver com a existência de recursos humanos substanciais, mineração e agricultura que transformou o Vale num dos territórios mais ricos e disputados do *Virreinato*. Com isso, Coporaque vai tornar-se no centro de divulgação e difusão da fé cristã, uma tarefa árdua que implicou dureza e intolerância por parte dos padres, mas apesar disto, herdamos um dos melhores complexos religiosos do país.

No referênte a arquitetura, a importância o nível tipológico e arquitetônico do complexo religioso é fundamental na produção peruana. Este conjunto religioso é composto de templo (Igreja de St. James, 1569), espaço processional formado pela praça e as capelas (Capela de São Sebastião, 1565) e a casa paroquial, localizados segundo uma estratégia dogmática, visual e de sobreposição, porque foi construído num espaço elevado, anteriormente ocupado por um oratório pré-hispânico. Além disso, temos que destacar que este templo se constitui como um ponto de partida para a criação de um dos lugares mais singulares dos templos coloniais: a capela aberta, um lugar de intenção dogmática com um papel crucial na externalização do culto religioso e na abordagem social.

Resumo biográfico | Short biography

Renato Alondo Ampuero Rodriguez — Scholarship Erasmus Mundus ELARCH (Euro-Latin America partnership in natural Risk mitigation and protection of the Cultural Heritage) | Faculdade de Arquitetura - UM

Arquiteto pela Universidade San Antonio Abad de Cusco. Mestre em Arquitetura Avançada, Paisagem, Urbanismo e Projeto da Universidade Politécnica de Valência, também fez uma especialização em Gestão de Projetos Urbanos e Espaço Público pela Universitat Oberta de Catalunya. Trabalhou na administração pública como Chefe da Divisão de Obras Públicas do Distrito Yanahuara - Província e Departamento de Arequipa - Perú. Foi chefe da Unidade de Planejamento e Desenvolvimento de Projetos dentro do Projeto de Desenvolvimento Integral do Patrimônio Cultural do Programa PDIPCC P> D Patrimônio Cultural Vale do Colca para o Desenvolvimento (AECID). Arquiteto membro da equipa técnica que foi premiado com o HEXÁGONO DE ORO, a mais alta honraria da XV Bienal de Arquitetura peruana Colégio de Arquitetos do Perú, para o projeto de restauração e valorização do Monumental Área Coporaque - Vale do Colca. Atualmente tem uma bolsa de estudos Erasmus Mundus no Projeto ELARCH (Euro-Latin America partnership in natural Risk mitigation and protection of the Cultural Heritage) com o qual está fazendo um doutorado em arquitetura na Universidade do Minho – Portugal.

Ricardo Jorge dos Reis MENDONÇA

Os museus de gessos como expressão multifacetada da vivência patrimonial no século XIX

Secção 5 — Mundos de Transição

Resumo | Abstract

No dealbar do Renascimento, no século XV, as reproduções de gesso tomadas das melhores esculturas clássicas serviram de referência para a produção artística, não deixando, por outro lado, de tornar patente o gosto particular de coleccionistas por arte antiga. A inter-relação entre o antigo e novo e o processo cumulativo que está associado à renovação estética da arte não deixa de reforçar o carácter translucido das fronteiras que separam os diferentes períodos estilísticos.

Já no século XVIII, esta polarização transmutou-se com a emergência da ciência arqueológica. O laboratório de modelos de estátuas, que se constituiu em 1767 na Universidade de Göttingen veio por em contraste diferentes expressões estilísticas da antiguidade clássica, enunciando algumas conclusões já formuladas por Winckelmann. Por outro lado, também as colecções de gessos que se foram reunindo em Academias de Belas-Artes, vieram auxiliar as primeiras formulações históricas para a Arte. Deste modo, o arranque, em simultâneo, do romantismo e dos vários revivalismos veio proporcionar uma maior abertura às expressões de outros povos e culturas não europeias.

A este propósito é interessante observar que cada país definiu as prioridades no que concerne à constituição de colecções de modelos de gesso. Neste sentido, a colecção levada da Academia de Belas-Artes de Berlin para o Neues Museum em 1841, cristalizava o interesse germânico pela arqueologia, ao passo que o Musée du Trocadero em Paris, inaugurado no ano de 1879 com um Museu de Escultura Comparada, promoveu um entendimento entre a História da Arte e a Etnografia, demonstrando que não existem expressões artísticas superiores ou inferiores. Esta intersubjectividade de disciplinas tornou-se evidente quando as moldagens realizadas em 1871 pelo arqueólogo Joseph David Beglar, à mesquita de Quwwat-ul-Islam, em Nova Deli, foram colocadas no Museu de South Kensington, em Londres, uma instituição que tinha por missão ensinar ornamentação às classes mais baixas.

Assim, as colecções de modelos de gesso que se constituíram no século XIX tornaram-se não só numa expressão de progresso associado às indústrias artísticas e ornamentais, mas também na face mais visível de uma consolidação de diferentes ciências sociais e humanas. Nesta comunicação, iremos mostrar de que modo as diferentes colecções de

reproduções artísticas utilizaram os mesmos modelos para postular visões complementares do que foi o património ao longo do século XIX.

Resumo biográfico | Short biography

Ricardo Jorge dos Reis Mendonça — CIEBA | Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa | CHAM

Licenciou-se em Artes Plásticas: Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 2007, e doutorou-se em Ciências da Arte, pela mesma instituição em 2014, com um estudo que versa a história do acervo de escultura da Academia de Belas-Artes de Lisboa, no século XIX. As suas áreas de especialização são a história da escultura portuguesa, nos séculos XVIII e XIX; a história do ensino artístico; a museologia e, de modo geral, na teoria e prática da escultura na idade moderna.

No âmbito da sua actividade científica tem travado conhecimento com alguns especialistas internacionais em colecções de modelos de gesso sendo membro da “International Association for the Conservation and the Promotion of Plaster Cast Collections” (AICPM).

Rodrigo CHRISTOFOLETTI

De engenho fortaleza a monumento nacional brasileiro - a trajetória das Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, um patrimônio entre a preservação e a memória

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Considerada a mais antiga e de maior volumetria evidência física portuguesa do princípio da colonização americana (1534) o antigo engenho São Jorge dos Erasmos - hoje, monumento nacional brasileiro gerenciado pela Universidade de São Paulo - USP - guarda informações relevantes sobre os primórdios da arquitetura militar no litoral brasileiro. Construído para ser um engenho-fortaleza este complexo, atualmente em ruínas, ainda preserva partes de paredes intactas, um grande terreno retangular onde se evidencia o traçado do chão, cômodos evidentes e o pavilhão (fruto da intervenção que ora completa

meio século). Nesse sentido, o remanescente da fortificação/Engenho São Jorge dos Erasmos constitui paradigmático exemplo que se estabelece entre a ruína e a paisagem. Os restos deste complexo arquitetônico (paredes, seteiras, traçados e alicerces que ainda marcam a geografia e espacialidade do lugar), guardam de maneira eloquente pistas que ajudam a revelar esta relação dialética entre o usufruto da natureza, o domínio do território, a consolidação de uma nova forma de se relacionar com o meio e, sobretudo, o manejo dos recursos e os registros dessa interação humana. Também merece menção um fosso contíguo à extensa parede, que, foi provavelmente construído para servir de paiol ou depósito de armas, munições ou mesmo caixas de açúcar, uma vez que se encontra em espaço aparentemente coberto, dada uma evidência de soleira proeminente na entrada do recinto, espaço contíguo a um remanescente de capela onde ainda permanecem enterradas dezenas de ossadas humanas. Todas essas evidências materiais dotaram este espaço de características únicas em território americano. Em decorrência disso, compreende-se que a preservação dessas ruínas fortificadas como se encontram atualmente, aplicando-se a elas o filtro de todas as camadas de usufruto e deterioração que o bem acumulou ao longo de sua trajetória, mostra ser o único caminho possível quando pensamos na salvaguarda deste bem.

Resumo biográfico | Short biography

Rodrigo Christofolletti — RESJE-USP | UniSantos

Doutor em História Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC). Educador da Universidade de São Paulo (USP), no Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos e na Universidade Católica de Santos (Unisantos), onde coordenou o curso de Relações Internacionais (2011-2014) e leciona disciplinas relativas à História Contemporânea e dos Bens Culturais. Possui experiência nas áreas de Preservação do Patrimônio Cultural, Arqueologia, Teoria e Metodologia da História e História político-cultural do século XX no Brasil, atuando nos seguintes temas: Patrimônio, Arqueologia, História política e cultural do Brasil contemporâneo. É pesquisador do LAPA - Laboratório de Patrimônios Culturais, da Universidade Federal de Juiz de Fora. (LAPA - UFJF).

Confrontando interpretaciones de ciudad: Oviedo, el perfil del pasado y Gijón ciudad que se incorpora al siglo XXI

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Situados en Asturias (Norte de España) cuya capital es la ciudad de Oviedo, de perfil burgués con actividad económica basada en el sector terciario y Gijón que mantiene, desde el siglo XIX, un perfil industrial. Ofrecemos dos realidades enfrentadas por su pasado que desvelan una imagen cultural diferente. A través de su urbanismo más reciente y la imposición de escultura contemporánea se ha intentado alfabetizar a la ciudadanía hacia la comprensión de sus modelos de ciudad. Desde la asignatura de Didáctica del Patrimonio, planteamos estrategias para la comprensión de estos contextos y sus significados. Gijón, interpretada como una “obra abierta” (Umberto Eco, 1964) y Oviedo como una ciudad donde el conjunto de esculturas kitsch alimentan la interpretación conservadora que confunde a su ciudadanía porque se representan a los personajes más próximos al pueblo, como vendedores ambulantes “populismo” (Ibídem, 1964). En esta ciudad los monumentos del Prerrománico Asturiano (Patrimonio de la Humanidad), la Catedral (Gótica) y dos prestigiosos museos, permanecen diluidos en esta imagen de ciudad que muestra sus esculturas más publicitadas como propaganda turística. Por contra, Gijón ante el declive industrial de las últimas décadas del siglo XX, plantea una estrategia de modificar el paisaje urbano. Centrando su intervención en la línea de costa con la creación de dos playas más, liberando suelo industrial. Esta intervención junto con la inclusión acertada de escultura contemporánea, combinando obras de artistas locales prestigiados y de artistas de renombre internacional donde el *Elogio del Horizonte* de Chillida se ha convertido en el logo de la ciudad, dan muestra de una imagen diferente. En la construcción de su imagen, Gijón apuesta por estrategias de acción cultural, principalmente desarrolladas por la red de museos.

Resumos biográficos | Short biographies

Roser Calaf Maschs — Universidad de Oviedo

Profesora Titular desde 1993 en la Universidad de Oviedo (Departamento de Ciencias de la Educación), anteriormente lo fue de la Universidad de Barcelona. Ha liderado varios proyectos con financiación pública y privada (2001-2015), el último ECPEME (Evaluación Cualitativa de Programas Educativos en Museos de España). Desde su línea de investi-

gación sobre educación patrimonial se han defendido 9 tesis doctorales ente 2003 -2015, la primera de ellas de Oalia Fontal. Ha publicado numerosos artículos en revistas especializadas (Revista de Educación, Her&Mus, ...) y varios libros en la editorial Trea desde 2003. *Didáctica del Patrimonio: epistemología, metodología y estudio de casos* (2008), es consecuencia de su estancia de investigación en la Universidad de Laval y de su participación como docente en el Máster de Museología. Miembro de ICOM-CECA desde 2007, ha participado en las Conferencias de Reykjavík (2009), Zagreb (2011), Río de Janeiro (2013) y Washington, D.C (2015).

Sué Gutiérrez Berciano — Universidad de Oviedo

Licenciada en Pedagogía y Máster en Intervención e Investigación Socioeducativa por la Universidad de Oviedo. Becaria de investigación del Programa Severo Ochoa de Asturias (2014-2018) con un proyecto de tesis *Valoración didáctica de los programas educativos en museos de patrimonio artístico de Asturias*. Tiene experiencia profesional como educadora y como técnico evaluador. Destaca su colaboración para la Dirección General de Patrimonio Cultural del Principado de Asturias sobre evaluación de recursos educativos on-line. Ha colaborado en el proyecto ECPEME como técnico de diseño web, que le da acceso a una beca de excelencia de movilidad para investigadores en el Departamento de Ciências e Técnicas do Património en Facultad de Letras do Porto. Ha publicado diversos artículos sobre educación y patrimonio (Pulso, 2013, MIDAS, 2014 y Clío: History and History Teaching, 2013).

Rui Macário RIBEIRO

Património classificado versus património percepcionado? Considerações resultantes da implementação de um modelo de paisagem mental patrimonial, através de um projecto colaborativo de incidência participativa

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

Viseu (município) apresenta 54 elementos individuais contabilizados enquanto património classificado, correspondendo a esse conjunto 22 Tesouros Nacionais, 6 Monumentos Nacionais, 21 elementos como de Interesse Público e 5 de Interesse Municipal. Desse total, mais de 50% encontra-se datado como pertencente aos séculos XV e XVI, havendo uma percentagem de 7,4% dos séculos XIX e XX.

A directa leitura do anterior parágrafo remeter-nos-ia para uma historicidade do território em causa fortemente alavancada nos séculos que apresentam maior consubstanciação ao nível das classificações. Tal é igualmente reforçado pelo apelo do marketing territorial e dos produtos endógenos (assumindo aqui a figura de Grão Vasco - c. 1475-c.1542 - um papel de relevo, do nomear de vinhos à inspiração gráfica procedente do “S. Pedro” integrado no acervo do Museu Nacional Grão Vasco - e até neste caso).

No entanto, experiências de participação comunitária como o Museu do Falso (<http://www.projectopatrimonio.com/museudofalso/>) revelam que quando se procura uma “selecção” de elementos patrimoniais relevantes, o apelo da proximidade cronológica se torna mais presente. Confrontando os processos de classificação administrativa com os processos de “selecção” e salvo no caso das classificações ditas de “Interesse Municipal”, a época histórica de destaque é substancialmente distinta. Se quanto aos primeiros resulta a configuração de uma paisagem de antiguidade mais cristalizada, para os segundos surge uma paisagem patrimonial mais contemporânea (os séculos XIX e XX são representados por mais de 70% das “selecções”). Se “(...) ele [Património] só o é, verdadeiramente, quando esta [a comunidade] o assume e toma consciência dele.” (ALMEIDA, 1993: 414), a caracterização das paisagens mentais patrimoniais de cada comunidade deve ser uma prioridade para que se possa então e após, intervir (preservando, divulgando, valorizando, etc.) no sentido de melhor servir a comunidade e o contexto territorial, social e económico em que a mesma se insira.

Resumo biográfico | Short biography

Rui Macário Ribeiro — CITAR

Licenciado em Arte e Património (UCP-Porto) e Pós-Graduado em Arte Contemporânea (UCP-Porto). Doutorando em Estudos do Património (UCP-Porto). Investigador do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR).

Consultor nos domínios do Sector Cultural e Criativo e fundador da Projecto Património. Funções de coordenação nos seguintes projectos: Ano Internacional Viseense, PORTUGALPÉDIA, VISTACURTA - Festival de Curtas de Viseu, Habitar [Património], Estudo Histórico da Feira de São Mateus.

Desde 2013 e por via da experiência do “Museu do Falso”, foram realizadas apresentações públicas em congressos e forums nacionais e internacionais bem como publicados um conjunto de artigos e ensaios em que a museologia e as questões do reconhecimento e validação patrimoniais assumem particular destaque.

Rui Miguel Almeida MAIA

Julio e o modernismo: imagens de aquém e de além

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Julio afirma a mulher no centro da sua produção plástica. Esta, e a nudez que o artista lhe propõe, acompanham a sua produção, em formas e propostas plásticas diversas, até à derradeira obra inacabada (1983). Se é indiscutível a multiplicidade de propostas do artista, desdobradas ainda na sua identidade poética – Saúl Dias, é igualmente clara a unidade plástica que as diversas partes encerram. A sua produção plástica, iniciada na década de 20 e pública a partir da década de 30, é obstinadamente uma proposta modernista na qual a mulher é tema e simultaneamente forma central.

A narrativa, proposta para artigo, aproxima-se do pensamento de Kenneth Clark, expressa no ensaio *The Nude: A Study in Ideal Form*, na medida em que potencia um entendimento historiográfico da representação do nu, entendido na generalidade como tema da arte, proposto pelo autor enquanto *forma de arte*. Esta narrativa justapõe imagens, temática e formalmente próximas, apesar de dispares no tempo e no espaço, estabelecendo aproximações e confrontos, fundamentalmente ao nível da circulação das formas e da significação que estas adquirem no tempo espacial em que são apresentadas.

Esta aproximação e confronto, independentemente do contexto de origem do artefacto e das disciplinas artísticas aplicadas, aproxima-nos da realidade em análise: a produção plástica de Julio na década de 20 e 30 [*Paraíso* (1927); *Nu* (1927); *Nocturno* (1929); *Chinesa* (1930); *Nu* (1930); *O Burguês e a menina* (1931) e *Mulher das Camélias* (1934)]. Tempo longo a percorrer, em *flashes* contextualizados, propõe-se a *visitação* a artefactos arqueológicos e antropológicos, passando pelas formas da civilização clássica e do oriente, relacionando as suas implicações na produção plástica do modernismo que amplamente se apropriou de referenciais da arte popular, da arte primitiva e do exótico, integrando-os na sua linguagem.

Resumo biográfico | Short biography

Rui Miguel Almeida Maia — FLUP

Licenciado em Gestão do Património pela Escola Superior de Educação do Porto (2002), Pós-graduado em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2004), Licenciado em História da Arte (2008), com o grau de Mestre em História da Arte Portuguesa (2010) e Doutorando na mesma área científica (Arte Contemporânea) pela mesma Faculdade (orientador: Professora Doutora Leonor Soares, FLUP; co-orientador: Professor Bernardo Pinto de Almeida, FBAUP).

Colaborador da Galeria/Centro de Estudos Julio – Saúl Dias e membro do Centro de Estudos Regionais (Vila do Conde), tendo recentemente publicado o artigo *Desenhos de Novos Poemas de Deus e do Diabo: em torno de outro-de-si*.

Foi colaborador da OCF para a criação e abertura do Núcleo do Design (2011-14) e Núcleo de Arte (2013). Colaborou na exposição de abertura e catálogo *Traço Descontínuo: Colecção Norlinda e José Lima* (2013) e *Colecção Treger/Saint Silvestre* (2013).

Rui Miguel Fontes FERREIRA

Espaço e tempo: a utilização da cortiça na arquitetura popular portuguesa

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo

A utilização de cortiça na arquitectura popular portuguesa está assinalada em vários documentos históricos e em vestígios materiais ainda existentes. Tal realidade atesta um uso antigo e, surpreendentemente, repartido pelo território, embora com características diversificadas.

Tradicionalmente adstrita ao binómio *terra-pedra*, a investigação sobre arquitectura popular portuguesa contribuiu para o obscurecimento de outros processos construtivos tradicionais, igualmente significativos e que atestam a existência de uma diversidade insuspeita há uns anos atrás. No caso da cortiça, é difícil explicar que, apesar da existência de muitos testemunhos do seu emprego, o assunto tenha permanecido quase ignorado durante décadas, remetido para a categoria do peculiar, fortuito, senão marginal.

A cortiça foi usada desde tempos indeterminados como elemento construtivo estrutural (taipas e alvenarias específicas), não contando com as aplicações comumente associados às suas funções mais recentes de isolamento e de decoração. Para além da sua longa diacronia, os processos construtivos em que se recorreu àquele material estão presentes em grande parte do território continental português, com especial destaque as regiões onde o sobreiro é mais abundante. Refira-se também que o *quercus suber* terá tido uma distribuição territorial diferente da atual, tendo estado bem mais disseminado, a título de exemplo, no final da Idade Média.

Partindo das construções comuns, as qualidades intrínsecas da cortiça, mas também a imagética de rusticidade transmitida por aquele material que evocavam ideais de pobreza e austeridade, contribuíram para a sua utilização em contextos diferentes dos originais, numa espécie de populismo decorativo, presente nos Capuchos de Sintra ou na Arrábida, ou ainda, num contexto diferente, no Chalet da Condessa de Edla.

O objetivo desta comunicação é contribuir para o alargamento do campo conceptual da investigação sobre a arquitectura tradicional portuguesa, através do estudo da cortiça enquanto material de construção tradicional.

Resumo biográfico | Short biography

Rui Miguel Fontes Ferreira — Instituto Superior Técnico | Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos

Realizou estudos pós-graduados de ciências da educação e de recuperação do património arquitetónico e paisagístico nas universidades Aberta, de Lisboa e de Évora.

Tem desenvolvido desde há vários anos linhas de investigação no âmbito da história local e regional do Alentejo, nomeadamente nos domínios da história urbana e rural, arquitetura tradicional/arquitetura vernácula (com enfoque na arquitetura de terra) e em domínios transversais a várias áreas científicas. Publicou alguns artigos sobre moinhos de água, lagares/produção de azeite e sistemas construtivos tradicionais em Portugal, com destaque para: Cortiça na arquitetura tradicional Portuguesa: um material de construção ignorado/Cork an ignored construction material. In FERNANDES, Maria; CORREIA, Mariana (Eds.). *Arquitetura de terra em Portugal/ Earth architecture in Portugal*. Lisboa: Argumentum, 2005. pp. 112-114.

Tem dado a sua colaboração a estudantes de História e Arquitetura interessados em desenvolver estudos nos domínios de investigação referidos. Desenvolve presentemente o seu trabalho de Doutoramento em Arquitetura no Instituto Superior Técnico.

Rui MORAIS

As reproduções de obras de Canova e Thorvaldsen em gesso patinado e terracota do Museu Nacional Soares dos Reis

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Um dos aspetos mais interessantes da glíptica de setecentos foi a utilização de motivos de escultura antiga e contemporânea no repertório figurativo dos incisores de gemas. No momento da sua máxima expansão, a partir de meados do século XVIII, os motivos mais reproduzidos - para além do retrato dos clientes - eram aqueles representados em moedas e famosas gemas da antiguidade, ainda que por vezes sujeitas à fantasiosa reinvenção dos incisores. Alguns dos temas reproduzidos tinham sido tratados na obra de Winckelmann mas, na sua maioria, copiavam os exemplares provenientes das escavações das cidades de Pompeia e *Herculaneum* (Stefanelli 1991: 91). Nos finais de setecentos, mais exatamente a partir de 1790, começa-se a reproduzir nas gemas as já famosas obras de escultura de Antonio Canova (1757-1822) e, posteriormente, de Bertel Thorvaldsen (1770-1844), e de alguns dos alunos e seguidores de ambos como, por exemplo, Gibson, Wolff, Trentanove, Bienaimé, Tenerani (Stefanelli 1991: 91).

A reprodução em gemas das esculturas destes artistas, particularmente as de Canova e de Thorvaldsen, compreende-se na medida em que estas eram consideradas, quer pelo seu valor, quer pela sua importância, a par das esculturas da antiguidade. O sucesso desta prática fez com que as gemas que reproduziam aquelas esculturas passassem a estar presentes em reproduções¹ de várias dactiloteças, como a de Tommaso Cades ou Pietro Paoletti que reservam os últimos tomos para ilustrar algumas das obras daqueles artistas.

¹ As reproduções são, na sua maioria, em vidro, gesso patinado e sulfato de cádmio, mas também os havia em terracota e em cera.

As reproduções de esculturas da antiguidade em gesso patinado e terracota do Museu Nacional Soares dos Reis

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Das cerca de setecentas reproduções em gesso patinado e terracota do Museu Nacional Soares dos Reis figuram alguns exemplares que têm como tema obras de escultura da antiguidade clássica. Deste vasto acervo seleccionamos alguns exemplares, reproduzidos a partir de gemas e camafeus, que copiam esculturas depositadas em diferentes museus europeus.

A presença de números de catálogo na maioria das reproduções faz pensar que estas teriam integrado dactiloteças temáticas onde se apresentavam obras de escultura dos mais afamados museus da Europa. É assim possível que estas possam ter estado originalmente agrupados segundo os museus de origem, referidos individualmente, “Museo Capitolino”, “Museu Vaticano”, ou em conjunto, “Museo di Fidenza e Parigi”, “Museo Vaticano e Capitolino”, “Museo di Napoli e Villa Albani”, “Musei Diversi”, etc.

Com excepção das reproduções que ilustram esculturas do Louvre e da Gliptoteca da Baviera, todas as outras provêm de museus de Itália, nomeadamente da *Galleria degli Uffizi*, em Florença, do Museu Arqueológico Nacional, em Nápoles, e, em particular, de Roma (Museu Capitolino, *Villa Borghese*, *Museo delle Terme* e Museus do Vaticano). Este é o critério adoptado para a apresentação que se segue das reproduções que ilustram esculturas da antiguidade clássica conservadas naqueles museus.

Resumo biográfico | Short biography

Rui Morais — FLUP | CECH - Universidade de Coimbra

Nasceu no Porto em 1969 e é licenciado em História, variante de Arqueologia pela Universidade de Coimbra. Mestre em Arqueologia Urbana, doutorado em Arqueologia e com Agregação em Arqueologia, na área do conhecimento de Materiais e Tecnologias pela Universidade do Minho. Foi professor na Universidade do Minho e é atualmente Professor Auxiliar com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Entre os seus trabalhos de investigação, tem dedicado uma atenção especial ao estudo do comércio na Antiguidade, com inúmeros trabalhos publicados, a título individual ou com outros autores nacionais e estrangeiros. É investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (CECH). Consultor da Fundação Calouste Gulbenkian para as antiguidades e membro do Comité Científico do Projeto IBERIA GRAEGA.

Sara Raquel Queirós PINTO

Centro Histórico do Porto (WH) e comunidade anfitriã: inquéritos exploratórios e análise de resultados

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A presente proposta de comunicação visa perceber o impacto que a recente transformação da *Baixa* Portuguesa teve nos comerciantes, nos residentes e no público juvenil que frequenta o ensino básico da área inscrita como Património Mundial (1996) na Lista do Património Mundial da UNESCO. Trata-se de um estudo realizado no âmbito de um estágio curricular do Mestrado em História da Arte Portuguesa em desenvolvimento na Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana. Foi com um pressuposto exploratório que o nosso olhar de historiador de arte partiu para o terreno, com o intuito de realizar inquéritos a uma população alvo, constituída por moradores, comerciantes e jovens, que identificamos como *comunidade anfitriã*¹.

A metodologia por nós utilizada será a de preenchimento de inquéritos de forma assistida e na medida em que a nossa intenção é obter um conjunto de informações de carácter exploratório, não assumiremos categorias rígidas para definir o tamanho e composição amostral.

Com as mais recentes transformações ocorridas na zona do Centro Histórico Património Mundial, o presente estudo reveste-se de primordial importância por se assumir como ferramenta que nos permite compreender o seu impacto nos indivíduos que experienciam estes locais diariamente, criando assim um instrumento que possibilite, de futuro, aproximar reciprocamente a ação dos órgãos administrativos e a comunidade anfitriã.

¹ O termo ‘*comunidade anfitriã*’ surge na Carta Internacional sobre Turismo Cultural do ano de 1999 para distinguir a comunidade local dos visitantes.

Resumo biográfico | **Short biography**

Sara Raquel Queirós Pinto — FLUP

Licenciou-se em História da Arte no ano de 2014, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Atualmente é discente no Mestrado em História da Arte Portuguesa da mesma faculdade, dedicando-se neste momento ao estágio curricular que realiza na Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana.

Shiva SHADRAVAN

Exploring sense of place in the transforming built-environment, the case study of Karim Khan-e-Zand Street in Shiraz/Iran

Secção 5 — Mundos de Transição

Resumo | **Abstract**

The term sense of place is an interdisciplinary concept and has been defined and explored in different ways by different researchers. To many, it portrays a specific set of visual and physical characteristics that some places inherently have, and some do not, while to others it is a structure of feeling or perception held by people (not by the place itself). However, it is often used in relation to those characteristics that make a place special or unique, as well as to those that foster a sense of authentic human attachment and belonging. Such a feeling may be derived from the built environment, but is more often made up of a mix of physical and socio-cultural features in the place, and generally includes the people who occupy the place. The main objective of the paper (which comes from an analytic study)

is to explore the interplay of two key components within the city transformation process: the physical/structural and the respective changes in people's attachment to their place as a part of their identity over the time. In addition to tracing the physical changes to the fabric of the historical built environment. In order to delve deeper into the study, a case study has been selected: The KARIM KHAN -E- ZAND Street in Shiraz, Iran. The city of Shiraz, with its olden past and unique history; has been the subject of numerous studies in the passage of time. In a typological scale this street is generic in two ways: It is the main street and concentrates a lot of activities; it connects a range of individual places along the street. At the same time has specific shape and atmosphere. The importance of this street as a linkage between the old and the new urban fabric is noteworthy.

Resumo biográfico | Short biography

Shiva Shadravan — PhD candidate at Institute of Urban and Regional Planning, TU-Berlin (Germany)

MSc in architecture and MSc in Urban Design, Shiva's work has focused on Place making, public Place, and Sense of Place. Shiva believes in theory, research as well as practice in urbanization and thus she has worked as a project manager and also as a planner and designer on a wide variety of projects In Shiraz/Iran. She worked also at Shiraz university department of architecture and urban design as a lecturer.

Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva FERREIRA

Os altares de talha deslocados: metamorfoses e conversões de sentido

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A nossa proposta de comunicação centra-se na apresentação e análise de casos concretos de estudo, os quais reconhecemos como testemunhos exemplares do desafio colocado à arte da talha portuguesa na adequação a novos ambientes e arquitecturas, na sequência de três grandes acções que conduziram à deslocação e posterior reintegração deste património: extinção das ordens religiosas em 1834, Lei da Separação das Igrejas e do Estado em 1911 e remoção de altares de espaços de arquitectura religiosa românica e gótica, levada a cabo nos anos 30 e 40 pela antiga Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

De entre os vários destinos que a arte da talha conheceu, em virtude destas acções, destruição sumária, venda em hasta pública e deslocação para museus, aquela que nos ocupará neste trabalho será a solução de reintegração em espaço sacro.

Logo no início do processo de extinção das ordens religiosas registaram-se vários pedidos de igrejas seculares solicitando altares. Processos semelhantes verificaram-se na sequência da Lei de 1911 e durante e após as intervenções de restauro da DGEMN.

A caracterização das circunstâncias que accionaram as deslocações em estudo, a identificação dos agentes envolvidos nos processos, a interrogação dos critérios de deslocação e adequação e, finalmente, a identificação das transferências e/ou transformações a nível devocional promovidas nos novos espaços de acolhimento, serão questões centrais analisadas neste trabalho.

A nossa análise organizar-se-á, assim, em torno de duas perspectivas: a do objecto que é deslocado, e assim descontextualizado, e a do novo espaço arquitectónico que o recebe. Nesta dicotomia aparente de propósitos, a forma como se articulam e convivem as duas instâncias, objecto e lugar, definem as novas leituras de sentido.

Resumo biográfico | Short biography

Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva Ferreira — Instituto de História da Arte da FCSH | UNL

Doutora em História na especialidade de Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras de Lisboa, com dissertação dedicada ao tema: *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os artistas e as obras*.

Actualmente é bolsreira de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/101835/2014) com projecto intitulado: *Presença, Memória e Diáspora: Destinos da arte da talha em Portugal entre o Liberalismo e a actualidade*.

No âmbito dos seus estudos sobre a arte da talha das oficinas de Lisboa tem participado em congressos, colóquios e outros encontros de carácter científico, promovidos no país e no estrangeiro. Para além de outras publicações de sua autoria destacam-se as monografias: *A Talha. Esplendores de um passado ainda presente, (sécs. XVI-XIX)*, (colecção “A Arte nas Igrejas de Lisboa”), Lisboa, Nova Terra, 2008 e *A igreja de Santa Catarina. A talha da capela-mor*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

Sofia Nunes VECHINA

Transformações do espaço sacro. A aplicabilidade e interpretação das normativas conciliares, de Trento a Vaticano II, em igrejas da extinta Comarca da Feira

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

Em projeto de doutoramento temos vindo a estudar as cento e dezanove igrejas paroquiais que se encontram entre Douro e Vouga, na área geográfica que pertenceu à Comarca da Feira - criada a partir das Terras de Santa Maria nos primeiros decénios do século XVII e extinta em meados do século XIX.

As fontes primárias que analisámos (livros de visitas, constituições sinodais, inquéritos, livros paroquiais diversos, processos de obras, projetos arquitetónicos, etc.) balizam-se entre o século XVI e o século XX e fazem-nos diversas referências às normativas conciliares de Trento, Vaticano I e Vaticano II.

É a partir deste universo documental e artístico que pretendemos compreender como se operam as necessárias transformações no espaço sacro, nas igrejas desta área geográfica, do século XVI ao XX. Quais as normativas vigentes? Qual a importância dos decretos conciliares? Como se interpretaram e aplicaram esses decretos? Quais as intervenções mais frequentes? Quais as implicações para o património arquitetónico e artístico?

Resumo biográfico | Short biography

Sofia Nunes Vechina — FLUP | CITCEM | Bolseira da FCT

Doutoranda em História da Arte Portuguesa na FLUP.

Membro do CITCEM.

Percurso Académico:

2010: Mestre em História da Arte Portuguesa pela FLUP.

2006: Licenciada em História da Arte pela FLUP.

Área de investigação: Património religioso na Época Moderna.

Esteve presente em vários congressos nacionais e internacionais com temas ligados à arte e arquitetura e tem diversos artigos publicados sobre património religioso.

Publicações recentes:

- *A Comenda de Rio Meão, da Ordem de Malta. Elementos para o estudo do Património - Artístico das Igrejas do seu Padroado na Época Moderna*. In *IV Encontro Internacional de Jovens Investigadores em História Moderna*. Porto: FLUP, 2015.

- *Ordem Terceira de São Francisco de Ovar. Procissão das Cinzas. Uma Procissão com Três Séculos*. In *Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Porto: CEPES, 2013.

- *Arquitetura Religiosa de Januário Godinho em Ovar e Válega*. «Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património». Porto, vol. IX-XI, 2010-2012.

Suianni Cordeiro MACEDO

Lugar, paisagem e espaço em contexto na fotografia contemporânea

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Nos lembra o filósofo Eduardo Pellejero, em um artigo recentemente publicado, o caráter inesgotável das imagens, em geral — e das obras de arte, em particular, diríamos nós — que inviabiliza qualquer leitura absoluta ou tradução plena das mesmas¹. Por esse motivo, continuava o autor, as imagens eram experiências atravessadas pelas contingências sociais, culturais, políticas e mesmo individuais e subjetivas. Experimentar uma obra de arte é um jogo entre o contexto no qual a mesma se insere e o contexto que ela mesma é capaz de criar. Deste modo, as obras se colocam em relações recíprocas de construções de sentido, compostos coletivamente, que edificam conhecimentos particulares sobre a cidade. A partir destas considerações iniciais, propomos, então, desenvolver uma reflexão que considere a relação entre as obras de arte e a constituição de conceitos de espacialidade. Centrados no conceito de espaço como um conceito variável e em disputa, consideramos que a arte é capaz de criar concepções de espaço, do entendimento do lugar e de paisagem tão diversas quanto influentes nos contextos nos quais se inserem. Partimos do conceito de espaço, desenvolvido pela geógrafa inglesa Doreen Massey, em sua obra intitulada *Pelo Espaço*, para pensar um conjunto de fotografias da cidade de São Paulo, Brasil, nas quais se despertam outras significações para os conceitos geográficos de urbanização, de cidade e de espaço². Se as obras de arte estão em estrita relação com os contextos que as produziram também o estão, paradoxalmente, modificando

tais contextos, na medida em que nos confrontam, através da experiência estética, com novas possibilidades de pensar e vivenciar o lugar e a paisagem. Propomos discutir, nesta apresentação, as potencialidades de compreensão da arte contemporânea como oriunda de um contexto cultural e social ao mesmo tempo que produtora de sensibilidades e sentidos espaciais contemporâneos.

¹ PELLEJERO, Eduardo. *Abrir os olhos (as imagens à luz da escritura)*. «Revista Educação Pública». Cuiabá, v. 24, n. 56, p. 365-377, maio/ago. 2015.

² MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Resumo biográfico | Short biography

Suianni Cordeiro Macedo — Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Brasil | Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa, processo nº 2013/19556-9 e 2015/07487-8.

Doutoranda em Educação, bolsista FAPESP no Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO), da Faculdade de Educação da Unicamp, Brasil. Atualmente realiza um estágio de investigação, no Departamento de Filosofia da Universidad Complutense de Madrid. Mestre em História da Arte Portuguesa pela Universidade do Porto. Graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participou do grupo de pesquisa *Estética, Política e Artes*, no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Participa do Projeto *Imagens, Geografias e Educação*. Tem experiência em História da Arte, Estética e Educação. Publicou a obra *O retrato de Vieira da Silva por Murilo Mendes*.

Susana Maria Rodrigues COSME

Monte Branco da Foz do Carvalho (São Marcos da Serra, Silves): 5 milénios de evolução histórica até à submersão na Barragem de Odelouca

Secção 5 – Mundos de Transição

Resumo | Abstract

As margens da Ribeira de Odelouca encerravam uma história desconhecida. A vida decorria calma, sem luz elétrica, ao sabor da velocidade da lavra do Carito, o burro do Sr. José. Praticava-se uma agricultura de subsistência, sachavam-se as favas, plantavam-se as batatas, também as doces, colhiam-se as laranjas e no inverno fazia-se a aguardente de medronho em destilarias que eram tantas ou mais do que as habitações.

Aí chegou a Barragem, já falavam dela desde os anos 60 do século XX. Desde então não se faziam obras nas casas pois vinha a barragem, mas ela teimava em chegar. Os filhos cresceram e saíram à procura de uma vida melhor e os jovens casais dos anos 60 são agora casais de idosos, viúvas, essencialmente, ou viúvos que resolveram esconder nas margens da Ribeira vergonhas que a aldeia não entendia.

Era agora preciso abandonar este mundo, a ribeira que até aqui tudo dava, a partir de agora tudo ia tirar. Agora que tudo ia desaparecer, interessavam-se pelas suas vidas. Queriam saber como faziam a aguardente? Em que mês plantam as favas? Como eram os bailaricos? O Sr. Mário pôde contar que conheceu a sua Maria Teresa, "...num bailarico".

E afinal não estavam sós, o Sr. António e a Dona Alzira ficaram a saber que por baixo do caminho da destilaria existia um cemitério antigo com cerca de 5.000 anos, mas que não era tudo. Que os romanos também por ali andaram e enterram no mesmo sítio os seus mortos. A D. Conceição não queria acreditar: "...as sepulturas são pequenas e não existem ossos".

Então agora vamos para São Marcos da Serra e deixamos tudo aqui?

Resumo biográfico | Short biography

Susana Maria Rodrigues Cosme — CITCEM

Licenciada em História, variante de Arqueologia (1990-1994) e Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2002). Arqueóloga liberal com 21 anos de experiência em trabalhos de campo em todo o país em períodos que vão do

Paleolítico à Época Contemporânea embora se tenha especializado na Época Romana e transição para a Época Alto-Medieval. É autora de diversos trabalhos apresentados em congressos da especialidade e de artigos publicados em livros, revistas e atas de congressos.

Tamanna AHMED

Vihara Architecture: defining the existential foothold of VIII century Buddhist monastery 'Somapura Mahavihara' through archaeology of disappearance

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

“When we treat architecture analytically, we miss the concrete environmental character, that is, the very quality which is the object of man’s identification, and which may give him a sense of existential foothold”¹.

Lost in history, the ruin of ‘Somapura Mahavihara’ was not recognized separated from its birthplace, i.e. nature, for more than 700 years. Yet, within its silent presence, the monument dominated the name of the region: ‘Paharpur’ (land of hillock), according to its appearance surrounds by the flat land topography.

Discovered in 1919, the largest single Buddhist Vihara (monastery) of ancient Bengal came into light, pronouncing the flourishing minute of Buddhist architecture, once dominant religious force of the subcontinent. The earliest historical monumental architecture of greater Asia, derived itself from the Buddhist monastic architecture as early as VI century BC. In line of history, the discovery of ‘Somapura Mahavihara’ contributed attesting the sensitivities of a highly sophisticated architectonic typology of Vihara Architecture. The recovery of ‘Somapura Mahavihara’ was not only from its cradle of nature, but also from the remarkable foothold imprinted in the reign of Pala dynasty (750 - 1155 AD) announcing the existential foothold of man embraced in his nature.

This research paper aims at exploring the existential foothold of “Somapura Mahavihara”, in terms of its territorial, functional, structural, social, cultural and religious symbolic hierarchies of human achievement, while clarifying the architectonic typology that shaped “Somapura Mahavihara” through evolution process of ‘Vihara Architecture’. This under-

standing intends to combine the archaeological knowledge with comparative architectural analysis defining the marriage of religious symbolism with functional rationalism, moulding ‘Somapura Mahavihara’ as one complete entity.

¹ Norberg - Schulz C. *Genius Loci: towards a phenomenology of Architecture*. Academy Editions, London. 1980. pp. 05.

Resumo biográfico | Short biography

Tamanna Ahmed — UE | CIDEHUS

A student of Masters Program in Architecture at the Faculty of Architecture in University of Évora, who had been granted a full-scholarship from Erasmus Mundus Program in 2012. She is a Researcher at the ‘Interdisciplinary Centre of History, Culture and Society- CIDEHUS’, University of Évora.

Project Architect in the Ministry of Public works & Housing, Bangladesh in 2012, after she had have completed her Bachelor Program in Architecture from BRAC University, Dhaka, Bangladesh. She had completed her Professional Training from renowned architect “Bashirul Haq & Associates” of Bangladesh, in 2010 and have presented several communications in both Bangladesh and Portugal.

Teresa Cunha FERREIRA

Plano de manutenção dos monumentos da Rota do Românico - conceito, metodologia e aplicação

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

A Rota do Românico constitui um processo exemplar em Portugal no que respeita às estratégias de gestão e à salvaguarda do património cultural, beneficiando do sistema de rede e da economia de escala, em estreita articulação com o desenvolvimento local integrado. Desde 2003 foi possível conservar e valorizar mais de trinta monumentos de doze municípios do Vale do Sousa e Baixo Tâmega, contemplando diferentes tipologias como mosteiros, igrejas, pontes, torres, memoriais e um castelo. Perante a progressiva diminuição do financiamento para a salvaguarda patrimonial, torna-se imperativa a imple-

mentação de estratégias de prevenção e manutenção programada após as intervenções nos imóveis, passando de uma abordagem reativa (pós-dano) para uma filosofia preventiva (pré-dano) e de cuidado continuado no tempo.

O Plano de Manutenção dos Monumentos é uma ferramenta de gestão e conservação preventiva que tem como objetivos otimizar o planeamento dos recursos (reduzindo os custos de intervenção a médio e longo prazo), maximizar a preservação dos valores patrimoniais (garantindo a qualidade do produto turístico), bem como potenciar o envolvimento, capacitação e qualificação das comunidades e agentes locais para a futura salvaguarda e sustentabilidade deste património.

A metodologia desenvolvida pressupõe dois níveis de intervenção:

- 1) nos imóveis - através de rotinas de inspeção, monitorização e manutenção;
- 2) nos utilizadores - mediante ações de boas práticas de sensibilização para o uso e manutenção dos monumentos, fomentando também a melhoria da qualidade de vida e a autoestima das comunidades através de uma relação integrada e sustentável com o seu património.

Este projeto pioneiro em Portugal será apresentado ao nível do conceito, metodologia e estratégias aplicativas, designadamente: faseamento (fase instrutória, programatória, atuativa e balanço), criação de base de dados e aplicação informática, elaboração de documentos operativos (manuais de manutenção e de utilização), estaleiros de manutenção e ações de boas práticas para técnicos e utilizadores.

Resumo biográfico | Short biography

Teresa Cunha Ferreira — CEAU | FAUP

Arquiteta pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e Doutorada pelo Politécnico de Milão (em co-tutela com a FAUP). Experiência profissional na Direção Regional de Monumentos e Edifícios do Norte (DREMNDGEMN) e na Soprintendenza per i Beni Architettonici e il Paesaggio di Milano (SBAPMI), entre outras colaborações e projetos. Desenvolve atividade de ensino no Politécnico de Milão (2007/2008) e como Professora Auxiliar convidada na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho e no Programa Doutoral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. É Professora afiliada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Membro Integrado do Centro de Estudos em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, no Grupo Património da Arquitetura, da Cidade e do Território (PACT), com participação em projetos de investigação e diversas publicações nacionais e internacionais. Membro da Direção do ICOMOS-Portugal e da APRUPP.

Teresa Maria Queiroz Veiga e MENDES

Património do Cineclube do Porto: tratar, gerir e valorizar o seu acervo

Secção 3 - Gestão do Património

Resumo | Abstract

O Clube Português de Cinematografia, Cineclube do Porto, o mais antigo cineclube português em atividade (estatutos aprovados a 1 de julho de 1948), está a promover desde 2014 uma ação de salvaguarda patrimonial de emergência sobre o seu acervo, devido à mudança de instalações da sua anterior sede histórica, com uma permanência vivencial de mais de 60 anos. Tratar, gerir e valorizar as várias coleções têm sido as principais tarefas da coordenação do acervo desta instituição, assumidas como um desafio diário. Da abordagem metodológica adotada, as três grandes ações são:

Tratar: estabilizar e inventariar o arquivo, a biblioteca, a película-filme, o equipamento e a coleção de artes plásticas.

Gerir: criar uma metodologia museal transversal às coleções e fases de trabalho, determinar modos de incorporação das coleções, estabelecer protocolos de depósito, movimentar coleções.

Valorizar: produzir conhecimento científico e divulgá-lo, facilitar a utilização de direitos autorais das obras criativas, definir linhas de investigação futura dentro das diversas áreas de estudo.

Com este conjunto de tarefas de gestão integrada, o CCP está a contribuir para o desenvolvimento da comunidade através das boas práticas de intervenção patrimonial estabelecidas, catalisadoras e potencializadoras da Identidade e Memória desta instituição. Do acervo apresentaremos também um caso de estudo representativo destes conceitos através de um diálogo entre expressões: a produção artística associada à produção fílmica. A coleção de linogravuras para capas de programas de sessões (tendo por base o filme a exhibir) realizada c. 1957/1963 por alunos da EBAP, e constituída hoje por artistas de referência no panorama da História da Arte Contemporânea em Portugal. Propomos com esta comunicação refletir sobre o legado do CCP, bem como sobre as medidas tomadas e opções de gestão de um património cuja identidade se quer salvaguardar e valorizar, tendo em conta a dispersão física que a sua conservação condiciona.

Resumo biográfico | Short biography

Teresa Maria Queiroz Veiga e Mendes — Clube Português de Cinematografia | Cineclube do Porto

Licenciada em História da Arte, 2004, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ainda durante o seu ano de Erasmus na Universidad de Filosofía y Letras, Zaragoza frequentou a disciplina “Historia del Cine”. Em 2002 participou no Curso “Crise das Imagens”, pela Fundação de Serralves, com o crítico de cinema João Lopes, e frequentou como aluna extraordinária as disciplinas “Análise de Filmes” e “História do Cinema Português”, na Escola Superior Artística do Porto, com o Professor Carlos Melo Ferreira.

Tiago Filipe Trindade CRUZ

A arquitetura no «Largo Tempo do Manuelino» - Síntese pragmática e eficiente

Secção 5 — Mundos de Transição

Resumo | Abstract

As viagens dos Descobrimentos são um dos actos fundadores de uma sociedade globalizada, estando na origem de trocas de experiências e no conhecimento de outras realidades. A circulação de formas e ideias durante a Idade Média potenciou a confrontação ideológica e a incorporação de novos saberes que de outra forma não seriam tangíveis.

A historiografia da arte portuguesa tem-nos demonstrado a importância da viagem como possibilidade de cruzamento de influências e como esta contribui para a formação do gosto de mecenas e de autores. Em Portugal, tal como noutros países, a questão impõe-se em duas diferentes perspetivas. Sendo essencial entender o nosso enquadramento na realidade da Europa mediterrânica, é também impositivo perceber de que forma este enquadramento lhe permitiu desenvolver uma resposta tão particular.

A história da arquitetura é feita sobretudo de descontinuidades. Todavia, as permanências deverão também ser tidas em conta. A linguagem clássica da arquitetura sempre esteve presente por todo o Mediterrâneo. Há que fazer uma nova leitura, *por cima dos estilos* (Carrera Santamaria, 2012). *Fernando Távora diria: o estilo não conta, conta sim a relação entre a obra e a vida* (Alves Costa, 2001).

Serão as edificações deste período apenas importações de modelos ou, traduzem, em si mesmas, uma perspetiva coerente e original? O denominado estilo manuelino deverá ser entendido como uma síntese pragmática e eficiente. A interação de diferentes culturas e diferentes locais introduz uma matriz dinâmica que se concretiza, na realidade nacional, em edifícios ricos de simbolismo e de significado.

Serão as viagens dos descobrimentos portugueses, ponto de partida para uma realidade

internacional globalizada acompanhados por uma atitude reflexiva em relação ao conhecimento ancorado numa forte ligação ao seu contexto de origem? Esta é tanto mais eficaz quanto maior for a capacidade de investigar sobre o sentido das coisas e as suas raízes.

Resumo biográfico | **Short biography**

Tiago Filipe Trindade Cruz — FLUP

Frequento o 3º Ciclo de Estudos em História da Arte Portuguesa na FLUP. Desenvolvo investigação sobre a arquitetura do período manuelino em Portugal, entendida como parte integrante de uma matriz europeia mediterrânica.

Em 2010 concluí o mestrado em Arquitectura na FAUP. A dissertação versava a reabilitação urbana de periferias degradadas. Fui aluno na Università degli Studi di Roma TRE e na Universidade de Évora.

Estagiei no Studio FUKSAS em Roma, sendo contemplado com o “Prémio Estágios em Portugal e no Mundo” promovido pela Ordem dos Arquitectos. Entre 2011 e 2013 colaborei nos gabinetes Archistaff® e LogoExisto®.

Particpei em Campos de Trabalho Internacionais em Portugal, França e Grécia.

Em janeiro de 2014 co-fundei a Vintage Downtown®, dedicada ao mobiliário vintage e de autor. Entre Outubro e Novembro de 2015 participei nos *Congressos Sphera Mundi, A cidade Paradigmática* e no encontro de investigadores *DOCX*, em Mateus.

Tiago Pinheiro RAMOS

*Nem só com castelos se defendeu
a fronteira. Atalaias e povoados fortificados
na margem esquerda do Alto Côa*

Secção 1 - Arquiteturas Militares

Resumo | **Abstract**

Após o processo de afirmação e emancipação do condado portugalense que culminaria com a criação do reino de Portugal nos meados do século XII, os primeiros monarcas portugueses viraram-se para a continuação da expansão e povoamento de novos territórios. Para além da conquista de territórios ao sul islâmico, urgia a necessidade de se legitimar e efectivar a posse de territórios através do seu povoamento e organização sob a sua

influência, acção notória na região fronteira com o reino de Leão, na qual se enquadra a região em estudo. Estes movimentos, que implementaram mecanismos de ordenação social e territorial e geopolítica, foram concretizados, na grande maioria dos casos, através da concessão de carta de foral e da instalação de uma rede de fortificações (castelos) ao longo da margem direita do Rio Côa.

Mas para um efectivo controlo do território era igualmente necessário o estabelecimento de pontos/redes de comunicação e a fortificação de populações existentes. Muitas vezes menos estudadas no âmbito da arquitectura militar da região, esta comunicação pretende dar enfoque sobre estas singulares arquitecturas, a sua implantação, e a sua morfologia. Serão assim analisados os povoados desertificados de Bogalhal Velho e Jarmelo, e as atalaias de Codeceiro e Atalaia.

Resumo biográfico | Short biography

Tiago Pinheiro Ramos — Universidade de Salamanca | IEM | UNL

Licenciado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, obteve o grau de mestre em arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, com o tema de Dissertação “O Castro do Jarmelo em época medieval: o contributo da arqueologia para o seu estudo”, tendo recentemente iniciado o doutoramento em História Medieval na Universidade de Salamanca.

Tem ao longo dos recentes anos participado em inúmeras escavações arqueológicas de período alto-medieval e pleno-medieval, destacando-se como investigador auxiliar do projecto de estudo do povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide (PRAMCV).

É investigador integrado do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa.

Desde o início de 2014 desempenha funções de arqueólogo estagiário no Município da Guarda.

Tonguç AKIS

Tracing the rural in exhibition spaces of İzmir, Turkey: Tire, Ödemiş and Bergama Museums

Secção 6 - Vernacular: Expressões e Representações

Resumo | Abstract

In İzmir Region with its rich rural hinterland and heritage of spatio-cultural production, the earliest human settlements date back to prehistoric ages. As palimpsest of altering cultures and platform of spatial transformations in time, İzmir houses three state-based local museums in three different administrative districts, established after the impact of modern nation-building paradigm in Young Turkey including the representations of rural and vernacular materiality, other than the İzmir Ethnography Museum (1978-1987) in the city centre. These three museum buildings, of Bergama (1936), Ödemiş (1987) and Tire (1935-1971), are exhibiting the rural expressions and artefacts of local cultures with selective filters. Physical locations of the museums are also unique in their spatial context¹. Especially the ethnography section of each museum has similarities and peculiarities in terms of framing rural life and its spatial artefacts and of discourse formations and representation techniques: the rural settings of people with group of manikins, the representational scenes and models from agricultural production, the interiors of vernacular houses with local decorations, special pistols, jewellerys, cloths and carpets from 19th and 20th centuries in the glass boxes with information boards and plates.

This descriptive and critical paper will be on those material representations of rural and vernacular culture in İzmir, Turkey. Through the contemporary museum rooms of these different prefectures, I will be reading and contemplating on the social production of these museum spaces and the particularities of rural built environment basing on the academic research, the inventory of the settlements and houses in İzmir Rural, held in 2010-2012. The theoretical frame to consider recent relationships of the museums will rest mostly on the spatial perspective of Henri Lefebvre in *Urban Revolution* and in *The Production of Space*.

¹ Tire Museum is adjacent to the Şanizade Square in front of Lamartine (French Author from Romantic Era) House and located as diagonal neighbour of Alaybey Camii, from 19th century. Ödemiş Museum has two buildings: the first one was built in 1987 and located on the road to Birgi; the second is in the centre of Birgi called as Çakırağa Konağı (a late Ottoman villa from 19th century), 10 km distance from Ödemiş. Bergama Museum is on the main street of Bergama (listed in UNESCO World Heritage Site in 2015) and on the skirts of Pergamon, Acropolis.

Resumo biográfico | Short biography

Tonguç Akis — İzmir Institute of Technology, Faculty of Architecture

Assistant Professor in İzmir Institute of Technology, Faculty of Architecture where he teaches the courses Rural Built Environment and Lived-Space: Exploring the Urban. He received his B.A. degree in Architecture from the Department of Architecture Middle East Technical University (METU) in 1998, M. Arch. degree from METU in 2001 with the thesis *Urban Space and Everyday Life: Walking through Yüksel Pedestrian District (YPD)* and Ph.D degree from the same school in 2008 with the thesis *Teaching / Forming / Framing a Scientifically Oriented Architecture in Turkey between 1956-1982*. He is the co-author of the research book *The Inventory of the Settlements and Houses in İzmir Rural* (2012).

Vera Lúcia da Silva Braga Penetra GONÇALVES

Progredior: O Palácio de Cristal portuense

Secção 5 - Mundos de Transicção

Resumo | Abstract

É num contexto de incentivo ao fomento do setor industrial em Portugal que, cerca da década de 1850, a cidade do Porto assiste a um progresso que apresentará também tradução em termos sociais, artísticos e culturais. Neste âmbito, veriam erguer-se na cidade os maiores símbolos desta atitude, o Palácio da Bolsa, o Palácio de Cristal Portuense e a Alfândega Nova.

Com efeito, desde 1857 que se vinham realizando no Campo da Torre da Marca exposições nacionais agrícolas e industriais, que justificavam, pelo seu sucesso, o aparecimento de uma Sociedade do Palácio Agrícola, Industrial e Artístico, a qual tinha como principal objetivo a construção de um edifício que albergasse estas «mostras», o que se materializaria no Palácio de Cristal Portuense. Este edifício, ideologicamente motivado pelo seu homónimo londrino, construído dez anos antes, marcaria assim a introdução da arquitetura do ferro no Porto. Material que recebe visibilidade neste período devido ao surgimento das exposições internacionais, que possibilitavam aos vários países mostrarem os seus maiores progressos.

O Palácio de Cristal Portuense inaugurar-se-ia assim, em 1865, também com uma Exposição Internacional, logo após as de Londres (1851) e Paris (1855), numa atitude de claro arrojo plasmada na própria fachada do edifício, onde se podia ler «PROGREDIOR».

Não deve, porém, deixar de se atentar no facto de a construção portuense se inserir numa

linha de cunho mais clássico que industrial, quer pela utilização de granito na construção, quer pela própria linguagem das formas.

Neste contexto, procuramos responder às seguintes questões:

1. Será o *Crystal Palace* londrino o referente direto do edifício Portuense?
2. De que forma contribuiu esta construção para o progresso do Porto?
3. Qual o impacto da Exposição Internacional com que se inaugurou?
4. De que modo o Palácio de Cristal reflete/corporiza uma transição no panorama português?

Resumo biográfico | Short biography

Vera Lúcia da Silva Braga Penetra Gonçalves — FLUP

Nascida a 27 de fevereiro de 1994 no Porto, concluiu, em 2013, o ensino secundário do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades, na Escola Secundária da Senhora da Hora.

Frequenta atualmente a licenciatura em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em 2014, nos II Encontros de Outono em História da Arte (FLUP), apresentou uma comunicação com o tema *A Iconografia do Juízo Final*, resultante do trabalho apresentado na Unidade Curricular de Iconografia Religiosa, e em 2015, na terceira edição do mesmo evento, participou com a comunicação intitulada *Nadir Afonso: a harmonia das formas*, decorrente da articulação entre as Unidades Curriculares de História da Arquitetura da Época Contemporânea II e História da Arte e Cultura da Época Contemporânea II.

Participou também na organização da XIV Semana de História da Arte / Encontros de Fotografia FLUP (2015), bem como em diversas ações de voluntariado.

Vera MARIZ

De espaços sagrados a «verdadeiros cancros». As igrejas e conventos de Velha Goa no século XIX

Secção 2 - Espaços Sacros

Resumo | Abstract

A aplicação do decreto de extinção das ordens religiosas regulares na Velha Goa (1835) já depois da mudança do vice-rei Manuel de Saldanha e Albuquerque para Panjim (1759) ditaram o abandono quase total da outrora deslumbrante *Roma do Oriente*.

Durante esta nova fase da vida das igrejas e conventos desta cidade o governo do Estado Português da Índia determinou no ano de 1870 a criação de uma comissão responsável por listar, descrever e levantar todos os edifícios públicos deste território, indicando se estes deveriam ser preservados ou arrasados. As decisões desta Comissão da Descrição e Tombamento seriam tomadas de acordo com o significado e valor artístico reconhecido a estes edifícios públicos, ruínas e terrenos.

Assim, interessa-nos analisar os resultados dos trabalhos desenvolvidos por aquela comissão em relação aos espaços sagrados incorporados pelo Estado aquando do processo de extinção, procurando identificar as respectivas sentenças e compreender quais os valores reconhecidos a estes conventos num momento de grandes transformações de tendência *dessacralizante*.

Concomitantemente pretendemos analisar a forma como os valores sagrados, históricos e artísticos das igrejas e conventos de Velha Goa foram sendo ou não reconhecidos pelos serviços de Obras Públicas, organismo responsável pela realização de obras nestes edifícios cuja importância foi diversas vezes questionada num ambiente marcadamente anticlerical. Afinal neste período as muitas necessidades destes monumentos fizeram com que o Estado chegasse a considerá-los como “verdadeiros cancros”¹.

Em síntese, analisando as medidas tomadas pelo Estado em relação às igrejas e conventos de Velha Goa no século XIX, concretamente no período pós extinção das ordens religiosas, pretendemos expor a evolução verificada ao nível do reconhecimento ou desconsideração dos seus valores intangíveis, nomeadamente do seu valor religioso e capacidades rememorativas.

¹ *Boletim Oficial do Governo do Estado da Índia*, nº 289 (suplemento), I Série, “Relatório da Direcção das Obras Públicas”, 31 de dezembro 1883, p. 3.

Resumo biográfico | Short biography

Vera Mariz — Instituto de História da Arte | FLUL

Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no curso de Arte, Património e Restauro do ARTIS – Instituto de História da Arte/FLUL.

Entre 2009 e 2015 tem publicado artigos em revistas nacionais com arbitragem científica, casos da *Artis*, *Clio*, *Cultura e Arte*, *Conservar Património*, *Africana Studia ou Turismo & Desenvolvimento*, debruçando-se sobretudo sobre o restauro do património arquitectónico do ultramar português.

Tem também um livro publicado pelo Centro de História do Banco Espírito Santo sobre a capela de Nossa Senhora de Fátima na igreja de Santo Eugénio (Roma), tema da sua dissertação de Mestrado classificada com 20 valores. É autora de capítulos de livros dedicados às questões do coleccionismo, património e da propaganda durante as guerras do século XX.

Entre 2011 e 2015 tem apresentado trabalhos em conferências nacionais e internacionais, maioritariamente sujeitas ao tema da salvaguarda do património arquitectónico português ultramarino durante o *Estado Novo*.

Virgílio António Martins LOPES

A topografia histórica de Mértola na Antiguidade Tardia

Secção 5 - Mundos de Transição

Resumo | Abstract

Nas últimas duas décadas a investigação arqueológica realizada na vila de Mértola centrou-se no período histórico designado por Antiguidade tardia. Os trabalhos arqueológicos efectuados no contexto urbano revelaram um conjunto de vestígios que, em muito, vieram acrescer o conhecimento sobre este período de transição.

Na urbe, nos últimos anos, as escavações realizadas na zona da Alcáçova revelaram um importante complexo religioso. Deste extraordinário conjunto são conhecidos um pórtico, decorado com mosaicos, dois monumentais baptistérios e compartimentos anexos. Fora de portas, no suburbium da cidade, para além da basílica do Rossio do Carmo, foram descobertos um mausoléu e uma basílica com uma extensa necrópole associada.

Da cidade portuária de Mértola partia o que a terra tinha de melhor – os cereais, o vinho, o

azeite e os minerais – e aqui chegavam pessoas, produtos, modas e religiões, reflexo de um período histórico conturbado, em que o Império romano, lentamente, se desmorona e em que se assiste ao nascimento e afirmação de poderes regionais, apoiados na igreja Cristã, única entidade organizada que vai marcar a topografia da cidade de Mértola e do seu território.

Resumo biográfico | Short biography

Virgílio António Martins Lopes – Campo Arqueológico de Mértola

Investigador e membro da direcção e do Campo Arqueológico de Mértola, desde 1990. Doutoramento em “Património Histórico y Natural. Investigación, Protección, Difusión y Didáctica”, no Departamento de Historia I, Universidade de Huelva, com a dissertação “Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia (Séculos IV-VIII)” (2014). Mestrado em História da Arte - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa, com a dissertação “Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo” (2003). Licenciatura em História Variante de Arqueologia - Faculdade de Letras - Universidade do Porto (1990). Coordenou e participou nas seguintes publicações: *O sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão* (2014); *Arrabalde Ribeirinho – Museu de Mértola* (2012); *Casa romana – Museu de Mértola* (2012); *O Mosteiro do Monte Mosteiro* (2011). Autor do livro *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo* (2003).

Vítor Oliveira JORGE

Voltando à problemática da imagem

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Tal como acontece com a ideia de cultura, ou de técnica, ou de arte, etc., a ideia de imagem foi transformada numa entidade reificada, trans-histórica, objecto da história da arte, mas também de uma multidão de outras disciplinas que hoje se debruçam sobre ela, o que se compreende bem visto vivermos numa civilização centrada na imagem – até certo ponto (mas só até certo ponto) pós-textual. Existe uma antropologia da imagem, uma história (e pré-história) da imagem, uma semiologia da imagem, uma psicanálise (ou olhar psicanalítico, nomeadamente laciano sobre a) da imagem, uma sociologia da imagem, enfim, podia continuar eternamente. Mas que se pretende, realmente, com a coisificação que tal modo de proceder subentende como adquirido? Criar uma realidade conceptual abstrata sustentada por algumas características (que não cessam de se ampliar graças

à evolução vertiginosa da tecnologia), e, portanto, com uma certa entidade (por muito mutável e fluida que seja), que depois se vai historizar, descrevendo-se as suas transformações ao longo do espaço e do tempo? Os manuais de história de arte estão cheios disso. E muitos autores vêm pondo isso em causa pelo menos desde o início do século XX. Nesta comunicação irei apontar algumas linhas para fugirmos ao academismo do pensamento sobre a imagem, na linha da mesa-redonda do Porto de 2002 “As Imagens que nos Veem”, por forma a abrir para uma interrogação mais ampla sobre uma filosofia pós-fenomenológica da imagem. Tal como Ulisses, tentarei fazê-lo bem amarrado ao mastro da prudência, por forma a resistir ao canto das sereias da facilidade e, em particular, da habitual narrativa histórico-evolutiva das imagens, por um lado, e, por outro, ao relativismo pós-moderno que também as parasitou.

Resumo biográfico | Short biography

Vítor Oliveira Jorge — FLUP | IHC

Professor catedrático aposentado da FLUP- DCTP; investigador do Instituto de História Contemporânea (HIC-UNL-FCSH).

Zeynep AKTÜRE

Construction and demolition of the monument of humanity in Kars, Turkey: local, national and international dynamics

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Kars city is located along Turkey-Armenia border that was closed by Turkey in 1993 in response to the Nagorno-Karabakh conflict between Armenia and Azerbaijan. This increased decline in Kars, against which a city branding policy was launched by Mayor Alibeyoglu. Among other actions, the policy initiated a Monument of Humanity on a hilltop facing Kars Citadel, to become an emblem for the city as an “anti-monument” against all genocide monuments. Hence, sculptor Aksoy represented the 24.5m-high Humanity as split into two and made an enemy of itself by a gap, through which a hand would extend with the hope of re-unification.

For the Nationalist Movement Party, the monument was a preparation for Kars to become

the new capital after the planned unification of Western Armenia (in Turkey) with Eastern Armenia by 2015. The gap represented division of Turkish national territory by a victorious Armenian commander raising his hand against an ashamed Turk. During a visit to Kars before the 2011 general elections, the then Turkish PM Erdogan named the monument a “monster” (*ucube*) and ordered its demolition, arguably to win the nationalist votes for his party. This polemical expression dominated the wide press coverage of the infamous demolition, masking the local, national and international dynamics behind it.

In this paper, I will discuss those dynamic in reference to the three planes of historical time Braudel formulated and used in his masterwork on *The Mediterranean*¹ and elsewhere, to argue that “individuals” and “events” are outcomes of lasting social, economic and administrative “conjuncture” (including nationalisms) that are, in their turn, determined by the very slowly changing “geo-history” (of Caucasia, in this case). Then I will challenge this argument in reference to Lefebvre’s *Critique of Everyday Life*², by presenting the possibility of resistance developed against the established conjuncture as the main reason for the demolition.

¹ Fernand Braudel, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (Paris: A. Colin, ©1949); *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II* (London: Collins: ©1972/73).

² Henri Lefebvre, *Critique de la vie quotidienne* (Paris: L'Arche, ©1947); *Critique of Everyday Life* (London: Verso, 1991).

From ionic to modern processions: Ephesos as ritual space

Secção 4 - Imagens e Contextos

Resumo | Abstract

Sacred Identity of Ephesos (1991)¹ presents how the city of *Ephesos* enacted its civic identity in early 2nd century AD in a procession connected to its Ionic foundation myths. Starting from the sacred precinct of Artemis, the procession entered *Ephesos* from one main gate, followed the main street up to the Great Theatre for a ceremony, and left from the other main gate towards the Artemision. Details of the procession were inscribed on an external wall of the Theatre, on marble blocks that are now stored in The British Museum. Following this description in 1869, Wood discovered the Temple of Artemis, one the Seven Wonders of the Ancient World. In this paper, I will compare the urban topography experienced in the Roman period procession to the modern visitor experience to explore the transformations of *Ephesos* as a “ritual space” up to our times.

Since the discovery of the Artemision, *Ephesos* has been an important stop for excursions from Kusadası that now bring the majority of some 1.9 million annual visitors to

the site. The current cruiser itineraries are strictly controlled by rivalling tourism agencies that schedule 2 hours for a “procession” from the upper entrance of the site towards tour buses at the lower entrance, following the main street where a number of Roman period monuments were restored specifically for tourism use. Scanty remains from the Artemision are visited after the lunch and before St John’s Basilica and Isa Bey Mosque. In this way, the modern visitor route brings forward a Roman identity through the restored monuments, to the expense of the visibility of relics connected to the Ionian and earlier, as well as later settlement layers at the site. These museological choices both reflect and construct the popular perception of *Ephesos* as a Roman city despite inhabitation in the area since prehistory.

¹ Guy Maclean Rogers, *The Sacred Identity of Ephesos: Foundation Myths of a Roman City* (London & New York: Routledge, 1991).

Resumo biográfico | Short biography

Zeynep Aktüre — Izmir Institute of Technology | Department of Architecture (Turkey)

Zeynep AKTÜRE (B. Arch, M.Sc. in Architecture-Restoration, PhD in Architecture) is an assistant professor in Izmir Institute of Technology (IZTECH), teaching basic, architectural and urban design, architectural history and theory, architectural conservation in archaeological sites, and management of heritage sites.

While her graduate studies focused on the architectural characteristics, conservation and use of ancient theatre buildings; her post-doctoral research topics include ancient settlement networks in the Mediterranean, politics of conservation, museum studies, and conservation history of selected sites and monuments in the Mediterranean.

She has experience as an architect in conservation planning; as a organizer and proceedings editor of five international conferences of art, architecture and archaeology; and as a coordinator of two ERASMUS Intensive Programme projects hosted by IZTECH.

She is a member of UNESCO Turkish National Commission’s Tangible Cultural Heritage Committee, Ephesos Site Management Plan Advisory Board, Turkish Chamber of Architects, Architects’ Association 1927, SANART Association of Aesthetics and Visual Culture, and the Society of Architectural Historians.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
do Desenvolvimento Regional